

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
COMPARATIVO**

São José do Rio Preto

2012

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
COMPARATIVO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto

2012

COMISSÃO JULGADORA

Membros Titulares

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)
(orientador)

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre
(UFES – Vitória)

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
(FCLAR/UNESP – Araraquara)

Prof. Dra. Gisele Cássia de Sousa
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Anna Christina Bentes
(IEL/UNICAMP – Campinas)

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

São José do Rio Preto (SP)

2012

Às duas mulheres da minha vida, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, minha mãe, Geni (in memoriam), e minha esposa, Marina, companheira dedicada que está sempre ao meu lado,

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, presença constante ao meu lado, que muito tem abençoado a minha vida.

Ao meu pai Epifânio, que me ensinou (e ainda me ensina!) a buscar uma vida digna, com honestidade e trabalho. De suas palavras simples, mas sábias, ainda extraio lições importantes para meu crescimento.

À minha família, que sempre incentivou meus novos empreendimentos, com muito amor e carinho.

Aos amigos que compartilharam comigo os momentos de dificuldade e sempre me apoiaram e me incentivaram a não desistir. Obrigado pela amizade e pela compreensão nos momentos em que não estive presente.

À CAPES, pelo apoio financeiro, que foi de suma importância para os resultados alcançados.

À família de minha esposa, e também minha família, pela acolhida carinhosa e pelo apoio em meu projeto de vida desde o seu início.

Aos professores da UNESP de São José do Rio Preto, presenças constantes, que me ensinaram, dentre outras coisas, que nunca deixamos de aprender.

Às Professoras Doutoras Maria Marta Pereira Scherre, Rosane de Andrade Berlinck e Gisele Cássia de Sousa, pelas sugestões e pela colaboração durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aos funcionários da UNESP de São José do Rio Preto, os quais não mediram esforços na tarefa de auxiliar o bom andamento desse trabalho.

Aos alunos da pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP de São José do Rio Preto, pelas importantes colaborações e pelo apoio em todas as fases do desenvolvimento desta tese.

Ao Serviço Social da Indústria (SESI), pela colaboração e compreensão para que meu trabalho pudesse ser concluído com êxito, principalmente pela confiança em mim depositada pelo professor Walter Vicioni Gonçalves, superintendente operacional do SESI-SP, pelo professor João Alberto Simões, diretor de Recursos Humanos, pela doutora Maria de Fátima

Cassetari Mimessi, diretora regional do SESI da região de São José do Rio Preto e pela administradora escolar, profa. Neula M. T. Tassoni. Ao prof. José Felício Castellano, conselheiro benemérito do SESI, pelo exemplo pessoal de dedicação, humildade e simpatia. Aos professores Roberto Donaire Martins e Júlia Márcia Franco Carelo, pelo companheirismo no trabalho.

Aos informantes do projeto ALIP, por suas contribuições desinteressadas e espontâneas, essenciais para alcance de nossos objetivos. Em especial, aos meus informantes, que me receberam em suas casas com muita gentileza e permitiram compartilhar algumas de suas experiências de vida.

Ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e aos pesquisadores envolvidos na coleta do Corpus de Referência do Português Contemporâneo, que viabilizaram essa pesquisa, com a disponibilização das amostras do português europeu.

À minha esposa Marina, por compartilhar comigo minhas alegrias e tristezas, sendo minha confidente, amiga e companheira. Obrigado por me apoiar incondicionalmente em todos os meus projetos.

Em especial, ao meu orientador, grande amigo e conselheiro, Professor Doutor Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela dedicação, atenção, paciência e incentivo a mim ofertados. Sua seriedade e paixão pelos estudos linguísticos, bem como suas atitudes como ser humano, despertaram em mim um grande sentimento de admiração e respeito. Muito obrigado!

BONS AMIGOS

Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.
Amigo a gente sente!

Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar.
Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende.
Amigo a gente entende!

Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra
chorar.
Porque amigo sofre e chora.
Amigo não tem hora pra consolar!

Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam
a realidade.
Porque amigo é a direção.
Amigo é a base quando falta o chão!

Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros da real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!

Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho,
Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!

Machado de Assis

SUMÁRIO

	Página
Lista de figuras, tabelas, quadros, gráficos e abreviaturas	11
Resumo	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I: O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO	26
1.1. Origem e formação do povo e da língua em Portugal	27
1.2. Origem e formação do povo e da língua no Brasil	39
1.3. As teses a respeito da origem do português brasileiro	62
1.4. As variedades do português brasileiro atual	73
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	79
2.1. Pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista	80
2.1.1. A teoria da variação linguística: premissas básicas	80
2.1.2. A teoria da mudança	92
2.1.2.1. Princípios empíricos para a teoria da mudança linguística	93
2.1.2.2. Alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística .	100
2.2. A concordância verbal e o princípio da relevância: observações translinguísticas	101
2.3. Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e europeu	107
2.3.1. Variação na concordância verbal com primeira pessoa do singular	107
2.3.2. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do singular .	109
2.3.3. Variação na concordância verbal com terceira pessoa do singular	112
2.3.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural	113
2.3.5. Variação na concordância verbal com segunda pessoa do plural ..	120
2.3.6. Variação na concordância verbal com terceira pessoa do plural ...	120
2.4. Variáveis sociais relevantes para investigação dos fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal	123
CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	129
3.1. Caracterização do estado de São Paulo, do interior paulista e da mesorregião de São José do Rio Preto (noroeste do estado)	131
3.2. Caracterização de Portugal	137
3.3. Comparativo de Portugal, do estado de São Paulo, do interior do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto	141

3.4. Caracterização da amostra de fala do interior paulista (variedade do português brasileiro)	144
3.4.1. Composição da sub-amostra do português brasileiro	148
3.5. Caracterização da amostra de fala de Portugal (variedade do português europeu)	150
3.6. Contextos investigados para os fenômenos em variação (“envelope variacional”)	156
3.6.1. Ocorrências consideradas para os fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal de primeira pessoa do plural	156
3.6.2. Fatores linguísticos relacionados à primeira pessoa do plural	165
3.6.2.1. Grau de determinação do referente sujeito	165
3.6.2.2. Tempo e modo verbal	168
3.6.2.3. Saliência fônica	170
3.6.2.4. Explicitude do sujeito	172
3.6.2.5. Paralelismo formal de nível discursivo	174
3.6.3. Ocorrências consideradas para o fenômeno variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural	180
3.6.4. Fatores linguísticos relacionados à concordância verbal de terceira pessoa do plural	182
3.6.4.1. Propriedades do verbo	183
3.6.4.1.1. Fatores não controlados	183
3.6.4.1.2 Saliência fônica	185
3.6.4.2. Propriedades do SN-sujeito	188
3.6.4.2.1. Animacidade do referente do sujeito	189
3.6.4.2.2. Tipo estrutural do sujeito	190
3.6.4.3. Relações envolvendo o SN-sujeito e o verbo	192
3.6.4.3.1. Paralelismo formal	192
3.6.4.3.2. Posição do sujeito em relação ao verbo	196
3.6.5. Variáveis sociais consideradas para os fenômenos variáveis	198
3.6.5.1. Faixa etária	199
3.6.5.2. Gênero	200
3.6.5.3. Escolaridade	200
3.7. Quantificação e análise dos dados	201
CAPÍTULO IV: PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU	204
4. Fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal do português brasileiro e europeu	206

4.1. Variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular.....	209
4.2. Fenômenos variáveis inerentes à segunda pessoa do singular	215
4.3. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do singular	220
4.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural	222
4.4.1. Alternância pronominal <i>nós</i> x <i>a gente</i> no português brasileiro e no português europeu	222
4.4.1.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu	231
4.4.1.1.1. Paralelismo linguístico discursivo	232
4.4.1.1.2. Saliência fônica verbal	237
4.4.1.1.3. Grau de determinação do sujeito	241
4.4.1.1.4. Tempo e modo verbal	245
4.4.1.1.5. Escolaridade	251
4.4.1.1.6. Faixa etária	255
4.4.1.1.7. Gênero	259
4.4.2. Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu	262
4.4.2.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro	270
4.4.2.1.1. Saliência fônica	271
4.4.2.1.2. Paralelismo linguístico discursivo	272
4.4.2.1.3. Explicitude do sujeito	274
4.4.2.1.4. Escolaridade	276
4.4.2.1.5. Faixa etária	279
4.4.2.1.6. Variáveis não selecionadas como relevantes para o fenômeno	280
4.4.2.2. Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português europeu	283
4.4.2.3. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro e no português europeu	285
4.4.2.3.1. Explicitude do sujeito	286
4.4.2.3.2. Paralelismo discursivo	290
4.4.2.3.3. Saliência fônica	293
4.4.2.3.4. Tempo e modo verbal	296
4.4.2.3.5. Grau de determinação do sujeito	299
4.4.2.3.6. Gênero	301
4.4.2.3.7. Faixa etária	302
4.4.2.3.8. Escolaridade	304

4.4.2.4. Outros contextos de variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural	307
4.5. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do plural	312
4.6. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural	314
4.6.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu	320
4.6.1.1. Posição do sujeito em relação ao verbo	321
4.6.1.2. Traço semântico do sujeito	324
4.6.1.3. Paralelismo linguístico discursivo	328
4.6.1.4. Saliência fônica verbal	330
4.6.1.5. Paralelismo linguístico oracional	335
4.6.1.6. Tipo estrutural de sujeito	340
4.6.1.7. Escolaridade	346
4.6.1.8. Faixa etária	348
4.6.1.9. Gênero	350
CONCLUSÕES	354
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	375

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS E ABREVIATURAS

<i>FIGURAS</i>	Página
Figura 1: Mapa da formação do território português – séculos VIII a XIII	29
Figura 2: Mapa da divisão de Portugal em regiões	35
Figura 3: Mapa da distribuição da população indígena do território brasileiro .	47
Figura 4: Mapa das principais rotas de mercantilismo de escravos africanos para a América do Sul	48
Figura 5: Mapa da divisão regional portuguesa continental	52
Figura 6: Mapa da densidade populacional de Portugal, 1878	53
Figura 7: Portugal Continental – Taxa de emigração por distritos, 1889	55
Figura 8: As polarizações a respeito da origem do português brasileiro	63
Figura 9: Mapa do Estado de São Paulo e suas mesorregiões	131
Figura 10: Mapa da mesorregião administrativa de São José do Rio Preto	132
Figura 11: Mapa da Europa (destaque para Portugal)	138
Figura 12: Mapa político de Portugal	138
Figura 13: Mapa da densidade populacional de Portugal	139
Figura 14: Distribuição da População da Região de São José do Rio Preto	147
Figura 15: Número de informantes da Amostra Censo por cidade	147
Figura 16: Mapa das regiões e localidades consideradas pelo Corpus de Referência do Português Contemporâneo	155
 <i>TABELAS</i>	
Tabela 1: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural <i>nós</i> e <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu .	223
Tabela 2: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural <i>nós</i> e <i>a gente</i> em diferentes variedades do português brasileiro e do português europeu	224
Tabela 3: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>paralelismo discursivo</i>	233
Tabela 4: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>saliência fônica verbal</i>	239
Tabela 5: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>grau de determinação do sujeito</i>	242
Tabela 6: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>tempo e modo verbal</i>	245

Tabela 7:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para as variáveis <i>saliência fônica verbal</i> e <i>tempo e modo verbal</i>	249
Tabela 8:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>tempo e modo</i> e <i>saliência fônica verbal</i>	249
Tabela 9:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>escolaridade</i>	252
Tabela 10:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>faixa etária</i>	255
Tabela 11:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>escolarização</i>	258
Tabela 12:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>gênero</i>	259
Tabela 13:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>gênero</i> e <i>escolarização</i>	261
Tabela 14:	Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu	262
Tabela 15:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> em variedades do português brasileiro e do português europeu	264
Tabela 16:	Concordância verbal com a forma pronominal <i>a gente</i> em variedades do português brasileiro e do português europeu	266
Tabela 17:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>saliência fônica verbal</i>	271
Tabela 18:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>paralelismo linguístico discursivo</i>	273
Tabela 19:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>explicitude do sujeito</i>	274
Tabela 20:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>escolaridade</i>	277
Tabela 21:	Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>escolaridade</i> no uso de <i>nós</i>	278
Tabela 22:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>faixa etária</i>	279
Tabela 23:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa <i>GOLDVARB</i>	281

Tabela 24:	Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>tempo e modo e saliência fônica verbal</i>	282
Tabela 25:	Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores sociais considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome <i>nós</i>	284
Tabela 26:	Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores linguísticos considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome <i>nós</i>	284
Tabela 27:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>explicitude do sujeito</i>	287
Tabela 28:	Concordância verbal com os pronomes <i>a gente</i> e <i>nós</i> no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável <i>explicitude do sujeito</i>	288
Tabela 29:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>paralelismo discursivo</i>	291
Tabela 30:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>saliência fônica verbal</i>	294
Tabela 31:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>tempo e modo verbal</i>	296
Tabela 32:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português europeu: resultados para cruzamento entre as variáveis <i>tempo e modo e saliência fônica</i>	298
Tabela 33:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>grau de determinação do sujeito</i>	300
Tabela 34:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>gênero</i>	301
Tabela 35:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>faixa etária</i>	302
Tabela 36:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>gênero e faixa etária</i>	304
Tabela 37:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>escolaridade</i>	305
Tabela 38:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis <i>gênero e escolaridade</i>	306

Tabela 39:	Concordância verbal de primeira pessoa do plural com sujeito composto (<i>eu + outras estruturas</i>) no português brasileiro do interior paulista: resultados para fatores sociais	311
Tabela 40:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu	315
Tabela 41:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português brasileiro	316
Tabela 42:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português europeu	317
Tabela 43:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>posição do sujeito em relação ao verbo</i>	321
Tabela 44:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>traço semântico do sujeito</i>	325
Tabela 45:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>paralelismo discursivo</i>	329
Tabela 46:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>saliência fônica verbal</i>	331
Tabela 47:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>paralelismo linguístico oracional</i>	336
Tabela 48:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>tipo estrutural de sujeito</i>	340
Tabela 49:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>escolaridade</i>	347
Tabela 50:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>faixa etária</i>	349
Tabela 51:	Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>gênero</i>	350

QUADROS

Quadro 1:	Traços dialetais de variedades portuguesas (baseado em CINTRA, 2010)	34
Quadro 2:	Traços fonéticos característicos das variedades portuguesas atuais (CINTRA, 1971)	38
Quadro 3:	Focos de irradiação da língua portuguesa no Brasil, segundo Castilho (2010)	41

Quadro 4:	Estimativas de emigração portuguesa no Brasil	51
Quadro 5:	Grau de relevância das categorias modificadoras da base verbal	102
Quadro 6:	Paradigma de conjugação verbal do Bergamasco (província de Bérghamo)	104
Quadro 7:	População residente e presente, famílias, alojamentos e edifícios	140
Quadro 8:	Comparativo geral entre Portugal, estado de São Paulo, interior do estado e mesorregião de São José do Rio Preto	142
Quadro 9:	Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais	145
Quadro 10:	Distribuição da população da região de São José do Rio Preto em 2000	146
Quadro 11:	Identificação dos informantes da amostra do português brasileiro do interior paulista, destaque para a sub-amostra para estudo da concordância verbal e da alternância pronominal	150
Quadro 12:	Identificação dos informantes da amostra do português europeu, integrantes do Corpus de Referência do Português Contemporâneo e estratificados por variáveis sociais	152, 153
Quadro 13:	Fatores linguísticos considerados na concordância verbal e na alternância pronominal de primeira pessoa do plural	178
Quadro 14:	Variáveis consideradas para a concordância verbal de terceira pessoa do plural	198
Quadro 15:	Equivalência entre as faixas de escolarização dos informantes das amostras do português brasileiro e do português europeu	201
Quadro 16:	Realizações pronominais e formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa	207
Quadro 17:	Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para os fenômenos de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu e no português brasileiro do interior paulista .	230
Quadro 18:	Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu	269
Quadro 19:	Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu	286
Quadro 20:	Ordem de seleção das variáveis para os fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu	319
Quadro 21:	Características dos fenômenos relacionados à concordância verbal no português brasileiro do interior paulista e no português europeu .	371
 <i>GRÁFICOS</i>		
Gráfico 1:	Densidade demográfica do estado de São Paulo e da região de S. J. do Rio Preto	133

Gráfico 2:	Grau de urbanização do Estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto	134
Gráfico 3:	Taxa de mortalidade infantil no estado de São Paulo e na região de São José do Rio Preto	135
Gráfico 4:	Taxa de analfabetismo da população de 15 anos e mais, no ano de 2000, no estado de São Paulo e na região de São José do Rio Preto .	136
Gráfico 5:	Concordância verbal com o pronome <i>a gente</i> no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável <i>explicitude do sujeito</i>	289

ABREVIATURAS

1PS	Primeira pessoa do singular
2PS	Segunda pessoa do singular
3PS	Terceira pessoa do singular
1PP	Primeira pessoa do plural
2PP	Segunda pessoa do plural
3PP	Terceira pessoa do plural
AC	Amostra Censo ou Amostra Comunidade
AI	Amostra de Interação
AP	Alternância pronominal
ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista
BDI	Banco de dados Iboruna
CRPC	<i>Corpus</i> de Referência do Português Contemporâneo
CV	Concordância verbal
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
SJRP	São José do Rio Preto

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São José do Rio Preto, 2012. 391 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Na presente tese, estabelecemos análise comparativa de fenômenos relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural português brasileiro e no português europeu, com o objetivo de reunir mais evidências para discussão da origem das variedades de língua portuguesa hoje presentes no Brasil. Para a investigação empírica, utilizamos como *corpora* amostras de fala da região Noroeste do estado de São Paulo, provenientes do *Banco de Dados Iboruna*, e amostras de fala de diversas regiões do território português, integrantes do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Nossa análise se ampara nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista de base Laboviana (LABOV, 1972) e realiza-se de forma qualitativa, para fenômenos relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e de segunda pessoa do plural, e de forma qualitativa e quantitativa, para fenômenos relacionados à concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural e à alternância pronominal de primeira pessoa do plural. Os informantes foram estratificados mediante o controle das variáveis sociais *escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*. Relativamente à primeira pessoa do plural, os resultados apontam alternância pronominal entre *nós* e *a gente* nas duas variedades, com predominância de *a gente* no português brasileiro do interior paulista e de *nós* no português europeu. Para a concordância verbal com *nós*, há variação entre formas verbais de primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular apenas na amostra da variedade do interior paulista, com predominância de uso daquela sobre esta. Nos dados do português europeu, o emprego de verbos em primeira pessoa do plural com *nós* é categórico. Com relação à forma pronominal *a gente*, ambas as variedades apresentam variação na concordância verbal, com formas em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular; enquanto no português brasileiro são raras as ocorrências de primeira pessoa do plural com *a gente*, no português europeu, esse padrão de concordância atinge um quarto das ocorrências. Constatação reversa se verifica para a concordância verbal de terceira pessoa do plural; enquanto é raro o emprego de verbos em terceira pessoa do singular com sujeitos em terceira pessoa do plural no português europeu, no português brasileiro, um quarto das ocorrências apresenta esse padrão. Essas aproximações e distanciamentos permitem concluir que os fenômenos variáveis aqui tratados possuem diferentes configurações nas comunidades de fala investigadas, ocasionadas por diferentes influências do meio em que se encontram.

Palavras-chave: concordância verbal, primeira pessoa do plural, terceira pessoa do plural, português brasileiro, português europeu, variação linguística.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Patterns of verb agreement and pronoun alternation in Brazilian and European Portuguese: comparative sociolinguistic study.** São José do Rio Preto, 2012. 391 p. Thesis (Ph.D. in Linguistics) - Institute of Biosciences, Languages, and Exact Sciences, Paulista State University, São Jose do Rio Preto.

ABSTRACT

This thesis establish a comparative analysis of phenomena related to verb agreement and pronoun alternation of the first, second, and third persons singular and plural in Brazilian Portuguese and European Portuguese, in order to provide evidences for discussion of the origins of Portuguese varieties in Brazil. For the empirical research, the *corpora* ("real world") speech samples we used were from the northwest region of the state of São Paulo from the database *Iboruna*, and speech samples from different regions of the Portuguese territory part of *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* ("Reference Corpus of Contemporary Portuguese"). Our analysis is supported on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics of a Labovian base (LABOV, 1972) and is carried out in a qualitative way for phenomena related to verb agreement and pronoun alternation of first, second, and third persons singular, and second persons plural in a qualitative and quantitative way for phenomena related to verbal agreement of the first and third persons plural and the pronoun alternation of first person plural. The informants were stratified by control according to social variables of *education*, *age group*, and *gender*. Regarding the first person plural, the results indicate a pronoun alternation between *nós* and *a gente* in the two varieties with a predominance of *a gente* in Brazilian Portuguese in the state of São Paulo and of *nós* in European Portuguese. For verbal agreement with *nós* there is a variation between verbal forms of first person plural and third person singular only in the sample of the variety in the state of São Paulo with predominance of using the first case over the latter. In European Portuguese the use of verbs in first person plural with *nós* is categorical. Regarding the pronoun form *a gente*, both varieties show a variation in verb agreement with forms in first person plural and third person singular. While in Brazilian Portuguese the occurrences of first person plural are rare with *a gente*, in European Portuguese this pattern of agreement reaches one fourth of the occurrences. Reverse evidence is found for verbal agreement of the third person plural while it is rare the use of verbs with third person singular with subjects in the third person plural in European Portuguese, while in the Brazilian Portuguese this pattern is shown in one fourth of the occurrences. These similarities and differences make it possible to conclude that the variable phenomena discussed here have different configurations in the speech communities investigated caused by different influences of the environment in which they are.

Keywords: verb agreement, first person plural, third person plural, Brazilian Portuguese, European Portuguese, linguistic variation.

Introdução

Dentre os inúmeros fenômenos já analisados no português brasileiro, a variação na concordância verbal talvez esteja entre os mais perceptíveis para falantes e ouvintes, o que faz com que a ela tenha se dado grande ênfase, principalmente a partir dos últimos anos da década de 1970 e os primeiros anos da década de 1980.

Passados mais de 30 anos dos primeiros estudos sobre a concordância verbal e após inúmeras contribuições de renomados autores que se dedicaram a compreender esse fenômeno variável e suas diferentes características em comunidades brasileiras, muito ainda se tem a desvendar, principalmente quando se considera, além das marcas de terceira pessoa do plural, todo o quadro de concordância verbal do português brasileiro.

Além da variação no uso da terceira pessoa do plural, observa-se, em algumas variedades do português brasileiro, o apagamento variável de marcas de plural nos verbos em primeira pessoa do plural, o que, para alguns pesquisadores, é fenômeno típico de comunidades rurais e *rurbanas* (termo cunhado por BORTONI-RICARDO, 1985, para se referir a comunidades que possuem características que se encontram no *continuum* entre o rural e o urbano).

Se, para a terceira pessoa do plural, encontra-se uma profusão de estudos sobre a concordância verbal, o mesmo não se pode dizer em relação à primeira pessoa do plural, principalmente se forem considerados os trabalhos que se restringem ao estudo da forma pronominal *nós* ou aos estudos que tomam por base a oposição das formas pronominais *nós* e *a gente*.

Ademais, o estudo de uma comunidade de fala pode revelar características que lhe são peculiares, o que a faz única e o que impulsiona a investigação de um tema já recorrente em outras variedades do português brasileiro. Somente a elaboração de um quadro comparativo da comunidade em relação a outras comunidades de fala do português brasileiro revelará, além de características presentes na comunidade, possíveis regularidades de fenômenos em evidência.

Se para o português brasileiro há a possibilidade de elaboração de um quadro comparativo dos fenômenos variáveis envolvendo concordância verbal e alternância pronominal, para o português falado em outros países, incluindo Portugal e países africanos de colonização portuguesa, são ainda raros estudos que contemplem esses mesmos temas. Os estudos variacionistas a respeito da concordância verbal nessas comunidades de língua portuguesa têm sido propostos tardiamente, nos primeiros anos do século XXI, e, na maior parte, por iniciativa de linguistas brasileiros. Nas comunidades africanas, também são raros os estudos que tratam do fenômeno variável da concordância verbal, porém por questões diferentes das lusitanas. Na África, alguns países de língua portuguesa obtiveram sua independência recentemente, o que contribuiu sobremaneira para que o desenvolvimento de estudos científicos nas mais variadas áreas ficasse relegado a segundo plano. Além disso, as nações lá presentes possuem outras línguas de origem africana que concorrem e, por vezes, são mais empregadas do que o português, transformando-o, muitas vezes, em segunda língua.

As razões apontadas acima sugerem fortemente a necessidade de estudos de cunho variacionista também para as comunidades de Portugal e África, nos mesmos moldes das pesquisas elaboradas para as comunidades do Brasil, para confirmarem ou refutarem a afirmativa de que não se evidencia variação na concordância verbal no português fora do território brasileiro.

Propor um estudo comparativo entre línguas faladas em países diferentes exige, em primeiro lugar, a consideração de que se está lidando com culturas e sociedades diferentes. Isso implica grande atenção na consideração dos grupos de fatores sociais. Seria ingênuo afirmar que variáveis como *anos de escolarização, faixa etária e gênero* poderiam ser equiparados plenamente. Os papéis assumidos pelos indivíduos são determinados pelo valor que sua classe detém perante as outras. Em outras palavras, é possível, por exemplo, que representantes do gênero feminino estejam mais inseridas no mercado de trabalho em uma das comunidades do que em outra. Do mesmo modo, é possível que os anos de escolarização não sejam determinantes para o aumento do uso da norma-padrão nas variedades de Portugal como são nas variedades brasileiras.

Outro fator preponderante a ser observado em estudos que lidam com diferentes comunidades, principalmente de localizações geográficas tão diversas, é a possível divergência de valores que se atribuem às variantes em concorrência no fenômeno em variação. A variante inovadora em uma comunidade pode possuir um *status* linguístico que não se evidencia em outra comunidade. O indivíduo é julgado em relação às suas escolhas linguísticas, e o que é considerado legítimo de dada classe de falantes em uma comunidade pode não ser considerado legítimo em outra comunidade.

Essas observações não invalidam a consideração, a importância e a influência de variáveis sociais nos processos de variação linguística das comunidades consideradas. Apenas servem de alerta no que concerne à relativização e ponderação das conclusões a respeito dos resultados a serem apresentados.

Para além de considerar as chamadas “influências do meio externo”, analisadas pela estratificação social dos informantes na pesquisa sociolinguística, é essencial a consideração das variáveis internas ao sistema, variáveis de ordem linguística que

exercem influência na seleção das formas variantes utilizadas pelos falantes imersos em uma comunidade de fala.

Dentre os inúmeros grupos de fatores considerados em pesquisas anteriores, que serão descritos ao longo da tese, são contempladas aqui variáveis que partem da perspectiva morfológica, como, por exemplo, *saliência fônica da forma verbal de plural em oposição a sua correspondente singular*; que consideram a perspectiva morfossintática, como *posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo*; a perspectiva semântica, como *traço semântico do sujeito*; e, até mesmo, a perspectiva discursiva da linguagem, como *paralelismo formal de nível discursivo*.

É patente que não se deve atribuir a uma única variável independente, que ocasiona um contexto específico de variação, a responsabilidade pela escolha de uma ou outra variante em um processo de variação, porém, alguns contextos notadamente podem restringir o processo de variação a grupos sociais específicos, revelando a percepção sobre o fenômeno por parte dos demais grupos.

Embora variáveis internas sejam consideradas inerentes ao sistema linguístico, é possível observar um contínuo em relação à percepção de algumas variáveis independentes por parte dos falantes. Julgamos de crucial importância, nesse caso, proceder à observação dessas variáveis na correlação com as variáveis sociais.

O intuito principal da comparação da língua falada em uma comunidade brasileira, do interior do estado de São Paulo, e da língua falada em Portugal é a obtenção de possíveis respostas para a origem dos fenômenos de variação na concordância verbal e de alternância pronominal.

Os resultados aqui apresentados fornecerão subsídios para a discussão que há anos é travada a respeito da origem de fenômenos variáveis no português brasileiro. Caso os resultados apresentados no presente estudo para o português europeu

evidenciem processos de variação semelhantes aos amplamente exibidos nas variedades brasileiras, haveria forte indício de que os fenômenos de variação na concordância verbal possuem sua origem além-mar e, assim, confirmar-se-ia a chamada tese da Deriva Linguística, a qual propõe que alguns fenômenos de variação, incluindo o fenômeno variável da concordância verbal, já estavam presentes no português europeu e que, no Brasil, apenas tomaram maior proporção.

Por outro lado, a não confirmação do fenômeno nas variedades portuguesas forneceria fortes indícios para a crença de que o português brasileiro sofreu alterações devido à influência de outras línguas, principalmente as indígenas e as africanas. O fenômeno variável da concordância verbal seria, então, fruto da aquisição irregular e incompleta da língua portuguesa, influenciada pelos mais variados fatores.

Seria deveras pretensão supor que a análise de fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português poria fim à controversa origem das variedades brasileiras, todavia a proposição de um conjunto de estudos, nos quais este certamente se inclui, seria capaz de fornecer elementos científicos que sustentassem em bases mais sólidas uma ou outra tese.

Além da concordância variável de primeira e terceira pessoa do plural, consideraremos em nosso trabalho o uso variável das formas pronominais *nós* e *a gente*, visto a já comprovada consideração, em outras variedades do português, de que essas são formas concorrentes para a primeira pessoa do plural do discurso, guardadas as devidas diferenças em relação às marcas de plural normalmente presentes em cada uma delas. A hipótese a ser investigada gira em torno exatamente do uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente* e sua possível relação com a aplicação e não aplicação de marcas de plural nos verbos. Sabe-se, de antemão, que a forma pronominal *nós*, na maioria das ocorrências, recebe desinência de primeira pessoa do plural no

verbo, o que é prescrito pela gramática normativa. Para a forma pronominal *a gente*, há uma *preferência de uso* de verbos em terceira pessoa do singular (NARO; GÖRSKI; FERNDANDES, 1999, p. 197), que seria a marcação predominante na maioria das ocorrências e também a forma reconhecidamente prestigiada na comunidade, fixada, inclusive, historicamente, por ser a forma utilizada anteriormente ao processo de gramaticalização do sintagma nominal *a gente* (OMENA; BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1993, 1999).

Como no Brasil, em Portugal ocorre o uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente*, o que sugere, aos moldes da variação na concordância verbal, um estudo que se proponha comparar e considerar as variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciadoras dessa alternância.

Ante o exposto, o presente trabalho busca realizar, com base nos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa de base Laboviana, o estudo comparativo da concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural e o estudo comparativo da alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, com a consideração de amostras de língua falada do português europeu e brasileiro, extraídas, respectivamente, do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo e do Banco de Dados Iboruna, estratificadas igualmente mediante o controle das variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Para levar a cabo esse objetivo, esta tese está assim estruturada: no Capítulo I, “O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO”, apresentamos um panorama histórico do português no continente europeu e do português em território brasileiro; no Capítulo II, “FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA”, realizamos um levantamento dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos estudos que abarcam os fenômenos variáveis de concordância verbal e alternância pronominal

em outras variedades da língua portuguesa; no terceiro capítulo, “PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS”, em primeiro lugar, exibimos as características sociais das comunidades investigadas e os procedimentos de composição dos corpora empregados na pesquisa para, posteriormente, apresentar o conjunto de variáveis sociais e linguísticas a serem consideradas para cada um dos fenômenos variáveis; no quarto capítulo, último desta tese, intitulado “PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU”, apresentamos os resultados da análise quantitativa e qualitativa da concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural e da alternância pronominal de primeira pessoa do plural nas variedades do português europeu e do português brasileiro, com a discussão das semelhanças e diferenças evidenciadas entre essas variedades.

CAPÍTULO I

O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sumário

1.1. Origem e formação do povo e da língua em Portugal

1.2. Origem e formação do povo e da língua no Brasil

1.3. As teses a respeito da origem do português brasileiro

1.4. As variedades do português brasileiro atual

A proposta deste capítulo, primeiro desta tese, é proporcionar uma visão ampla dos fatores históricos que contribuíram para a formação das variedades de língua portuguesa hoje existentes no Brasil e em Portugal. Em primeiro lugar, trataremos das características que permeiam as variedades brasileira e europeia do português contemporâneo, por meio de um apanhado histórico que se inicia com a formação do território português. Além disso, tratamos, neste capítulo, da alteração do *status* social das variedades linguísticas em território português à época posterior do descobrimento do Brasil. Após a apresentação das principais características linguísticas verificadas nas variedades lusitanas, prosseguimos com a investigação da formação do português brasileiro, com uma análise do papel social de cada um dos povos e línguas que estiveram em contato no território brasileiro. Na sequência, são apresentadas as teses sobre a origem do português brasileiro, as quais estão intrinsecamente envolvidas com a investigação anteriormente apresentada e justificam também o estudo sobre a origem geográfica e social dos povos europeus que migraram em direção ao Brasil. Encerramos este capítulo com uma breve descrição de características e de fenômenos evidenciados no português brasileiro e dos fenômenos variáveis já estudados no português do interior paulista.

Embora muitos estudos tenham sido dedicados às variedades de língua lusitana e brasileira, poucos são os trabalhos sociolinguísticos que se dispõem a considerar fatores externos que contribuíram, ao longo do tempo, e que contribuem, atualmente, para a caracterização das variedades do português brasileiro e do português europeu.

O objetivo dessa caracterização sócio-histórica é angariar subsídios que permitam justificar, ainda que parcialmente, as semelhanças e dessemelhanças verificadas em diferentes variedades do português. Além disso, é também intuito proporcionar ao leitor, neste capítulo, a comprovação científica e documental do emaranhado de acontecimentos que teceram a grande teia de relações que influenciaram a(s) (trans)formação(ões) da língua portuguesa que contemporaneamente conhecemos. São palavras de Mattos e Silva (1988), a esse respeito:

A par dos estatutos sócio-políticos diversos..., as configurações linguísticas internas que assume a língua portuguesa nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada, decorrentes da história própria que viveu a língua, a depender dos factores externos — históricos, sociais, geográficos, demográficos — que determinaram a sua difusão e implantação, em cada um desses locais. Assim sendo, a variação social e a variação espacial da língua têm feições típicas em cada um deles. Sobrepondo-se a essa variação, as normas sociais, configuradas a partir de determinado dialecto de prestígio sócio-político e cultural, considerado *standard* ou modelo para a sociedade de cada local, também são diferenciadas. (MATTOS E SILVA, 1988, p. 2)

1.1. Origem e formação do povo e da língua em Portugal

O ponto de partida da sócio-história da língua portuguesa deve ser encontrado, pois, no território onde hoje se localiza Portugal, cronologicamente, primeira sede da língua portuguesa.

Oficialmente, Portugal surge no ano de 1128, com a fundação do reino independente de Leão e Castela, originado do condado portucalense e do condado galego, doados, por Afonso VI de Leão e Castela, a Tareja e Urraca, como presente de casamento. A separação natural dos dois condados era determinada pelo rio Minho, que hoje separa Portugal e Galiza (OLIVEIRA MARTINS, 1882).

A tentativa de unificação da divisão administrativa do noroeste peninsular data do período romano, o que determinou, segundo Mattos e Silva (1988), a configuração linguística da região nos séculos subsequentes à queda do domínio romano, com os chamados espaços linguísticos do hispano-romance, constituídos de variantes do galego-português, do leonês e asturiano, do castelhano, do navarro e do aragonês, que conviviam em conjunto com os dialetos moçárabes, desde o século VIII. Das variantes hispano-românicas, surgiram as línguas da Península Ibérica: o catalão, no leste; o castelhano, na região central; e o galego-português, no oeste. Essas três línguas tiveram sua origem na região norte da Península Ibérica, mas a reconquista fez com que fossem levadas também para o sul (TEYSSIER, 1982).

Quando Portugal se firma como nação independente, no século XII, era considerado uma nação de língua ágrafa, já que o latim ainda persistia como forma oficial de comunicação na escrita. Os primeiros documentos em língua portuguesa de que se tem notícia datam do início do século XIII. O mapa abaixo ilustra as alterações territoriais da região ao longo dos séculos.

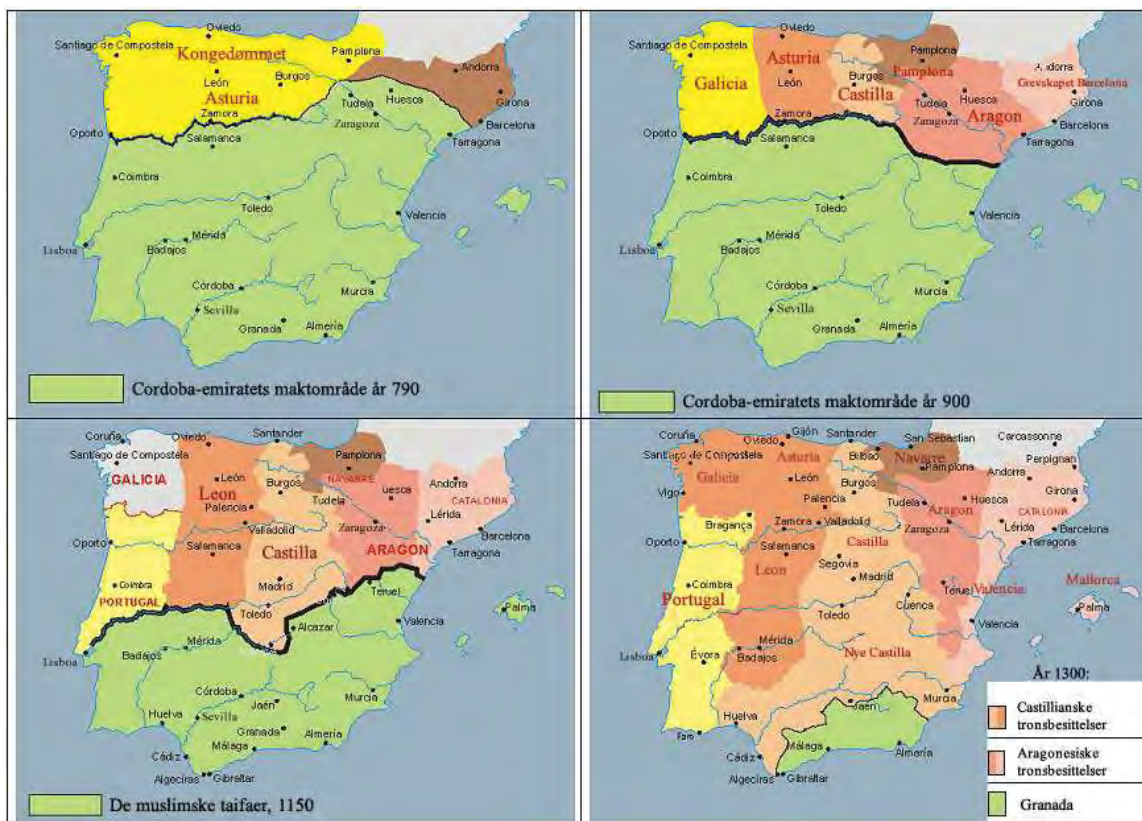


Figura 1: Mapa da formação do território português – séculos VIII a XIII¹

Após a definição dos limites territoriais portugueses e a transferência da corte para o sul, no chamado eixo Mondego/Tejo, a região torna-se o centro cultural e político de Portugal. Já no século XIV, com a tradução e reprodução de documentos literários e não literários, a língua portuguesa escrita vai se consolidando, juntamente com a criação de normas ortográficas.

Nesse mesmo período, há o avanço da língua em direção ao norte, na área moçárabe, o que propiciaria a formação de um “dialeto cosmopolita”, na região de Lisboa (MATTOS E SILVA, 1988, p. 10).

¹ Fonte: http://www.escolovar.org/historia_formacao.htm

É entre o final do século XIV e início do século XV, a partir, principalmente, de Lisboa, que os portugueses iniciam as conhecidas grandes navegações, estendendo seus domínios aos arquipélagos de Madeira e Açores.

A região do centro-atlântico, sede do empreendimento marítimo, passa a ocupar posição fundamental ante a nação portuguesa, o que, conseqüentemente, leva o dialeto comum àquela região, a ser considerado de prestígio, e a variedade a ser codificada pelos gramáticos da época como normativa de Portugal.

Assim Fernão de Oliveira analisa o emprego dos vocábulos na língua falada influenciados pela variação social, regional e etária no território português em 1536:

E, porém, de todas elas, ou são gerais a todos, como *Deus, pão, vinho, céu e terra* ou são particulares e esta particularidade ou se faz entre ofícios e tratos, como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros, e os cortesãos outros e os mercadores outros. Ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras e os homens da Estremadura são diferentes dos de Entre Douro e Minho, porque, assim como os tempos, assim também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme, com o que mais sabe, também suas falas são de peso, e as do mancebo, mais leves... saibamos que a primeira e principal virtude da língua é ser clara e que a possam entender, e para ser bem entendida há de ser a mais acostumada entre os melhores dela e os melhores da língua são os que mais leram e viram e viveram, continuando mais entre primores sisudos e assentados, e não amigos de muita mudança. (OLIVEIRA *apud* MATTOS E SILVA, 1988, p. 11)

É possível notar, ao final da explanação, a defesa da necessidade do que hoje seria entendido pelos gramáticos como norma linguística, o que, entretanto, não invalida o mais antigo depoimento a respeito da formação dos dialetos em Portugal, que prossegue, descrevendo o preconceito contra determinadas variedades linguísticas não prestigiadas: “Sendo eu moço pequeno, fui criado em S. Domingos de Évora, onde faziam zombaria de mim os da terra, porque o eu assim pronunciava, segundo que o

aprendera na Beira.” (OLIVEIRA *apud* MATTOS E SILVA, 1988, p. 12), referindo-se a forma como pronunciava a primeira pessoa do presente do verbo *ser* (*são, sou e so*, esta última, a favorecida pelo autor).

A ascensão comercial de Lisboa, já no final do século XV e início do século XVI, fez com que, além dos mais de cem mil habitantes locais, 10% do total do país, a cidade recebesse outros imigrantes, atraídos pelos bons negócios advindos direta ou indiretamente das navegações. Em torno da capital, populações ainda descendentes dos árabes, os chamados *saloios*, se juntavam a outras minorias, como negros e índios da Índia e do Brasil, que chegaram a ser notados a ponto de se constatar, obviamente, de maneira exagerada, o seguinte: “os escravos pululam por toda parte; estou em crer que em Lisboa são mais do que os portugueses de condição livre” (NICOLAU CLENARDO *apud* AZEVEDO (1978, p. 73)).

Essas observações a respeito da intensa migração e do convívio de povos de diferentes etnias levam a crer que a realidade de Lisboa era a de uma diversidade tanto de variedades da língua portuguesa quanto de diferentes línguas em contato, devido à necessidade de comunicação gerada pelas situações comerciais e sociais.

Após se firmar como mecanismo de independência, primeiro em relação ao domínio oriental e, depois da formação do estado português, em relação às nações vizinhas, principalmente aos chamados castelhanos, a língua portuguesa deveria funcionar como ferramenta de auxílio na expansão do Império Marítimo Português. Para tanto, deveria ser normatizada por meio de gramáticas, cartilhas e propostas de regulamentação ortográfica, além, é claro, de figurar como língua oficial da produção e divulgação de textos religiosos e morais.

Para injunção de Portugal sobre os povos conquistados, a “imposição da fé e do império” fez-se necessária, por meio da determinação da política, da cultura, da língua e

da religião portuguesas aos povos locais das terras colonizadas durante as grandes navegações.

De certa forma, a língua portuguesa, como almejava a nação dominante europeia, difundiu-se pelas colônias recém “descobertas”, contudo, pelas mais variadas circunstâncias a serem discutidas mais adiante, as variedades de língua portuguesa hoje presentes em algumas dessas localidades se diferenciam tanto da variedade normativa que se buscava implementar, quanto de qualquer variedade encontrada atualmente em Portugal.

A respeito da tentativa de imposição da norma, assim se pronuncia Luís Filipe Lindley Cintra:

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos. (CINTRA, 2010, p. 1)

Como ocorre em outras comunidades linguísticas, cada variedade é revestida de um valor particular que pode se modificar ao longo do tempo. Esse valor varia num contínuo que se estabelece entre prestígio e estigma, podendo ora estar mais próximo de um ou de outro extremo. Exemplo interessante (e relevante para o presente estudo) da alteração de *status* linguístico na variedade de língua falada em Lisboa é observado por Teyssier (1982), que aponta diferentes avaliações exibidas em publicações portuguesas do século XIX.² Em livro datado de 1845, José Inácio Roquete afirma: “É muito comum

² A considerar que, entre os imigrantes portugueses no Brasil, predominam os de origem do norte (como veremos a seguir), o ganho de prestígio da variedade linguística de Lisboa e das regiões sul e central do território português e a perda de prestígio da variedade linguística nortenha irão influenciar diretamente o *status* linguístico das variedades de português brasileiro falado.

entre a gente ordinária de Lisboa mudar o *e* em *a* nalgumas palavras: dizem *panha*, *lanha* por *penha*, *lenha*” (TEYSSIER, 1982 apud CINTRA (2010, p. 1)). Algumas décadas depois, em 1883, Gonçalves Viana, em *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise: d’après le dialecte actuel de Lisbonne*, constata ser comum a pronúncia do *a* em lugar do *e* em toda a Lisboa, ficando reservada a pronúncia antiga a “algum caturra velho” (TEYSSIER, 1982 apud CINTRA (2010, p. 1)).

Passado mais de um século, as variantes com *a* na sílaba tônica são as únicas que se encontram registradas no Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa (CINTRA, 2010, p. 2).

A despeito da mudança de *status* de uma variante linguística, Cintra (2010) cita também o caso da consoante africada [tʃ], pronunciada atualmente em algumas regiões do Norte de Portugal, em palavras como *chave*, *chapéu* e *chumbo*.

No século XVII, a pronúncia africada era norma prescrita por gramáticos para palavras escrita com ‘ch’, inclusive com a consideração de que a não realização da diferenciação seria atribuída à “pronúncia bárbara” dos habitantes do sul, que desconheciam a diferença de grafia e pronúncia entre palavras grafadas com ‘x’ [ʃ] e com ‘ch’ [tʃ].³

Um século depois, em 1746, Verney (apud CINTRA, 2010, p. 3) defende como normal a pronúncia dos homens cultos de Estremadura, que “pronunciam docemente [ch] com [x]”, referindo-se à perda da distinção de pronúncia dos vocábulos grafados com “ch” e “x”. Ainda segundo o autor, em matéria de pronúncia “sempre se-devem preferir os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura”. É possível notar, por

³ As formas diferentes de grafia do fonema [ʃ] (*ch* e *x*) no português atual têm sua origem justamente na língua falada, que apresentava, na época, dois fonemas diferentes [ʃ] e [tʃ], reproduzidos na escrita, respectivamente, por “x” e “ch” (PINTO, 1981 apud CINTRA (2010, p. 2)).

meio do comentário, a aquisição do *status* de prestígio e até de “norma” por parte da variedade de língua presente na Estremadura.

No século XIX, em uma total inversão do valor da variante considerada prestigiada no século XVI, Constâncio (1831) e, posteriormente, Leão (1875) (*apud* CINTRA, 2010) atribuirão os rótulos de “vício de pronúncia” e “pronúncia de certos provincianos” às variantes com o fonema [tʃ] para palavras com “ch”, que passam, dessa forma, de normais a dialetais.

Com base nos apontamentos de Cintra (2010), abaixo apresentamos um quadro com fenômenos semelhantes ao ocorrido com a pronúncia do [tʃ].

traços normais no passado > traços dialetais do Norte no presente	traços dialetais do Sul no passado > variantes normais no presente
realização apico-alveolar das sibilantes (“s assobiado”) [ˈmiʃa] - “missa”	realização predorsodental das sibilantes [ˈmisa]- “missa”
inexistência da fricativa sonora labio-dental [v] [ˈbela] - para as palavras “vela” e “bela”	oposição fonológica entre as fricativas bilabial [b] e labiodental sonoras [v] [ˈbela] - para “bela” e [ˈvela]- para “vela”
pronúncia da africada [tʃ] [ˈtʃabi] – para “chave”	pronúncia da fricativa [ʃ] [ˈʃavi]- para “chave”
pronúncia do ditongo [ow] [ˈowru] e [owˈbir]- para “ouro” e “ouvir”	monotongação do ditongo [ow] em [o] [ˈoru] e [oˈbir]- para “ouro” e “ouvir”

Quadro 1: Traços dialetais de variedades portuguesas (baseado em CINTRA, 2010)

Conquanto pareça se constituir categórica a transformação de traços considerados normais no passado em traços dialetais do norte e a aquisição do *status* de variante normal por parte dos traços anteriormente típicos do sul, essa não é considerada regra, como já era de se prever para fenômenos das línguas naturais. Outras inovações consideradas tipicamente pertencentes aos falantes sulinos não ascenderam à posição de norma, como se verifica, por exemplo, em fenômenos como a monotongação do ditongo

[ej] em [e], em palavras como [sefar] “ceifar” e [fetu] “feito”, comuns nos dialetos algarveanos e alentejanos. Na sequência, apresentamos o mapa da divisão regional portuguesa.⁴



Figura 2: Mapa da divisão de Portugal em regiões⁵

A variação e a emergência de formas inovadoras não normativas não se restringem ao âmbito da fonologia. No domínio da morfossintaxe, encontram-se inúmeros exemplos de flexão número/pessoal do gerúndio, o que Cintra (2010, p. 12) chama de “elemento dialectal bem estabelecido e plenamente produtivo que a língua padrão ignora”. Abaixo, exemplos coletados pelo filólogo:

⁴ Entre os séculos XV e XIX, o continente de Portugal esteve dividido em seis regiões tradicionais denominadas, até finais do século XVI, de “comarcas”. A partir daí, passaram a ser conhecidas por “províncias”.

⁵ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Antigas_Provincias_Portugal.png

Não sei se o marido sabe de enxertos. Não sei. Só **falandem** com ele é que sabem.

(Lavre, Alto Alentejo)

Estandem juntos os dois, lá pensaram eles a fazer o seguinte

(Castelo de Vide, Alto Alentejo)

(CINTRA, 2010, p. 4)

Construções com a forma pronominal *ele* como expletivo, funcionando como “sujeito” de um verbo impessoal, são comumente encontradas, a ponto de merecerem menção em algumas gramáticas descritivas portuguesas:

Na linguagem popular ou popularizante em Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*). (CUNHA; CINTRA, 1984)

São exemplos desse tipo de construção:

Ele estava a nevar, nevava muito. Eles não puderam ir. (Perafita, Trás-os-Montes)

Mas, **ele** havia muita fome naquele tempo. (Vila Praia de Âncora, Minho)

Mas agora ainda está bom para as batatas, ou não? – Mas é que não as há. – E como **ele** vai haver?! **Ele** não tem chovido nada. (Castro Laboreiro, Minho)

(CINTRA, 2010, p. 6)

Como o português brasileiro, o português europeu apresenta considerável gama de fenômenos variáveis, como os apresentados acima. Alguns deles não são reconhecidos pela tradição gramatical portuguesa e, quando o são, atribui-se a eles o rótulo de fenômenos comuns aos falantes da chamada linguagem popular.

São muitas as classificações e divisões apresentadas em relação às variedades dialetais do português europeu. Já em 1893, José Leite de Vasconcelos buscou apresentar, em seu *Mapa Dialectológico do Continente Português*, uma classificação das variedades de língua faladas em terras portuguesas (CINTRA, 1971, 2010).

Após essa primeira proposta, reconsiderada anos mais tarde pelo próprio autor, outras tentativas de classificação foram elaboradas, em meados do século XX, por Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva e por Pilar Vásquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (CINTRA, 2010). O mais recente mapeamento das variedades lusófonas europeias foi apresentado em 1971, por Luís Filipe Lindley Cintra. A “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses”, diferentemente das propostas anteriores, considera o território português como um todo, não isolando a Galiza e as províncias de Salamanca, Cáceres e Badajoz. A única exceção se faz na desconsideração dos territórios do distrito de Bragança, os quais, segundo o autor, pertencentes ao domínio linguístico leonês.

Partindo de traços que considera “verdadeiramente relevantes no consenso de um número suficientemente elevado de pessoas (mesmo alheias a estudos filológicos)” (CINTRA, 1971, p. 89), o filólogo propõe a divisão em três grandes regiões, ocupadas por três grupos dialetais distintos: *os dialetos galegos*, *os dialetos portugueses setentrionais* e *os dialetos portugueses centro-meridionais*. Esclarece, ainda, o autor:

Esta divisão está – em forma mais ou menos definida – na consciência de todos os falantes portugueses medianamente cultos e mesmo na de muitos não cultos. Distinguem pelo modo de falar um homem do Norte (tratando-se naturalmente de um daqueles que conservam a maioria, se não a totalidade, dos traços que caracterizam o falar próprio da região onde nasceu), de um homem do Sul. De ambos distinguem ainda perfeitamente um Galego (que compreendem quando fala o seu dialecto, mas em cuja linguagem não vêm normalmente, a não ser que tenha certa cultura histórica ou linguística, uma variedade do português, apenas porque a consciência da separação política os impede de sentir “linguisticamente” da forma que seria a mais normal). (CINTRA, 1971, p. 90)

Uma observação mais minuciosa das comunidades presentes em cada um dos três grandes grupos permitiu a identificação de traços fonéticos diferenciadores, conforme síntese do quadro abaixo.

Traços característicos do português do Norte	Traços característicos do português do Sul	Traços característicos do galego
desaparecimento da oposição fonológica entre [b] e [v]	monotongação do ditongo [ei] em [e]	inexistência de oposição entre fricativa palatal surda e sonora, com pronúncia de [ʃ] em lugar de [ç] e de [s] em lugar de [z]
a realização de [s] e [z] como fricativas apico-alveolares, mais ou menos palatalizadas: [ʃ] e [ç]		menor fechamento e redução das vogais altas
distinção fonológica entre os grafemas ch [tʃ] e x [x] em posição inicial de sílaba, como em [tʃavi] “chave” e [ʃikara] “xícara”		
conservação do ditongo [ow], como em [owru] “ouro” e [owvir] “ouvir”		

Quadro 2: Traços fonéticos característicos das variedades portuguesas atuais (CINTRA, 1971)

Com base nos traços identificados e na divisão inicial em três grandes grupos dialetais, Cintra (1971) apresenta a seguinte estratificação de dialetos presente na região de Portugal:

A) **Galego:** Galego ocidental e galego oriental, separados por um fenômeno comumente chamado de “geada”, que se caracteriza pela troca do fonema [g] pelo fonema [ʃ] em palavras como [ʃaleʃo] “galego” e [ʃaita] “gaita”. O fenômeno está presente na zona galega ocidental e ausente na galega oriental. Há uma linha de fronteira em sentido Norte-Sul, que faz com que os falantes de um lado e de outro sejam facilmente diferenciados.

B) **Português Setentrional:** dialetos do Alto-Minho e de Trás-os-Montes, dialetos do Baixo-Minho, do Douro e da Beira-Alta. Os primeiros dialetos possuem um traço fundamental que os diferencia dos demais, com um sistema de quatro sibilantes e ápicoalveolares (que correspondem aos grafemas ‘s’ e ‘ss’). Nos dialetos de Trás-os-Montes, o sistema de quatro sibilantes se reduz a um sistema de duas, as ápicoalveolares.⁶ Os últimos dialetos do grupo setentrional têm como traço característico principal as vogais tônicas fechadas [e] em [je] e [o] em [wo].

C) **Português Centro-Meridional:** dialetos do Centro-Litoral (estremenho-beirões), dialetos do Centro-Interior e Sul (ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvino), estabelecendo distinção entre ambos a partir da fronteira dos dialetos setentrionais com os meridionais, por meio da monotongação do ditongo “ei”, que acompanha quase paralelamente o curso do rio Tejo e caracteriza os dialetos do centro-interior e do sul. Os dialetos Centro-Meridionais possuem, segundo o autor, o *status* atual de língua-padrão no território português.

1.2. Origem e formação do povo e da língua no Brasil

⁶ Para maiores informações sobre o sistema de sibilantes dos dialetos regionais portugueses, consultar Monte (2008, pp. 2950-2952).

Segundo Mattos e Silva (2001), as variedades do português brasileiro tomaram as formas hoje conhecidas devido a uma complexa interação entre a língua do colonizador português, símbolo de poder e prestígio, as inúmeras línguas indígenas brasileiras, as também inúmeras línguas africanas, trazidas pelo tráfico negreiro, oficialmente realizado entre 1549 e 1830, e, finalmente, as línguas dos imigrantes europeus e asiáticos, presentes, principalmente, a partir do século XIX.

A língua brasileira, ou o português no Brasil, não é apenas uma contextualização do português de Portugal; ela é uma historicização singular, efeito da instauração de um espaço-tempo particular diferente do de Portugal. (ORLANDI, 2011, p. 1)

Dessa forma, para tratar da origem do português brasileiro, é importante que façamos uma breve retomada do povoamento do território brasileiro, o que, sobremaneira, influenciou a formação de variedades de língua que hoje demonstram ser dessemelhantes às variedades de língua portuguesa faladas na Europa, consoante atesta Mattos e Silva (1988):

A variante portuguesa e a brasileira apresentam normas linguísticas caracterizadoras que fazem com que de imediato se identifique um português de um brasileiro, mesmo que não se identifique de que lugar ou de que estrato social de Portugal ou do Brasil provêm. (MATTOS E SILVA, 1988, p. 4)

Na época do “descobrimento” e colonização do Brasil, segundo estimativas esparsas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseadas em documentos históricos, havia, em território brasileiro, entre um milhão e cinco milhões de índios.⁷ Em Portugal, a pedido de D. João III, rei de Portugal, no ano de 1527, foi realizado o primeiro “numeramento” da população portuguesa e o resultado apontou

⁷ Fonte: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

que o país possuía, na época, entre um 1,2 e 1,4 milhões de habitantes (ARROTEIA, 1985, p. 10), o que nos permite afirmar que a população indígena (brasileira) equiparava-se ou superava a população de Portugal e o que revela a importância dos povos já presentes no território brasileiro para a formação da sociedade, da cultura e da língua falada no país. Outra estimativa é a de que os nativos distribuíam-se em mais de mil e quatrocentas tribos e que falavam cerca de mil e duzentas línguas diferentes (RODRIGUES, 1993a, 1993b, 2005).

Castilho (2010, p. 174) afirma que o povoamento e a implantação da língua portuguesa se iniciaram a partir de oito focos de irradiação, em sua maioria localizados em zonas litorâneas brasileiras. Quatro focos se constituíram no século XVI, em São Vicente/São Paulo (a partir de 1532 e 1554, respectivamente), em Olinda/Recife (a partir de 1535), em Salvador (a partir de 1549) e no Rio de Janeiro (a partir de 1557). Dos outros quatro focos de povoamento, dois surgiram no século seguinte, em São Luís do Maranhão (1612) e Belém (1616), e os outros dois, no século XVIII, em Florianópolis (1738) e Porto Alegre (1752). A seguir, apresenta-se o quadro resumo de povoamento e irradiação da língua portuguesa no Brasil.

Século XVI	Século XVII	Século XVIII
São Vicente / São Paulo 1532 / 1554	São Luís do Maranhão 1612	Florianópolis 1738
Olinda / Recife 1535		
Salvador 1549	Belém 1616	Porto Alegre 1752
Rio de Janeiro 1557		

Quadro 3: Focos de irradiação da língua portuguesa no Brasil, segundo Castilho (2010)

Segundo Rodrigues (2010), houve, na América do Sul, pelo menos três ocasiões de grande miscigenação entre europeus e indígenas, o que ocasionou a formação de

populações mestiças com língua materna indígena e com língua dos pais europeia. Essas situações se deram entre os portugueses e os tupis, em São Vicente e no Planalto de Piratininga, a leste do estado de São Paulo, já a partir do século XVI; entre os espanhóis e os guaranis, no Paraguai, nos séculos XVI e XVII; e entre os portugueses e os tupinambás, no norte do Maranhão e do Pará, principalmente no século XVII.

A fundação de São Vicente, por Martim Afonso de Souza, marcou o início da colonização portuguesa, com a predominância esmagadora de homens entre os colonos, situação que influenciou o contato com mulheres indígenas e que resultou na origem da população mestiça, com língua materna tupi herdada da mãe e de todos os seus outros parentes, com exceção do pai, falante do português europeu (RODRIGUES, 2010, p. 2), como nota Antônio Vieira, em 1694:

é certo que as famílias dos Portugueses e índios de S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola. (VIEIRA 1951, p. 355 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 2)

Com a expansão da colonização portuguesa e com a escravização dos índios, a língua tupi passou a ser usada como idioma dos mestiços, em situação de bilinguismo com o português. Essa condição, salienta Rodrigues (2010), fez com que a língua se distanciasse da cultura indígena e se aproximasse da cultura portuguesa, uma mudança que propiciou alterações em vários aspectos, sendo generalizada entre a população paulista e chamada de *língua geral*, entre os séculos XVII e XVIII.

Os empreendimentos de captura dos índios e de mineração, iniciados pelos bandeirantes, falantes da *língua geral paulista*, fizeram com que esta fosse levada também para os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná.

No Paraguai, a colonização espanhola, iniciada em meados do século XVI, em uma região que se estende entre os rios Paraguai e Paraná, fez com que grupos indígenas falantes do *guarani*, língua da família *tupi-guarani*, entrassem em contato direto com os espanhóis, nas chamadas *reduções jesuíticas*. Entretanto o processo de miscigenação, aponta Rodrigues (2010), foi violentamente interrompido pela ação dos bandeirantes paulistas, que, a partir da segunda metade do século XVII, estenderam seus domínios até a região. Os guaranis foram mortos em defesa das reduções e de suas famílias, ou escravizados e afugentados, criando-se um vazio demográfico na região além do rio Paraná, que somente voltou a ser ocupada por outros indígenas, os *kaingáng* (família linguística *Jê*), anos mais tarde (RODRIGUES, 1993a, 2010).

Além dessa situação de contato propiciada pelas reduções jesuíticas, houve também, na região próxima dos rios Paraguai e Paraná, uma intensa miscigenação entre os colonos espanhóis e os índios guaranis, que fez com que surgisse uma população mestiça com língua materna guarani na região. Esse guarani transformou-se, aos moldes do que ocorreu em São Paulo, em uma língua geral dos mestiços, chamada hoje de *guarani crioulo*, com variedades presentes na Argentina e no Paraguai (RODRIGUES, 2010).

Já no século XVII, com a expulsão dos franceses de São Luís e de terras vizinhas, iniciou-se o contato, no Maranhão, no Pará e na Amazônia, entre colonos e soldados portugueses e os tupinambás, situação que ocasionou o surgimento de uma população mestiça, de pais europeus e mães indígenas, com o predomínio da língua materna tupinambá. Semelhantemente ao que ocorreu em outras regiões do território sul-americano, a língua empregada na sociedade mestiça ou cabocla foi se diferenciando do tupinambá falado pelos índios e passou a ser chamada também de *língua geral amazônica* (RODRIGUES, 1986, p. 102).

Com a expansão do domínio português na Amazônia, no início do século XVIII, essa língua se estendeu ao longo do vale do rio Amazonas, chegando até a Venezuela e a Colômbia. Diferentemente da língua geral paulista, a língua geral amazônica, chamada também de *nheengatu*, a partir do século XIX (COUTO DE MAGALHÃES, 1976 apud RODRIGUES, 1993a), ainda hoje é falada em território amazônico.⁸

As línguas gerais foram, nos territórios em que prevaleceram, veículos de contato entre os índios, os mestiços e os europeus. Nos três casos, tiveram origem da intervenção do homem europeu junto das mulheres indígenas que pertenciam aos povos de cultura e de língua tupi-guaranis.

Rodrigues (2010, p. 3) afirma ainda que não houve línguas gerais em outras regiões, como no Rio de Janeiro ou no Piauí, devido a maior imigração portuguesa para essas áreas, que contaram, inclusive, com o estabelecimento de famílias portuguesas inteiras, não havendo grande processo de miscigenação entre indígenas e europeus, como ocorreu no Norte, no estado de São Paulo e na região entre os rios Paraná e Paraguai. Contrariamente a isso, na região central da colônia, ocorreram grandes ações de aniquilação dos povos tupi-guaranis, como o extermínio dos tamoios e dos tupinambás, no Rio de Janeiro, dos Kaetés, na Bahia e em Pernambuco, e dos teminimós, em Ilhéus e em Porto Seguro, sem contar as grandes epidemias (como a de varíola) que se alastraram pela Bahia e regiões vizinhas, durante todo o século XVI, e que eliminaram grande parte da população indígena que se encontrava em posição pacífica frente aos portugueses. A seguir, apresentam-se relatos dos massacres empreendidos pelos governadores da época, dentre eles, Mém de Sá e Duarte Coelho, respectivamente, das capitanias do Rio de Janeiro e de Pernambuco, além dos relatos

⁸ *Nheengatu*, em tupi, significa “fala boa”. Segundo Ferreira (2009), é uma língua geral originada de língua do tronco tupi falada no litoral brasileiro por vários povos indígenas até o séc. XVII. Essa língua se difundiu na região amazônica e, atualmente, é falada por povos indígenas e por populações não indígenas, sobretudo no noroeste amazônico. Os sinônimos são: *língua geral amazônica* e *língua geral do Norte*.

das epidemias e pestes que assolaram a população indígena, em decorrência do contato com os portugueses:

E logo comecei a fazer guerra em Jaguaripe, que é da outra banda da Bahia, onde se destruíram nascidos, aldeias, cativaram e mataram muitos índios [...] e ante manhã, duas horas, dei na aldeia e a destruí e matei todos os que quiseram resistir, e à vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram atrás [...] e ante manhã dei na fortaleza e a entramos, matando todos os que quiseram defender, e nos deixaram as casas com todos seus mantimentos e mais fato, que nela tinham, e daí entrei e rodeei todo o Peroaçu [=Paraguaçu], tendo muitas pelejas e lhes destruí cento e trinta e tantas aldeias, e me retornei a embarcar. (SÁ, [1570] 1906 apud RODRIGUES, 2010, p. 8)

Duarte Coelho, o qual deu tanta guerra aos índios com favor de um clérigo que se tinha por nigromântico, que destruiu toda a capitania assim desde o rio S. Francisco até lá não há povoação de índios (ANCHIETA, [1584] 1988: 314 apud RODRIGUES, 2010, p. 8).

A capitania de Porto Seguro é do Conde de Aveiro. A dos Ilhéus é de Francisco Giraldes. Houve guerra com os índios naturais em ambas; mas com as ajudas que tiveram dos Governadores da Baía se defenderam e estão agora em paz. Verdade é que se foi consumindo o gentio daquelas terras, chamado Tupiniquins, que era muito e mui guerreiro, parte com doenças, parte com maltratamento dos portugueses, como em todas as partes, menos São Vicente, de maneira que ficaram sem gentio (ANCHIETA, [1584] 1988: 316 apud RODRIGUES, 2010, p. 8).

A gente que de 20 anos a esta parte é gastada nesta Bahia, parece cousa, que se não pode crêr, porque nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo, porque nas 14 igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente, com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiverem 3.500 almas será muita (...) No mesmo ano de 1562, por justos juizos de Deus, sobreveio uma grande doença aos índios e escravos dos Portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente, e dos que ficaram vivos muitos se vendiam e iam se meter por casados portugueses e se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que queriam ser escravos; e foi tão grande a morte que deu neste gentio, que se diziam que entre escravos e índios forros morreriam 30.000 almas no espaço de 1 ou 3 meses" (ANCHIETA, 1986 apud RODRIGUES, 2010, p. 8).

A grande redução da população indígena nas zonas centrais da colônia contribuiu para que a língua portuguesa se firmasse na área costeira central e para que

não houvesse o desenvolvimento de nenhuma língua geral. Além disso, levou à importação de escravos africanos, que supririam a deficiência de mão-de-obra escrava na região.

Atualmente, persistem no Brasil cerca de 180 línguas indígenas, com pequenos grupos de falantes por língua. Vive no território nacional, segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), uma população de mais de 800 mil índios, o que equivale a quase 0,4% da população brasileira. Embora a população indígena atual seja menor que a contabilizada nas estimativas do século XV, nos últimos dez anos, o IBGE registrou um crescimento considerável de 10% no número de pessoas que se autodeclararam indígenas (de 734 mil, em 2000, para 817 mil, em 2010).^{9, 10}

Mais de 60% da população indígena brasileira se encontra na Amazônia, local de mais de 98% das terras indígenas do país, conforme ilustração abaixo.

⁹ Fonte: <<http://www.funai.gov.br/index.html>>, <<http://www.ibge.gov.br/home/>>

¹⁰ Se considerada apenas a população das áreas indígenas demarcadas, as quais ainda preservam totalmente os costumes e o modo de vida de seus antepassados, pode haver divergência em relação ao número total de indivíduos hoje presente em território brasileiro. Informações colhidas no próprio site do IBGE (<<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/indio/numeros.html>>) apresentam um total de 358 mil índios, valor bem menor que os 817 mil registrados no Censo de 2010.

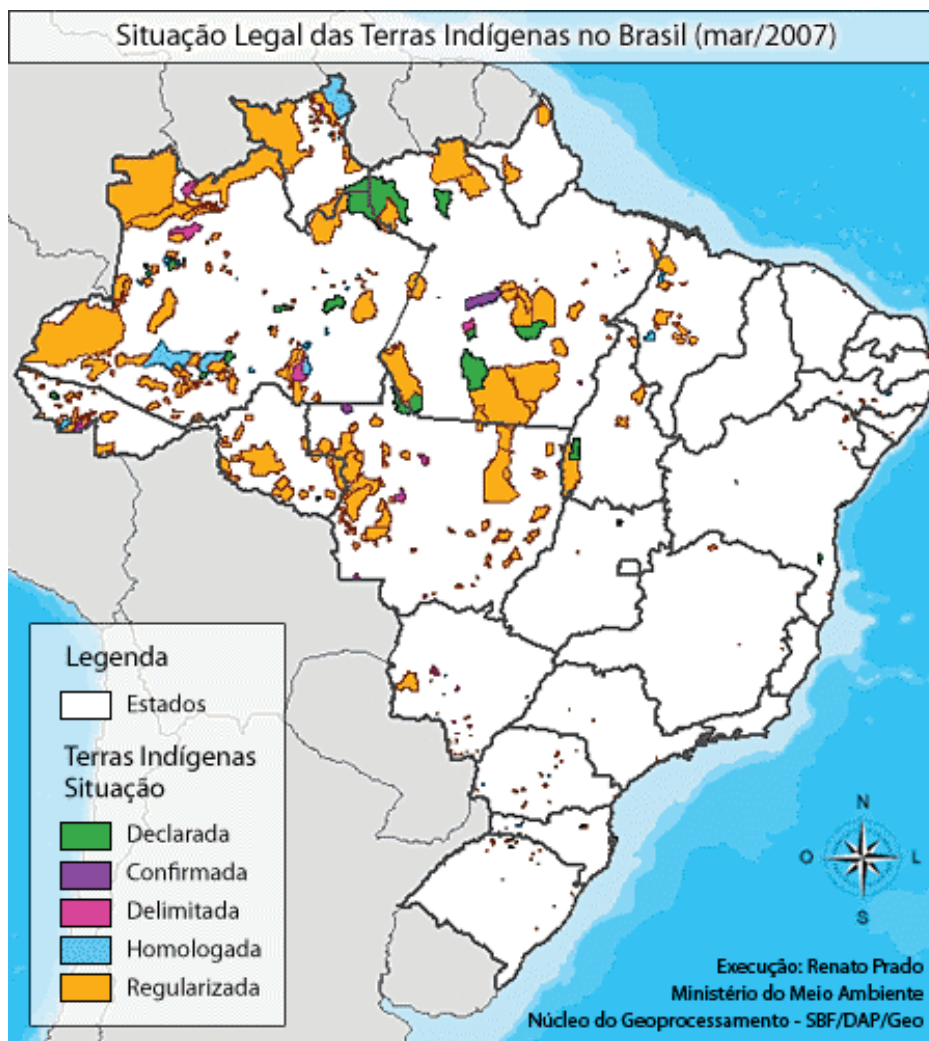


Figura 3: Mapa da distribuição da população indígena do território brasileiro¹¹

Além dos índios que já viviam no Brasil, apresentar-se-á, após a chegada dos portugueses, a imigração forçada de africanos para o território brasileiro, entre os séculos XVI e XIX. Conforme aponta Castro (1994), foram trazidos para o Brasil cerca de cinco milhões de escravos negros africanos, advindos, principalmente, de duas regiões subsaarianas, a região *bantu*, situada ao longo da extensão sul da linha do Equador, e a região oeste africana, conhecida também como *sudanesa*, que abrange um território que hoje vai do Senegal à Nigéria (v. mapa a seguir). A região *bantu* possuía

¹¹ Fonte: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/indios3.htm>

mais de trezentas línguas, das quais, o *quicongo*, o *quimbundo* e o *umbundo* foram as que apresentaram maior número de falantes no Brasil.

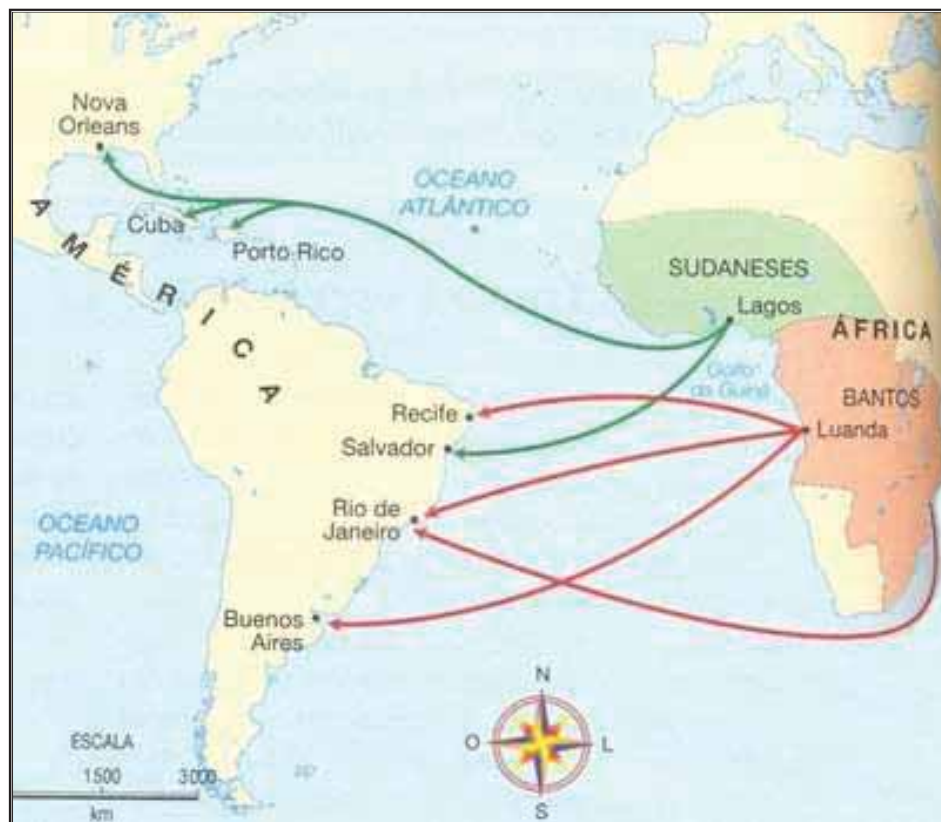


Figura 4: Mapa das principais rotas de mercantilismo de escravos africanos para a América do Sul¹²

Em relação às línguas sudanesas, as mais importantes eram as da família *kwa*, com povos *iorubas* e *ewe-fon*.

Apesar da notável diversidade de línguas que vieram para o Brasil, provenientes do continente africano, é importante verificar que todas têm origem comum na grande família linguística africana *Níger-Congo*, ou seja, são todas essas línguas aparentadas.

¹² http://historianailhadomiriti.blogspot.com/2011/03/diaspora-africana_23.html

A presença do componente africano, motivada pelo início do tráfico entre Brasil e África, na primeira metade do século XVI, propiciou o contato dessas línguas negro-africanas com o português europeu antigo e a influência delas na determinação das características da língua portuguesa na colônia da América do Sul. Para se ter ideia da participação do negro na formação social e linguística do país ao longo de quatro séculos consecutivos, deve-se considerar que os cerca de cinco milhões de africanos transplantados para realizar trabalho escravo no Brasil originaram, já no século XVIII, um contingente de negros e afro-descendentes superior ao número de portugueses e de outros europeus, de acordo com estimativas demográficas do censo de 1823, com 75% de negros e mestiços no total da população brasileira (CASTRO, 1994, p. 4).

Apesar de toda a influência de imigrantes europeus na formação da língua portuguesa brasileira, não se deve perder de vista que o Brasil somente vem apresentar aumento de sua população branca no início do século XX, com a massificação da vinda de imigrantes europeus ao continente americano.¹³

Dessa forma, a superioridade numérica dos negros e afro-descendentes no território brasileiro permite sugerir que a *língua geral paulista*, utilizada por bandeirantes e catequistas, poderia não ser somente um tupi simplificado, mas uma língua com influências indígenas, africanas e europeias, usada como forma de comunicação entre indivíduos que faziam parte da população da colônia; segundo Câmara Jr. (1954, p. 293), essa língua “não deve ser confundida com uma suposta persistência dos falares tupis na sociedade europeia do meio americano”.

Além da contribuição africana para a formação da chamada língua geral, Pereira (1992, p. 121) faz referência a variedades dialetais afro-brasileiras que estariam

¹³ Interessantemente, o último censo brasileiro, realizado entre os anos de 2010 e 2011, demonstrou que mais de 50% da população do país declarou-se como não-branca. Cabe ressaltar que, desde que o censo é realizado no país, essa é a primeira vez que a população declaradamente não-branca excede a população declaradamente branca.

em fase avançada de descrioulização, como no caso da comunidade isolada de Helvécia, no estado da Bahia. Ainda segundo a autora, as grandes navegações e a expansão colonial impulsionaram o contato linguístico e a formação de crioulos.

As situações sociolinguísticas decorrentes dos diferentes tipos de contacto entre a língua portuguesa e outras línguas africanas, asiáticas e americanas, estiveram na origem de manifestações linguísticas também diferentes. (PEREIRA, 1992, p. 121)

A difusão e a consolidação desses crioulos de base portuguesa se fizeram dependentes da imposição da própria língua portuguesa, utilizada pelos portugueses. No Brasil, fatores como o número elevado de falantes do português e a política de ensino e difusão sistemática da língua portuguesa padrão (a partir do século XVIII) fizeram com que os falares crioulos se restringissem apenas a comunidades específicas e isoladas. Apesar disso, os dialetos afro-brasileiros se formaram em diferentes locais (senzalas, plantações, quilombos e minas) e em alguns núcleos que permaneceram (e ainda permanecem) vivos durante os séculos subsequentes. São exemplos, as comunidades negras isoladas de Cafundó (estado de São Paulo) e Tabatinga (Minas Gerais) (QUEIROZ, 1998).

Irão compor o quadro social da colônia portuguesa da América do Sul nos primeiros séculos de colonização, além dos indígenas e dos negros, os imigrantes portugueses, que vieram para o Brasil já nos séculos XVI e XVII. O número aproximado de imigrantes lusitanos nesse período é de 100 mil. A migração se intensificou após o século XVII, com a vinda de mais de 600 mil portugueses, em uma média anual de 10 mil imigrantes. A partir daí, o deslocamento de famílias de origem portuguesa para o Brasil somente aumentou, atingindo seu ápice no século XX.

Na sequência, reproduzimos o quadro estimativo de deslocamento populacional das terras portuguesas para o território brasileiro.

Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil				
Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580	100.000	280.000	500	3.500
1581-1640		300.000		5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1808-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	
1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

Quadro 4: Estimativas de emigração portuguesa no Brasil¹⁴

A diversificação econômica do português imigrante é notória, contudo é possível se observar, segundo Venâncio (2000), a vinda, nos primeiros séculos, de uma elite próspera e um aumento crescente do deslocamento de imigrantes pobres para o Brasil, o que iria perdurar até a segunda metade do século XIX e início do século XX.

Para Arroteia (1983), é possível considerarmos fases distintas do processo migratório de portugueses ao Brasil. A primeira fase, que compreende os dois primeiros séculos de colonização do Brasil, é denominada pelos historiadores de *imigração restrita*. Esse período foi marcado pela vinda de portugueses mais abastados, que se deslocaram principalmente para os estados de Pernambuco e Bahia, para a exploração e produção de açúcar. No mesmo período, houve a migração de degredados para as regiões centrais da colônia, principalmente para o estado do Maranhão, e também de

¹⁴ Fonte: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

cristãos-novos e de ciganos, os quais fugiam das perseguições religiosas ocorridas no território português.

Na segunda fase, compreendida entre os anos de 1701 e 1850 e denominada *fase de transição*, houve um aumento extraordinário no fluxo de migrantes da região portuguesa conhecida como Minho (v. mapa abaixo).¹⁵ Essa vinda dos portugueses dessa região é justificada, principalmente, pela crise que se verificava em Portugal, principalmente dos minhotos, indivíduos que possuíam a agricultura como única fonte de renda.



Figura 5: Mapa da divisão regional portuguesa continental¹⁶

¹⁵ A divisão apresentada no mapa foi criada em 1936, com base nos estudos do geógrafo Amorim Girão, publicados entre 1927 e 1930, que dividiram o país em 13 "regiões naturais". Em 1959, houve nova alteração, com a criação dos distritos e com a extinção da divisão em províncias. Uma nova divisão foi proposta pela constituição portuguesa de 1976, contudo a antiga divisão, visualizada no mapa, ainda é frequente em mapas escolares e considerada pela maioria dos portugueses (SOBRAL, 2008).

¹⁶ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Provincias_Portugal_legenda.png

É importante destacar os acontecimentos que influenciaram a vinda da população dessa região para o território brasileiro, uma vez que a investigação das características sociais da população imigrante portuguesa permite determinar qual variedade de língua foi trazida para a colônia. Em primeiro lugar, ocorria em Portugal, a revolução agrícola, que significou a produção de milho em larga escala, a melhoria nas condições de vida e, conseqüentemente, o crescimento populacional desordenado (a população do Minho apresentava na época uma média de 96 habitantes por km², enquanto a média populacional do país era de 33 habitantes por km²). O mapa abaixo apresenta a densidade populacional no ano de 1878 (ALVES, 1993b, p. 448).

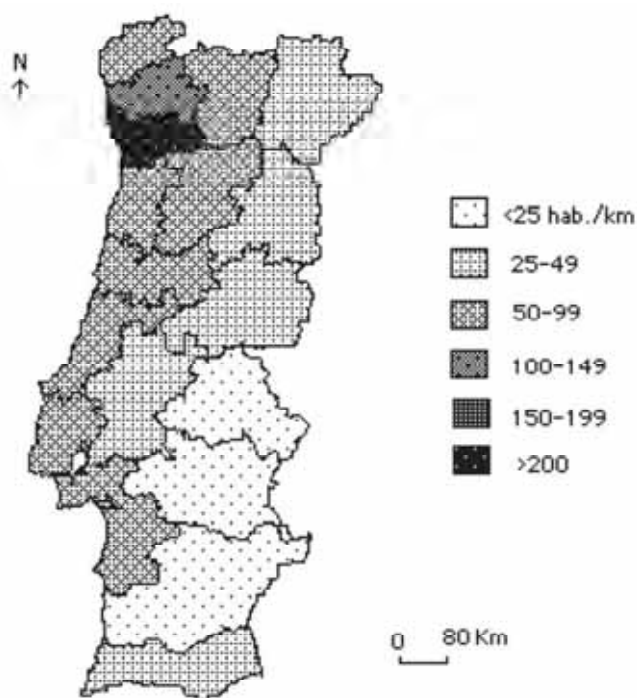


Figura 6: Mapa da densidade populacional de Portugal em 1878

É possível observar que a região do Porto, situada no nordeste do país, apresentava densidade populacional acima dos 200 habitantes por km². É essa e outras

regiões circunvizinhas que apresentaram, no mesmo período, os percentuais migratórios mais elevados de todo o país.

Outro forte atrativo para a emigração portuguesa foi a descoberta de ouro na colônia, o que se apresentou como motivo para o processo migratório dos portugueses daquela região. Bastava apenas coragem para cruzar o Oceano e fornecer mão-de-obra à extração de ouro nas regiões das Minas.

Se o noroeste português se mostrava em crise, com escassez de trabalho, a colônia, naquele momento, oferecia-se como opção que propiciaria aos imigrantes a possibilidade de lucro e de ascensão social.

Dessa forma, embora todo o território português tenha sido palco de uma maciça saída de indivíduos, essa emigração predominou, sobretudo, nas regiões setentrionais portuguesas, consoante aponta Arroteia (2001).

Em relação à sua extensão no território, notamos que a importância destas saídas foi bastante acentuada nas regiões densamente povoadas do norte e do centro do país, assim como nas Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira. Da mesma forma, este fenómeno afectou as regiões do Minho, de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, de onde partiram os maiores contingentes de emigrantes não só em direcção ao Brasil, mas também, já durante a segunda metade do século XX, para os países industrializados da Europa Ocidental: França, Alemanha; Luxemburgo e mais recentemente para a Suíça. (ARROTEIA, 2001, p. 5)

Os dados estatísticos emigratórios portugueses do século XIX corroboram as afirmações precedentes, conforme podemos observar no mapa que segue (ALVES, 1993b, p. 449), o qual apresenta o percentual de saída de indivíduos do território português por região.

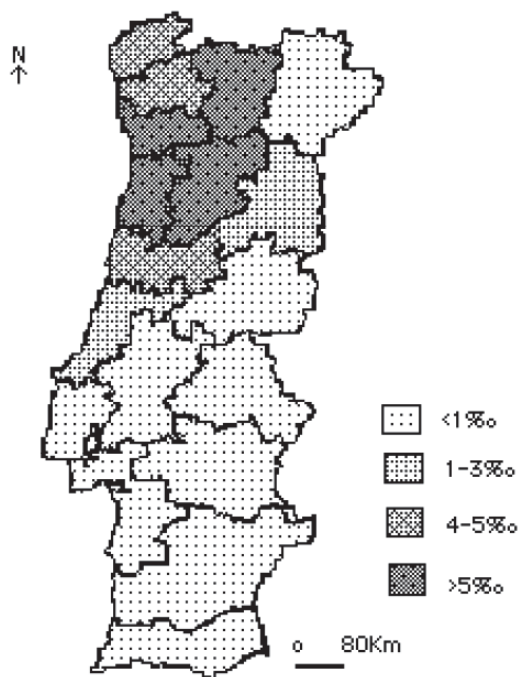


Figura 7: Portugal Continental – Taxa de emigração por distritos em 1889

É notória a polarização do território português entre regiões alocadas no norte, apresentando fluxos migratórios acima de cinco pontos percentuais, e regiões localizadas no sul, que apresentavam, à época, fluxos de emigração abaixo de 1% do total populacional, constatação que ratifica a predominância de imigrantes de origem setentrional no Brasil.

A esse respeito há certo consenso entre os estudiosos. Embora variando de acordo à época, desde o século XVI o migrante por excelência, aquele que se submetia aos rigores de uma travessia tão incerta quanto a futura vida no Brasil, provinha da região norte. Já no Quinhentos, quase metade dos portugueses processados pela Inquisição na Bahia e em Pernambuco eram naturais do Minho, cabendo um longínquo segundo lugar (15%) aos naturais de Lisboa. A julgar pelas listagens de habitantes, tal padrão ainda vigia no século XIX, pois, em 1801, 45% dos portugueses do sexo masculino estabelecidos na capitania de São Paulo eram minhotos, 20% provinham dos Açores, cabendo aos lisboetas apenas 16% do total... a reiterativa emigração lusitana para o Brasil traduzia-se na sucessiva entrada de pessoas originárias do norte de Portugal. (FLORENTINO; MACHADO, 2002, p. 59)

Castilho (2010, p. 174-175), contrariamente aos historiadores e linguistas considerados, afirma ter havido “uma provável predominância de portugueses do Sul” dentre os migrantes portugueses, visto serem encontrados fenômenos fonéticos típicos dos falantes sulinos inexistentes entre os falantes do norte de Portugal. Mais adiante, o autor aponta que os fenômenos considerados “meridionalismos” do português europeu, entretanto, já haviam se disseminado por todo o país em período anterior à vinda dos grandes contingentes lusitanos ao território brasileiro.

A bem da verdade, inúmeros documentos históricos comprovam o predomínio no Brasil de migrantes portugueses das regiões nortenhas, o que fez com que houvesse, no início do século XVIII, inclusive, por parte do governo do país, a tentativa de barrar o fenômeno de emigração, conforme observamos no texto abaixo reproduzido, de uma Lei de 1720.

não tendo sido bastantes as providências que até ao presente tenho dado nos decretos de 25 de Novembro de 1709 e de 19 de Fevereiro de 1711, para se proibir que deste Reino passe para as capitânicas do Estado do Brasil a muita gente que todos os anos se ausenta dele, principalmente da província do Minho, que, sendo a mais povoada, se acha hoje em estado, que não há gente necessária para a cultura de terras, em para o serviço dos Povos. (ARROTEIA, 1983, p. 13)

Se a região nordeste e norte de Portugal, de onde advinham os emigrantes que aportaram no Brasil, era predominantemente agrícola e decadente, conforme atestam exaustivamente Alves (1992, 1993a, 1993b) e Arroteia (1983, 1984, 2001), por meio de documentos, evidências e de detalhada discussão, a qual abarca todos os aspectos influenciadores do processo emigratório, não é demais salientar que os emigrantes portugueses que aportaram no Brasil eram, dentre essa população social e economicamente estigmatizada, o contingente ainda menos favorecido. É o que aponta

Oliveira Martins (*apud* ALVES, 1993a, p. 271): “Desde que a miséria é a causa principal da emigração, necessariamente os emigrantes são os menos instruídos e habilitados para ganhar a vida”.

Em Alves (1993a, p. 274), encontramos ainda as instruções do barão de Nova Friburgo aos seus agentes para contratarem apenas “os filhos de lavradores do campo que nunca tiveram outra ocupação, fortes, sadios, de 14 a 18 anos pouco mais ou menos (não se admite sob pretexto algum gente das cidades ou das vilas)”.¹⁷

A taxa de emigrantes analfabetos no Porto no século XIX superava os 40%, chegando a quase 60% em alguns períodos, conforme apontam as estatísticas oficiais de emigração do Porto (ALVES, 1993a).

É necessário retomar evidências já apresentadas nas páginas anteriores (seção 1. *Origem e formação do povo e da língua em Portugal*) e observar a perda gradativa de prestígio dos traços linguísticos próprios da variedade de língua falada no norte de Portugal. Se no século XVI, essa variedade encontrava-se em posição de prestígio no país, no início do século XVIII passa a apresentar traços denominados dialetais, com a elevação da variedade do sul à condição de maior prestígio e seus traços não mais considerados típicos da região, e sim considerados o padrão linguístico do país. Em outros termos, é possível afirmar que a variedade de língua trazida por esses portugueses, provenientes, principalmente, do norte do país, era, já naquele momento, variedade estigmatizada em Portugal e, além disso, era também variedade que muito diferia da variedade normativa do país, a variedade meridional.

A imigração da elite portuguesa se deu apenas no período em que a colônia recebeu D. João VI, o rei de Portugal, que, em 1808, partiu da Europa, intimidado pelas

¹⁷ In: instruções para engajamento de colonos em Portugal. *O Commercio do Porto*, nº 243 de 23 de outubro de 1861.

tropas napoleônicas. Essa migração, porém, ficou restrita somente a algumas cidades, como Salvador, primeiro ponto de parada do príncipe regente, e Rio de Janeiro, local escolhido para sediar o governo. No total, entre os anos de 1808 e 1817, estima-se que a chamada imigração de elite não tenha sido superior a 15 mil pessoas (ALVES, 1993a).

Na terceira fase da imigração portuguesa no Brasil, que compreende o período entre 1851 e 1960, houve a intensificação da vinda dos portugueses pobres para o Brasil, os pequenos proprietários de terras, também originários do norte de Portugal, principalmente da região do Minho, o que contribui, inclusive, para a formação de uma imagem negativa e preconceituosa do imigrante português.¹⁸ Novamente, reforça-se a ideia de que a variedade linguística trazida pela maioria dos portugueses que veio para o Brasil era, já em Portugal, uma variedade totalmente desprestigiada, devido à posição social e econômica ocupada por seus falantes, em sua maioria agricultores da região norte do país.

A partir da década de 1930, a migração portuguesa inicia seu declínio, devido ao controle de natalidade do estado português, e às Guerras Mundiais, que suspenderam as viagens marítimas e, também, devido ao processo de industrialização pelo qual passava Portugal.

A vinda de lusitanos para o Brasil vai ganhar força somente na década de 1960, com o chamado “milagre econômico” brasileiro. Contudo, um percentual de quase 90% dos imigrantes portugueses retornou à sua pátria natal após um período de no máximo 10 anos de permanência em território brasileiro (ALVES, 1992, 1993).

Além das línguas africanas, indígenas e portuguesa, houve, ainda, a influência de outras línguas no Brasil, em diversos momentos ao longo dos cinco séculos que

¹⁸ Para mais informações sobre a criação da imagem negativa do português no Brasil, consultar: TRICHES, R. P. “À Sombra das bananeiras d’esta República”: as construções da imagem do português pela imprensa carioca. *Revista Litteris*, v. 2, p. 1-16, 2009. Disponível em: www.revistaliteris.com.br/arquivo_16.html. Acesso em 29 jun. 2011.

sucederam o “descobrimento” do território. Durante o Império, por exemplo, embora de forma esparsa, houve a imigração de italianos e alemães, oficialmente trazidos por D. Pedro I e D. Pedro II, a pedido da imperatriz de origem austríaca, D. Leopoldina (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 42). É, entretanto, na segunda metade do século XIX que a imigração em massa tem início, principalmente a partir do ano de 1887, pouco antes da implementação da República.

Conforme apontam Bolognini e Payer (2005, p. 42), na Europa e na Ásia, o início da industrialização diminuía o emprego de mão-de-obra humana e levava a população à pobreza. No Brasil, a oferta de trabalho elevava-se substancialmente, influenciada pelo fim da escravidão negra. Diante desse quadro e da necessidade de se fixarem fronteiras, por meio do povoamento, iniciou-se uma política de “importação” de grandes contingentes humanos estrangeiros, processo migratório que diminuiu somente após a década de 1930.

Imigrantes, falantes de línguas como o alemão, o árabe, o chinês, o coreano, o espanhol, o holandês, o inglês, o italiano, o japonês, o leto e o pomerano, vieram para o Brasil e se instalaram em diversas regiões. Houve, por exemplo, a imigração de libaneses para o Rio de Janeiro, em período anterior à República. Já no início do século XX, eles se instalaram também no Espírito Santo e em algumas cidades do estado de São Paulo (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 43).

Os espanhóis também estiveram presentes em território brasileiro desde o início da colonização, principalmente durante o período de unificação das coroas portuguesa e espanhola, entre os anos de 1580 e 1640. O imigrante espanhol constitui-se no terceiro maior grupo de imigrantes em território brasileiro, após portugueses e italianos, apenas.

Os holandeses e sua língua se fizeram presentes no país principalmente em dois períodos. O primeiro, no século XVII, com a tentativa de colonização no Nordeste. Há

de se destacar, nesse período, o grande incentivo cultural do governo holandês, com a criação de uma biblioteca, da imprensa e por meio da produção de quadros e livros que retratavam o país.

O segundo período que merece destaque é o que compreende meados do século XX, com a imigração oficial e com a compra de um grande lote de terras no interior paulista pelos holandeses. Segundo Bolognini e Payer (2005), a estimativa é de que entre dez e trinta mil falantes de holandês tenham vindo para o Brasil.

A língua alemã também foi introduzida no país, principalmente na região Sul, em localidades situadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, a partir de 1824. Porém, dos cinco milhões de imigrantes que deixaram a Alemanha, aproximadamente 7% (300 mil, segundo registros de entrada) chegaram ao Brasil. Merece destaque o fato de que esses imigrantes, diferentemente de outros povos, possuíam níveis mais elevados de escolarização, o que levou, inclusive, à publicação, no Brasil, de vasto material bibliográfico, incluindo cartilhas, jornais, manuais de orientação religiosa e familiar, manuais técnicos, livros de história, boletins informativos e, até mesmo, literatura, inspirada na vida dos imigrantes (BOLOGNINI; PAYER, 2005). As duas grandes guerras fizeram com que o fluxo de migração para o Brasil diminuísse, contudo, segundo dados de 1835, a população de origem alemã, incluindo os imigrantes e seus descendentes, somava 1,2 milhões de indivíduos.

Os imigrantes italianos formaram o segundo maior contingente de imigrantes no Brasil. Segundo Bergman (1977), foram mais de 1,4 milhões de italianos que entraram em território brasileiro, principalmente nos estados do Sul e Sudeste, especialmente no estado de São Paulo e do Espírito Santo.

A convivência entre os grupos de migrantes fez com que houvesse a manutenção e uso da língua italiana e, nem mesmo as políticas nacionalistas brasileiras de repressão

às línguas estrangeiras, intensificadas no período entre e pós-guerras, conseguiram extinguir a língua dos imigrantes italianos, conforme afirmam Bolognini e Payer (2005).

Contudo, a Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral. Além disso, no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português, de modo que em regiões de densa imigração a população fala o português com traços de italiano — presentes na fonologia, no léxico, na morfossintaxe e na prática mesclada das línguas, com fragmentos de discursos, provérbios e expressões em italiano e em português. (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 44)

O contato linguístico, citado acima, pode ser verificado também em outras línguas introduzidas em território brasileiro. O japonês falado nas colônias nipônicas do Brasil, por exemplo, apresenta traços de português e, por esse motivo, é chamado de *koronia-go* (língua da colônia) e caracterizado como “um japonês antigo misturado com língua brasileira”, segundo apontam Bolognini e Payer (2005, p. 45). Estima-se que, até a Segunda Guerra Mundial, 190 mil migrantes japoneses tenham chegado ao Brasil.

Certamente, todos os povos e línguas que, de alguma forma, estiveram presentes no território nacional, contribuíram para a formação das variedades de língua portuguesa que hoje são faladas no Brasil, as quais, como já mencionado, diferem das variedades europeias e africanas.

Em consideração a essa rica e intrincada rede de relações que se formou durante todos esses anos de contato entre diferentes sociedades e línguas, uma ampla discussão foi suscitada e, com base na observação de características e de fenômenos linguísticos evidenciados tanto no português europeu quanto no português brasileiro, foram propostas teses a respeito da origem e formação do português brasileiro. É do que passamos a tratar a seguir.

1.3. As teses a respeito da origem do português brasileiro

Há muito se discute a origem do português brasileiro. Coelho, em 1880, já afirmara que “diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil”.

Silva Neto, em 1950, afirma que as características do português brasileiro advêm de uma aprendizagem “tosca” da língua portuguesa, por parte dos negros e dos índios, devido a sua precária condição social.

Naro e Scherre (2007), entretanto, questionam a atribuição da influência das línguas africanas e de outras línguas no português brasileiro, por meio da comprovação histórica de que inúmeras características atribuídas somente à variedade brasileira já estavam presentes no português europeu.

Para Baxter e Luchesi (1997) e Galves (2008), é possível ainda considerar outra hipótese a respeito da origem do português brasileiro, a da transmissão irregular do português europeu, como segunda língua, aos povos trazidos da África e aos índios.

A figura 8, a seguir, apresenta as teses sobre a origem e formação do português brasileiro e seus principais defensores. Na sequência, procedemos a um detalhamento de cada uma delas.

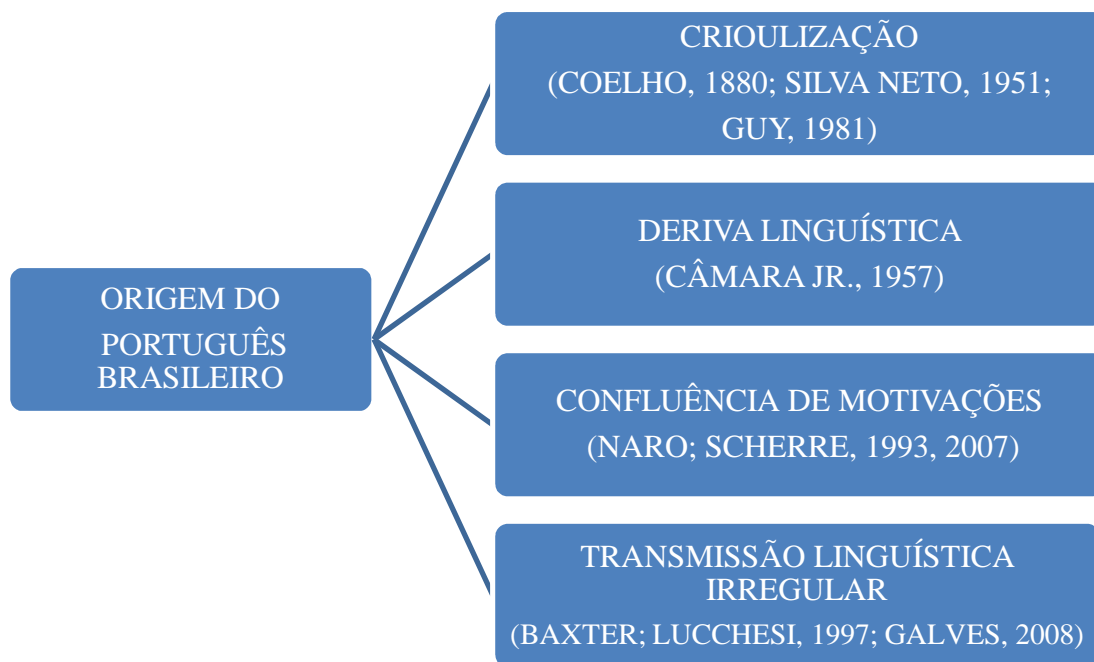


Figura 8: As polarizações a respeito da origem do português brasileiro

Entende-se o *crioulo* como uma língua originada por uma situação de contato entre dois povos com línguas diferentes, que, inicialmente, estabelecem como forma de comunicação o *pidgin*, estágio anterior do *crioulo*. O *pidgin* (alteração fonética da palavra inglesa *business* (CASTILHO, 2009)) surge da necessidade de contato entre povos por interesses comerciais em situações de urgência, tendo uma estrutura rudimentar. A reiteração do contato comercial entre os povos que usam o *pidgin* como segunda língua pode ocasionar um segundo estágio, com o aumento da complexidade dessa língua e com o surgimento de falantes nativos, que ocasionam a elevação dessa língua, agora nativa, ao *status* de *crioulo*. Assim, o *crioulo* se diferencia do *pidgin*, principalmente, por possuir falantes que o adquirem como primeira língua ou língua materna (PEREIRA, 1992).

De acordo com a tese da crioulização, o português brasileiro teria surgido do contato do português europeu, sobretudo, com línguas africanas no Brasil, devido à

intensa presença de escravos negros no país a partir do século XVI (conforme já apontado).

Segundo Silva Neto (1977), as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu começaram a se acentuar a partir do séc. XVII, provavelmente, influenciadas pelo grande fluxo de escravos advindos da África nesse período.

Guy (1981), consoante Silva Neto, defende a base crioula do português brasileiro, afirmando que a língua tem uma base africana. Além de exibir evidências linguísticas, o autor lança mão de elementos históricos para a defesa da tese da criouliização do português brasileiro.

Para Guy (2005, p. 24-26), marcas típicas de aquisição de uma segunda língua, como regularização da flexão, predominância de morfemas-raízes e redução da complexidade derivacional, presentes no português brasileiro, podem explicar a origem crioula. Mudanças espontâneas, como a perda do –s e a desnasalização de vogais e ditongos finais, não são atribuídas à influência de uma base crioula. Essas mudanças são comuns à história do português e à de outras línguas românicas.

Guy (2005, p. 34) afirma, ainda, que os traços morfológicos e sintáticos, como a concordância nominal e verbal variáveis do português brasileiro, fornecem evidências indiretas para a confirmação da tese da criouliização, por, aparentemente, não possuírem precedentes na história do português e de outras línguas românicas.¹⁹ Num primeiro momento, teria havido a perda da concordância e, em momento posterior, recuperou-se a regra de concordância, sob certas circunstâncias. Além disso, os fenômenos de concordância nominal e verbal variáveis presentes no português brasileiro são

¹⁹ No capítulo de fundamentação teórica desta tese, apresentamos fenômeno de variação na concordância verbal, semelhante ao que ocorre no português brasileiro, em dialeto italiano da região de Bérgamo. Ressaltamos, ainda, para a concordância verbal do francês, o trabalho de Blanche-Benveniste (1999), que comprovou, em pesquisa diacrônica, a perda da marcação de plural na língua falada, a partir do século XVI.

encontrados também nas línguas africanas *Bantu*, *Ioruba* e *Ibo*, as quais apresentam a marcação de plural por meio de prefixos ou clíticos, localizados no início da expressão.

O autor afirma que a recuperação dos traços do português europeu ou descrioulização deve-se à maciça europeização do país, ocorrida a partir do século XIX, o que vem ocorrendo também nos últimos anos em alguns países africanos. O português popular brasileiro, principalmente em suas vertentes rurais mais isoladas, seria um exemplo do vestígio da fase mais criouliada do português brasileiro.

Tarallo (1993), ao contestar a tese da criouliização e descrioulização defendida por Guy, destaca que uma possível descrioulização deveria levar o português brasileiro a assemelhar-se novamente ao português europeu, o que decididamente não ocorreu.

Contrária à tese da criouliização do português brasileiro, a tese da deriva, proposta pela primeira vez por Câmara Jr. (1975), busca a explicação para as características evidenciadas no português brasileiro em tendências que já se apresentavam no português arcaico europeu. Para os linguistas que defendem a tese da deriva linguística, as línguas naturais estão em constante mudança e obedecem a linhas de força desenhadas por sua própria estrutura (derivadas).

os escravos negros adaptaram-se ao português sob a forma de um falar crioulo. (...) É claro, entretanto, que não se dariam mudanças fonológicas e gramaticais profundas sem correspondência com as próprias tendências estruturais da língua portuguesa. (CÂMARA JR., 1975, p. 75-77).

Naro e Scherre (2007, p. 17) observam que algumas características morfossintáticas e fonológicas do português brasileiro, que hoje são cercadas de preconceito por parte da sociedade, advêm do português arcaico e não de alterações influenciadas pelas línguas africanas, que vieram para o Brasil, ou das línguas dos

povos indígenas, que já se encontravam em território brasileiro em período anterior à colonização portuguesa. Ainda segundo os autores, essas características também não são resultado de processos de simplificação ou outras modificações espontâneas causadas pelo contato durante o processo de transmissão não tradicional da língua.

Porém, uma questão se coloca: por que o português brasileiro apresenta hoje explicitamente características que já se anunciavam no português arcaico e o mesmo não ocorreu com o português europeu?

Assim se posicionam os autores a respeito da questão:

O impulso motor do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal. Se as sementes trazidas de lá germinaram mais rápido e cresceram mais fortes, é que as condições, aqui, mostraram-se mais propícias devido a uma CONFLUÊNCIA DE MOTIVOS. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 48, destaque no original)

Naro (1981a) afirma que se podem encontrar dois caminhos diferentes para a mudança sintática: o primeiro é o de que a inovação parte dos contextos menos salientes e perceptíveis, e se espalha para os contextos mais salientes. Nesse caso, haveria uma mudança natural. O segundo caminho possível, contrário ao primeiro, seria o da mudança partindo dos contextos mais salientes e atingindo os menos salientes. A mudança ocorreria de forma “consciente” e por “imitação”. Considerando a mudança sob essa perspectiva, a saliência seria responsável pela difusão da mudança.

Embora, atualmente, vários linguistas portugueses insistam em contestar a variação na concordância verbal para o português europeu, e ainda que não se tenha plena dimensão da amplitude de ocorrência dessa variação, pode-se considerar que o fenômeno é suficientemente notável, a ponto de pesquisadores da dialetologia portuguesa, desde o início da década de 1950, apontarem como “frequente” o uso da

variável não-padrão (SILVA PEREIRA, 1951; MIRA, 1954; MOURA, 1960; COELHO, 1967; BAPTISTA, 1967; PEIXOTO, 1968; CRUZ, 1991; ALVES, 1993; *apud* NARO; SCHERRE, 2007). São exemplos dessas observações:

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, Bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros) (MIRA, 1954: 117, 149-150, *apud* NARO; SCHERRE, 2007, p. 108-109).

III – VERBOS

“2 – **Casos gerais** (...)”

b) – as formas verbais de terceira pessoa do plural (sobretudo dos verbos da 3ª conjugação) terminadas em vogal nasal “e” desnasalizam-se:

eles oube (m) (...)

eles sacode (m) (...)” (MIRA, 1954: 117, *apud* NARO; SCHERRE, 2007, p. 108-109)

III – CONCORDÂNCIA

“**São frequentes** na LP (língua popular), as faltas de concordância, consideradas erros do ponto de vista gramatical (...)”

“os nossos agasalhos **é** estes” (...)

“só tem as raízes **enterrado** na carne” (...) (MIRA, 1954: 149-150, *apud* NARO; SCHERRE, 2007, p 109, grifos originais).

Mussa (1991) aponta grandes semelhanças entre o português falado na África no século XVII e o português falado pelos índios na América na mesma época. Porém, uma influência direta dos africanos sobre os índios seria impossível, pois o contato entre esses povos ainda não havia ocorrido de forma mais ampla. Naro e Scherre (2007) defendem ter havido uma transferência direta do *pidgin* da Europa, usado pelos portugueses no contato com outros povos, para o Brasil.

A variação na concordância verbal por perda da nasalização (*comem* por *come*) é considerada como característica do português brasileiro, a exemplo da desnasalização de formas não-verbais como em *garage(m)*, *bagage(m)*, *home(m)*. Outros fenômenos de variação na concordância verbal, porém de ordem morfológica, ocorrem no português

brasileiro, como a substituição de uma desinência *-eram* (como em *comeram*) por outra *-eu* (como em *comeu*). Considerando evidências empíricas (NARO, 1981a) que sugerem que a fase morfológica é desenvolvimento tardio e consequência da redução fonológica e, considerando que o fenômeno da redução fonológica ocorre, segundo Leite de Vasconcelos (1987) (*apud* NARO; SCHERRE, 2007), também na fala popular de Portugal, tem-se que a origem da redução na concordância é europeia. Essa constatação é reforçada por Grandgent (1962) e Sturjevant (1940) (*apud* NARO; SCHERRE, 2007), que afirmam que a omissão da nasal final é frequente nos textos medievais e em inscrições pré-clássicas portuguesas.

A perda da concordância no português popular brasileiro seria, assim, um caso de mudança natural, tendo surgido em formas do tipo *come – comem*, irradiando-se para casos como *é – são*.

Baxter e Lucchesi (1997) retomam a hipótese da crioulização sob uma perspectiva que considera que as línguas africanas influenciaram a estrutura atual do português brasileiro. Há também uma nova definição de *crioulo*, embasada na consideração de que a aquisição de uma primeira língua teve como base um modelo defectivo de segunda língua. Assim, os autores definem o crioulo:

um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição / criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável. (BAXTER; LUCCHESI, 1999, p. 70)

Galves (2008) aponta grandes semelhanças morfosintáticas do português africano em relação ao português brasileiro, que, na visão da autora, não apontam para uma deriva natural do português, mas sim para uma influência das línguas africanas tanto no português africano quanto no português brasileiro. Abaixo, apresentamos algumas das semelhanças apontadas pela autora:

- concordância nominal e verbal em número variável;
- confusão nas formas de 2ª e 3ª pessoas (seu/teu, te/você);
- uso do pronome tônico em posição objeto;
- colocação pré-verbal dos pronomes clíticos, inclusive em primeira posição absoluta;
- uso da preposição ‘em’ em lugar de ‘a’ para o lugar para onde se vai;
- mudança de regência de certos verbos (em particular, perda das preposições);
- uso de ‘dele’ em lugar de ‘seu’;
- posição pós-nominal do possessivo (sem efeito de focalização);
- ausência de concordância de gênero;
- forma invariável do verbo, inclusive na primeira pessoa;
- ausência de artigo definido;
- construções de duplo objeto (como em “ela deu o irmão o retrato” em lugar de “ela deu o retrato ao irmão”; “perguntei o Pedro”, em lugar de “perguntei ao Pedro”);
- ausência da conjunção ‘que’ nas orações subordinadas.

(GALVES, 2008, p. 150-151)

A situação linguística evidenciada em alguns países africanos atualmente, segundo a autora, pode se assemelhar à situação da língua portuguesa no Brasil há alguns séculos. Segundo apontamentos de Gonçalves (2004), em Moçambique, apenas 3% da população tem o português como língua materna e 40%, como segunda língua. Em Angola, segundo Inverno (2005), 20% da população fala o português como língua materna. Dessa forma, nesses países, instala-se uma situação de bilinguismo, na qual a língua portuguesa é considerada segunda língua para a maioria dos falantes.

A questão que se coloca é se os fenômenos do português africano e do português brasileiro listados acima são resultados da interferência das línguas africanas maternas dos falantes no processo de aquisição. Se a resposta for positiva para os falantes moçambicanos e angolanos, teremos razões fortes para propor que o seja também para os falantes brasileiros. (GALVES, 2008, p. 155)

Gonçalves (2004) e Gonçalves e Chimbutane (2004) (*apud* GALVES, 2008), baseados no modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria da Gramática Gerativa, propõem uma explicação para a interferência das línguas africanas na aquisição do português como segunda língua. Para os autores, há uma ambiguidade dos dados da segunda língua em função da língua materna.

Certas estruturas geradas pela gramática de uma dada língua podem ser ambíguas apenas para os aprendentes dessa língua como L2, devido à influência do conhecimento que já têm da gramática da sua L1, i.e, a ambiguidade da L2 resulta da possibilidade de as evidências geradas pela sua gramática poderem ser analisadas na base de propriedades gramaticais das L1s dos aprendentes. (GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2004 *apud* GALVES, 2008, p. 149)

É o que acontece, segundo os autores, na aprendizagem da expressão do locativo em português, em relação à qual as línguas *bantu* diferem em dois aspectos: primeiro, elas têm um sufixo locativo que, apesar de poder ser traduzido pela preposição ‘em’, não é uma preposição, o que faz com que a presença dessa partícula não impeça que o nome a que está afixada continue desempenhando funções típicas de sintagmas nominais, como sujeito. A segunda diferença é que as línguas *bantu* são distintas do português “no que se refere à codificação de percurso-direção: nas línguas *bantu* os verbos incorporam esse elemento semântico, ao contrário do que acontece no português europeu, no qual é expresso através de preposições direcionais” (GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2004 *apud* GALVES, 2008, p. 149).

Ao aprender o português, a preposição *em* é reanalisada pelos falantes de línguas *bantu* como marca de locativo, e os verbos são interpretados como tendo direcionalidade inerente. Segundo os autores, isso explica enunciados como os seguintes, encontrados em textos de jovens moçambicanos falantes de português como segunda língua:

- em casa dele é aqui em frente (= a casa dele é ..)
- conheci em casa dele (= ... a casa dele)
- voltou em casa (= para a casa)
- vinham carros lá na escola (= lá à escola)
- está a sair no estúdio (= ... do estúdio)
- eu saíu lá no Xiquelene (= ...(de) lá do Xiquelene)

Para Galves (2008), os exemplos não exibem uma aprendizagem “errônea” das preposições em português, mas uma substituição categórica de *de*, *a* e *para* por *em*, isto é, um processo de simplificação, que aponta para uma interferência da língua materna africana no processo de aprendizagem. Os fenômenos, aparentemente, “desconectados”, são, na verdade, consequência da interferência da gramática das línguas *bantu*.

A proposta de Gonçalves (2004) permite a união de duas ideias que, a princípio, apresentavam-se como contraditórias: a da transmissão imperfeita, com o processo de simplificação, e a da interferência da primeira língua no processo de aprendizagem. Segundo a autora, quando a primeira língua fixa um valor não marcado para um parâmetro, e a segunda língua fixa um valor marcado, a falta de dados de “input” faz com que o falante fixe o valor não marcado da sua primeira língua, levando ao que se parece com uma simplificação.

Ao retornarmos ao português brasileiro, é possível observar que boa parte dos fenômenos presentes nele está presente no português africano também. Se for possível provar que os fenômenos daqui também estão presentes nas línguas africanas, é possível

afirmar que também são consequência de uma aprendizagem irregular, como lá (GALVES, 2008).

Alguns exemplos são encontrados nos trabalhos de Scher (2000) e Baxter; Lucchesi (1997, 1999) sobre variedades do português brasileiro faladas, respectivamente, na Zona da Mata e em Helvécia.²⁰

Alkmim (2002), ao pesquisar charges com sátiras a negros e escravos em jornais do século XIX, observou alguns traços linguísticos semelhantes aos traços citados como característicos do português africano, para africanos que possuem o português como segunda língua. Esses traços são exibidos a seguir:

- concordância de gêneros incorreta
 - flexão verbal de número e pessoa incorreta
 - ausência de artigo
 - quantificador ‘tudo’ em lugar de ‘todo’ e ‘todas’
 - ausência da marca redundante de número
 - ausência de concordância sujeito-verbo
 - presente do indicativo em lugar do presente do subjuntivo
- (ALKMIM, 2002, p. 390 *apud* GALVES, 2008, p. 155)

Diante das evidências apresentadas, Galves conclui sua argumentação advogando em favor da tese da Transmissão Irregular e contrária tanto à tese da Crioulização como à tese da Deriva Linguística, conforme reproduzimos a seguir:

A convergência dos fenômenos encontrados nesse conjunto de textos com os que caracterizam o português africano moderno reforça a hipótese de que essas são devidas a uma transmissão irregular em contextos de aquisição de segunda língua, bem distinta de um processo de crioulização.

²⁰ A respeito da diferença entre o português africano e o português brasileiro, Petter (no prelo) acredita em um *Continuum* afro-brasileiro, com o português brasileiro apresentando maior estabilidade, ocasionada por um período de variação mais antigo, que se teria resolvido em mudança.

A comparação das vertentes africanas e brasileiras do português, bem como a comparação de ambas com as línguas africanas com que estiveram em contato na sua história, vem mudar substancialmente a discussão ao trazer uma base empírica para o velho debate. Procurei mostrar que na balança empírica, esses dados são mais pesados e consistentes do que os dos defensores da deriva. (GALVES, 2008, p. 160; p. 164)

No último capítulo desta tese, de posse dos resultados para os fenômenos variáveis de alternância pronominal e de concordância verbal nas variedades do português europeu e brasileiro, retomamos a discussão a respeito das origens do português brasileiro.

1.4. As variedades do português brasileiro atual

Mattos e Silva [201?] afirma que alguns aspectos distinguem de forma geral as variedades de língua faladas em Portugal das variedades faladas no Brasil. Em relação às diferenças fonéticas, a autora aponta a oposição feita em Portugal entre a vogal central recuada e não recuada em posição acentuada, conforme vemos a seguir.

como exemplo muito evidente a oposição que fazem os portugueses entre a primeira pessoa do plural dos verbos da primeira conjugação: *trabalh/a/mos* para o presente e *trabalh/a/mos* para o pretérito perfeito ou, para dar outro exemplo sem repercussão na morfologia: sempre *p/a/ra*, quer seja verbo quer preposição, no Português Brasileiro e *p/a/ra*, verbo, opondo-se a *p/a/ra* preposição, no Europeu.

(MATTOS E SILVA, [201?], sem paginação)²¹

Ainda em relação ao sistema vocálico não acentuado, é possível notar a pronúncia perceptível das pretônicas e postônicas por parte dos brasileiros (/i e ε a ◻ o

²¹ O referido texto (O português brasileiro), de autoria de Rosa Virgínia Mattos e Silva, sem paginação e datação, encontra-se no site: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/hlpbrasil/index.html>.

u/ e, em Portugal, a centralização das não acentuadas, fazendo com que sejam quase inaudíveis para o estrangeiro (incluindo-se aí o brasileiro).

Em posição final não acentuada, no Brasil temos as vogais /i a u/, enquanto em Portugal têm-se /ə α u/.

Acrescenta Mattos e Silva [201?] que o português brasileiro e o português europeu apresentam “sistemas vocálicos, em termos descritivos e estruturais, profundamente diferentes, que trazem efeitos prosódicos diferenciadores marcantes”. No português europeu, nota-se, ainda, a chamada crase histórica, com a oposição entre vogal aberta e fechada, como em *pr/ɛ/gar* “fazer uma pregação” que se opõe a *pr/ə/gar* “usar um prego”. No Brasil, a diferença somente se evidencia, em termos regionais, entre as formas *pr/ɛ/gar* e *pr/e/gar*; *c/ɔ/rar / m/ɔ/rar* e *c/o/rar / m/o/rar*, que, apesar de variantes, apresentam mesma significação.

Ainda no nível fonético-fonológico, destaca Mattos e Silva [2010?], é possível notar, no português brasileiro, a vocalização do <-l> final em /w/, ou, em comunidades com menor escolarização ou áreas rurais, a eliminação do <-l>, como em *anim/a*. Além disso, o <-r> final, no Brasil, pode ser aspirado ou reduzido a zero, como em *canta/h/*, *cant/a/*, não obstante a forma vibrante do /r/, característica do português europeu, possa ser encontrada em algumas regiões.

As palatalizações de consoantes dentais com semivogal ou vogal anterior (/tʃ/ia, /dʒ/ia, den/tʃ/e, on/dʒ/e) podem ocorrer em algumas regiões brasileiras, mas não ocorrem em Portugal (MATTOS E SILVA, [2010?]).

Para além do nível fonético-fonológico, afirma a autora que se podem ainda observar diferenças no sistema pronominal, que no Brasil contou com a expansão das formas *você* e *a gente*, as quais se tornaram formas pronominais e contribuíram para a redução do uso do *tu* e do *vós* e que proporcionaram a generalização da terceira pessoa

verbal e a redução do paradigma verbal para quatro, três ou duas posições (esta última, estigmatizada e vigente entre os menos escolarizados).²² Ainda em relação ao uso do *tu*, é mais comum, no Brasil, o emprego de verbos flexionados em terceira pessoa (*tu faz*), do que o uso da forma padrão, verbos em segunda pessoa do singular (*tu fazes*).

Ressalta-se ainda, como característica do português brasileiro, de forma geral, a eliminação gradativa dos pronomes complementos clíticos, principalmente os de terceira pessoa (o, a, os, as), predominando, em lugar, a reiteração do próprio sintagma nominal pleno, o pronome sujeito correspondente ou, simplesmente, a ausência de complemento. O pronome *lhe* (objeto indireto) é utilizado com a forma pronominal *você* e pode variar com o pronome *te* (MATTOS E SILVA, [201?]).

Os clíticos ocorrem e são aceitos normalmente no início da sentença, ao contrário do português europeu, como em “Me passe o sal, por favor” (MATTOS E SILVA, [201?]).

As diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, de forma alguma, restringem-se às aqui apresentadas, contudo, optamos pelo elenco apenas das características, listadas por MATTOS E SILVA [201?], que se encontram mais difundidas e notáveis em todo o território nacional e que se apresentassem como marcantes na caracterização das variedades brasileiras em oposição às variedades europeias.

Não obstante o cenário nacional esteja repleto de trabalhos linguísticos e sociolinguísticos que se dediquem a descrever o português brasileiro, no estado de São Paulo, poucos são os trabalhos que se propõem a apresentar as características da língua portuguesa falada no interior e na capital.

²² A discussão sobre formas pronominais e paradigma verbal do português brasileiro será retomada em momento posterior, no capítulo de fundamentação teórica.

O mais antigo trabalho de descrição do português do interior paulista de que se tem notícia é o de Amadeu Amaral, que descreveu os traços gerais do dialeto caipira, nas primeiras décadas do século XX. Em descrição minuciosa publicada no ano de 1920, o poeta, folclorista e filólogo apresentou características fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais de uma variedade de língua que se distinguia das variedades da capital paulista e da variedade carioca e que, à época, segundo menção do próprio autor, sofria grande estigma e preconceito social.

Contudo, é somente na década de 1980 que a língua falada no estado de São Paulo vai ser considerada sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, mais precisamente por Rodrigues (1987), que pesquisou a concordância verbal (CV) variável de primeira e de terceira pessoas do plural (1PP e 3PP) na fala de favelados da capital paulista.

Merecem destaque também os trabalhos de cunho etnográfico de Ada Rodrigues (1974), sobre o dialeto caipira de Piracicaba, e de Mary Careno (1997), sobre a fala das comunidades negras do Vale do Ribeira.

Somente a partir do início deste século é que as pesquisas linguísticas e sociolinguísticas sobre a fala paulista têm se avolumado no estado de São Paulo. A criação de bancos de dados individuais e de projetos coletivos tem contribuído substancialmente para que se proponha, em futuro breve, um retrato sociolinguístico da(s) comunidade(s) do interior paulista.

A seguir, apresentamos algumas das características evidenciadas em estudos realizados com a utilização do Banco de dados Iboruna, que conta com falantes da região noroeste do estado de São Paulo (GONÇALVES, 2010).

No plano fonológico, envolvendo alçamento e redução de fonemas, três trabalhos apresentam fenômenos que caracterizam a variedade do noroeste paulista.

Silveira (2008) constatou fenômeno variável de alçamento de vogais pretônicas mediais (como nos itens lexicais *m/e/nino / m/i/nino*, *c/o/lher / c/u/lher*) e observou fatores linguísticos e sociais que condicionam essa variação.

Ramos (2009) observou que a ocorrência de síncope e alçamento de vogais postônicas mediais, como se verifica em *ár./vo/.re vs. ár./vu/.re* e em *ár./vo/.re vs. ar./vre/*, respectivamente, embora possível, é pouco frequente, se comparada à frequência evidenciada em outros dialetos brasileiros.

Ainda no plano fonético-fonológico, sendo inclusive um traço apontado por Amaral ([1920] 1976), a redução da sequência [-ndo] ~ [-no], cuja regra variável, na fala do interior paulista, aplica-se somente a contextos de gerúndio e é barrada nos demais contextos, foi constatada como altamente frequente na variedade do noroeste paulista (redução com frequência superior a 70%) (FERREIRA, 2010). São exemplos: *manda[ndo]~manda[no]*, *ve[ndo]~ve[no]* (v. *ver*), *parti[ndo]~part[ino]*.

Alguns estudos sociolinguísticos realizados no plano morfossintático já comprovaram também fenômenos de variação na pluralidade em estruturas predicativas, na pluralidade do *SN* e na *CV* (concordância verbal) de 3PP (terceira pessoa do plural), na língua do interior paulista (SALOMÃO, 2010; FIAMENGHI, 2011; RUBIO, 2008, respectivamente).

Outros fenômenos variáveis de nível morfossintático, como a alternância entre futuro sintético e futuro analítico (FONSECA, 2010), o uso das formas de expressão de aspecto cursivo (FERNANDES, 2010), a redução de cópula em orações matrizes predicativas (FORTILLI, 2009), o uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente* e a *CV* (concordância verbal) na 1PP (primeira pessoa do discurso no plural) (GONÇALVES; RUBIO, 2010, 2011; RUBIO; GONÇALVES, 2010), também já foram

observados e vêm sendo descritos com base em amostras de falantes do noroeste do estado de São Paulo (Banco de Dados Iboruna).

O objetivo final das pesquisas realizadas com base no Banco de dados Iboruna, para o qual este trabalho também pretende contribuir, é a elaboração de um panorama mais amplo das principais características da língua falada na região noroeste do estado de São Paulo, que, por sua vez, servirá, substancialmente, como subsídio para um trabalho de caracterização das variedades do português paulista e brasileiro.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sumário

- 2.1. Pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista
 - 2.1.1. A teoria da variação linguística: premissas básicas
 - 2.1.2. A teoria da mudança
 - 2.1.2.1. Princípios empíricos para a teoria da mudança linguística
 - 2.1.2.1.1. O problema dos fatores condicionantes
 - 2.1.2.1.2. O problema da transição
 - 2.1.2.1.3. O problema do encaixamento
 - 2.1.2.1.4. O problema da avaliação
 - 2.1.2.1.5. O problema da implementação
 - 2.1.2.2. Alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística
- 2.2. A concordância verbal e o princípio da relevância: observações translinguísticas
- 2.3. Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e europeu
 - 2.3.1. Variação na concordância verbal com primeira pessoa do singular
 - 2.3.2. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do singular
 - 2.3.3. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do singular
 - 2.3.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural
 - 2.3.5. Variação na concordância verbal com segunda pessoa do plural
 - 2.3.6. Variação na concordância verbal com terceira pessoa do plural
- 2.4. Variáveis sociais relevantes para investigação de fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal

No capítulo inicial, apresentamos alguns fatores sócio-históricos que levaram à constituição das variedades linguísticas do português, alvos da presente investigação, a possuir as características evidenciadas atualmente. Neste capítulo, construímos as bases teóricas de nosso trabalho, por meio da revisão bibliográfica de trabalhos considerados clássicos e, por isso, importantes na literatura linguística contemporânea e na Sociolinguística Variacionista. Oferecemos um panorama de fenômenos variáveis relacionados à primeira e segunda pessoas do discurso e à terceira pessoa em variedades da língua portuguesa brasileira e europeia. Paralelamente, apresentamos os subsídios teóricos que servem de amparo aos fenômenos investigados com mais profundidade neste trabalho, quais sejam: a concordância verbal de primeira e terceira pessoas e a alternância pronominal *nós* e *a gente*. Esses subsídios, além de auxiliarem na construção do conjunto de contextos linguísticos e sociais que devem ser considerados numa abordagem variacionista, dão suporte para a proposição de um quadro comparativo desses fenômenos para as variedades do português brasileiro, mas não, de igual maneira, para o português europeu, devido ao baixo número de estudos sociolinguísticos em Portugal.

2.1. Pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista

2.1.1. A teoria da variação linguística: premissas básicas

William Labov, em 1963, dá início a um modelo de pesquisa que concebe a língua em constante relação com a sociedade, influenciando-a e por ela sendo influenciada. Nesse instante, inicia-se uma nova vertente dos estudos linguísticos, que tem como foco de atenção os traços variáveis da língua, instanciados por um conjunto de fatores linguísticos e sociais. Os sociolinguistas privilegiam a linguagem inserida no contexto social, cuja *performance* depende de um falante/ouvinte real. A heterogeneidade linguística é característica inerente do indivíduo, que se manifesta também na comunidade de fala da qual ele faz parte. A tarefa da Sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social e, até mesmo, demonstrar uma relação casual em uma ou outra direção (FISHER, 1958).

A língua é concebida como um *continuum* heterogêneo, que sofre a ação constante de fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variante linguística. Por exemplo, na alternância de formas encontradas na concordância verbal (CV), os fatores extralinguísticos e linguísticos podem favorecer ou desfavorecer a pluralização explícita dos verbos.

Para Labov (1972), a variação não deve ser tratada apenas como um acidente, mas sim como uma característica das línguas naturais. A variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir um mesmo conteúdo informativo. O conjunto desses usos constitui, por sua vez, a *variável linguística*. Cada uma dessas formas alternantes que expressa o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto é denominada *variante linguística*. Por exemplo, para o fenômeno da CV, duas variantes,

ausência de marcas de plural nos verbos *vs.* presença de marcas de plural nos verbos, constituem a variável linguística. Para o fenômeno variável de alternância pronominal (AP), as variantes são o uso do pronome *nós* ou de formas verbais associadas a ele e o uso do pronome *a gente* ou de formas verbais a ele associadas.

Há uma relação de concorrência entre as variantes em uma comunidade de fala. Conferem-se valores sociais diferentes a cada variante e, assim, essas variantes normalmente são ou não selecionadas, ainda que inconscientemente, pelos falantes da comunidade de fala, considerando-se, por vezes, as consequências sociais que decorrerão do uso de cada uma delas.

Uma variante pode ser considerada *de prestígio*, se estiver associada a falantes ou grupos sociais de *status* considerado superior. Tal consideração pode ocasionar a reprodução dessa variante, inclusive por outros grupos sociais, com o intuito de se evitar o preconceito linguístico.

Por outro lado, considera-se *estigmatizada* a variante utilizada por falantes desprestigiados socialmente na comunidade, seja por pertencerem a estratos econômicos ou culturais menos prestigiados, seja por possuírem baixo nível de escolaridade, ou ainda por razões étnicas e de espaço geográfico. Na verdade, o estigma se faz pela oposição da variante estigmatizada à forma considerada prestigiada na comunidade. Em qualquer caso, o critério de definição não tem relação direta com padrões linguísticos; é pautado pela avaliação social atribuída ao usuário da língua. Como consequência dos valores sociais que entram em questão, qualquer fuga dos padrões de prestígio será alvo de preconceito linguístico por parte dos falantes da comunidade de fala, também outra forma de preconceito social, ainda pouco reconhecido. A esse respeito, Gnerre (1987, p. 4) afirma que:

Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos” quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos “externos” pelo prestígio das línguas no plano internacional.

Aos moldes da relação entre *variante de prestígio* e *variante estigmatizada*, há a oposição entre a *variante inovadora* e a *variante conservadora*. A forma mais antiga, em um processo de variação e possível mudança, geralmente empregada por falantes mais idosos, é considerada *conservadora*, ao passo que a forma mais recente e passível de implementação, mais provável de ser encontrada na fala da geração mais nova, é considerada *inovadora*.

Em meio a essas postulações tem-se, ainda, a variante *padrão*, normalmente, eleita como a *variante de prestígio* dentro de uma comunidade de fala, por ser a variante prescrita pelos manuais e gramáticas normativas. Do outro lado do embate entre as formas variantes, em oposição à variante *padrão*, encontram-se as variantes *não-padrão*, também identificadas como *variantes populares*, que refletem tipicamente a fala das classes que não possuem prestígio social dentro da comunidade de fala.

Embora se costume considerar como sinônimas, de um lado, variantes de *prestígio*, *conservadora*, *padrão*, e *culta*, e, de outro, variantes *estigmatizada*, *inovadora*, *não-padrão* e *popular*, é preciso se ter claro que esses conceitos nem sempre se sobrepõem.

A implementação de uma variante inovadora dependerá de diversos fatores internos ou externos ao sistema linguístico; dentre os externos, pode-se citar o prestígio que esta adquirirá na comunidade. A manutenção de uma forma conservadora, por outro lado, também dependerá, dentre outros fatores, de seu prestígio na comunidade. A

associação da variante de *prestígio* à variante *padrão* nem sempre é observada, visto, em certas circunstâncias, ocorrer a implementação na comunidade de fala de formas inovadoras que não pertencem ao padrão, mas que não são desprestigiadas na comunidade de fala, dado o nível de consciência da comunidade acerca de uma avaliação positiva ou negativa da forma alternante.

Em relação à CV e à AP, por exemplo, fatores de ordem social, poderão influenciar as escolhas linguísticas dos falantes, em razão das “pressões” sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento linguístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Fatores sociais como *gênero, escolaridade, profissão, classe social, religião, origem geográfica e contexto de fala* são importantes na caracterização do comportamento linguístico dos indivíduos.

Segundo Naro (2003), mesmo que as organizações sociais de cada comunidade linguística possuam certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Para o fenômeno variável da CV, Rodrigues (1987) afirma que, especificamente, para a primeira pessoa do plural (1PP), a ausência de marcas de plural nos verbos é considerada *estereótipo* presente na fala de indivíduos do interior do estado ou mesmo da zona rural, fato constatado posteriormente por Rubio (2007), que, em estudo

preliminar sobre a variedade falada no interior paulista, confirmou que há a atribuição de estigma social no apagamento das marcas de plural nos verbos e que o preconceito pode atuar em níveis diferentes para a 1PP e terceira pessoa do plural (3PP).

Embora não tenhamos realizado o controle do grau de preconceito para os fenômenos de variação na CV nas comunidades pesquisadas, é possível observar que o apagamento de marcas de plural é bastante estigmatizado pela sociedade, principalmente, pelos falantes da chamada modalidade culta.

Recentemente, um livro didático multidisciplinar distribuído pelo Ministério da Educação foi alvo de inúmeras críticas por trazer em suas páginas, além da prescrição normativa de concordância verbal e nominal, uma abordagem de cunho sociolinguístico que reconhecia como recorrente o fenômeno da variação na concordância nominal e verbal no português brasileiro popular. O livro didático multidisciplinar do segundo segmento do ensino fundamental, da coleção “Viver, Aprender”, intitulado “Por uma vida melhor”, distribuído gratuitamente pelo Ministério da Educação (MEC) às turmas de educação de jovens e adultos (EJA) de todo o Brasil foi alvo de pesadas críticas, principalmente, por parte da mídia e de alguns renomados jornalistas, devido à menção, no capítulo intitulado “Escrever é diferente de falar”, de registros de fenômenos comuns à língua falada, principalmente variedades do português popular brasileiro, como o apagamento de marcas de concordância nominal e verbal. Apresentamos, a seguir, transcrição das páginas 15 e 16, de onde foram extraídos trechos que figuraram como alvos principais da polêmica:

Alguns insetos provocam doenças, às vezes, fatais à população ribeirinha.

insetos (masculino, plural) < alguns (masculino, plural)
doenças (feminino, plural) < fatais (feminino, plural)
população (feminino, singular) < ribeirinha (feminino, singular)

As palavras centrais (insetos, doenças, população) são acompanhadas por outras que esclarecem algo sobre elas. As palavras acompanhantes são escritas no mesmo gênero (masculino/feminino) e no mesmo número (singular/plural) que as palavras centrais.

Essa relação ocorre na norma culta. Muitas vezes, na norma popular, a concordância acontece de maneira diferente. Veja:

Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) > os (masculino, plural)
 ilustrado (masculino, singular)
 interessante (masculino, singular)
 emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra os (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro’?”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe.

menino > singular
 pegou > singular

Os meninos pegaram o peixe.

meninos > plural
 pegaram > plural

O menino pegou o peixe.

menino > 3.ª pessoa
 pegou > 3.ª pessoa

Eu peguei o peixe.

eu > 1.ª pessoa
 peguei > 1.ª pessoa

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.^a/2.^a/3.^a) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós > 1.^a pessoa, plural

pega > 3.^a pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino > 3.^a pessoa, ideia de plural (por causa do “os”)

pega > 3.^a pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

(AGUIAR et al., 2011, p. 15-16, destaques no original)

Como vemos acima, os autores do livro didático tratam o tema (concordância verbal e nominal) de forma plenamente adequada, propondo, inclusive, reflexão a respeito das regras normativas e das regras empregadas pelos falantes da variedade popular. Ademais, há uma rica discussão (para um livro didático do ensino fundamental) em torno da adequação linguística do falante às diferentes situações de fala, que, além de permitir reflexão a respeito do *status* das variedades linguísticas, tem também como meta a diminuição do preconceito linguístico, que, como qualquer outra forma de preconceito, deve ser combatido em quaisquer momentos que se demonstrem oportunos, como os são as aulas de língua portuguesa e de outras disciplinas curriculares.

O centro de toda a polêmica é também um dos pontos de destaque de nossa tese, o apagamento variável das marcas de CV de 1PP e de 3PP, o que nos deixa, ao mesmo tempo, lisonjados com a atenção dada ao tema por parte da sociedade, e também

decepcionados com tamanha intolerância, negação e preconceito em relação a fenômenos tão comuns ao português brasileiro, conforme veremos mais adiante.

O propósito é apresentar algumas opiniões de falantes de variedades do português brasileiro a respeito do conteúdo veiculado no livro didático, qual seja, a variação na CV e nominal, que nos fornecerão subsídios para a determinação do preconceito empreendido contra o fenômeno de variação na CV de 1PP e 3PP e, por conseguinte, contra as pessoas que apresentam com maior frequência a variante estigmatizada (ausência de marcas de concordância nos verbos) em sua fala.²³

Diante disso, atemo-nos às discussões empreendidas pelos não especialistas da língua portuguesa, os jornalistas, os articulistas, os políticos e os demais usuários da língua, a fim de detectar a visão desses indivíduos a respeito do fenômeno variável abarcado no livro didático.

A seguir, apresentamos algumas reportagens e também opiniões de leitores, veiculadas em sites de jornais, revistas e *blogs* (coletamos aproximadamente, 1,2 mil comentários de leitores a respeito da polêmica, alguns deles com conteúdo bastante ofensivo dirigido ao MEC, às autoridades educacionais, aos autores do material didático e ao ex-presidente Lula).

Livro didático do MEC tem erro de português

12 de maio de 2011 | **Estadão** - Categoria: Educação

“Nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe”. Os erros gramaticais são apenas alguns encontrados no livro de língua portuguesa Por uma Vida Melhor, da Coleção Viver, Aprender –

²³ Como veremos na análise de nosso *corpus* do português brasileiro e como já fora fartamente documentado em outros estudos, o fenômeno de variação na CV de 1PP e de 3PP (principalmente este último) é, comprovadamente, característico de inúmeras variedades do português brasileiro (arriscamos a dizer, de todas), estendendo-se, com menor ou maior frequência, até mesmo aos estratos sociais de maior escolarização (falantes da variedade culta). Essa comprovação científica, por si só, justifica plenamente o tratamento do fenômeno por parte dos autores do livro didático e torna, por consequência, qualquer visão preconceituosa, mesmo dos falantes da variedade culta, totalmente equivocada.

adotado pelo Ministério da Educação (MEC) e distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA) a 484.195 alunos de 4.236 escolas.

Publicado pela Editora Global, **o livro apresenta frases erradas e explicações para cada uma delas**, como forma de ensinar a maneira correta de falar e escrever. “Você pode estar se perguntando: ‘Mas eu posso falar ‘os livro’?’ Claro que pode.

Fonte: <<http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/livro-didatico-do-mec-defende-erros-de-portugues/>> Acesso em: 14 nov. 2011

Processo contra livro do MEC com erros de concordância é arquivado - Polêmica sobre 'nós pega o peixe' levou ministro a prestar esclarecimentos.

O Globo

O Ministério Público Federal (MPF) da Procuradoria da República do Distrito Federal arquivou o inquérito civil instalado contra o Ministério da Educação por causa do livro "Por uma Vida Melhor", que **contém erros de concordância**. Na obra, os autores afirmam que **o uso da língua popular - ainda que com seus erros gramaticais - é válido, permitindo frases como "nós pega o peixe" ou "os menino pega o peixe"**.

No documento publicado no último dia 22, que determinou o arquivamento do processo, **o procurador Peterson de Paula Pereira afirma: "Transmitiu-se a ideia de que o indigitado livro pudesse ensinar a língua portuguesa de modo errado aos estudantes, quando, na verdade, o Ministério da Educação propôs à sociedade a introdução e reflexão acerca da linguística**, que, conforme ensina o dicionário Houaiss da língua portuguesa, consiste em ciência que tem por objeto a análise da linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e até mesmo psicológico; e a análise da origem, do desenvolvimento e da evolução das línguas".

A Academia Brasileira de Letras (ABL) discorda do teor da obra. Em nota, a ABL afirmou que “todas as feições sociais do nosso idioma constituem objeto de disciplinas científicas, mas bem diferente é a tarefa do professor de língua portuguesa, que espera encontrar no livro didático o respaldo dos usos da língua padrão que ministra a seus discípulos, variedade que eles deverão conhecer e praticar no exercício da efetiva ascensão social que a escola lhes proporciona.”

Os autores da Coleção Viver, Aprender da Editora Global, afirmaram em nota publicada no site da editora que o capítulo "Escrever é diferente de falar", chama a atenção para algumas características da linguagem escrita e para a norma culta, também conhecida como norma de prestígio. "Pretende defender que cabe à escola ensinar as convenções ortográficas e as

características da variedade linguística de prestígio justamente porque isso é valorizado no mundo do trabalho, da produção científica e da produção cultural. E ainda que o domínio da norma de prestígio não se dá de um dia para o outro, mas de modo gradual, constante e pela intensa prática e reflexão sobre seus usos."

Fonte: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/07/processo-contralivro-do-mec-com-erros-de-concordancia-e-arquivado.html>> Acesso em: 14 nov. 2011.

Livro didático faz a apologia do erro: exponho a essência da picaretagem teórica e da malvadeza dessa gente

Por Reinaldo Azevedo – **Veja** - blogs

Escrevi, posts abaixo, um primeiro texto sobre um livro de língua portuguesa chamado “Por Uma Vida Melhor”, que **faz a apologia do erro**, embora uma das autoras tente negar o óbvio. Demonstrarei a **fraude intelectual e técnica em que se sustenta a tese** daqui a pouco. Começo este texto pelo óbvio: o nome é péssimo. “Por Uma Vida Melhor” pode ser título de livro de medicina, de religião e de auto-ajuda, mas não de língua.

Terá certamente uma vida melhor o aluno que dominar o instrumental da norma culta da língua, contra o qual o livro se posiciona abertamente. Assim, **esse “instrumento didático” que conta com o endosso do MEC, se algum efeito tiver, será no sentido de piorar a vida do estudante; na melhor das hipóteses, contribui para mantê-lo na ignorância.**

Leiam. Raramente vi uma vigarice intelectual em estado tão puro. O que vai acima é só uma conversa mole descrevendo por que, para usar a linguagem técnica, o “emissor” conseguiu transmitir uma “mensagem” eficiente. Ocorre que o fenômeno da comunicação e, por consequência, da cultura vai, e tem de ir, muito além da simples eficiência.

Uma coisa é explicar por que uma mensagem fora do padrão formal da língua funciona; outra, diferente, é atestar a sua validade como uma variante da língua. Não dá! Português não é inglês, por exemplo. Na nossa língua, os adjetivos têm flexão de gênero e número, e os verbos, de número.

O neoesquerdismo do miolo mole, na sua fase de apologia do pobrismo, desistiu dessa bobagem. Esses vigaristas intelectuais estão certos de que o povo desenvolveu valores que lhe são próprios, que o distinguem da chamada “cultura da elite”. E deve ser respeitado por isso. A chegada do Apedauta ao poder, com a sua compulsão de fazer a apologia da ignorância, parece dar razão prática a essa estupidez. Até parece que a complexa equação econômica em que se meteu o petismo, tendo de conservar os fundamentos do governo anterior, foi comandada por prosélitos do analfabetismo. Não foi! Ao contrário! **Quem cuidou da operação foram pessoas com sólida formação intelectual.**

Dona Heloísa, uma deslumbrada com o “povo”, não sabe quão reacionária está sendo; não tem idéia do autoritarismo que está na base de sua teoria. Não quero usar o exemplo pessoal.

Ouvido, o MEC defendeu a adoção da obra como um dos livros de referência. Alguém aí se surpreendeu? Para encerrar: tentamos saber por que a nossa escola é tão ruim. A vertente esquerdopata-sindical vai acusar a falta de recursos e os baixos salários dos professores. Não ganham bem, mas, dada a realidade brasileira, também não ganham tão pouco. Não importa! Dêem um salário milionário à categoria, e não sairemos do pântano enquanto valores como o que orientam a estupidez acima forem influentes. Um dos fatores que conduziram o ensino brasileiro ao desastre que aí está foi a substituição do conteúdo pelo proselitismo, trabalho conduzido pelas esquerdas “sindicalentas” da educação.

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>> Acesso em: 14 nov. 2011.

A propósito, Reinaldo, a sua matéria é excelente. É isso mesmo o que se depreende do que foi divulgado. Em minha opinião, **dizer ao aluno que “nós é’ não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “a gente tá indo na festa do João”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística...**

Krystal - 21/05/2011 às 16:45

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>> Acesso em: 14 nov. 2011.

Quando meu filho fala errado, sempre o corrijo e pergunto : foi isto que aprendeu na escola? logicamente ele responde que não. **Quando ele falar “ nós pega o peixe” como vou corrigi-lo ?** Em casa é uma pejeja para ensiná-los , o hábito de falar certo, e agora vem essa turma de “sabidos” desmanchando o esforço de muitos professores e pais? quando meu filho disser : **nós fez um trabalho de arte na escola, hoje. mas que arte srá essa ?** so poderá ser a arte de “errar ” para apresentá-la ao vestibular lá na frente, e representar a educação das escolasbrasileiras (porque essa infelizconcordância política , em breve vai correr o mundo)...

Livy – 23/05/2011 às 13:12

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>> Acesso em: 14 nov. 2011.

Esses erros que ela está aceitando como corretos, são fruto de falta de estudo, falta de conhecimento, falta de dinheiro e falta de entendimento. Não são uma transformação da língua e sim uma diminuição.

Se fossem transformações por excesso de cultura, por excesso de mistura, por excesso de trocas culturais seria lindo, mas não são.

Daqui a pouco vão querer diminuir o número de leis da física para facilitar o entendimento.

Ale Straub - 16/05/2011 às 0:37

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/> > Acesso em: 14 nov. 2011.

Os excertos acima são apenas exemplos do modo como o tema foi tratado nos principais meios de comunicação do país. A visão de grande parte da sociedade, incluindo nela os formadores de opinião do país, em relação aos fenômenos variáveis do português brasileiro ainda gira em torno da noção de que a variedade popular é uma deturpação da língua portuguesa prescrita pelas gramáticas normativas, deturpação que se torna mais visível (ou audível) para os fenômenos de natureza morfossintática, principalmente a CV, ponto fundamental de toda a discussão.

Não temos a intenção, neste momento, de elaborar ampla discussão com base nos excertos apresentados acima, já que nosso objetivo (que cremos ter alcançado) era demonstrar o nível de preconceito em torno da variante estigmatizada que, no fenômeno variável da CV, é a ausência de marcas de plural nos verbos. Contudo, um dos comentários nos chama a atenção, por sugerir que, dentre outras variantes não-padrão de fenômenos variáveis do português (como o emprego do pronome *a gente*, o uso da forma verbal *tá* e o emprego da preposição *em*, na oração *a gente tá indo na festa do João*), a ausência de marcas de 1PP (*nós é*) é considerada a mais absurda e “errada”.

Em minha opinião, dizer ao aluno que “nós é’ não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “a gente tá indo na festa do João”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística...

Krystal - 21/05/2011 às 16:45

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/> > Acesso em: 14 nov. 2011.

2.1.2. A teoria da mudança

A análise sociolinguística orienta-se para a busca de variações sistemáticas, inerentes tanto ao objeto de estudo quanto à comunidade de fala, ou seja, a variação não é caótica e pode ser analisada e sistematizada (TARALLO, 1991).

Na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006), é clara a concepção de língua como sistema heterogêneo e ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança linguística. Atribui-se à variação um caráter sistêmico e controlado e cabe ao pesquisador entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreendendo os padrões que a governam. A idéia da variação como caótica e aleatória e desprovida de qualquer regularidade significativa e interessante, decorre, geralmente, do desconhecimento das “regras da língua”; não as impostas pela norma gramatical, mas as que regem o uso real desse instrumento de comunicação empregado em situações concretas (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 133-134).

Conquanto o reconhecimento da mudança linguística preceda o advento da sociolinguística, é somente após o seu surgimento que se inicia a compreensão dos estágios intermediários entre o momento anterior e posterior a essa mudança e a captação de sua instalação gradativa e contínua, ou mesmo a concorrência e co-ocorrência das variantes num mesmo recorte do tempo, as quais passam a ser sistematicamente observadas.

A mudança, para Weinreich, Labov & Herzog (2006), é apenas uma fase sincrônica da variação e, assim, apenas com a ligação entre os eixos sincrônico e diacrônico é possível se compreender os processos intermediários de variação. O exame da gradualidade de mudanças em curso de implementação e a contextualização social e estrutural poderão fornecer hipóteses que expliquem os estágios intermediários (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 139).

A utilização de uma análise pautada sobre a regra variável permite ao analista extrair as regularidades e tendências dos dados e, por meio dela, determinar como a seleção de certas estruturas linguísticas é influenciada pelas configurações específicas de fatores que caracterizam o contexto em que elas ocorrem.

A compreensão dos processos de mudança não é simples, porque a instalação de uma nova variante envolve questões cruciais como: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação, questões inter-relacionadas que irão fornecer uma visão integrada da mudança (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 140).

2.1.2.1. Princípios empíricos para a teoria da mudança linguística

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121-126) organizam uma discussão na qual trazem a luz alguns problemas que deverão ser resolvidos para a realização de uma pesquisa que se proponha dentro de uma teoria de mudança. Na medida do possível, serão feitas breves discussões sobre os fenômenos variáveis abarcados nesta pesquisa, relacionando-os aos problemas propostos pela teoria da mudança linguística.

O problema dos fatores condicionantes. É necessário, para uma teoria da mudança, determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Observa-se que, nem sempre, todos os fatores linguísticos e sociais são

observados em um estudo. É necessário ao pesquisador procurar abarcar todos os condicionantes possíveis para as mudanças no sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 121).

Relativamente a esse problema, no tocante à CV e à AP, devem ser elencados tanto fatores sociais quanto linguísticos, que possam favorecer ou desfavorecer dada variante no processo de variação e mudança. Embora alguns fatores já tenham sido atestados como relevantes para dado fenômeno em trabalhos anteriores, é necessária a confirmação de sua influência para as comunidades alvos desta pesquisa. Outros fatores, ainda que não sejam comumente pesquisados, devem ser considerados com o intuito de se verificar se exercem ou não influência sobre os fenômenos. É importante ter-se em vista que as comunidades são socialmente diferenciadas e, assim, podem sofrer variações marcantes de comportamento, bem como reagir de modo diferente diante de um mesmo contexto variável. Por meio da investigação dos contextos variáveis que influenciam a CV e a AP nas variedades em questão, é possível estabelecer contrastes e confrontos entre essas variedades, objetivo principal de nossa pesquisa, e, ainda, delas com outras variedades.

O problema da transição. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122), a teoria da mudança linguística pode aprender mais com os dialetos chamados *transicionais* do que com os dialetos nucleares. Deve-se considerar todo dialeto como transicional; não há como distinguir uma mudança intradialetal e uma mistura de dialetos. Ao se considerarem subsistemas como arcaico/inovador, uma teoria de língua pode observar a mudança linguística enquanto ela ocorre, apreendendo mudanças que estavam perdidas no passado. A mudança se dá: (i) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; (ii) durante o tempo em que as duas formas coexistem na competência de um falante; e (iii) quando uma das formas se torna obsoleta. Em

verdade, cabe ao pesquisador detectar os momentos intervenientes entre dois estágios distintos da língua, para verificar em que pontos as variações estão ocorrendo.

Para a CV e para a AP, a estratificação dos informantes de acordo com suas características sociais propicia meios para a verificação de perfis que possam ser precursores das mudanças linguísticas em cada comunidade, ou mesmo se se trata apenas de uma variação estável. Ao considerarmos, por exemplo, o fator *escolaridade*, sabe-se, de antemão, que, à medida que o falante trava maior contato com o ambiente escolar, adquire também um contato maior com a variante *padrão*, que, para o fenômeno variável da CV, seria a aplicação de marcas de plural nos verbos e, para o fenômeno da AP aqui considerado, seria o uso do pronome *nós*, ou seja, no caso da atuação da variável social *grau de escolarização*, seria esperado que falantes com maiores níveis de escolaridade tenderiam a aplicar com maior frequência a pluralização nos verbos e a usarem mais frequentemente a forma pronominal *nós*, por serem essas as variantes prescritas dentro do ambiente escolar, ficando, naturalmente, a cargo de falantes com baixa ou nula escolarização o uso da variante *ausência de marcas de plural nos verbos* e da forma pronominal *a gente*. O fato de uma variante ser a eleita como forma de prestígio pela comunidade de fala e também o fato de ser a mesma variante prescrita no ambiente escolar não acarretam a consequência de que essa variante se sobreponha a outra variante, encerrando o processo de variação. Não é somente a prescrição que irá determinar a implementação de uma variante, mas também a avaliação, por parte da sociedade, dos valores sociais dessa variante.

O problema do encaixamento. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122), a mudança linguística necessariamente deve ser concebida como encaixada no sistema linguístico e na matriz social, sem que isso implique, no entanto, concebê-la como um movimento de um sistema inteiro para outro completamente diferente. Em

outras palavras, o que ocorre, num processo de mudança, é a alteração gradual de um conjunto limitado de variáveis num sistema. O controle dessa variação pode ser apreendido a partir da competência linguística dos membros da comunidade de fala. Da mesma forma, no desenvolvimento da mudança linguística, a estrutura social pode pesar de forma diferente sobre o sistema linguístico abstrato. A questão do encaixamento, portanto, lidará com o entrelaçamento das mudanças com outras que poderão afetar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social.

No fenômeno variável da CV, especificamente, a redução no paradigma da conjugação verbal acarreta alterações em outro subsistema da língua, como, por exemplo, na estrutura oracional, levando a um maior preenchimento da posição de sujeito, nos casos em que há a o emprego do verbo no singular, semelhantemente ao que ocorre em outras línguas, como veremos mais adiante. Contribui também para a redução desse paradigma verbal a implementação da forma pronominal *a gente*, que, com maior frequência se vincula às formas verbais de terceira pessoa do singular.

O encaixamento na matriz social pode ser verificado a partir do momento que a variação se estende para diferentes segmentos sociais, fazendo com que mudança gradativamente seja instaurada. Normalmente, a variação se inicia nas gerações de falantes mais jovens, as quais, gradativamente, vão sucedendo os mais idosos. Obviamente, deverá haver um conjunto de fatores favoráveis à variante inovadora para que ela se implemente na comunidade, principalmente a não recusa dessa variante por parte de determinados estratos sociais da comunidade, como os mais escolarizados.

Dentre os fenômenos investigados, a AP de IPP talvez seja o que mais apresente sinais de encaixamento na matriz social, visto ter se mostrado em outras comunidades como fenômeno presente em todos os segmentos sociais, o que significa um grande passo para o processo de implementação ou aceitação. Cabe-nos investigar se para as

variedades consideradas esse fenômeno ou os fenômenos variáveis de CV se encontram inseridos nos diversos segmentos sociais, indiciando processo de mudança.

O problema da avaliação. É necessário que a teoria da mudança linguística estabeleça empiricamente o nível de consciência social dos falantes em relação às variáveis linguísticas. A imposição do processo contínuo de mudança vai depender diretamente dos correlatos subjetivos e das avaliações dos falantes. A mudança, provavelmente, irá gerar efeitos sobre a estrutura e o uso da língua. Estratos sociais diferentes reagem de forma diferente às mudanças ocorridas no sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124).

Relativamente a esse problema, em Rubio (2007), confirmamos, para falantes do interior paulista, que informantes do sexo/gênero feminino, assim como os informantes de grau de escolaridade mais elevado, atribuem *status* diferentes para a CV de 1PP e de 3PP, pois apresentam índices maiores de concordância para primeira pessoa do que para terceira pessoa. Isso demonstra que, na comunidade pesquisada, a não aplicação da regra para a 1PP é mais estigmatizada socialmente do que a não aplicação da regra para a 3PP, o que faz com que falantes mais sensíveis ao significado social da fala (mulheres e indivíduos com maior grau de escolaridade) busquem se adequar mais à norma. Concernente à AP, a frequência de uso de uma ou outra forma e a observação do comportamento de falantes de diferentes gêneros, escolaridades e idades em relação a essa frequência, revelarão a avaliação que os diferentes estratos sociais das comunidades investigadas fazem das formas variantes e, diante disso, a possibilidade de preponderância de uma dessas variantes em momento futuro. Para esses fenômenos variáveis, pode-se considerar, de maneira geral, haver maior estigma em torno dos casos de concordância (verbal e nominal) do que dos de AP, como tentamos mostrar, acima,

por meio da opinião de internautas sobre a polêmica do livro didático, uma das quais repetimos abaixo.

Em minha opinião, dizer ao aluno que “nós é’ não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “a gente tá indo na festa do João”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística... (grifos acrescentados)
Krystal - 21/05/2011 às 16:45

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>> Acesso em: 14 nov. 2011.

Embora, na composição do *corpus*, não tenha sido feito controle para a medição da avaliação social do falante em relação a sua fala e a fala dos demais membros da comunidade, recorreremos às características sociais normalmente associadas às formas de prestígio e, do mesmo modo, às características mais associadas às formas desprestigiadas na comunidade, conforme aponta a literatura sociolinguística, como forma de apreendermos o *status* social das formas variantes.

O problema da implementação. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124), o processo de mudança envolve estímulos e restrições tanto da estrutura social quanto da estrutura da língua. O início de uma mudança linguística se dá quando traços característicos da variação na fala se difundem através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Esses traços linguísticos assumem uma significação social, ou seja, assumem os valores sociais agregados àquele grupo. Com a inserção de novos membros ao grupo, as mudanças secundárias tornam-se primárias. A etapa subsequente é a elevação no nível de consciência social daquela mudança e do estabelecimento de um estereótipo. A última etapa é a perda da significação das alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante. O que o pesquisador buscará saber são as razões possíveis para as mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época.

Há uma forte relação entre a avaliação que os falantes fazem da variação ocorrida e a implementação dessa mudança.

No caso da CV, alguns fatores avaliativos atuam no desfavorecimento da implementação da forma não-padrão na comunidade. Esses fatores estão associados à imposição da norma, por parte de alguns estratos sociais. Por outro lado, há uma “forte pressão” dos segmentos sociais que não têm acesso à norma para a implementação da forma desprestigiada, que é considerada, do ponto de vista linguístico, mais “enxuta”, mais econômica, justamente por sugerir uma redução no paradigma verbal de quatro para duas possibilidades.²⁴ Além disso, a depender do contexto linguístico variável, há possibilidade de a mudança atingir um caso de CV como, por exemplo, contextos de passiva sintética (SCHERRE, 2005) e de posposição do sujeito em relação ao verbo, porque menos perceptível e menos estigmatizado socialmente, deixando de fazê-lo em outros. A tendência pode ser também de que haja, nas comunidades, uma variação estável, em que as variantes permaneçam em concorrência devido aos fatores citados acima.

Há a possibilidade, em se tratando de comunidades distintas, com diferentes avaliações para os fenômenos investigados, de que a implementação de uma das variantes ocorra numa das comunidades e noutra não, porque diferentes são as avaliações a respeito dessas variantes e a formação sócio-histórica dessas comunidades.

Essas diferentes avaliações das comunidades para cada um dos fenômenos investigados podem também levar à implementação de uma variante não-padrão, referente a um fenômeno, em uma das comunidades, e à implementação de outra variante não-padrão, relativa a outro fenômeno, noutra comunidade. Em outras palavras,

²⁴ Confronte, a esse respeito, o paradigma flexional dos verbos, para o português brasileiro padrão (*eu vou, você/a gente/ele vai, nós vamos, vocês/eles vão*) e para o português brasileiro popular (*eu vou, você/a gente/ele/nós/vocês/eles vai*).

há possibilidade de que haja a implementação da variante *ausência de desinência de plural em 3PP* para a comunidade do interior paulista e de que haja a implementação da variante *presença da marca de IPP* junto à forma pronominal *a gente* no português europeu, a depender, obviamente, da avaliação dessas comunidades em relação a essas variantes não-padrão.

2.1.2.2. Alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística

Conforme salientam Weinreich, Labov & Herzog (2006, 126), algumas considerações devem ser feitas para o estudo das mudanças linguísticas. É preciso ter claro que a mudança linguística não deve ser considerada como uma deriva aleatória, mas sim como a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala, que irá assumir o caráter de uma diferenciação ordenada. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através das regras que governam a variação na comunidade de fala.

Ainda que haja constante variação numa língua, nem toda variabilidade e heterogeneidade implica mudança, porém toda mudança implica necessariamente variação e heterogeneidade. Em caso de mudança linguística, não há uma generalização imediata, mas um processo de variação temporal e espacial.

Consideremos o que afirma Teissier (1982, p. 79) a respeito da variação linguística em comunidades de fala brasileiras:

A realidade, porém, é que as divisões dialetais no “Brasil” são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.

Não há mudança linguística confinada a etapas discretas dentro de uma única família, pois ela é transmitida por a toda comunidade.

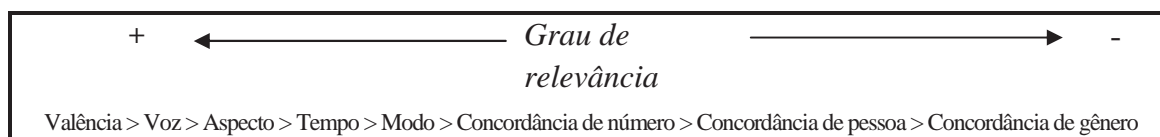
Não devemos desprezar nem fatores linguísticos nem fatores sociais, pois eles estão totalmente inter-relacionados no âmbito de uma mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importam quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

2.2. A concordância verbal e o princípio da relevância: observações translinguísticas

Bybee (1985) aponta que a contribuição de um elemento significativo na modificação do conteúdo significativo de outro elemento pode variar de acordo com o conteúdo semântico do primeiro em relação ao segundo. Assim, podem-se atribuir diferentes graus de relevância para categorias que afetam uma base lexical. Por exemplo, na modificação do radical de um verbo, a categoria *aspecto* é muito mais relevante do que a de concordância número-pessoal, já que a primeira descreve a temporalidade interna do estado-de-coisas codificado pelo próprio verbo, enquanto a segunda apenas se refere ao(s) argumento(s) verbal(is). Em outras palavras, categorias de concordância não se referem à situação descrita pelo verbo em si, mas, sim, aos participantes envolvidos na situação.

Relativamente às categorias que podem afetar uma base verbal (valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância), os estudos tipológicos de Bybee (1985), envolvendo cinquenta línguas, demonstram que a grande maioria delas (72%) traz expressa na base verbal a categoria aspecto, ao passo que a CV de número e pessoa ocorre em menor número de línguas (56%). Diante desses resultados, é possível se

chegar a uma escala, em que as categorias modificadoras da base verbal são dispostas de acordo com o seu grau de relevância, como mostrado abaixo.



Quadro 5: Grau de relevância das categorias modificadoras da base verbal

De acordo com essa escala hierárquica, iconicamente, categorias que ocupam a posição mais à esquerda contribuem mais significativamente para a modificação do conteúdo da base verbal do que as categorias posicionadas mais à direita. É de interesse apontar que, nessa escala, categorias de concordância (número, pessoa e gênero) são as de menor relevância para o significado codificado na base verbal. Talvez por figurar, nessa escala hierárquica, como a segunda categoria de menor relevância é que a CV pode constituir-se fenômeno variável, apontando, portanto, para o atendimento a um princípio que é de ordem mais funcional do que formal.

Consoante a escala hierárquica dada acima, ao considerarmos as possibilidades de apagamento de marcas categoriais de verbos em português brasileiro, observamos que a escala se implementa de modo completo, pois a ordem das marcas flexionais, marca de modo-tempo e, em seguida, de número-pessoa (como em *canta+_va+_m*) revela que é a categoria mais distante do radical que experimenta os efeitos da variação, porque menos significativa na modificação do conteúdo do radical. Embora essa mesma escala não se aplique aos nomes/adjetivos, regra semelhante se aplica à concordância nominal, em que é a marca de número, a mais distante do radical, que pode ou não ser apagada (como em *menin+_a+_s*, *bonit+_a+_s*), e nunca a de gênero.

Ao lado desse princípio de relevância para os morfemas modificadores de base verbal, a redundância no emprego das regras de concordância em contextos oracionais é outro ponto destacado por Bybee (1985). Em algumas línguas, a CV é exigida, ainda que o número seja expresso pelo *SN*-sujeito. Entretanto, há línguas, como o Kwakuitl (BOAS *apud* BYBEE, 1985), que dispensam a marcação de plural no verbo se o *SN* ou outro quantificador evidenciar a marcação de número plural do sujeito. Para Boas, a redundância seria um dos fatores determinantes da não-marcação de plural nas formas verbais, evidência que se estende para línguas que não a fazem, mesmo tendo como regra a CV determinada pela forma plural do sujeito.

A exemplo dessa regra operante no Kwakuitl, algumas outras línguas, mesmo em sua variedade considerada padrão, apresentam características de eliminação das marcas de concordância de número com a pessoa gramatical do sujeito, em contextos específicos. No francês, por exemplo, embora na escrita os verbos recebam a marca de concordância de 3PP, oralmente, na linguagem padrão, não há distinção entre a forma singular e a forma plural, já que a pronúncia das duas formas é exatamente a mesma para grande parte dos verbos.²⁵ Esse apagamento da marcação de plural se estende também à concordância nominal de número, em que, na linguagem oral, o morfema ‘-s’ característico do plural é apagado em inúmeros contextos. Conforme já discutido, como reflexo do encaixamento de uma mudança no sistema linguístico e na matriz social (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, 122), esse aspecto típico da oralidade mostra seus efeitos na estrutura frasal da língua francesa, hoje caracterizada pelo

²⁵ De acordo com Blanche-Benveniste (1999), até o século XV, o -s do plural em francês era pronunciado. Atualmente, na língua falada, somente se diferenciam as formas singular e plural pelos determinantes nominais e pelos casos de ligação. Em comunicação pessoal, Maria Angélica Deangeli (professora de língua francesa do IBILCE/UNESP) relata que, ao manter contato com crianças francesas em processo de aquisição de escrita durante quatro anos, observou a concepção das crianças de que na escrita, assim como na oralidade, não há distinção entre a terceira pessoa do singular e a 3PP, ou seja, em textos escritos pode ocorrer a não marcação do plural, regra que é abandonada somente com o ensino explícito das normas gramaticais da língua escrita.

preenchimento obrigatório da posição do sujeito. Fato semelhante ocorre na maioria das línguas de preenchimento obrigatório da posição de sujeito, como é o caso do inglês, cujas formas de passado e de futuro dos verbos não apresentam mais nenhuma distinção em relação à marcação de pessoa e número gramatical do sujeito, em decorrência de um “enfraquecimento” da morfologia de concordância.

Para o italiano, ainda que não haja registros de variação no dialeto padrão (*standard*), e que o fenômeno de variação na concordância seja veementemente negado até mesmo por falantes nativos, há dialetos da Itália, como o Bergamasco, nos quais o fenômeno da CV muito se assemelha ao que ocorre no português brasileiro popular, como mostrado no quadro a seguir, adaptado de Zanetti (2004).²⁶

Verbo regular <i>maià</i> (mangiare)				
	PRESENTE	PASSATO	FUTURO	CONDIZIONALE
<i>me</i>	Màe	Maiàe	Maierò	Maierès
<i>te</i>	to màe	to maiàet	to maierèt	to maierèset
<i>lu</i>	al màia	al maiàa	al maierà	al maierès
<i>lé</i>	la màia	la maiàa	la maierà	la maierès
<i>nóter</i>	an màia	an maiàa	an maierà	an maierès
<i>óter</i>	maif	maiàef	Maierif	Maierèsef
<i>lur</i>	i màia	i maiàa	i maierà	i maierès

Quadro 6: Paradigma de conjugação verbal do Bergamasco (província de Bérghamo)

O paradigma verbal no italiano *standard*, como no português padrão, possui seis posições, com formas verbais diferentes para cada pessoa. Para o dialeto Bergamasco, entretanto, semelhantemente a algumas variedades do português não-padrão, há uma redução no número de formas verbais. Em Bergamasco, há uma forma para a primeira

²⁶ Em consulta feita a falante nativo do italiano (professor de língua italiana também no IBILCE/UNESP), foi-nos informado que não há, em qualquer parte do país, variação na CV. Quaisquer casos de não-marcação de plural seriam considerados “erros”, reservados apenas a estrangeiros, desconhecedores da língua italiana (BABINI, comunicação pessoal). Porém Renzi & Salvi (1991) registram que, em alguns dialetos italianos, a marcação de plural nos verbos pode não possuir as mesmas características do italiano *standard* (padrão), sendo possível a não-marcação de plural, fato confirmado por outros consulentes especialistas da língua (ORTALE, comunicação pessoal).

pessoa do singular (1PS) e segunda pessoa do singular (2PS) (*mè màe / te to màe*), uma forma para a segunda pessoa do plural (2PP) (*óter maif*) e uma terceira forma que serve tanto para a terceira pessoa do singular (3PS) quanto para a 1PP e 3PP (*lu al maia / lé la maia / nóter an màia / lur i màia*); no português popular, há uma forma para a 1PS (*eu como*) e outra forma para as demais pessoas (*você, ele, ela, a gente, nós, vocês, eles come*).

Pelo quadro de conjugação dado acima, observa-se então que não há marca distintiva na forma verbal de 3PS e de 3PP, em qualquer tempo e modo. A distinção é feita somente por recurso ao próprio pronome pessoal (*lu/lé e lur*), acompanhado de marca de clítico de sujeito, *al e la*, para 3PS, e *i* para a 3PP. No italiano *standard*, como no português padrão, pode haver o apagamento do sujeito, o que justifica o uso do clítico antes do verbo (no caso do Bergamasco), com o fim de evitar ambiguidade entre as pessoas verbais, em casos de sujeito nulo. É interessante destacar que a colocação do clítico antes do verbo somente é feita nos casos em que formas verbais de diferentes pessoas convergem para uma única.

Essas observações translinguísticas têm levado inúmeros linguistas brasileiros a apontarem uma mudança paramétrica em curso no português brasileiro, qual seja, de língua *não-drop* para língua *pro-drop*,²⁷ caracterizando-se assim como também uma língua de preenchimento obrigatório da posição de sujeito. Essa mudança se deve, sobretudo, às alterações no paradigma pronominal e ao enfraquecimento da morfologia de concordância de número e/ou de pessoa (DUARTE, 1993; GALVES, 1993).

Segundo Mattos e Silva (2006), a expansão de *você* e de *a gente* como pronomes pessoais e a redução do uso de *tu* e de *vós* fazem com que a marca de 3PS se generalize,

²⁷ No âmbito do Modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria de Regência e Ligação (*Governnemt and Binding Theory*), conhecida como GB (CHOMSKY, 1981), ao Princípio Universal da Projeção estendido (preenchimento facultativo da posição de sujeito), associa-se o parâmetro *pro-drop*, propriedade particular das línguas, que se distribuem em [+ *drop*] e [-*pro-drop*].

reduzindo o paradigma de conjugação verbal para quatro ou três posições, mesmo na variedade culta, ou para duas posições, na variedade coloquial, o que leva o sujeito pronominal a se tornar necessário.²⁸ Essa necessidade tornaria o português brasileiro uma língua *não-drop*, semelhante às línguas inglesa e francesa, diferentemente do português europeu, em que as reduções não ocorrem e, dessa forma, é mantido o padrão *pro-drop*.

No âmbito da Sociolinguística, já está mais do que provado que, mesmo fora dos contextos variáveis admitidos pela tradição gramatical, a CV constitui um caso de variação do português brasileiro falado, que também atinge, em certa medida, a modalidade escrita da língua (SCHERRE, 2005).

Um entendimento da CV variável e da AP, quer para modalidade escrita quer para a falada só se completa com o detalhamento dos fenômenos em variação e dos fatores correlacionados à sua aplicação, que é o que passamos a apresentar na seção seguinte.

Não obstante nossa atenção maior recaia sobre os fenômenos variáveis de CV e AP presentes na língua falada do interior paulista e em Portugal, elaboraremos uma breve apresentação dos principais fenômenos relacionados à CV e ao uso de pronomes pessoais em função de sujeito evidenciados também em outras variedades do português brasileiro, com o intuito de proporcionar, ao final de nossa explanação, um panorama geral da variação de CV no Brasil e em Portugal.

2.3. Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e europeu

²⁸ Cf.: *eu falo, ele/você/a gente fala, nós falamos, eles/vocês falam* (quatro posições); *eu falo, ele/ você/ a gente fala, eles falam* (três posições) e *eu falo, ele/ você/ a gente/ eles fala* (duas posições).

Nas páginas que seguem apresentamos alguns fenômenos variáveis relacionados às formas pronominais, em especial os que se referem aos pronomes pessoais em posição de sujeito e às formas verbais que os acompanham. Não é intento desta breve exposição dar a conhecer todo o quadro variacionista relacionado à CV e ao emprego de pronomes na língua portuguesa, o que, temos por certo, só seria possível se consideradas e investigadas todas as variedades do português europeu e brasileiro. Distante desse objetivo deveras pretendo, propomos apenas demonstrar que, além da variação na CV de 1PP e 3PP e da AP entre *nós* e *a gente* em posição de sujeito oracional, focos desta pesquisa, outros fenômenos variáveis são recorrentes no português brasileiro e europeu, embora a eles não se tenha dado a devida atenção nos estudos de natureza sociolinguística até o momento.

2.3.1. Variação na concordância verbal com primeira pessoa do singular

A concordância verbal variável junto a sujeitos de 1PS do discurso é fenômeno pouco observado no português europeu e no português brasileiro, porém, apresentamos a seguir alguns registros de pesquisadores que já observaram essa variação.

Para o português europeu, Naro e Scherre (2007, p. 91-95) confirmaram registros de neutralização entre 1PS e 3PS em sete obras que abarcam a dialetologia do português europeu, conforme apresentamos a seguir:

ERICEIRA – sudoeste de Portugal: comunidade de pescadores, a 42 km de Lisboa, a 11 de Mafra e a 22 de Sintra
 (...) *A 3ª pessoa do singular é empregue, por vezes, pela 1ª pessoa: <<Eu onte foi a Malhada; <<Eu na quinta-feira apanhou 2 kilos de pólvres>> (ALVES, 1993, p. 190 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 91)*

AZOIA – sudoeste de Portugal: povoação próxima do Cabo da Roca, integrada na freguesia de Colares, concelho de Sintra, distrito de Lisboa e província de Estremadura.

(...) *Tendência para o uso da terceira pessoa, mesmo referindo a acção ao sujeito falante: ê [eu] esquece-me, passa-me, ê [eu] agora na me recorda, na me lembra* (MARQUES, 1968, p. 57 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 91).

ODELEITE – sudoeste de Portugal, quase fronteira com a Espanha: aldeia a 14 km do concelho de Castro Marim, pertencente à freguesia de Odeleite, ao concelho de Castro Marim, à comarca de Vila Real de Santo António e ao distrito de Faro.

(...) *Os verbos esquecer-se e lembrar-se quando com sujeito da 1ª pessoa do singular empregam-se por vezes na 3ª pessoa: << ê [eu] também já não me lembra...>> Do bendito Lôvado nã m' há-de esquecer>> (...) (CRUZ, 1991, p. 170 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 91)*

GERMIL – norte de Portugal: aldeia do distrito de Viana de Castelo e diocese de Braga, depois de Porto, perto de Viana do Castelo.

1ª e 3ª pessoas do singular.

(...) *No Pretérito Perfeito do Indicativo é frequente o emprego da 3ª pela 1ª pessoa do singular, em verbos como: ser, ter, fazer, pôr*

eu foi – por eu fui

eu esteve – por eu estive

eu fez – por eu fiz

eu pôs – por eu pus

O fenómeno inverso é mias raro, mas ainda se regista com certa regularidade no verbo ser

Ele fui – por ele foi (...) (PEIXOTO, 1968, p. 133 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 92)

FAFE – norte de Portugal: comunidade de lavradores, habitantes do norte do concelho (Várzea Cova, Moreira do Rei, Ribeiros e Estorãos), perto de Braga.

(...) *A primeira pessoa do singular do pretérito dos verbos ser, estar, ter, fazer, pôr e comer é igual à terceira pessoa do mesmo tempo e número: foi, istêbe, têbe, fez, pôs, comeu.*

Em Ribeiros: eu istêbe, ele istibe, eu foi, ele fui, eu fez, ele fiz. (SILVA PEREIRA, 1951, p. 153 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 92)

FAIA – centro-norte de Portugal: povoado do concelho de Sernacelhe, distrito de Viseu, diocese de Lamego.

(...) *a 1ª e 3ª pessoa do singular dos verbos ser e ir, confundem-se frequentemente: eu foi, ele fui (MOURA, 1960, p. 147 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 92)*

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros.

III – Verbos (...)

a) – Formas de primeira pessoa do singular do pret. perf. Simples em que se não deu metafonía:

Eu foi (...)
Eu pôs (...)
Eu pôde (...)
Eu fez (...)
Eu teve (MIRA, 1954, p. 114 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 93)

Estudos recentes registram também a variação de CV junto à 1PS do discurso no português brasileiro, embora seja fenômeno pouco comum e restrito somente a determinadas comunidades.

Na comunidade afro-brasileira de Helvécia, no estado da Bahia, Lucchesi, Baxter e Silva (2009) observaram uso considerável de formas verbais de 3PS (*eu fala / eu falou*) junto de sujeitos em 1PS, com frequência de 18%, em oposição à aplicação de verbos em 1PS (*eu falo / eu falei*), que apresentou frequência de 82%.

Lopes e Naro (2011), em estudo preliminar, observaram que falantes de Cuiabá, no estado do Mato Grosso, também podem apresentar junto da forma pronominal de 1PS (*eu*) formas verbais de 3PS, em variação com formas verbais de 1PS, aos moldes da do que ocorre no estado da Bahia e no português europeu.²⁹

2.3.2. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do singular

A variação na concordância verbal de 2PS do discurso, diferentemente da CV de 1PS, é um fenômeno com maior dimensão, observado em diversas variedades do português brasileiro, como apresentaremos resumidamente a seguir.

É possível observarmos variedades que apresentam o uso do *tu* como pronome pessoal sujeito e variedades que apresentam a forma *você* como opção de sujeito

²⁹ O mencionado estudo foi apresentado oralmente no XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, do Círculo de Estudos Linguísticos e Filológicos do Rio de Janeiro, realizado em agosto de 2011. Até o momento, tivemos contato somente com o resumo expandido, disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/resumos/cvconcordancia_variavel_de_primeira_QUEZIA_ANTHONY.pdf

pronominal de 2PS, o que faz com que haja o uso alternante em algumas comunidades linguísticas do português europeu e do português brasileiro.

Loregian (1996), em estudo realizado na região Sul, observou diferentes comportamentos em relação à CV de 2PS para falantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha. A pesquisadora verificou, na alternância entre formas verbais de 2PS e de 3PS com o pronome *tu*, que falantes porto-alegrenses apresentam grande tendência ao uso das formas de terceira pessoa (96%), enquanto as outras comunidades tiveram certo equilíbrio em relação à variação, mesmo que apresentassem resultados relativamente diferentes (Ribeirão da Ilha, 43% de uso de 3PS, e Florianópolis, 60% de uso de 3PS).

Paredes Silva (1996), em pesquisa empreendida sobre o uso alternante das formas pronominais de 2PS no Rio de Janeiro, observou um percentual de 64% de frequência de uso do *tu*, em oposição à forma concorrente *você*, que apresentou frequência de uso de 36%. Segundo a autora, é possível notar a volta do pronome *tu* no dialeto carioca, que ocorre categoricamente com verbos em 3PS.

Resultados de pesquisa realizada em Lages, Blumenau e Chapecó, localidades do estado de Santa Catarina, revelaram a predominância geral nas amostras do pronome de 2PS *você* sobre o pronome *tu*, com frequência de uso de 74% para aquele e 26% para este (HAUSEN, 2000). Se consideradas separadamente cada uma das cidades pesquisadas, é possível notar que, em Chapecó, município que se localiza a oeste do estado, há um equilíbrio no uso de um e outro pronome, o que não ocorre nas localidades a leste do estado (Lages e Blumenau), as quais ratificam a tendência ao uso do pronome *você* em lugar de *tu*, evidenciada também na amostra conjunta.

Orlandi (2004), ao investigar a fala da cidade de Tubarão, no estado de Santa Catarina, comprovou a predominância da forma *tu* sobre a forma *você*, com um

percentual de uso de 73%. Desse total, apenas 7% das ocorrências apresentavam formas verbais com morfema de 2PS.

Em estudo realizado na variedade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Amaral (2003) verificou que a utilização do pronome *você* é quase nula (apenas duas ocorrências, num total de mais de 2.100), prevalecendo o uso do pronome *tu* com formas verbais de 3PS (93% das ocorrências). Amaral observou também que o percentual de uso de marcas de 2PS aumenta à medida que o falante apresenta maior nível de escolaridade, o que reforça a influência do ambiente escolar na implementação da variante padrão. A elevação do percentual de uso do morfema de 2PS foi observada também nas amostras do gênero feminino, fato já atestado em outros estudos linguísticos e justificado pela consideração de que as mulheres, juntamente com falantes de níveis de escolaridade elevados, apresentam maior sensibilidade ao *status* social das variantes linguísticas.

Modesto (2006, p. 114-115), em estudo da alternância *tu* e *você* na cidade de Santos, estado de São Paulo, confirmou que, dentre outros fatores, o grau de monitoramento pode influenciar o emprego dos pronomes pessoais de 2PS. Para contexto de menor monitoramento, houve a preferência do emprego do pronome *tu* e, para situações de maior monitoramento, houve predominância do *você*. A observação do fator social *escolaridade* confirmou também o aumento de frequência de emprego da forma *você* diretamente proporcional ao aumento da escolaridade.

Dias (2007) ressalta que a diferença dos pronomes *tu* e *você* no português europeu e brasileiro não se dá somente em termos percentuais, pois, enquanto no Brasil houve uma generalização no uso da forma *você*, o uso do pronome, em Portugal, é mais restrito, podendo, em algumas regiões, possuir sentido pejorativo. Os resultados exibidos pela pesquisadora para a língua falada em Brasília, Distrito Federal,

demonstram que a forma *tu*, naquela comunidade, vem, gradativamente, ganhando espaço (sempre empregado com verbos em 3PS), pois quase 50% dos falantes apresentaram seu emprego, além de haver maior uso entre os falantes mais jovens.

2.3.3. Variação na concordância verbal com terceira pessoa do singular

Considerando a 3PS, é possível verificar a ocorrência de variação entre o uso de formas verbais de 3PS e de 3PP nos chamados casos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito tem significado coletivo (*povo, multidão, pessoal, grupo, turma*, por exemplo).

As gramáticas normativas aludem ao fenômeno variável como uma “concordância ideológica”. Em Cunha e Cintra (1997, p. 602) temos que a *silepse*, figura de sintaxe de efeito expressivo, apresenta coesão significativa, ocasionada pelo contexto geral e pela situação. A concordância, nesse caso, faz-se com o sentido e não com a forma gramatical das palavras. No caso da *silepse de número*, um substantivo que se encontra no singular pode ser semanticamente considerado como plural, por ser coletivo (*o povo votaram...*).

Mattos (2003), com base nos resultados da pesquisa empreendida em amostras de língua falada de Fortaleza e do Rio de Janeiro, afirma que a variação na CV com sujeitos coletivos se dá, principalmente, devido a fatores linguísticos como *saliência fônica* e *tipo de sujeito*, o que minimiza ou elimina o conceito de hipercorreção, comumente apontado pelas gramáticas. Segundo a autora, contextos de maior *saliência* entre a forma verbal no singular e sua correspondente no plural levariam ao maior emprego da forma plural, como no exemplo, a seguir.

que agora tá com dez dia hoje, a minha família ainda não me ESCREVERAM mandando me dizer, escrevi pra ela mandando dizer que tinham encontrado ele morto dentro de uma rede (LFF, p. 133, l. 352) (MATTOS, 2003, p. 58)

Segundo Scherre e Naro (1998, p. 49), a variação ocorre também nas estruturas complexas que se apresentam normalmente com construções em que o núcleo do sujeito é singular (seja ele de natureza quantitativa ou não) seguido de um *SPrep* de núcleo plural, que ocasiona uma leitura quantitativa, coletiva ou partitiva. Segundo os pesquisadores, a língua escrita moderna pode apresentar também a variação entre formas verbais de 3PS e de 3PP, em casos em que o núcleo do sujeito não possui sentido quantitativo, estando ele no singular ou no plural. Nesse último caso, o elemento plural inserido no *SPrep* contribui para que a forma verbal receba desinência de 3PP, como vemos nos exemplos a seguir:

A programação das grandes emissoras REFLETE sua linha de pensamento.
 A apresentação das cores em duetos OBEDECEM a uma harmonia que atende a todos os estilos de maquiagem.
 Um grupo de artistas ESTAVA sábado à noite no Cine Ricamar.
 Um grupo de turistas CHEGAM a uma aldeia de canibais e vão a um restaurante.

(NARO; SCHERRE, 1998, p. 49)

2.3.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural

No português brasileiro, já está mais do que provado que a CV de 1PP e de 3PP constituem-se fenômenos variáveis. Normalmente as pesquisas sobre o tema se concentram mais na investigação da 3PP do que da 1PP.

Grande parte dos trabalhos sobre 1PP se concentra na variação de CV entre o pronome *nós* e a forma verbal a ele relacionada, como encontramos em Bortoni-Ricardo (1985), que trata da fala de migrantes da zona rural na cidade satélite de Brazlândia (DF); em Assis (1988), que descreve brevemente o sistema de CV do dialeto da Ilha do Desterro (SC); em Rodrigues (1987), que trata do português popular da periferia de São Paulo, incluindo também a 3PP; em Camacho (1993), que investiga aspectos funcionais e estruturais da CV no português culto registrado nas amostras do Projeto NURC de São Paulo; em Zilles, Maya e Silva (2000), que abordam a CV em Panambi e Porto Alegre (RS); e em Lucchesi *et al.* (2009), que pesquisam amostras do dialeto da Helvécia (BA).³⁰

A alternância entre *nós* e *a gente* também já foi atestada no português brasileiro por diversos autores, dentre os quais, destacamos Omena (1986, 1996, 2003), para o dialeto carioca; Lopes (1998, 1999), para a fala culta do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador; e Zilles (2004, 2005, 2007), que tratou da gramaticalização e da avaliação social da forma *a gente* na fala e na escrita de diferentes variedades do território brasileiro.

A concordância com a forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada, já se revela fenômeno variável, segundo estudo qualitativo de Costa *et al.* (2001), na comparação entre português brasileiro e europeu, e de Pereira (2003), sobre concordância nominal entre predicativos e *a gente* em posição de sujeito.

A análise conjunta da variação na concordância de 1PP e da alternância entre as formas *nós* e *a gente* foi proposta nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Vianna (2006), ambos em amostras de fala do Rio de Janeiro, e de Coelho (2006), para a língua falada na periferia paulistana. O primeiro estudo tratou do uso variável da

³⁰ No capítulo IV, de análise dos resultados, apresentamos um quadro de resultados gerais dos estudos de outros autores e variedades para os fenômenos investigados nesta tese.

flexão verbal de 1PP e de 3PS junto às formas *nós* e *a gente*, em quatro gerações de falantes. O segundo teve como objetivo principal a análise de estruturas predicativas que complementam sujeito de 1PP em dados de fala e escrita. Coelho (2006) apresentou resultados que evidenciam relação direta entre o fenômeno da CV e da alternância entre *nós* e *a gente*, além de atestar que a aplicação de desinência verbal de 1PP junto à última forma é pouco frequente.

Em relação à 1PP, o primeiro ponto a ser discutido relaciona-se à distinção entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Como já apontado por Benveniste (1995), a noção de pessoa do discurso é própria somente de *eu/tu* e suas formas correlatas, porque são essas as únicas que “se prendem ao próprio processo de enunciação” (p. 278). Ao contrário das formas de expressão de pessoa, “há enunciados de discurso, que (...) escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva”. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’” (p. 282).

No português padrão há correspondência exata entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Para a primeira pessoa, o falante, existe um pronome de primeira pessoa gramatical, *eu*, com flexão verbal própria. Para as demais pessoas, tanto no singular quanto no plural, a mesma univocidade se verifica. Porém, nas variedades do português brasileiro, a inclusão de novas formas de menção à segunda pessoa (singular/plural) e à 1PP reelaborou o quadro pronominal e de CV, levando à falta de total correspondência entre mesmas pessoa e flexão verbal. É o caso das formas inovadoras *você*, *vocês* e *a gente*, que, ao assumirem valores discursivos de segunda pessoa (singular/plural) e de 1PP, respectivamente, retêm flexão verbal de terceira pessoa (OMENA e BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1999, 2003; ZILLES, 2005).

João de Barros, em sua conhecida “Grammatica da lingua portuguesa”, publicada em 1540, assim define o emprego dos pronomes em português:

As pessoas são três: *eu*, primeira, que fala de si mesmo, *tu*, a segunda, a qual fala à primeira, *ele*, da qual a primeira fala... dois números tem o pronome, singular e plural. Singular, como quando digo, *Eu confesso a Cristo*, e por plural, *e nós que o confessamos guardamos mal sua doutrina por nossas culpas*. (BARROS, 1540, p. 35)

Como podemos observar, a forma *nós* é proposta como plural do pronome de 1^{PS}, *eu*, embora não represente, como ocorre com segunda e terceira pessoas, um conjunto formado por vários “eus”, mas sim a indicação de *eu* mais outras pessoas, conforme ressalta Bechara (2002), ou de um “eu-ampliado”, segundo Benveniste (1988).

Não é recente, todavia, o reconhecimento da variação entre as formas *nós* e *a gente*. A menção ao uso de *a gente* como forma “popularesca” de valor pronominal é evidenciada já em gramáticas do início do século XX, como se verifica em Nunes (1919).

A parte de *pessoa*, ocorre frequentemente, sobretudo na fala popular, o nome *gente*, que, como *aquele*, costuma neste caso tomar o género, pedido pelo sexo da pessoa a que se refere. No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*. (NUNES, 1919, apud PEREIRA, 2003, p. 13)

Duas observações importantes podem ser feitas a partir da citação acima. A primeira está relacionada à distinção proposta pelo autor entre uma forma utilizada em lugar de *aquele*, referindo-se a determinada pessoa, que assume, nesse caso, o género dessa, e outra forma, ainda mais popular, com valor coletivo, usada em lugar de *nós*. A segunda observação diz respeito à configuração estrutural do item na citação. Nunes alude ao “nome *gente*” e não a construção atual, formada por dois elementos *a gente*.

As gramáticas normativas mais modernas aludem à substituição de *nós* por *a gente* no português brasileiro, fenômeno facilmente verificado na língua falada, evidenciado em canções populares e até mesmo na língua escrita:

Na linguagem coloquial, *nós* é frequentemente substituído por *a gente*, também uma característica do português do Brasil.

“Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu.
A gente estacou de repente
Ou foi o mundo, então, que cresceu.” (Chico Buarque)
(MESQUITA, 2007, p. 262)

Todavia, mesmo entre linguistas e filólogos contemporâneos da língua portuguesa, não é tão consensual a classificação estrutural da forma *a gente*. Perini (2010), em sua “Gramática do Português Brasileiro”, destaca que:

itens comumente analisados como pronomes pessoais... se comportam como nominais comuns, e não precisam ser estudados separadamente: *o senhor, a senhora, a gente*. Seriam ‘pronomes pessoais’ no sentido de que se referem ao locutor; mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs. (PERINI, 2010, p. 115)

Para o autor, há uma distinção entre o item *a gente* e os pronomes pessoais, o que faz com que ele esteja mais próximo dos “outros SNs”. Para Neves (2000, p. 470), contudo, *a gente* pode ocorrer como pronome pessoal para referência à 1PP ou para referência genérica a todas as pessoas do discurso, funcionando como forma de indeterminação do sujeito. Embora outros sintagmas nominais (*o pessoal, o cara, o cidadão*) sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma A GENTE tem”.

Hopper (1991), pelo *princípio da estratificação*, afirma que novas “camadas” emergem em um domínio funcional, sem que formas antigas sejam substituídas imediatamente, proporcionando coexistência de camadas novas e antigas no mesmo domínio, que codificam funções semelhantes ou idênticas e compõem diferentes variantes. É o que mostram Omena e Braga (1996) sobre a gramaticalização da forma *a gente*, que passa a coexistir com *nós*, deixando, gramaticalmente, de ser forma substantiva para integrar o sistema de pronomes pessoais, constituindo assim claro caso de gramaticalização, captado pela estratificação, como postula Hopper (1991).

Segundo a tradição gramatical, a flexão verbal de 1PP é requerida nos casos em que figuram como sujeito da oração: (i) pronome de 1PP, (ii) formas compostas que possam representar a pessoa do falante em conjunto com outros seres (eu + *SN* ou pronome) e (iii) uma categoria vazia com referência anafórica ao sujeito.

Embora a CV de 1PP constitua-se fenômeno atestadamente variável do português brasileiro desde o início da década de 1980, algumas gramáticas descritivas publicadas recentemente não apresentam qualquer menção sobre a ocorrência desse tipo de variação. Perini (2010, p. 277-278) aponta, como características do português brasileiro, o emprego variável da 2PS e 3PS com o pronome *tu*; a variação, em sujeitos de 3PP, no uso de verbos em 3PS e em 3PP; além da AP *nós* e *a gente* em posição de sujeito, mas não faz qualquer alusão ao emprego variável de verbos em 3PS e em 1PP junto de sujeito de 1PP. As evidências são apresentadas apenas em estudos de cunho variacionistas, conforme apresentamos, a seguir.

Rodrigues (1987), em estudo da CV variável com o pronome *nós*, na fala de favelados de São Paulo, obteve percentual de 53% de aplicação de flexão de 1PP contra 47% de 3PS. Zilles *et al.* (2000), ao analisarem falantes com escolaridade fundamental e média de Panambi e de Porto Alegre (RS), obtiveram frequência geral de 87% de

aplicação de desinência de 1PP. No estudo de Lucchesi *et al.* (2009) sobre a fala da comunidade afro-brasileira de Helvécia, houve, por outro lado, 18% de frequência de pluralização verbal em contextos de 1PP (ou seja, frequência de 82% de flexão de 3PS).

No tocante à CV com a forma *a gente*, Teyssier (1989, p. 243) menciona o uso muito comum da forma na linguagem familiar, normalmente com flexão de 3PS. Contudo, a forma pode ocorrer com verbos em 1PP, segundo o autor, uso percebido como incorreto pelos falantes. Além das flexões de 3PS e de 1PP, Vianna (2006) observa, em amostras do português brasileiro do estado do Rio de Janeiro, também a combinação de *a gente* com flexão verbal de 3PP (*a gente estão*), padrão menos comum no português brasileiro, em relação às outras duas alternantes.

Alguns trabalhos sobre o português europeu dão conta não somente da co-ocorrência verificada entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente*, mas também da relação do pronome *a gente* com o verbo que lhe segue (NASCIMENTO, 1989; LOPES, 1999; COSTA, 2000; PEREIRA, 1970, 2003; dentre outros).

Em relação à CV com a forma pronominal *a gente* na fala de Saojo, Pereira (1970, p. 167) verifica que “o verbo tanto fica na terceira pessoa do singular, como na primeira, ou terceira pessoas do plural”.

Naro, Görski e Fernandes (1999) resumem os fenômenos de AP e de variação na CV de 1PP no português brasileiro da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel

categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão.

(NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201, tradução nossa)

2.3.5. Variação na concordância verbal com segunda pessoa do plural

A forma pronominal *vocês* (e suas variantes, *ocês*, *cês*, *cêis*), no português brasileiro, é utilizada categoricamente para a representação da 2PP do discurso, em lugar da forma padrão, *vós*. Segundo Perini (2010, p. 115), alguns itens tradicionalmente analisados como pronomes pessoais não ocorrem no português brasileiro, como a forma *vós*, que é somente usada na língua escrita em determinados contextos religiosos.

Ao contrário dos estudos variacionistas de CV de 3PP, que são encontrados em grande número, ao menos para as variedades do português brasileiro, são, ainda, escassos os estudos de CV relacionados à 2PP, o que, cremos, deve-se, também, à inaptidão da maioria dos *corpora* constituídos para tal investigação. Conforme demonstraremos em capítulo posterior, com base na análise do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, concernente à 2PP do discurso, podemos verificar, ainda, no português europeu (PE), a alternância entre as formas pronominais *vocês* e *vós*.^{31,32}

2.3.6. Variação na concordância verbal com terceira pessoa do plural

No âmbito da Sociolinguística, há farta bibliografia que comprova que a CV de 3PP constitui um caso de variação no PB (português brasileiro) falado, o que atinge

³¹ Chamamos a atenção para a carência de estudos sociolinguísticos relacionados aos fenômenos de variação de 2PP do discurso no português europeu

³² No capítulo IV, que trata da análise dos resultados, retomamos a discussão dos fenômenos variáveis relacionados às pessoas verbais, incluindo a segunda pessoa do plural.

também, em certa medida, a modalidade escrita da língua (v. SCHERRE, 2005; SCHERRE; NARO, 2007b).

Sob a vertente variacionista, dentre os estudos já realizados, podemos citar o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para a variedade carioca; o de Nina (1980), para a variedade falada na Região Bragantina; o de Nicolau (1984), para a língua falada em Minas Gerais; o de Rodrigues (1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a variedade culta carioca; o de Rodrigues (1997), para a variedade falada em Rio Branco; o de Anjos (1999), para a variedade pessoense; o de Monguilhott e Coelho (2002), para as variedades da Região Sul; o de Silva e Lucchesi (2006), para a língua falada pela comunidade afro-brasileira isolada da Bahia; o de Varejão (2006), para o português popular europeu falado; os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (2007), para variedades da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina); os estudos de Rubio (2007, 2008, 2009, 2010, 2011), para a fala da região noroeste do estado de São Paulo; além das inúmeras contribuições de Naro e Scherre (1999, 2000a, 2000b, 2003 e 2007) e Scherre e Naro (1993, 1997, 1998, 1999, 2001, e 2006), dentre outros.

Em Portugal, a resistência em reconhecer a variação na CV pode explicar o fato de a esse fenômeno não ter sido dispensada atenção que lhe é devida e de, por consequência, não se ter dimensão da amplitude de ocorrência dessa variação. Porém, podemos considerar que o fenômeno é suficientemente notável, a ponto de pesquisadores da dialetologia portuguesa, desde início da década de 1950, apontarem como “frequente” o uso da variável não-padrão (SILVA PEREIRA, 1951; MIRA, 1954; MOURA, 1960; COELHO, 1967; BAPTISTA, 1967; PEIXOTO, 1968; CRUZ, 1991; ALVES, 1993; apud NARO & SCHERRE (2007)). São exemplos os registros

“garimpados” por Naro e Scherre (2007), abaixo retomados, que apontam o fenômeno da variação na CV de 3PP no PE falado:

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, Bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros) (MIRA, 1954: 117, 149-150).

III – VERBOS

(...)

“2 – **Casos gerais** (...)

b) – as formas verbais de terceira pessoa do plural (sobretudo dos verbos da 3ª conjugação) terminadas em vogal nasal “e” desnasalizam-se:

eles oube (m) (...)

eles sacode (m) (...)

(MIRA, 1954: 117, *apud* NARO & SCHERRE, 2007: 108-109)

III – CONCORDÂNCIA

(...)

“**São frequentes** na LP (língua popular), as faltas de concordância, consideradas erros do ponto de vista gramatical (...)

“os nossos agasalhos **é** estes” (...)

“só tem as raízes **enterrado** na carne” (...) “

(MIRA, 1954: 149-150, *apud* NARO & SCHERRE, 2007: 109, destaques nos originais).

A observação sociolinguística da variação na CV no PE é recente, e poucos são os estudos que se dedicaram a verificar a possibilidade do uso de formas verbais de 3PS e de 3PP junto de sujeitos de 3PP.

Varejão (2006), recorrendo a amostras do CORDIAL-SIN (Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe), constituídas por falantes do PE de baixa escolaridade, verificou variação em relação à CV de 3PP também nessa variedade europeia. No entanto, as frequências de pluralização dos verbos mostraram-se superiores às frequências de pluralização apresentadas nos estudos do PB, com 92,2% de emprego de verbos em 3PP junto de sujeitos em 3PP.

Monguilhott (2009), em análise comparativa sincrônica e diacrônica da CV de 3PP em amostras do PE e do PB, constatou haver variação em ambas as variedades,

com atuação, principalmente, de fatores linguísticos no fenômeno e com o PE mostrando-se mais conservador que o PB (91% de emprego de verbos em 3PP com sujeitos de 3PP para aquele e 79%, para este) em relação ao apagamento de marcas de plural nos verbos.

Bazenga (2010), em estudo sociolinguístico preliminar que considerou a comunidade de Funchal, observando falantes de diversas escolaridades, idades e dos gêneros feminino e masculino, comprovou que em 16% das amostras não houve a aplicação da desinência de 3PP (ou seja, houve 84% de uso de verbos em 3PP com sujeitos em 3PP). Variáveis linguísticas e extralinguísticas comprovadamente atuantes no português brasileiro, como *saliência fônica*, *posição do sujeito* e *escolaridade*, mostraram-se também relevantes para a amostra do português europeu.³³

2.4. Variáveis sociais relevantes para investigação dos fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal

Dentre os fatores externos ao sistema linguístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala. Fatores sociais inerentes aos falantes são, por exemplo, *faixa etária*, *escolarização*, *sexo/gênero*, os quais influenciam conjuntamente a sua produção linguística. Ligado ao evento de fala, o contexto é também uma variável externa capaz de influenciar a produção linguística do falante, já que cada indivíduo possui um repertório linguístico que varia dependendo de onde se encontra e da pessoa com quem fala.³⁴

³³ Até o presente momento, tivemos contato apenas com o trabalho preliminar da autora, por meio do acesso online à apresentação em evento científico: BAZENGA, A. *Realização variável da concordância verbal no português falado no Funchal*. In: http://uma-pt.academia.edu/AlineBazenga/Talks/30134/Realizacao_variavel_da_concordancia_verbal_no_portugues_falado_no_Funchal. Acesso em: 22 julho 2011.

³⁴ O efeito da variável contexto não será medido devido às características dos *corpora* considerados, os quais não apresentam amostras em diferentes contextos.

Os fatores extralinguísticos podem ser diatópicos (dimensão geográfica) ou diastráticos (dimensão social). A variação diatópica relaciona-se às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e também à organização sócio-cultural da comunidade de fala. Dentre os fatores sociais, Naro (2003) julga relevante para qualquer estudo variacionista a investigação de fatores como *idade, sexo, nível sócio-econômico e formação escolar*.

O fator *idade* permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos anos que separam os dois grupos.

A combinação desse fator e dos demais fatores sociais está relacionada também com a noção de prestígio, ou seja, falantes de certas classes sociais, de certas faixas de escolaridade, e, ainda, de sexos/gêneros diferentes tendem a apresentar comportamento diferente com relação à variação e à mudança linguísticas.

Para esse conjunto de variáveis sociais, as hipóteses subjacentes à investigação de qualquer fenômeno variável são as seguintes: (i) falantes de faixa etária mais elevada tendem ao uso da variante conservadora, porque são mais resistentes à mudança do que falantes de faixa etária mais jovem, o que pode evidenciar uma mudança linguística em progresso ou uma variação dependente de gradação etária (LABOV, 1994); (ii) falantes do sexo/gênero feminino tendem ao uso da variante padrão, porque reconhecem nela um

fator de prestígio e de ascensão social, enquanto falantes do sexo/gênero masculino tendem ao uso de uma forma que o leve mais a se identificar com o grupo social de que faz parte do que com o prestígio que o uso de tal forma possa lhe conferir socialmente; (iii) falantes de nível sócio-econômico mais elevado tendem ao uso da forma considerada padrão, por conta do prestígio social conferido a tal forma; (iv) falantes de nível de escolaridade mais elevado também tendem ao uso da variedade padrão, porque mais contato tiveram com os padrões normativos da língua.

Há de se advertir, entretanto, que nesse quadro geral existem variáveis sociais que se co-determinam e se cruzam na implementação da regra variável. Por exemplo, pode haver uma forte correlação entre as variáveis *nível sócio-econômico* e *nível de escolaridade*, pois espera-se que, quanto mais alto o nível sócio-econômico maior será o nível de escolaridade e, portanto, uma propensão maior na aplicação dos padrões normativos da língua.

Especificamente em relação ao gênero/sexo dos informantes, desde o estudo precursor de Fisher (1958), que estudou a influência de grupos de fatores sociais na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, sabe-se que a escolha das variantes linguísticas é fortemente influenciada por esse fator.³⁵ Fisher comprovou que falantes do sexo feminino usam mais a forma de prestígio *-ing* que os falantes do sexo masculino, que optam com maior frequência pela forma *-in*. Da mesma forma, Labov (1966) constata que as mulheres empregam mais a forma padrão nova-iorquina do /r/-pós-vocálico do que os homens.

³⁵ Segundo Cheshire (2001), o termo *sexo* é normalmente usado para referir-se à distinção fisiológica entre homens e mulheres; já o termo *gênero* refere-se, normalmente, às diferenças sociais e culturais geradas pela diferença entre o *sexo*, ou seja, as restrições ou papéis sociais, oportunidades e expectativas de comportamento dos indivíduos. Acrescenta a autora que o termo *gênero* é, portanto, mais apropriado para o tratamento de fenômenos sociais. Em citações extraídas de outros autores, serão mantidas as designações originais, contudo, em nosso texto, será usado o termo *gênero*.

Em Wolfram (1969), Trudgill (1974), Laberge (1977), Sankoff & Thibault (1977) e Guy (1981), é consenso que representantes do sexo feminino apresentam maior tendência a acompanhar as formas linguísticas consideradas prestigiadas em uma comunidade, ou seja, as mulheres se mostram mais preocupadas com a norma imposta pela comunidade da qual faz parte.

Labov (1990, p. 210, 213, 215) sumariza os resultados sobre a influência da variável *sexo/gênero* por meio dos seguintes princípios:

Princípio I: Em fenômenos variáveis estáveis, ao se estabelecer uma estratificação sociolinguística, homens fazem uso, com maior frequência, de formas linguísticas não-padrão do que as mulheres.

Princípio Ia: Em fenômenos variáveis, as mulheres são mais receptivas às formas tidas como padrão na comunidade do que os homens.

Princípio II: Nas mudanças linguísticas que privilegiam formas prestigiadas na comunidade, as mulheres são mais inovadoras.

Para Chambers (2001, p.427), pode-se questionar a generalização elaborada por Labov, a respeito da comunidade de fala, pois o comportamento de uma comunidade depende da estratificação de suas classes sociais. Nas classes de trabalhadores, por exemplo, o uso das formas linguísticas não-padrão por representantes do gênero masculino está associado à orientação das normas dessa comunidade, que associa esse comportamento linguístico à masculinidade.

Romaine (1999) afirma que as mulheres possuem mais consciência da pressão exercida pelas normas locais e também acerca do *status* inserido na estrutura social.

O estudo de Callou (1979) comprova que as mulheres podem ser mais inovadoras que os representantes do sexo masculinos em fenômenos de mudança para uma forma que não seja desprestigiada na comunidade linguística.

Rodrigues (1987), de acordo com os princípios preconizados por Labov (1990), afirma que as mulheres são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, o que faz com que sejam mais conservadoras quando as mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, não obstante não obedeça à forma padrão da comunidade, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

Os resultados apresentados pela autora sobre a influência da variável *sexo/gênero* na aplicação da CV na periferia de São Paulo, contudo, demonstram que os homens aplicam mais a CV para a 1PP do que as mulheres, fato atribuído, segundo Rodrigues, à falta de acesso das mulheres, principalmente, ao mercado de trabalho. Para a 3PP, os resultados apresentados demonstraram que essa mesma variável resultou inoperante, já que os números para ambos os sexos foram praticamente os mesmos. Ao elaborar uma comparação entre a concordância de 1PP e 3PP, a autora constatou que os índices de não-aplicação de CV para a 3PP superaram em muito os índices de não-aplicação para a 1PP, pois a noção de “erro” é mais saliente para a 1PP, sob o ponto de vista social, principalmente nos grandes centros urbanos. Essas formas são associadas a falantes do interior ou da zona rural. Segundo a autora, a noção de “erro” associada a formas em 3PP sem a variante explícita de plural não tem o mesmo peso social das formas em 1PP.

Uma explicação plausível, segundo Chambers (2001, p.354), para possíveis divergências nos resultados apresentados em algumas pesquisas em relação aos princípios pré-apresentados, seria a divisão sócio-cultural do trabalho entre homens e mulheres. Em comunidades em que a mulher possui maior mobilidade social e se insere no mercado de trabalho, a discrepância entre a fala masculina e feminina é maior do que em comunidades onde a mulher não goza das mesmas condições de participação social

que os homens. Nessas condições, o comportamento linguístico tende a possuir características mais semelhantes.

Sobre essas determinações, os resultados de Scherre (1996) para a regra de concordância nominal no dialeto carioca mostram que, sob a atuação da variável *gênero/sexo*, os anos de escolarização colaboram para que as mulheres apliquem mais a concordância, ao passo que, para os homens, interferem na aplicação das marcas de plural tanto a escolarização quanto o mercado ocupacional. O fator idade, nesse mesmo estudo de Scherre, é de pouca influência, tanto para informantes do sexo feminino quanto para os de sexo masculino, apenas “indicando haver aumento da concordância na faixa etária de 15 a 25 anos para os homens, e na de 26 a 49 anos para as mulheres” (p. 263).

De posse das informações a respeito da relevância das variáveis sociais na pesquisa linguística, passamos a tratar, no próximo capítulo, dos procedimentos metodológicos considerados nesta tese, incluindo, ao final do capítulo, a descrição dos contextos linguísticos e extralinguísticos que serão considerados nos fenômenos variáveis analisados.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sumário

- 3.1. Caracterização do estado de São Paulo, do interior paulista e da mesorregião de São José do Rio Preto (noroeste do estado)
- 3.2. Caracterização de Portugal
- 3.3. Comparativo de Portugal, do estado de São Paulo, do interior do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto
- 3.4. Caracterização da amostra de fala do interior paulista (variedade do português brasileiro)
- 3.5. Caracterização da amostra de fala de Portugal (variedade do português europeu)
- 3.6. Contextos investigados para os fenômenos em variação (“envelope variacional”)
 - 3.6.1. Ocorrências consideradas para os fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal de primeira pessoa do plural
 - 3.6.2. Fatores linguísticos relacionados à primeira pessoa do plural
 - 3.6.2.1 Grau de determinação do referente sujeito
 - 3.6.2.2. Tempo e modo verbal
 - 3.6.2.3. Saliência fônica
 - 3.6.2.4. Explicitude do sujeito
 - 3.6.2.5. Paralelismo formal de nível discursivo
 - 3.6.3. Ocorrências selecionadas para a concordância verbal de terceira pessoa do plural
 - 3.6.4. Fatores linguísticos relacionados à concordância verbal de terceira pessoa do plural
 - 3.6.4.1. Propriedades do verbo
 - 3.6.4.1.1. Fatores não considerados
 - 3.6.4.1.2. Saliência fônica
 - 3.6.4.2. Propriedades do SN-sujeito
 - 3.6.4.2.1. Animacidade do referente do sujeito
 - 3.6.4.2.2. Tipo estrutural do sujeito
 - 3.6.4.3. Relações envolvendo o SN-sujeito e o verbo
 - 3.6.4.3.1. Paralelismo formal oracional e discursivo
 - 3.6.4.3.2. Posição do sujeito em relação ao verbo
 - 3.6.5. Variáveis sociais consideradas para os fenômenos variáveis
 - 3.6.5.1. Faixa etária
 - 3.6.5.2. Gênero
 - 3.6.5.3. Escolaridade
- 3.7. Quantificação e a análise dos dados

No capítulo anterior, apresentamos a fundamentação teórica que ampara o estudo proposto nesta tese. Expusemos os fenômenos que são focos primários de nossa pesquisa, bem como as variáveis que motivam/explicam a implementação de uma ou outra variante nos processos de variação em outros estudos. Neste capítulo, apresentamos e discutimos algumas opções e procedimentos metodológicos seguidos na execução da investigação empírica desta pesquisa. É primordial, em um estudo que se proponha “sociolinguístico”, conhecer as características sociais dos indivíduos da(s) comunidade(s) investigada(s). Não se trata meramente de travar contato com as variedades de língua dessas comunidades. É importante conhecer o meio em que os indivíduos vivem. Informações sobre economia, política, educação e, até mesmo, sobre religião podem fornecer explicações para determinados fenômenos e características linguísticas evidenciadas em determinado espaço geográfico ou estrato social. Apresentamos, ainda, neste capítulo, um conjunto de informações que, além de caracterizar as regiões investigadas, o que, por si só, justificaria essa tarefa, poderá proporcionar subsídios que, certamente, auxiliarão na interpretação dos resultados estatísticos dos fenômenos que ora propomos investigar. Assim, serão apresentadas informações sobre as comunidades de fala do português europeu e do português brasileiro, como dados populacionais gerais, índices de desenvolvimento, taxas de alfabetização, dimensões territoriais, etc. Essas informações geográficas, estatísticas e sociais, juntamente com a pesquisa histórica sobre a origem e transformação do português europeu e do português brasileiro, apresentada no capítulo precedente, permitirão, em primeiro lugar, que o leitor tenha conhecimento de algumas causas da diversidade de características linguísticas facilmente evidenciadas nas comunidades investigadas. Em segundo lugar, os dados, a seguir apresentados, têm por finalidade justificar a comparação de comunidades de fala que, numa observação menos cuidadosa, podem parecer incompatíveis e não suscetíveis de equiparação. Apresentamos, também, as características das amostras que serão consideradas na pesquisa e os bancos de dados das quais elas fazem parte. Descreveremos, de forma breve, a metodologia empregada na coleta de dados do português brasileiro. Com base na fundamentação teórica, exibimos os contextos linguísticos e sociais que serão considerados na análise quantitativa. Em primeiro lugar, evidenciamos os critérios de seleção das ocorrências que são consideradas e, posteriormente, os critérios para descarte de ocorrências que não pertencem aos contextos variáveis. A etapa posterior empreendida neste capítulo se refere aos procedimentos adotados na consideração de cada fenômeno variável desta tese, quatro no total, três relacionados à primeira pessoa do plural do discurso e um relacionado à terceira pessoa do plural. Nesse momento, exibimos também uma breve discussão a respeito do modo como as ocorrências dos *corpora* foram consideradas em relação a cada uma das variáveis linguísticas consideradas para cada fenômeno. No encerramento do capítulo, apresentamos nossas proposições sobre a metodologia aplicada na análise dos resultados fornecidos pelo programa computacional *GOLDVARB*, empregado na extração de resultados estatísticos relacionados à ocorrência dos fenômenos variáveis alvos da presente tese.

3.1. Caracterização do estado de São Paulo, do interior paulista e da mesorregião de São José do Rio Preto (noroeste do estado)

O estado de São Paulo possui atualmente uma população de 41,2 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 18 milhões encontram-se no interior do estado (quase 10% da população brasileira, atualmente mais de 190 milhões de pessoas) e quase 1,5 milhões na mesorregião administrativa de São José do Rio Preto. A área total do estado é de 248.209 km² (figura 9). Descontada a área metropolitana da cidade de São Paulo, restam mais de 240 mil km², dos quais a mesorregião de São José do Rio Preto ocupa 25.431 km² (figura 10).³⁶

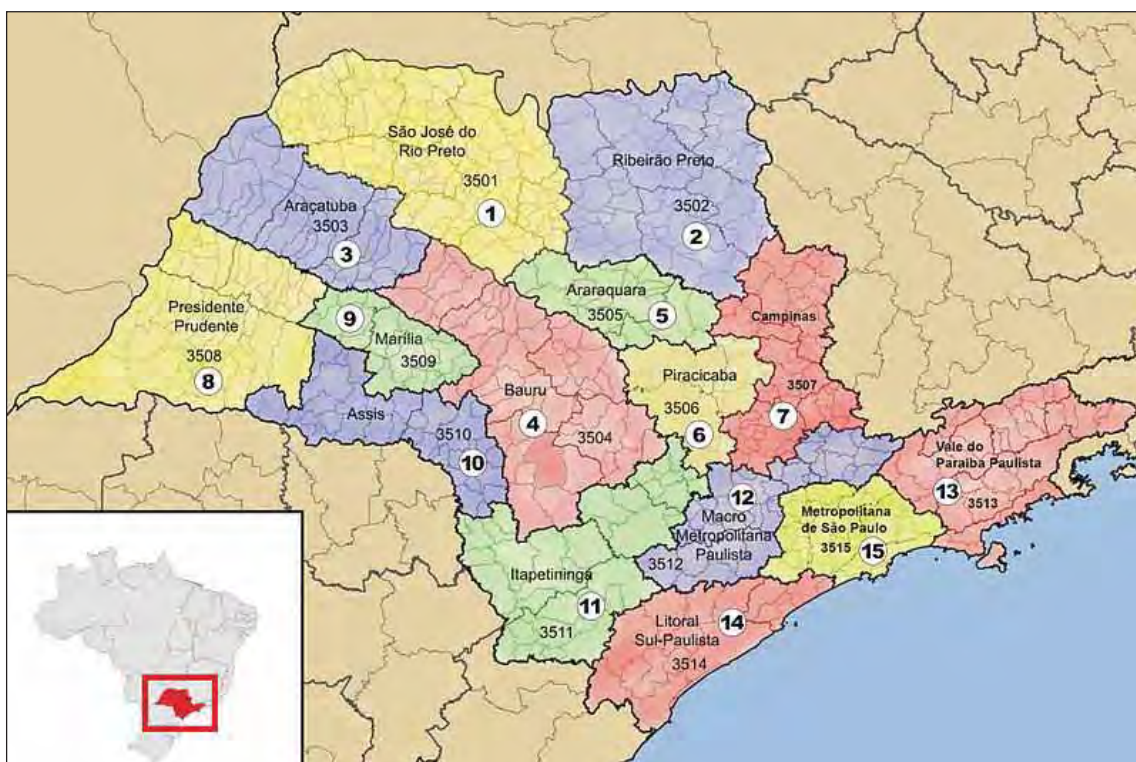


Figura 9: Mapa do Estado de São Paulo e suas mesorregiões

³⁶ Fontes: <http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=5050>, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, <www.seade.gov.br>; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <www.ibge.gov.br>; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP/Min. da Educação, <www.inep.gov.br>; Portal das Cidades Paulistas <www.cidadespaulistas.com.br>. Acesso em: 15 set. 2011.

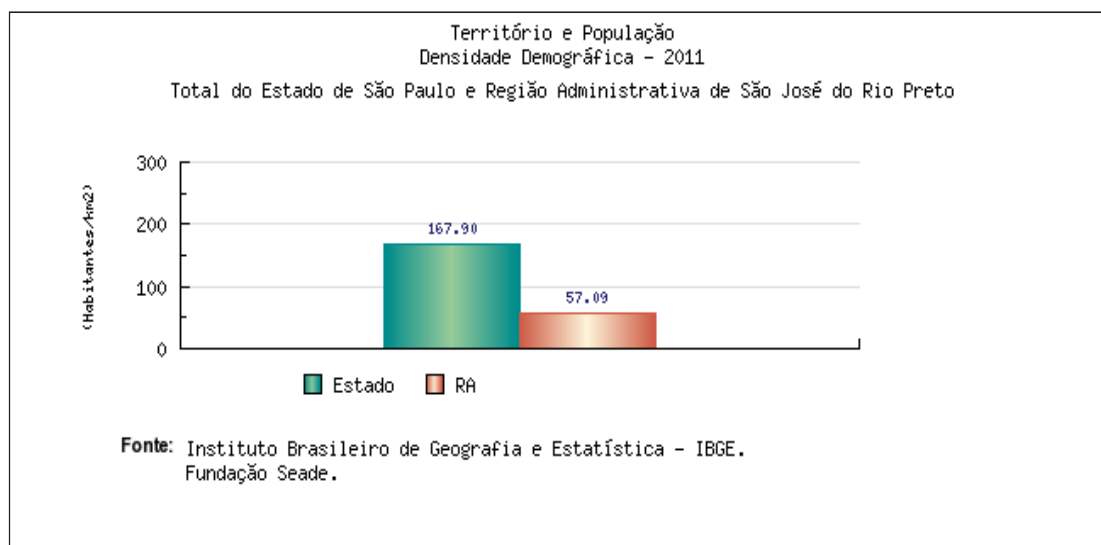


Gráfico 1: Densidade demográfica do estado de São Paulo e da região de S. J. do Rio Preto³⁷

Há 645 municípios em todo o estado e, subtraídos os 39 que se unem a capital (zona metropolitana paulista), são 606 cidades no interior. Somente na região noroeste do estado existem 109 municípios, dentre os quais a cidade de São José do Rio Preto, atualmente com 408 mil habitantes, segundo o censo populacional de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

O índice de desenvolvimento humano (IDH) do estado de São Paulo é de 0,833, índice equivalente ao apurado na mesorregião de São José do Rio Preto (0,834).^{38,39} Em relação à alfabetização, a taxa média atual é de 95,3% em todo o estado e de 94,7% na região noroeste.

Nove, dos 645 municípios do estado, superam os 500 mil habitantes, estando quatro deles no interior e cinco na zona metropolitana da capital. Mais de 20 cidades ultrapassam os 300 mil habitantes. Do total de habitantes de todo o estado, 95,88%

³⁷ Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, <www.seade.gov.br>; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <www.ibge.gov.br>.

³⁸ Vale lembrar que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é a medida que permite avaliar as condições de vida em um país, com base na expectativa de vida, educação, no PIB, na renda per capita, etc.).

³⁹ O IDH brasileiro, segundo o Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento (<http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade>), é de 0,699, valor que coloca o Brasil em septuagésimo terceiro lugar no *ranking* mundial.

vivem na zona urbana. Para a região de São José do Rio Preto, o grau de urbanização matém-se acima dos 91% (gráfico 2). No Brasil, o índice é pouco menor, com 84% da população vivendo em áreas urbanas, segundo apontam os resultados do último censo do IBGE.

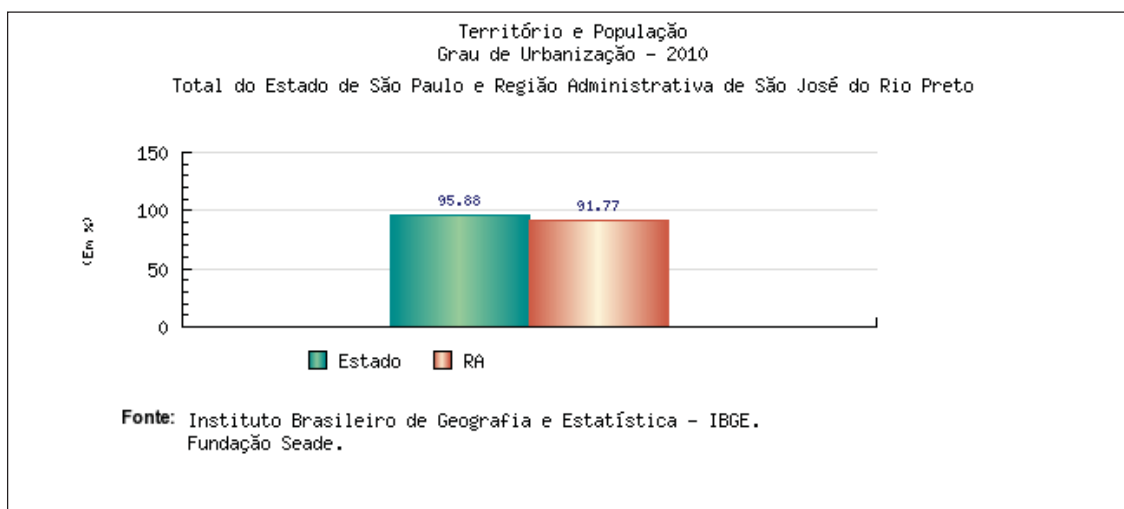


Gráfico 2: Grau de urbanização do Estado de São Paulo e da região de S. J. do Rio Preto (RA)⁴⁰

Em relação ao PIB (produto interno bruto), São Paulo apresenta números astronômicos, que superam a maioria dos países do continente americano e de outros continentes. Segundo dados do SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), o valor ultrapassa 1 trilhão de reais, e somente o interior do estado é responsável por 310 bilhões de reais (194 bilhões de dólares, aproximadamente), valor quase 40% maior que o do PIB chileno (121 bilhões de dólares).⁴¹ A região noroeste apresenta contribuição modesta para esse total (considerando-se a sua dimensão), com números que se aproximam da casa dos 22 bilhões.⁴²

⁴⁰ Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, <www.seade.gov.br>; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <www.ibge.gov.br>.

⁴¹ Fonte: SEADE. Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/pib/>. Acesso em 16.jul.2011.

⁴² Grande parte do PIB do estado concentra-se na capital, São Paulo, e na zona metropolitana, que constituem áreas fortemente industriais. Cerca de um quarto do PIB do interior paulista concentra-se na zona metropolitana de Campinas.

Os índices de mortalidade infantil do estado e da região ainda são altos (12,48 e 11,04, respectivamente, por mil nascidos – gráfico 3), se equiparados aos índices de países desenvolvidos, como Japão, que apresenta taxa de 3,3 mortes por mil nascimentos, e de alguns países latinos (Chile, 8,5; Cuba 5,8).

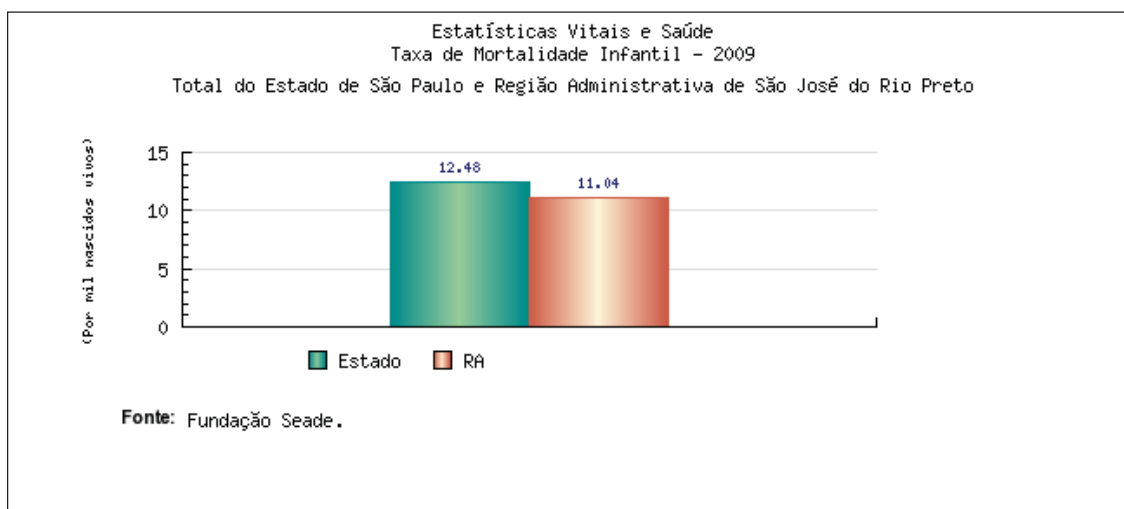


Gráfico 3: Taxa de mortalidade infantil no estado de São Paulo e na região de S. J. do Rio Preto⁴³

Atinente à religião, 70% da população do estado se declara católica apostólica romana, aproximadamente 23% possuem outra religião, com predomínio de religiões evangélicas, e 7% declaram não possuir religião.⁴⁴

A educação obrigatória no estado de São Paulo e em todo o Brasil compreende apenas o Ensino Fundamental da Educação Básica, que vai do primeiro ao nono anos, com início aos seis anos de idade e finalização aos 14 anos (idade ideal). Há, portanto, nove anos de escolarização de caráter obrigatório no país, fixados apenas recentemente, com a implementação gradativa de mais um ano no Ensino Fundamental. O Ensino

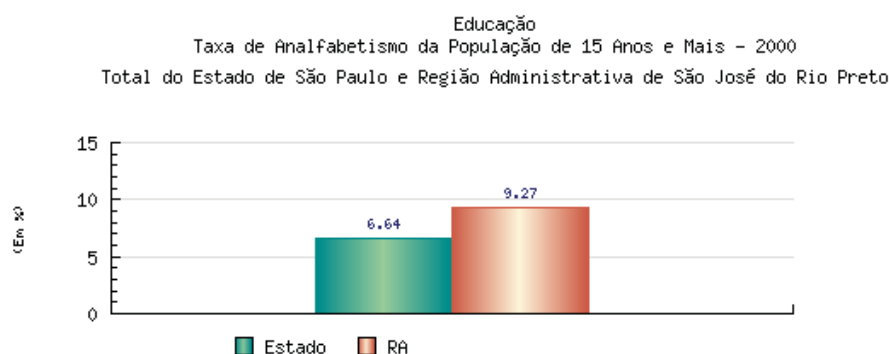
⁴³ Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, <www.seade.gov.br>; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <www.ibge.gov.br>.

⁴⁴ Fontes: IBGE; SEADE. Disponíveis em <<http://www.ibge.gov.br>> e <http://www.seade.gov.br/produutos/perfil_regional/index.php>. Acesso em 16.jul.2011.

Médio, segunda etapa do Ensino Básico, de caráter não obrigatório, compreende o primeiro, segundo e terceiro anos.⁴⁵

Atualmente, são 6.057.884 de alunos matriculados nas etapas obrigatórias do Ensino Básico em todo o estado de São Paulo e 1.736.908 alunos matriculados no Ensino Médio, que, conforme já relatado, ainda não se constitui etapa obrigatória de educação no estado e no país. Somando-se a esses números os totais de matriculados na educação infantil, na educação profissional e na educação especial, perfaz-se um total de 10.637.167 de alunos matriculados em instituições do estado de São Paulo.⁴⁶

Em seguida, encontra-se o gráfico que aponta a taxa de alfabetização da população paulista e da região de São José do Rio Preto, segundo levantamento do IBGE.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Demográfico. Fundação Seade.

Gráfico 4: Taxa de analfabetismo da população de 15 anos e mais, no ano de 2000, no estado de São Paulo e na região de S. J. do Rio Preto (RA)⁴⁷

⁴⁵ Até o ano de 2016, conforme prevê a Emenda Constitucional número 59, haverá a implantação do ensino obrigatório dos quatro aos 17 anos, com a criação de escolas de educação infantil em todo o país e com a obrigatoriedade do Ensino Médio, o que gerará a inclusão de mais de 4 milhões de crianças e jovens em instituições de ensino.

⁴⁶ Fontes: Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. Disponíveis, respectivamente, em: <<http://www.mec.gov.br/>>, <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 16.jul.2011.

⁴⁷ Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, <www.seade.gov.br>; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <www.ibge.gov.br>.

Conforme vemos no gráfico, a taxa média de analfabetismo da população com mais de 15 anos do estado de São Paulo, no ano de 2000 (data pouco anterior à constituição do Banco de dados Iboruna), era de 6,64%, e a taxa da região Administrativa de São José do Rio Preto, de 9,27%. Ainda segundo dados do SEADE, a média de anos de estudo da população de 15 a 64 anos, no mesmo período foi de aproximadamente 7,5 anos, tanto para o estado quanto para a região de São José do Rio Preto. Se considerada a população de 18 a 24 anos do estado, um percentual de 42% possui o Ensino Médio completo. Na região, 46,8% da população dessa faixa etária concluiu a Educação Básica. Entre a população com mais de 25 anos residente na região de São José do Rio Preto, 63,3% possui mais de 8 anos de escolaridade. No estado, o percentual é menor, 55,5%.

3.2. Caracterização de Portugal

A República Portuguesa, localizada no sudoeste do continente europeu, delimitada a norte e a leste por Espanha e a sul e a oeste, pelo Oceano Atlântico, possui uma área de 92.389 km² (figuras 11 e 12) e uma população de 10,5 milhões de habitantes, com uma densidade populacional de 115 habitantes por km² (ver figura 13, que apresenta as áreas com maiores densidades populacionais). O PIB atual do país é de aproximadamente 229 bilhões de dólares (em torno de 364,1 bilhões de reais), segundo dados do FMI (Fundo Monetário Internacional).⁴⁸

Portugal é a 36^a maior economia do mundo, conforme dados do Banco Mundial, e o 43^o país em competitividade no Fórum Econômico Mundial. A taxa de desemprego

⁴⁸ Dólar cotado a 1,59 reais, em 08 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 8.ago.2011.

do país é de aproximadamente 12,3%.⁴⁹ A expectativa de vida média da população é de 78,1 anos, o que coloca o país em 39º lugar dentre as nações com melhores expectativas de vida do mundo. A mortalidade infantil média registrada no país é de 3,7 para cada mil nascidos, e o índice de alfabetização atual da população é de aproximadamente 94%.⁵⁰



Figuras 11: Mapa da Europa (destaque para Portugal)⁵¹



Figuras 12: Mapa político de Portugal⁵²

⁴⁹ 1º trimestre de 2011, segundo o Instituto Nacional de Estatística de Portugal.

⁵⁰ Fontes: Instituto nacional de estatística de Portugal; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões em Brasília; Página oficial do Governo português; Embaixada do Brasil em Lisboa; Consulado-Geral do Brasil em Lisboa. Disponíveis, respectivamente, em: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_mapa_portal>; <<http://www.min-nestrangeiros.pt>>; <<http://www.abordo.com.br/icamoes>>; <<http://www.emb-brasil.pt>>; <<http://www.consulado-brasil.pt>>. Acesso em 16.jul.2011.

⁵¹ Fonte: Disponível em <http://europa.eu/abc/maps/members/port_pt.htm>. Acesso em: 16.jul.2011.

⁵² Idem.

O IDH de Portugal, 0,795, é classificado como *muito alto* pelas Nações Unidas, contudo fica aquém das expectativas, quando comparado aos índices de vizinhos e países próximos do continente europeu, como Itália (0,854), França (0,872) e Espanha (0,863).⁵³

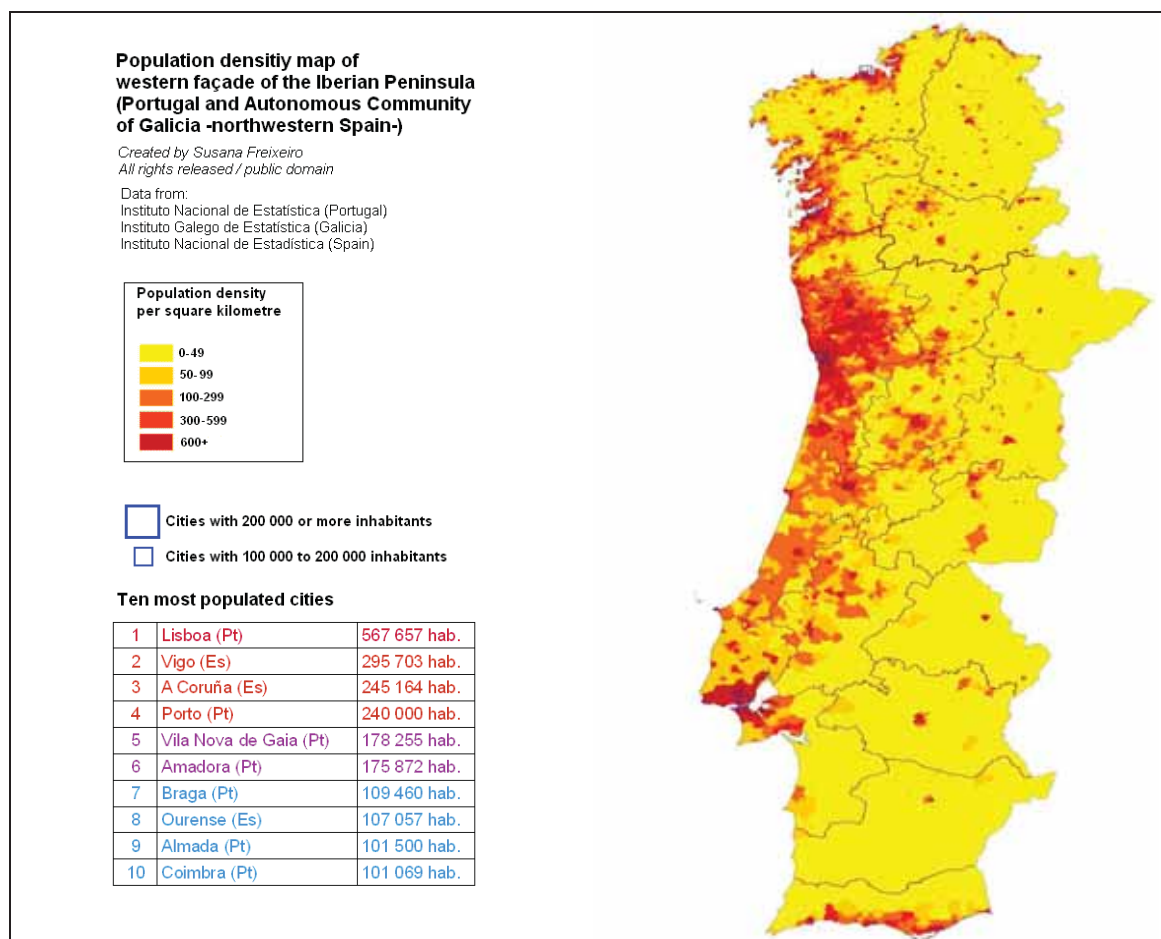


Figura 13: Mapa da densidade populacional de Portugal⁵⁴

Em relação à população total por município, a capital do país, Lisboa, é a cidade mais populosa e a única a superar os 500 mil habitantes (aproximadamente, 570 mil habitantes, segundo o censo de 2011). Seguem-se a Lisboa, as cidades de Porto, Vila Nova de Gaia, Amadora e Braga, com, respectivamente, 240, 179, 175 e 109 mil

⁵³ Fonte: Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3600&lay=pde>.

⁵⁴ Fonte: Domínio público. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Population_density_of_western_Iberian_Peninsula.PNG>

habitantes. Apenas 10, do total de 308 cidades do território português, superam os 100 mil habitantes. Cento e dez municípios desse total possuem menos de 10 mil habitantes e 53 deles, cinco mil habitantes ou menos. Se considerada a região de Lisboa, com cidades circunvizinhas, a população atinge 2,8 milhões de pessoas. Na região norte, onde está localizada a cidade do Porto, estima-se que vivem, aproximadamente, 3,7 milhões de habitantes, conforme se visualiza no quadro a seguir, retirado do último censo populacional, concluído em março de 2011.

	Censos 2011 (Dados preliminares)						
	População				Famílias	Alojamentos	Edifícios
	Residente		Presente				
	HM	H	HM	H			
Portugal	10555853	5052240	10476291	4980003	4079577	5879845	3550823
Norte	3689713	1769482	3641412	1728877	1341445	1849181	1210720
Centro	2327026	1112257	2301447	1090373	914716	1450268	1113420
Lisboa	2815851	1334637	2783318	1312975	1154904	1486927	450574
Alentejo	758739	367720	749766	361931	306207	472831	384791
Algarve	450484	220183	475220	232885	186456	381026	200481
Açores	246102	121299	245629	121184	82703	110038	98850
Madeira	267938	126662	279499	131778	93146	129574	91987

Quadro 7: População residente e presente, famílias, alojamentos e edifícios⁵⁵

Aproximadamente 60% da população portuguesa reside nas zonas urbanas, o que supõe que um percentual considerado alto (40%) ainda se encontra em zonas rurais do país.

A religião católica é fortemente predominante no país, com 90,3% da população se declarando como praticante do catolicismo apostólico romano. Há um percentual de

⁵⁵ Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Portugal. Disponível em: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_mapa_portal>. Acesso em: 16.jul.2011.

6,9% de ateus ou de indivíduos que se declaram sem religião, o que permite afirmar que apenas 2,8% da população possui outras crenças religiosas.

A educação em Portugal se inicia aos 6 anos de idade, com a divisão do Ensino Básico em ciclos: 1º ciclo, do 1º ao 4º anos; 2º ciclo, 5º e 6º anos, e 3º ciclo, do 7º ao 9º anos. A escolaridade obrigatória no país é de 12 anos; portanto, além do Ensino Básico, é necessário cursar também o Ensino Secundário, que abrange o 10º, 11º e 12º anos de escolarização e tem um sistema de organização diferente dos demais ciclos do Ensino Básico.⁵⁶ Nessa etapa, o aluno tem direito de escolha de uma das áreas de ensino, para a qual deseja se inscrever, sem a formalidade de cursar conteúdos das outras áreas.

É comum, no país, haver a divisão dos ciclos em diferentes unidades escolares, com unidades menores para os alunos do primeiro ciclo (média de 200 alunos) e unidades de grande porte, com até 2 mil alunos, para o 2º e 3º ciclos e o Ensino Secundário.

Segundo dados oficiais do Ministério da Educação, atualmente 1.952.114 alunos estão matriculados em uma das etapas obrigatórias de escolarização no país e, desse total, 1.215.380 encontram-se em ciclos do ensino básico. São 12.034 estabelecimentos de ensino de natureza pública e privada, com predominância dos primeiros (9.226) sobre os segundos (2.808).

3.3. Comparativo de Portugal, do estado de São Paulo, do interior do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto

Retomamos, no quadro a seguir, os principais dados geográficos, populacionais e estatísticos de Portugal, do estado de São Paulo e da região noroeste do estado de São

⁵⁶ Fonte: Ministério da Educação de Portugal. Disponível em: <http://www.min-edu.pt/>. Acesso em: 21 jul. 2011.

Paulo (mesorregião administrativa de São José do Rio Preto), com o intuito de legitimar o estudo comparativo que ora propomos.

Se considerarmos apenas os aspectos político-administrativos dessas regiões, qualquer comparação entre elas poderia parecer sem justificativa, dado o maior grau de importância que assume um país em relação a apenas uma região de outro. Entretanto, quando observamos todas as características sociais, geográficas e econômicas das duas comunidades de fala aqui consideradas, é possível notar semelhanças que permitem a proposição de um estudo de caráter comparativo entre elas. Vejamos o quadro a seguir.

INDICADORES	PORTUGAL	ESTADO DE SÃO PAULO	INTERIOR DE SÃO PAULO	REGIÃO DE S. JOSÉ DO RIO PRETO
População em milhões de hab.	10,5	41,2	18	1,5
PIB em reais	364,1 bilhões (229 bilhões de dólares)	1,003 trilhão	310 bilhões	22 bilhões
Área	92.389 km ²	248.209 km ²	240.167 km ²	25.431 km ²
Dens. demográfica	115 hab./km ²	166,2 hab./km ²	68 hab./km ²	57,09 hab./km ²
IDH	0,795	0,833	0,833	0,834
Alfabetização⁵⁷	92%	93,3%	91,5%	90,7%
Municípios	308	645	606	109
Expectativa de vida em anos	78,1	73	73	76
Mortalidade infantil (mortes por mil nascidos)	3,7	12,48	12,1	11,4
Cidade mais populosa	Lisboa (570 mil habitantes)	São Paulo (11,3 milhões de habitantes)	Campinas (1,09 milhões de habitantes)	São José do Rio Preto (408 mil habitantes)
Municípios com mais de 100 mil habitantes	10	75	56	3
População urbana	60%	95,88%	93,4%	91,77%

Quadro 8: Comparativo geral entre Portugal, estado de São Paulo, interior do estado e mesorregião de São José do Rio Preto

⁵⁷ Os índices de alfabetização apresentados são os verificados no ano de 2000. A taxa de alfabetização portuguesa nos anos de 1980 e 1990 era de 80% e 90%, respectivamente. A explicação da consideração desses índices encontra-se na caracterização das amostras, visto as amostras do PB terem sido gravadas na década de 2000 e as amostras do PE nas décadas de 1980 e 1990. Fonte: UNESCO <http://www.unesco.org/new/en/education/>. Acesso em 21 junho 2011.

A população portuguesa equivale a, aproximadamente, 25% da população do estado de São Paulo e a 60% dos habitantes do interior do estado. O PIB português é 600 bilhões menor que o PIB de São Paulo e pouco maior que o PIB do interior paulista.⁵⁸

O estado de São Paulo e também o interior paulista possuem área territorial duas vezes e meia maior que a do território de Portugal. Somente a região de São José do Rio Preto equivale a quase 30% da área territorial portuguesa. O mesmo ocorre no que se refere ao número de municípios das áreas consideradas. Portugal tem menos da metade dos municípios paulistas e pouco mais da metade dos municípios do interior paulista. A região Noroeste abriga o equivalente a mais de um terço dos municípios portugueses.

A cidade de São Paulo possui mais habitantes do que todo o território português, sem a consideração das cidades da zona metropolitana paulista. A capital portuguesa, Lisboa, se considerado como critério o número de habitantes, equipara-se mais adequadamente à cidade de São José do Rio Preto do que à capital do estado.

Alguns dados qualitativos, diferentemente dos quantitativos, aproximam todas as áreas consideradas. Os índices de alfabetização, por exemplo, assemelham-se (acima dos 90%), assim como os IDH (próximos a 0,8) e as expectativas de vida das populações (acima dos 73 anos).

Todavia, outros índices discrepam substancialmente, como a taxa de mortalidade infantil, que no estado de São Paulo se encontra em patamares que superam a casa das 11 mortes para cada mil nascimentos, enquanto, em Portugal, é de apenas 3,7 mortes para cada mil nascidos. No estado e no interior há uma taxa elevada de urbanização, que supera os 90 pontos percentuais e, em Portugal, encontra-se próxima dos 60%, apenas.

⁵⁸ Compreende o interior paulista todo o território do estado de São Paulo, excetuados os municípios da zona litorânea e da região metropolitana de São Paulo.

Ressaltamos que a divisão do interior do estado de São Paulo em regiões administrativas é proposta em relação aos centros populacionais (cidades de maior porte) e não em relação às diferenças sociais e culturais das zonas territoriais.

3.4. Caracterização da amostra de fala do interior paulista (variedade do português brasileiro)

O Banco de Dados Iboruna foi composto pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), no período de março/2004 até setembro de 2007.⁵⁹ Trata-se de iniciativa inédita, por constituir o primeiro banco de dados de amostras de fala do interior do estado de São Paulo, com rigorosa coleta de dados e controle de variáveis sociais, abrangendo sete municípios da região noroeste, quais sejam: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

Os informantes, de perfis sociais pré-definidos pelo entrecruzamento das variantes de *sexo/gênero*, *faixa etária*, *nível de escolaridade* e *renda familiar*, contribuíram com cinco tipos de textos orais diferentes: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de descrição*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*. Além de residir nas cidades abrangidas pelo projeto, era necessário que o informante nela estivesse desde pelo menos os seus cinco anos de idade, ou, ainda, que houvesse nascido na cidade.

Do cruzamento das variantes dos quatro grupos de fatores sociais constituíram-se os perfis da Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC), composta de 160 células, que definiram os informantes contatados. Excluídas oito células impossíveis de serem

⁵⁹ O nome *Iboruna* (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir a cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração do seu cinquentenário. A contundente intervenção do episcopado riopretano não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944 (GONÇALVES, 2007).

preenchidas (faixa etária de 7 a 15 anos vs. escolaridade *Ensino Superior*), obtém-se o total de 152 informantes, de acordo com a distribuição apresentada no quadro a seguir.

RENDA / GÊNERO		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1o.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o. C EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINO M	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o. C EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINO M	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o. C EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINO M	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o. C EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINO M	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 ANOS	1o.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o. C EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINO M	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB-TOTAL DE INF.	1o.C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2o. C EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	ENSINO M	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUPERIOR	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES		19	19	19	19	19	19	19	19		152
		38		38		38		38			
		76				76					

*O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante, resultante do cruzamento das variantes sociais.

Quadro 9: Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais

A definição da AC pautou-se pelos seguintes critérios: (i) preenchimento de um informante por célula; (ii) aplicação do método aleatório simples (SILVA, 2003), para a distribuição proporcional dos 152 informantes ao número de habitantes das áreas

geográficas consideradas, conforme quadro seguinte, baseado nos dados populacionais do ano de 2000, época de propositura do projeto.⁶⁰

Cidades da Região de São José do Rio Preto	Distância de SJRP	População
1. Bady Bassitt	12 km, ao sul	11.475
2. Cedral	14 km, ao sul	6.690
3. Guapiaçu	16 km, ao leste	14.049
4. Ipiruá	18 km, ao norte	3.461
5. Mirassol	14 km, a oeste	48.233
6. Onda Verde	25 km, ao norte	5.407
7. São José do Rio Preto	-	357.705
Total da população representada		447.020

Fonte: IBGE (Censo 2000)

Quadro 10: Distribuição da população da região de São José do Rio Preto em 2000

O método aleatório simples de distribuição dos perfis sociais no espaço geográfico em que se realiza o censo linguístico consistiu dos seguintes passos: (i) distribuiu-se o total de informantes proporcionalmente ao número de habitantes de cada área; (ii) em uma urna₁, com a identificação dos perfis sociais, e, em uma urna₂, com a identificação das cidades, escolheram-se simultaneamente um perfil social e uma cidade, definindo-se a origem geográfica do informante; (iii) repôs-se na urna₂ a cidade escolhida, até que o total de seus informantes estivesse definido, de modo a garantir que todos os perfis sociais tivessem igual probabilidade de pertencer a qualquer uma das cidades; (iv) repetiram-se os procedimentos até que todos os perfis sociais estivessem distribuídos.

Como já mencionado, as cidades selecionadas possuíam e possuem número de habitantes diferentes umas das outras, o que faz com que a quantidade de informantes requerida fosse proporcional a esse número. Assim, nas figuras a seguir temos,

⁶⁰ Informações adicionais sobre o banco de dados Iboruna e o projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) podem ser acessadas pelo site <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Para informações sobre a composição do banco de dados, consultar Gonçalves (2006, 2007).

respectivamente, a distribuição da população da Região de São José do Rio Preto, em percentuais, e o número de informantes da amostra censo por cidade da região.

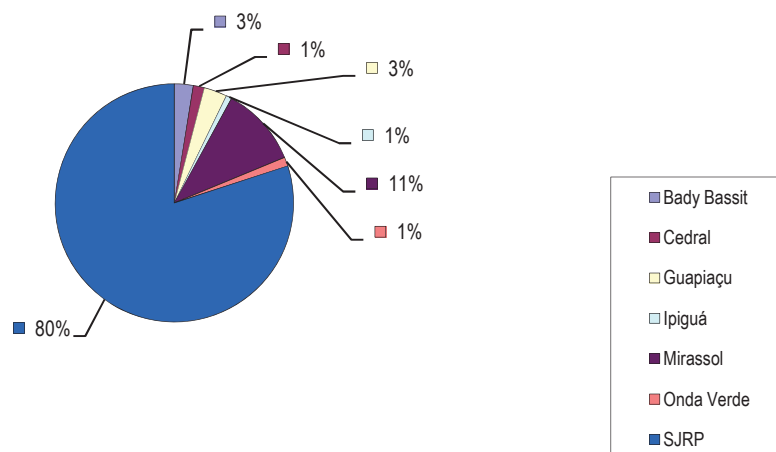


Figura 14: Distribuição da População da Região de SJRP

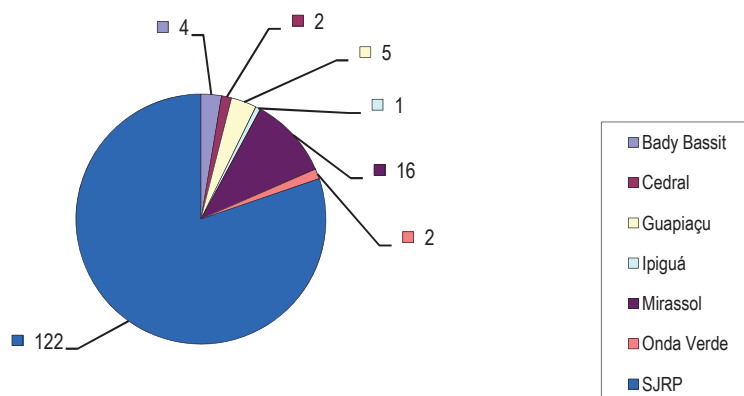


Figura 15: Número de informantes da Amostra Censo por cidade

Ressaltamos, mais uma vez, que os números apresentados aqui se referem ao Censo do ano de 2000. Esses cálculos serviram de base para a constituição do Banco de Dados Iboruna, iniciado em 2003. Os números atuais, referentes ao Censo do ano de 2010, podem divergir dos aqui apresentados.

A manutenção do número de 152 informantes não compromete a representatividade da amostra, como já bem demonstraram outros projetos e o próprio Labov (1972, p. 204), ao considerar que a variação é bastante padronizada e, mesmo não havendo um imenso número de falantes para sua comprovação, a regularidade linguística emerge, o que autoriza generalizações acerca da língua usada na comunidade como um todo. Como adverte Paiva (1999, p. 7), essas implicações, “embora não possam ser ignoradas, não chegam a comprometer o estudo sociolinguístico” desde que se atente para duas questões importantes: a necessidade de usar técnicas estatisticamente válidas de amostragem e o conhecimento prévio das dimensões relevantes da estratificação, de forma a poder planejar corretamente a amostragem.⁶¹

3.4.1. Composição da sub-amostra do português brasileiro

Para análise da CV e da AP na Região de São José do Rio Preto, optamos por selecionar uma sub-amostra de 64 entrevistas do Banco de Dados Iboruna. Os informantes foram selecionados mediante a análise de seus respectivos perfis sociais, a fim de que fosse selecionado o maior número de perfis sociais possíveis, garantindo a heterogeneidade da amostra. Sendo assim, foram selecionados 32 homens e 32 mulheres, estratificados por faixa etária e escolaridade.

Antes de exibirmos o quadro com os informantes que compõem a sub-amostra do PB do interior paulista, cabe apresentar as justificativas para a consideração de

⁶¹ Uma pequena crítica a ser feita à composição do Banco de Dados Iboruna é a de que não foram considerados os percentuais de distribuição da população em estratos sociais, ou seja, ainda que a porcentagem de indivíduos de média escolarização (2º ciclo do EF e Ensino Médio) seja extremamente superior ao percentual de indivíduos com nível superior, foi entrevistado o mesmo número de informantes de todos os níveis de escolaridade, o que ocorreu também para os demais contextos sociais. A desconsideração dessas peculiaridades resultou na dificuldade de localização de alguns perfis sociais, como, por exemplo, informantes de faixas etárias intermediárias (26 a 35 anos e 36 a 55 anos) com baixo nível de escolaridade (1º ciclo do EF). Outra consideração a ser feita é a desconsideração do grau de escolaridade nulo, que contempla os analfabetos, aproximadamente 5% da população da região.

apenas parte (64) das 152 entrevistas que compõem o banco de dados Iboruna. Em primeiro lugar, havia grande variação no tempo de duração das entrevistas, com algumas gravações que apresentavam apenas 10 minutos ou até 80 minutos de gravação, o que nos levou a optar por uma solução que minimizasse essa discrepância. Em observação e audição preliminar, selecionamos apenas as entrevistas que possuíam entre 25 e 40 minutos de duração, o que fez com que o número de amostras se reduzisse em aproximadamente 40%. Além disso, algumas amostras de fala apresentam menor qualidade de gravação, com ruídos em pequenos trechos, o que se impôs como outro critério de seleção.

Foram descartadas também 24 entrevistas dos informantes que possuíam entre 7 e 15 anos, devido a não haver, no *corpus* europeu, faixa equivalente a esta, inviabilizando a comparação.⁶²

A desconsideração do fator social *renda familiar* na composição da subamostra, justificada, por sua vez, pelo insucesso, na composição do banco de dados, da busca de alguns perfis sociais, em especial os de alta renda familiar e baixa escolaridade (que fez que o fator fosse desconsiderado também na composição do banco de dados), contribuiu para que esse recorte não comprometesse a representatividade de cada estrato social, como se pode observar no quadro de informantes do banco de dados, reproduzido abaixo com destaque nos informantes selecionados, e no quadro seguinte, que traz o número de informantes por perfil social.

⁶² Os informantes com idade entre 7 e 15 anos, contudo, foram considerados em nossa pesquisa sobre a concordância verbal variável de terceira pessoa do plural (RUBIO, 2008).

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO											
GÊNERO		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
7 A 15 ANOS	1o.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o. C EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINO M	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o. C EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINO M	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o. C EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINO M	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o. C EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINO M	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 ANOS	1o.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o. C EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINO M	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
Total por idade			Total por gênero			Total por escolaridade				Total geral	
16 a 25 anos = 16	26 a 35 anos = 16		Masculino = 32			1º. Ciclo EF = 16		2º Ciclo EF = 16		64	
36 a 55 anos = 16	Mais de 55 anos = 16		Feminino = 32			E. Médio = 16		E. Superior = 16			

Quadro 11: Identificação dos informantes da amostra do português brasileiro do interior paulista, destaque para a sub-amostra para estudo da concordância verbal e da alternância pronominal

3.5. Caracterização da amostra de fala de Portugal (variedade do português europeu)

As amostras de fala do português europeu foram retiradas do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)*, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. A composição desse *corpus* teve início no ano de 1988 e, atualmente, compõe-se de 334 milhões de palavras, com diversos tipos de texto de discurso escrito e de discurso oral. Trata-se de amostras de variedades do português da Europa, do Brasil, de mais cinco países africanos de língua oficial portuguesa (Angola,

Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), de Macau, de Timor-Leste e de Goa.

Concernente à cronologia, o *corpus* apresenta textos que datam desde a segunda metade do século XIX até o ano de 2006, contudo, em sua maior parte, as amostras são posteriores a 1970.

O *corpus* pode ser acessado pela internet, no *site* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, <<http://www.clul.ul.pt>>, o qual abriga também outros *corpora*, como o CORDIAL-SIN e o *Corpus do Português Fundamental*, os quais, diferentemente do *corpus* considerado, não apresentam estratificação social que se assemelha à verificada nas amostras do Banco de Dados Iboruna (empregado na composição da amostra da variedade do português brasileiro).

As entrevistas utilizadas foram retiradas mais especificamente do sub-*corpus* oral espontâneo do CRPC. Trata-se de entrevistas coletadas por pesquisadores portugueses, em diversas regiões de Portugal, entre as décadas de 1980 e 1990.

A seguir, segue o quadro com os informantes selecionados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, estratificados com base na amostra do português brasileiro, por nível de escolaridade (em anos), faixa etária e sexo (gênero).

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DO PORTUGUÊS EUROPEU							
Número*	Idade	Sexo	Esc.	Número	Idade	sexo	Esc.
1016	27 (26 A 35)	F	1	618	61 (+ DE 55)	M	3
340	30 (26 A 35)	F	1	832	16 (16 A 25)	F	4
1146	38 (36 A 55)	F	1	134	17 (16 A 25)	F	4
91	40 (36 A 55)	F	1	29	19 (16 A 25)	F	4
885	40 (36 A 55)	F	1	1166	21 (16 A 25)	F	4
962	42 (36 A 55)	F	1	218	22 (16 A 25)	F	4
1250	42 (36 A 55)	F	1	1202	26 (26 A 35)	F	4
769	46 (36 A 55)	F	1	1336	27 (26 A 35)	F	4
1377	46 (36 A 55)	F	1	956	29 (26 A 35)	F	4
31	50 (36 A 55)	F	1	53	31 (26 A 35)	F	4
22	51 (36 A 55)	F	1	1396	31 (26 A 35)	F	4
785	55 (36 A 55)	F	1	529	33 (26 A 35)	F	4
528	60 (+ DE 55)	F	1	710	33 (26 A 35)	F	4
1293	17 (16 A 25)	M	1	725	37 (36 A 55)	F	4
854	31 (26 A 35)	M	1	1020	37 (36 A 55)	F	4
149	33 (26 A 35)	M	1	633	54 (36 A 55)	F	4
757	35 (26 A 35)	M	1	1338	62 (+ DE 55)	F	4
863	35 (26 A 35)	M	1	1242	20 (16 A 25)	M	4
328	41 (36 A 55)	M	1	482	22 (16 A 25)	M	4
502	42 (36 A 55)	M	1	1308	25 (16 A 25)	M	4
1098	42 (36 A 55)	M	1	776	31 (26 A 35)	M	4
426	44 (36 A 55)	M	1	1325	33 (26 A 35)	M	4
765	45 (36 A 55)	M	1	793	36 (36 A 55)	M	4
147	46 (36 A 55)	M	1	673	38 (36 A 55)	M	4
164	48 (36 A 55)	M	1	985	39 (36 A 55)	M	4
913	54 (36 A 55)	M	1	1358	42 (36 A 55)	M	4
764	56 (+ DE 55)	M	1	990	43 (36 A 55)	M	4
1333	56 (+ DE 55)	M	1	770	58 (+ DE 55)	M	4
90	62 (+ DE 55)	M	1	836	21 (16 A 25)	F	5
41	69 (+ DE 55)	M	1	377	23 (16 A 25)	F	5
262	47 (36 A 55)	F	2	221	24 (16 A 25)	F	5
796	48 (36 A 55)	F	2	1292	30 (26 A 35)	F	5
1383	49 (36 A 55)	F	2	1253	36 (36 A 55)	F	5
356	50 (36 A 55)	F	2	523	20 (16 A 25)	M	5
598	50 (36 A 55)	F	2	173	24 (16 A 25)	M	5
467	51 (36 A 55)	F	2	1232	26 (26 A 35)	M	5
886	60 (+ DE 55)	F	2	187	42 (36 A 55)	M	5
864	67 (+ DE 55)	F	2	1072	44 (36 A 55)	M	5
964	26 (26 A 35)	M	2	122	25 (16 A 25)	F	6
1248	27 (26 A 35)	M	2	763	25 (16 A 25)	F	6
106	31 (26 A 35)	M	2	93	26 (26 A 35)	F	6
476	34 (26 A 35)	M	2	1093	32 (26 A 35)	F	6
883	39 (36 A 55)	M	2	308	34 (26 A 35)	F	6
1082	45 (36 A 55)	M	2	455	35 (26 A 35)	F	6
837	50 (36 A 55)	M	2	816	38 (36 A 55)	F	6
965	53 (36 A 55)	M	2	977	41 (36 A 55)	F	6
485	18 (16 A 25)	F	3	479	42 (36 A 55)	F	6
784	18 (16 A 25)	F	3	129	49 (36 A 55)	F	6
795	23 (16 A 25)	F	3	1378	55 (36 A 55)	F	6
109	25 (16 A 25)	F	3	1392	23 (16 A 25)	M	6
1230	25 (16 A 25)	F	3	1238	25 (16 A 25)	M	6
376	26 (26 A 35)	F	3	194	32 (26 A 35)	M	6
560	28 (26 A 35)	F	3	1264	33 (26 A 35)	M	6
1367	29 (26 A 35)	F	3	184	34 (26 A 35)	M	6

682	45 (36 A 55)	F	3	622	34 (26 A 35)	M	6
653	50 (36 A 55)	F	3	236	38 (36 A 55)	M	6
1261	55 (36 A 55)	F	3	232	40 (36 A 55)	M	6
1009	57 (+ DE 55)	F	3	457	42 (36 A 55)	M	6
555	19 (16 A 25)	M	3	994	43 (36 A 55)	M	6
135	24 (16 A 25)	M	3	1042	46 (36 A 55)	M	6
1315	27 (26 A 35)	M	3	111	47 (36 A 55)	M	6
1212	28 (26 A 35)	M	3	290	48 (36 A 55)	M	6
79	40 (36 A 55)	M	3	108	49 (36 A 55)	M	6
67	45 (36 A 55)	M	3	1296	49 (36 A 55)	M	6
657	45 (36 A 55)	M	3	1071	53 (36 A 55)	M	6
1201	49 (36 A 55)	M	3	1394	56 (+ DE 55)	M	6
170	60 (+ DE 55)	M	3				
Total por idade							
Total por idade		Total por gênero		Total por escolaridade**		Total geral	
16 a 25 anos = 25	26 a 35 anos = 34	Masculino = 68		Faixas 1 e 2 = 45	Faixa 3 = 22		
36 a 55 anos = 61	Mais de 55 anos = 13	Feminino = 65		Faixa 4 = 27	Faixas 5 e 6 = 38	133	
* número de identificação da amostra no CRPC							
** Faixas de escolaridade 1 e 2, informantes que sabem ler e escrever, de nível primário de escolaridade, com ou sem exame ou com o primeiro ciclo liceu (ciclo preparatório) ou equivalente; faixa 3, informantes com segundo ciclo liceu ou equivalente; faixa 4, informantes com terceiro ciclo liceu, curso médio ou equivalente; faixas 5 e 6 de escolaridade, frequência universitária ou curso superior completo.							

Quadro 12: Identificação dos informantes da amostra do português europeu, integrantes do Corpus de Referência do Português Contemporâneo e estratificados por variáveis sociais

A quantidade de informantes selecionada para compor a sub-amostra do PE (133 entrevistas) é maior do que a quantidade selecionada para compor a sub-amostra do PB (64 entrevistas), o que se justifica pela diferença de extensão verificada entre elas. As entrevistas do banco de dados Iboruna, as quais apresentam cinco modalidades diferentes de narrativas orais, possuem maior tempo de gravação do que as entrevistas do CRPC, que, por sua vez, possuem um único tipo de narrativa. Enquanto as entrevistas do banco de dados Iboruna duram, em média 30 minutos, as do CRPC duram em média 10 minutos.⁶³

Como se verificará no capítulo da análise de resultados, o número mais elevado de amostras do PE em relação ao do PB não propiciou, entretanto, que houvesse,

⁶³ Para maiores informações sobre o *Corpus* de Referência do Português e sobre o sub-*corpus* oral espontâneo, consultar Bacelar do Nascimento (2000a, 2000b) e Bacelar do Nascimento *et alii* (2001) e outros trabalhos, disponíveis em:
<http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_crpc.php#quadro>

naquelas, soma mais elevada de ocorrências dos fenômenos variáveis analisados. Ao invés disso, para que houvesse melhor equiparação, inclusive, no que se refere ao número de ocorrências, seria necessário número ainda maior de entrevistas do PE, o que, entretanto, não foi possível devido à escassez de *corpora* de fala da língua portuguesa europeia e também à ausência de controle da estratificação social nos *corpora* existentes, como antes afirmado.

Cabe mencionar, ainda, que não há, como na amostra brasileira, total equivalência entre cada um dos estratos sociais, como se pode observar nos totais evidenciados no quadro de informantes supra-apresentado. Nota-se, por exemplo, concentração maior de informantes na faixa etária entre 36 e 55 anos (61 informantes), e nas faixas de escolaridade 1 e 2 (45 informantes), além de maior número de informantes do gênero masculino do que do gênero feminino (68 homens e 65 mulheres). As considerações a respeito dos efeitos sociais nos fenômenos investigados para o PE, devido às restrições impostas pelo *corpus*, requerem uma análise moderada de nossa parte, que considere as influências das discrepâncias evidenciadas na estratificação social. Se para as amostras do interior paulista foi possível realizar uma seleção das amostras, para o PE, recorreremos a todas as entrevistas que se encontravam disponíveis no *corpus*, com o objetivo de submeter à análise estatística o maior número possível de ocorrências dos fenômenos variáveis investigados.

A possível deficiência da sub-amostra do PE não minimiza a validade dos resultados desta tese, visto, até o momento, infelizmente, apresentarem-se poucos bancos de dados das variedades do PE que possam ser usados em estudos sociolinguísticos.

A seguir, apresentamos o mapa do território português, com destaque para as localidades de onde provêm as amostras do *Corpus* Oral Espontâneo.



Figura 16: Mapa das regiões e localidades consideradas pelo CRPC

Com base na consideração de que as amostras do PB do interior paulista não foram estratificadas em relação à localidade do falante, não consideramos também, para as amostras de fala portuguesas, as diferentes origens geográficas dos informantes. Além disso, embora o sub-*corpus* oral do português europeu apresente variada origem geográfica dos falantes, não há homogeneidade em relação aos estratos sociais e às

origens, o que invalida a consideração de cada uma das diferentes localidades em nosso estudo.

3.6. Contextos investigados para os fenômenos em variação (“envelope variacional”)

Embora já tenha sido realizada discussão prévia relacionada aos contextos variáveis de comprovada relevância para os fenômenos ora abarcados, optamos por realizar uma breve revisão bibliográfica para legitimar o controle das variáveis investigadas nesta pesquisa.

3.6.1. Ocorrências consideradas para os fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal de primeira pessoa do plural

Em estudo da AP *nós* e *a gente* em quatro gerações de falantes do Rio de Janeiro, Naro, Görski e Fernandes (1999), consideraram ocorrências de 1PP explícitas e implícitas, associando as desinências verbais *-mos* e \emptyset às formas explícitas em orações anteriores. As ocorrências foram classificadas como próximas ou distantes, de acordo com a distância da forma pronominal explícita *nós* e *a gente*. Os sujeitos desinenciais (ou implícitos) com distância superior a cinco sílabas da forma pronominal foram classificados como distantes, como vemos a seguir:

Posição do sujeito com seu respectivo verbo

Para a posição do sujeito com seu respectivo verbo, distinguimos duas categorias: próxima e distante. Consideramos o sujeito como próximo quando ele se posiciona antes do verbo e é separado dele por menos de cinco sílabas de material fonético. Na ocorrência (3), o primeiro verbo é considerado como um caso de sujeito próximo e o segundo verbo, como um caso de sujeito distante.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles.

Nós não fizemos distinção entre um sujeito distante e um sujeito desinencial.

(NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 204, tradução nossa)⁶⁴

Os resultados apresentados pelos pesquisadores, revelados, inclusive, como frutos da opção metodológica, apontam a preferência do falante pelo emprego da desinência *-mos* como referência à 1PP do discurso nos casos de sujeito distante, seja ele a forma pronominal *nós* ou seja a forma *a gente*.

Para controle da alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala de Vitória, no Espírito Santo, Mendonça (2010) também considerou as ocorrências em que as formas se encontram explícitas na oração e as ocorrências em que a representação da 1PP do discurso se fazia presente por meio das desinências verbais *-mos* e \emptyset , alternantes em contextos de sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*. Entretanto, recorrendo à opção metodológica diversa da empreendida por Naro, Görski e Fernandes (1999), em seu trabalho, Mendonça (2010) optou por associar os verbos com terminação *-mos* (1PP) ao pronome *nós*, denominando-os de casos de *nós implícito*, e os verbos com

⁶⁴**Position of the subject with respect to the verb**

For the position of the subject with respect to the verb we distinguished two categories: near and distant. We considered the subject to be near the verb when it is placed before the verb and is separated from it by not more than five syllables of phonic material. 6 Thus, in (3), the first verb is considered to have a near subject, and the second is verb is classified as having a distant subject.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles
'We always meet with the group, then (we) speak with them.'

We did not distinguish between a distant and a 0 subject.

terminação \emptyset (3PS) à forma pronominal *a gente*, classificando-os como ocorrências de *a gente implícito*, independentemente da forma pronominal explícita em oração anterior.

Coelho (2006) e Antonino e Bandeira (2011), respectivamente, em estudos da AP em comunidade da periferia paulistana e em comunidade afro-brasileira isolada do estado da Bahia, respectivamente, consideraram também os casos de sujeitos desinenciais com formas verbais de 1PP e de 3PS, associando-as às formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas em contextos anteriores, respectivamente.

Com base nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Coelho (2006) e de Antonino e Bandeira (2011) e com base na consideração de que as desinências de 1PP e de 3PS, nas comunidades investigadas, são formas concorrentes tanto junto da forma pronominal *nós* quanto da forma pronominal *a gente* (ocorrências (1.a-f), destacando-se (1.a) e (1.e)), analisaremos, para a AP de 1PP do discurso em posição de sujeito, as ocorrências das formas *nós* e *a gente* explícitas (como em (i) e (ii), respectivamente, das ocorrências em (1)) e as ocorrências das formas verbais alternantes de 1PP do discurso representadas pelas desinências *-mos* e \emptyset , que apresentam as formas pronominais *nós* ou *a gente* em oração anterior. São considerados casos implícitos do pronome *nós* as formas desinenciais *-mos* ou \emptyset , que possuem o pronome *nós* explícito em oração anterior (como em (iii) das ocorrências em (1)). Da mesma forma, são considerados casos de *a gente implícito* as ocorrências das desinências *-mos* ou \emptyset que possuem a forma pronominal *a gente* explícita em oração anterior (como em (iv), das ocorrências em (1)).⁶⁵

⁶⁵ Na codificação que segue cada ocorrência de amostra de fala, são identificados a origem (CRPC, para as amostras do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (português europeu), e BDI, para as amostras do banco de dados Iboruna (português brasileiro)), o número de identificação da amostra no *corpus* e a linha de localização da ocorrência.

(1.a) Inf.: é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: **(i)** *nós* namoram(o)s um ano... e depois **(i)** *nós* casô(u)... **(i)** *nós* fugimo(s) **(iii)** *casamo(s)*... **(iii)** *teve* uma vida muito difícil hoje graças a Deus (VI) **(iii)** *tá* estabilizado mas:::... foi difícil no começo

[BDI-059-17]

(1.b) Inf.: bom... eu tenho um:: um colega que chama::... J.... e ele:: um certo dia ele::... **(i)** *nós* tava na rua era umas:: onze e meia da noite... **(ii)** *a gente* tava lá:: fora... tal conversan(d)o **(iv)** *descemo(s)* no bar pa to/ jogá(r) um bilhar... daí de repente **(ii)** *a gente* tava jogan(d)o bilhar assim no bar... **(iv)** *escutamo(s)* um barulho numa:: casa vizinha do lado... **(i)** *nós* fomo(s) lá vê(r) o que que era... tava esse J.... e uns o(u)tros colega dele... junto com ele tam(b)ém ro(u)bando:: fio de casa

[BDI-031-40]

(1.c) a estrada é (...) uma, uma coisa é... quer dizer, **(ii)** *a gente* quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, **(ii)** *a gente* temos que aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada... desde que o, que o temporal teja velhaco, ora **(ii)** *a gente* vamos aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas **(ii)** *a gente* com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora **(ii)** *a gente* não temos um apára-brisas, nem **(iv)** *temos* nada, aquilo ali é aguentar o pacote, mas aquilo é um bocado custoso, é o que me custa mais é sempre o que custa mais à gente e é o frio no inverno aí numa estrada.

[CRPC-194-3]

(1.d) x: e então **(i)** *nós* saímos das aulas para aí ao meio-dia, depois **(iii)** *telefonamos*, **(iii)** *combinamos* a, a hora, e **(iii)** *vamos* a caminho da praia. **(iii)** *fomos* para aí duas vezes. **(iii)** *chegámos* um dia à torre, para aí num sábado. foi quando **(iii)** *fomos* com ele, **(iii)** *chegámos* à praia da torre, **(iii)** *instalámos* lá por trás dum, dum barco que tava assim empinado na areia; **(iii)** *acondicionámos* ali as, as nossas bagagens

[CRPC-122-10]

(1.e) **(ii)** *a gente* ficô(u) lá quinze dias... **(iv)** *fomos* de ô::nibus **(iv)** *chegamo(s)* lá tudo era novida::de **(iv)** *passamo(s)* bastante **(iv)** *comemo(s)* muito pe(i)xe

[BDI-034-75]

As ocorrências de verbo flexionado na 1PP com sujeito zero que não possuem pronome explícito em contexto anterior não foram consideradas, por não configurarem casos de alternância *nós* e *a gente*. Como se pode constatar nas ocorrências acima

apresentadas, as comunidades investigadas apresentam emprego da forma verbal de 1PP variável, ocorrendo tanto com o pronome *a gente* quanto com o pronome *nós*. A consideração desses casos somente seria possível se considerada uma variável dependente ternária, com variantes *nós*, *a gente*, e *desinência de 1PP –mos* (sem referente pronominal explícito em oração anterior), o que, defendemos, também apresentaria resultados de grande relevância. Contudo, considerando que um dos focos desta pesquisa é a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* como formas de representação da 1PP do discurso em posição de sujeito, restringimo-nos apenas à análise dessas formas em contexto explícito e implícito.

É de nosso conhecimento, por consequência, que o estudo não abarca todas as formas de representação da 1PP do discurso, como as formas verbais de 1PP com sujeito nulo sem pronome explícito em contexto anterior (como em (2.a) e (2.b)) e também as formas compostas (pronome *eu* + formas representantes de segunda ou/terceira pessoas do singular/plural do discurso) (como em (2.c) e (2.d)).

(2.a) nas coisas más. eu assim: «ai meu deus, esbarrou-se.» deixei passar mais tempo, havia cá um funeral dum rapazinho que morreu, de militar, e **estivemos** a ver, eu sempre assim: «bem, ele vem para se vestir, ele vem para se vestir», quer-se dizer, (...) eram seis e tal da tarde, perto das sete horas e ele ainda não tinha assaído de, aparecido, eu peguei, toca a telefonar para o escritório, aparece o patrão. ele é estrangeiro, eu mal percebia

[CRPC-022-17]

(2.b) para se fingir **precisamos** de começar por ser verdade.

[CRPC-1394-10]

(2.c) *eu*, num concurso que fomos lá em pataias, precisamente, em pataias, *com um grupo de rapazes* cá de espinho, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas. a certa altura, estávamos atrás duma rocha,

[CRPC-106-10]

- (2.d) *eu:: meu tio:: meu pri::mo e um colega nosso tava* sentado ali na frente de casa ali né?... eu morava no fundo e meu tio morava na frente né?... aí nós tava sentado ali... aí um cara perguntô(u) – “cê conhece o M.?” – né?... não num perguntô(u) pra mim né? perguntô(u) po colega meu né?

[BDI-025-389]

Da mesma forma, os casos em que os pronomes são empregados em outra função sintática, como complemento verbal, complemento nominal, etc. (como em (3.a) a (3.c)), não foram considerados na análise.

- (3.a) se pudesse, talvez preferisse só advogar, mas ficava com muita pena de perder o contacto com **a gente**

[CRPC-232-5]

- (3.b) por que cada professor tem sua técnica... e mesmo assim a gente faz a técnica **da gente**...

[BDI-086-305]

- (3.c) ah os professor é bom... minha professora é legal com **nós**... ela::... ela dá:: pra nós fazê(r) pesqui::sa... de carta::z pra nós pesquisá(r) os anima::is

[BDI-005-360]

Como já discutido, a forma *a gente*, que advém de uma base nominal gramaticalizada, além de se apresentar como pronome pessoal de IPP, pode também ser empregada como *SN*, composto de um nome acrescido de um determinante (*a*), e, também, assumir a função de sujeito sentencial, como a forma pronominal. As ocorrências que apresentam *a gente* não pronominal (ou *gente*) como *SN*-sujeito ou como núcleo de *SN*-sujeito (como em (4.a) e (4.b)) também não foram consideradas na pesquisa. Alguns critérios permitem o reconhecimento da forma não pronominal, como a pluralização dos elementos (como em (4.c)) e a adição de modificadores à base nominal (como em (4.a-b)), que somente ocorrem quando a forma é um *SN*, composto de nome e determinante. Além dessas estratégias de identificação, a análise semântica

revela diferenças em relação ao referente: o pronome pessoal inclui o próprio falante no estado de coisas descrito pelo verbo; o *SN*, com nome e determinante, trata de referente de terceira pessoa envolvido no estado de coisas, podendo, inclusive, ser substituído por sinônimos como *povo* e *pessoas*, como se verifica em construção do próprio falante, na ocorrência em (4.c).⁶⁶

(4.a) **toda a gente** se manifesta. é preciso que... é preciso que se grite, é preciso que se berre, é preciso que se diga: «abaixo o árbitro!» e «morra o árbitro!» e «mate-se o árbitro!»

[CRPC-170-20]

(4.b) principalmente dar um apoio moral **àquela gente** que embora tivessem a ganhar trabalhavam de dia e de noite. ah, mas era realmente...

[CRPC-682-10]

(4.c) canções de bastante nível que... podem, dar, dar dar possibilidade ao povo de se consciencializar. ao... este chamar este ao povo, **às gentes**, às pessoas...

[CRPC-1242-12]

Como se pode observar nos contextos acima, os verbos ligados a essas formas (*a gente* não pronominal ou o *SN gente*), diferentemente dos verbos ligados ao pronome *a gente*, tendem a ser empregados variavelmente na 3PS ou na 3PP, constituindo, inclusive, ocorrências de outro fenômeno de concordância.

Em relação ao estudo do fenômeno da CV de 1PP, consoante o que se verifica na AP, foram consideradas todas as ocorrências de formas verbais em 1PP e de 3PS que apresentam como sujeito sentencial explícito na própria oração (como em (5.a) e (5.b)) ou expresso em orações anteriores (como em (5.c) e (5.d)), as formas pronominais *a gente* e *nós*, as quais podem representar a 1PP do discurso.

⁶⁶ Na ocorrência (4.c), empregada para apontar a semântica assumida pelo *SN a gente*, a forma pronominal tem função de complemento verbal e não de sujeito, como nos demais casos.

- (5.a) tem uma história d'uma namorada minha que *a gente* se **conheceu** há uns dois anos
[BDI-029-5]
- (5.b) acho que é muito diNHE(i)ro envolvido *nós* **somo(s)** um país muito RIco em petróleo e
tê(r) que comPRÁ(r) petróleo de o(u)tros paí::ses
[BDI-077-10]
- (5.c) o mar partia em cima dele e tava sujeito a pô-lo no fundo, quando *a gente* **passámos** um
cabo, ao barco, e **rebocámos** para fora, mas o barco não podia vir para fora
[CRPC-1293-15]
- (5.d) ela já tava meia assim... aí *nós* falamo(s) que **ia** ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no
chá de bebê
[BDI-072-180]

Em alguns casos, embora haja o uso de formas verbais de 1PP, não há possibilidade de variação dessa forma com a forma concorrente de 3PS, por se tratar de contextos nos quais as formas verbais não atuam em uma estrutura sentencial plena, guardando semelhança maior ou menor com os marcadores discursivos (como em (6.a) e (6.b)), que possuem maior fixidez estrutural.⁶⁷

- (6.a) ah era pra era **vamos dizer** assim reunir os jovens...((Doc.: uhum)) de do do do dos
legionários do Brasil inteiro né?
[BDI-023-65]
- (6.b) eu acho que eu não teria caído desse jeito... teria desviado (dele...) mas...
convenhamos... aí ele começou a gritar que tava com DOR... ele não sabia se ele
socorria o pé dele que tava com dor ou se ele socorria a bendita da moto.
[BDI-050-65]

Empregadas nesse contexto, essas formas verbais não apresentam sujeito explícito na oração, nem expreso em oração anterior. Trata-se de estrutura cristalizada, não passível de variação.

⁶⁷ Para maiores informações sobre a atuação das formas verbais de 1PP como marcadores discursivos e como estruturas cristalizadas, ver RUBIO (2009).

Como já mencionado, além das formas pronominais *nós* e *a gente*, representa a primeira pessoa do plural do discurso também o pronome pessoal de 1PS, *eu*, em conjunto com outras estruturas (*SN*, pronome, numeral, dentre outras) (como em (7.a) e (7.b)), porém, por uma questão de recorte metodológico, essas formas de sujeito foram consideradas separadamente no estudo da CV de 1PP do discurso.

(7.a) era um homem maravilhoso... pena que tem três filho... tem a esposa dele... SÓ... que tudo que *eu e ele* **tivemo(s)** juntos... ninguém ficô(u) sabem(d)o NUNca

[BDI-068-50]

(7.b) *eu*, num concurso que **fomos** lá em pataias, precisamente, em pataias, *com um grupo de rapazes cá de espinho*, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas.

[CRPC-106-30]

A decisão pela desvinculação desses casos dos demais casos de CV de 1PP tem amparo na apreciação da variação com os pronomes *nós* e *a gente* como dois (e não somente um) fenômenos variáveis relacionados à 1PP do discurso, o que sugere que as ocorrências sejam selecionadas em relação às formas pronominais do contexto.⁶⁸

Conforme observação, a CV com a estrutura composta pelo pronome de 1PS *eu* acrescido de outras formas apresenta formas verbais variadas, tratando-se, portanto, de fenômeno com variável dependente eneanária (ao menos, no português brasileiro), com desinências de 1PS (como em (8.a)), 1PP (como em (8.b)), 3PS (como em (8.c)) e 3PP (como em (8.d)), diferentemente dos demais fenômenos considerados neste estudo, os quais possuem variável dependente binária.

⁶⁸ Na análise dos resultados de concordância verbal de primeira pessoa do plural para a variedade do português europeu confirmar-se-á a validade da decisão de se considerarem os fenômenos como distintos, visto apenas um deles se mostrar variável.

- (8.a) porque essa área muito eu fiz ela pra cultivá(r) meus animais... **moro** eu e meu filho...
mais quatro cachorro e CINco gato... éh:: é uma casa realmente muito animada
 [BDI-085-300]
- (8.b) todo dia de:: charrete... pro... pro... pra escola... éh::... e eu e meu irmão pequenos...
ficávamos com uma::... éh... com uma empregada
 [BDI-082-240]
- (8.c) o dia que ela faleceu eu estava de plantão... eu e uma médica... **tava** de plantão dentro
 da U.T.I....
 [BDI-105-20]
- (8.d) uma festa numa boate e::u num me recordo o nome mas é... ali no centro de Rio
 Preto... **foram** eu e meus amigos tal tal... fomo(s) nessa boate... uma boate assim muito
 lo::(u)Ca
 [BDI-074-75]

Além dessas características, outras diferenciam esse fenômeno, como a possibilidade (pela observação da amostra, arriscaríamos afirmar que é uma tendência) de posposição do sujeito composto em relação ao verbo, que praticamente não ocorre com sujeitos como *nós* e *a gente*, conforme já observado. É importante destacar ainda que foram encontradas somente 40 ocorrências de sujeito composto por primeira pessoa do singular nos *corpora*, sendo apenas duas do português europeu, fato que restringe sobremaneira a consideração do fenômeno variável. Porém, mesmo que haja impedimentos para análise quantitativa mais acurada, é possível que se proceda à breve análise qualitativa desses casos, como será visto no capítulo seguinte deste trabalho.

3.6.2. Fatores linguísticos relacionados à primeira pessoa do plural

3.6.2.1. Grau de determinação do referente sujeito

Ao analisarmos a variação entre as formas *nós* e *a gente*, verificamos a AP na representação da 1PP em posição de sujeito sentencial. Na análise da CV variável, a observação recai sobre a ocorrência de formas verbais com desinência de 1PP ou de 3PS, que pode ocorrer junto às duas formas pronominais, *nós* e *a gente*.

Segundo Buescu (1961, *apud* PEREIRA, 2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para referir-se a um número mais completo ou determinado de pessoas. O pronome pessoal *a gente* é usado para delimitar categorias, isto é, para se referir a um número não limitado.

Diversos trabalhos apontaram o *grau de determinação do referente* como importante fator na alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* em posição de sujeito (OMENA, 1986; MACHADO, 1995; LOPES, 1999; VIANNA, 2006).

Além disso, há menção da influência do grau de determinação do sujeito também sobre a CV de 1PP (com os pronomes *nós* e *a gente*) (OMENA, 1996), o que nos leva à consideração dessa variável para os três fenômenos, motivados pela hipótese de que referentes mais específicos e definidos, nos quais o falante nitidamente se inclui, influenciariam a aplicação da desinência de 1PP, independentemente da forma do sujeito pronominal.

Em investigação prévia realizada para a variedade do interior paulista, constatamos a seleção desse grupo de fatores como relevante para a AP e também para a CV com o pronome *a gente*, revelando que sujeitos mais específicos e definidos exercem influência positiva em relação à aplicação de desinência de 1PP, o que se confirmou pelo aumento na frequência de desinências verbais de 1PP para sujeitos de *referente específico e definido* (RUBIO; GONÇALVES, 2010).

Com base nas hipóteses acima e nos trabalhos de Omena (1986), Lopes (1999) e Vianna (2006), propomos o controle do *grau de determinação do referente sujeito* conforme segue:

i) *referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos (9.a) e (9.b).

ii) *referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro (9.c) (9.d).

iii) *referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores (9.e) e (9.f).

- (9.a) *a gente* tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... não desmatá(r)
[BDI-051-550]
- (9.b) *nós* aqui nas cidades apreciamos uma coisa: qualquer... por exemplo...
[CRPC-91-17]
- (9.c) então tem um secante de cobalto... que *a gente* utiliza lá no serviço
[BDI-086-380]
- (9.d) a sardinha é o peixe com que *nós* trabalhamos cá mais
[CRPC-147-29]
- (9.e) quando *a gente* lá foi e vimos então que o homem tinha a rede na... na hélice
[CRPC-1293-3]
- (9.f) à noite, *nós* comemos, todos três, vamos dar uma volta no carro e depois vimos para casa.
[CRPC-22-7]

3.6.2.2. Tempo e modo verbal

Vários são os estudos que investigam a influência da expressão modo-temporal do verbo no emprego das formas *nós* e *a gente* e do tipo de CV que elas desencadeiam. Segundo Fernandes; Görski (1986), em relação à CV, a desinência *-mos* de 1PP vem adquirindo função de morfema de Pretérito, em oposição ao morfema \emptyset de Presente, o que leva à expectativa de que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no Pretérito enquanto *a gente*, a verbos no Presente. Omena (1986) e Lopes (1998) mostram que Pretérito Imperfeito, Presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto Futuro e Pretérito Perfeito, o uso de *nós*. *A gente* estaria relacionado a tempos menos definidos, como o Presente (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o Pretérito Imperfeito, que denota ação passada inconclusa. Tempos verbais de valores mais definidos, como o Pretérito Perfeito (que denota ação passada conclusa), estariam mais ligados ao emprego do pronome *nós* (VIANNA, 2006).

Em relação à CV de 1PP do discurso e ao emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, Naro *et al.* (1999) comprovaram, em estudo de quatro diferentes gerações de falantes do Rio de Janeiro, que formas de Pretérito relacionadas aos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* tendem a apresentar com maior frequência desinências de 1PP do que formas no Presente. Os autores constataram ainda que, para os falantes de maior idade, a saliência fônica verbal é a principal variável de influência no emprego de formas verbais de 1PP e 3PS junto dos pronomes *nós* e *a gente*, com formas mais salientes favorecendo o emprego da desinência *-mos*. Por outro lado, dentre os falantes mais jovens, o fator linguístico *tempo verbal* foi determinante no emprego das desinências verbais, com o Pretérito favorecendo a desinência *-mos* junto de ambos os pronomes. Esses resultados

levaram os pesquisadores a concluir que a mudança ocorreu apenas em relação ao principal fator responsável pelo processo de variação na CV de 1PP, da saliência fônica para o tempo verbal, já que não houve mudança no fenômeno variável de concordância de 1PP (conclusão expressa no próprio título do trabalho dos autores: “Change without change”).

Apresentamos alguns resultados evidenciados em pesquisas anteriores e que se constituem em hipóteses a verificar: i) A desinência de 1PP *-mos* vem adquirindo função de morfema de pretérito perfeito, em oposição ao morfema \emptyset do tempo presente. Dessa forma, o pronome *nós* tem seu uso mais vinculado a verbos no pretérito e o pronome *a gente*, a verbos no presente (FERNANDES; GORSKI, 1986; LOPES, 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999); ii) O pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito favorecem o uso de *nós* (OMENA, 1986; LOPES, 1998).

Com base no imediatamente acima referido, o grupo de fatores *tempo e modo verbal* compõe-se das seguintes variantes:

- i) presente do indicativo e do subjuntivo ((10.a) e (10.f));
- ii) pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo ((10.b) e (10.g));
- iii) pretérito perfeito do indicativo ((10.c) e (10.h));
- iv) futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal ((10.d), (10.i)), ((10.e) e (10.j)).⁶⁹

⁶⁹ Devido à baixíssima frequência de alguns tempos verbais (menos de 3%), optamos por amalgamá-los no fator *futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal*.

- (10.a) *a gente* já **sai** de casa de, das, dos senhores fartas de trabalhar.
[CRPC-839-7]
- (10.b) *a gente* **tava** trabalhando com as tartarugas marinhas
[BDI-004-16]
- (10.c) tens de contar aquela vez, quando *a gente* **foi** jogar nos brejos
[CRPC-236-19]
- (10.d) se *a gente* **de(i)xá(r) de fazê(r)** isso... o preconceito ainda vai existí(r)
[BDI-016-13]
- (10.e) a mim causa-me dó é *a gente* **chegar e conseguir detectar** o problema
[CRPC-836-9]
- (10.f) é muito importante que *nós* **tenhamos** união... a união da classe é muito importante, ainda mais se queremos alcançar algo
[CRPC-144-11]
- (10.g) *nós* que atendemos um guichet damos a cara, é como se **estivéssemos** no écran da televisão, nós é que estamos ali, o programa é feito por outro
[CRPC-426-25]
- (10.h) e depois nós casô(u)... *nós* **fugimo(s)** casamo(s)... teve uma vida muito difícil
[BDI-059-25]
- (10.i) amanhã *nós* **estaremos in(d)o** pra lá ficaremos lá mais uns/ acho que uns dez dias
[BDI-093-10]
- (10.j) oito meses antes... de *nós* **casarmos** nós m/ marcamo(s) com a nossa família
[BDI-092-25]

3.6.2.3. Saliência fônica

No estudo da CV e nominal, *saliência fônica* é fator relevante na retenção de marcas de pluralidade no verbo e no predicativo. Os resultados demonstram que distintos graus de diferenciação entre formas em competição no processo de variação têm importância fundamental na seleção da forma preferida.⁷⁰ Naro *et al.* (1999) comprovam que maiores níveis de saliência entre as formas verbais levam a maiores

⁷⁰ Uma discussão mais acurada será empreendida na seção que trata da CV de 3PP, devido ao grupo de fatores *saliência fônica verbal* ter demonstrado, em inúmeros estudos, ser de grande relevância para o fenômeno variável.

frequências de uso da forma de 1PP, seja com sujeito *nós*, seja com sujeito *a gente*. À medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de 1PP também aumenta.

Considerando a síncope da vogal postônica em palavras proparoxítonas (LEMLE; NARO, 1977), Rodrigues (1987) e Coelho (2006) comprovam que os falantes de suas amostras tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, que ocorrem com 1PP em alguns tempos verbais. Os resultados comprovam, nesses contextos, aplicação quase categórica da desinência de 3PS junto do pronome *nós* (RODRIGUES, 1987) ou a preferência acentuada pela forma *a gente*, com desinência de 3PS (COELHO, 2006).

Ante o exposto, baseados em Naro *et. al.* (1999) e em Rodrigues (1987), em relação ao grupo de fatores *saliência fônica*, propomos a seguinte divisão:

i) *saliência esdrúxula* - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos ((11.a) e (11.e));^{71,72}

ii) *saliência máxima* - ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos ((11.b) e (11.f));

iii) *saliência média* - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos ((11.c) e (11.g));

iv) *saliência mínima* - a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos,

⁷¹ Nas ocorrências, apresenta-se em destaque a forma empregada pelo falante e, entre colchetes, a forma concorrente no processo de variação.

⁷² *Esdrúxulo* tem como sinônimo *esquisito*, *extravagante*, *excêntrico*; além desses, apresenta também como sinônimo (em desuso) *proparoxítono*, acepções que nos levaram à denominação dessa categoria de saliência.

está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos ((11.d) e (11.h));

- (11.a) e a gente não **podia** [podíamos] sai(r) porque tinha que pagá(r)
[BDI-024-5]
- (11.b) quando ao depois a gente **viemos** [veio] e arreboçámos... os homens
[CRPC-1293-11]
- (11.c) ... a gente **ficô(u)** [ficamos] lá dançô::(u) tal conheceu um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal
[BDI-024-19]
- (11.d) sabes que a gente só **tem** [temos] jeito é para arranjar noivas aos outros
[CRPC-122-25]
- (11.e) nós lá as **aconselhávamos** [aconselhava] a tirar as estrumeiras
[CRPC-1009-9]
- (11.f) éh que nós **tivemos** [teve] assim éh uma família grande minha mãe teve bastante filhos
[BDI-093-75]
- (11.g) são os adubos que nós **pomos** [pôs], pelo menos cá na ilha de são Miguel
[CRPC-1092-9]
- (11.h) nós **temo(s)** [tem]) que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher
[BDI-097-115]

3.6.2.4. Explicitude do sujeito

O controle do fator *explicitude do sujeito* é proposto por se considerar que alguns tipos de sujeitos podem levar a maior aplicação de marcas de 1PP nos verbos do que outros. Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso.

Bortoni-Ricardo (1985) verificou que sujeitos do tipo *nulo ou desinencial* influenciam positivamente a aplicação de marcas de 1PP nos verbos (84% de emprego de 1PP), se considerados em oposição a sujeitos explícitos (47% de emprego de 1PP).

Rodrigues (1987) controlou a variável *realização do sujeito sintático*, com a consideração dos fatores *nós explícito*, *não-explícito* (sujeito nulo) e *sujeito não pronominal* (por exemplo, *eu e meu marido*). A ausência ou elipse do sujeito (sujeito oculto, cancelado, apagado, zero) ocasionou maior marcação desinencial de 1PP nos verbos. Nesse caso, segundo a autora, não há redundância na desinência verbal, como ocorre em orações com sujeito pronominal. A relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, o que “valida a hipótese de que sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra padrão” (RODRIGUES, 1987, p. 125).

As afirmações acima são pertinentes à CV de 1PP e de 3PP com a consideração da forma pronominal explícita ou não-explícita do pronome de 1PP *nós*.⁷³ Cabe verificar se o mesmo princípio da manutenção da forma considerada padrão vale também para a forma pronominal *a gente*, que seria acompanhada de formas verbais de 3PS.

Se no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promoveria, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não-padrão verbal utilizada em junto de vasta gama de pronomes pessoais.

Diversos trabalhos de cunho variacionista já comprovaram a influência do preenchimento ou apagamento do sujeito na AP *nós* e *a gente* no PB (OMENA, 1986, 2003; LOPES, 1993, 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; MENDONÇA, 2010; dentre outros). Mais recentemente, Vianna (2011) comprovou, no fenômeno variável da AP de 1PP em amostras de fala do PE, a predominância de emprego da forma pronominal não-explícita padrão *nós* em posição de sujeito. Para a forma

⁷³ Para a 3PP no português do interior paulista, comprovadamente, os sujeitos desinenciais também contribuem para a manutenção da desinência de plural (RUBIO, 2008).

pronominal *a gente*, o emprego da forma não-preenchida praticamente não ocorreu, prevalecendo os casos de sujeito explícito.

Com base nessa discussão e na comprovação da importância da observação do preenchimento ou apagamento dos sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*, propomos a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *explicitude do sujeito*.

i) sujeito explícito na própria oração⁷⁴ (12.a-c);

ii) sujeito não-explícito ou desinencial (presente em contexto anterior) (12.b-d);

(12.a) *nós* nos **conhecemos** na igre::ja ((risos)) num/ numa reunião de igreja que a gente ia tal
[BDI-022-5]

(12.b) aí nesse churrasco *nós* acabamo(s)... **ficamo(s)**... mas num **voltamo(s)**
[CRPC-022-181]

(12.c) *a gente dá* os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler
[CRPC-022-3]

(12.d) *a gente* que vem de fora aqui das redondezas e que é apreciado pelas pessoas
[CRPC-067-5]

3.6.2.5. Paralelismo formal de nível discursivo

O grupo *paralelismo formal de nível discursivo* também se revela importante grupo de fatores a ser investigado no estudo da CV.⁷⁵ Segundo Scherre (1998, p. 35), pelo princípio do paralelismo linguístico discursivo:

⁷⁴ Por uma questão de recorte metodológico, neste momento, não consideramos outras formas de realização da 1PP (formas compostas).

⁷⁵ Nos estudos de 3PP, conforme se verá a seguir, é comum o controle do fator *paralelismo formal de nível oracional*, sob a hipótese de que as marcas de plural presentes no sujeito influenciam a marcação de plural nos verbos. Para a primeira pessoa do plural do discurso, a restrição em relação ao sujeito, que, necessariamente, deve conter um pronome de IPS ou de 1PP inviabiliza o controle desse fator.

verbo precedente – referente ao mesmo sujeito ou a sujeito do mesmo campo semântico – com variante explícita favorece verbo subsequente igualmente marcado, enquanto verbo com variante zero favorece verbo com variante zero. (SCHERRE, 1998, p. 35)

A repetição de marcas no plano discursivo pode se dar também entre sujeitos de diferentes cláusulas, conforme afirma Scherre (1998, p. 35):

SN precedente – idêntico ou do mesmo campo semântico – com todas as variantes explícitas favorece SN subsequente igualmente marcado, enquanto SN que apresenta pelo menos uma variante zero favorece SN subsequente com pelo menos uma variante zero. (SCHERRE, 1998, p. 35)

Omena (1996), Lopes (1993, 1998, 2003), Mendonça (2010) e Vianna (2011), dentre outros, analisaram o princípio do paralelismo discursivo para a AP *nós* e *a gente* e confirmaram que o pronome que inicia uma série de cláusulas tende a ser usado também nas demais cláusulas, ou seja, se a forma pronominal *a gente* ou a forma pronominal *nós* é empregada na primeira cláusula de uma série, há uma tendência de que as próximas cláusulas apresentem também a mesma forma pronominal antecedente.

Assim, para a CV, a expectativa é de que os contextos em que os verbos anteriores são marcados com o plural favoreçam a marcação de plural nos verbos posteriores e, para a AP, a hipótese é de que haja a repetição das mesmas formas pronominais ou verbais (no caso de sujeitos desinenciais) em uma série de cláusulas com mesmo referente.

Com base na ampla discussão apresentada em Scherre (1998), a respeito da relevância do princípio do paralelismo linguístico em fenômenos variáveis, a hipótese a ser investigada para o grupo de fatores na CV de 1PP é a de que formas verbais precedidas de formas verbais com desinência de 1PP tenderiam a apresentar maior frequência de marcas de plural do que formas verbais precedidas de formas com

desinência de 3PS. Ressaltamos, de antemão, que os princípios apresentados referem-se a estudos realizados com a consideração da forma pronominal *nós*. É importante verificar se o mesmo princípio se aplica à CV com a forma *a gente*. Para essa variável, consideramos, então, as seguintes variantes:

- i. forma verbal com desinência de 1PP na oração anterior (13.a);
- ii. forma verbal com desinência de 3PS na oração anterior (13.b);
- iii. forma verbal isolada ou primeira de uma série (13.c).

(13.a) *nós* **tínhamos**... costura e **aprendemos** as coisas direitinho

[BDI-151-85]

(13.b) *a gente* **aborrece-se**, e ao depois ainda **espanqueia** e vai-se para a cama chateado

[CRPC-839-81]

(13.c) ora *a gente* não **temos** um pára-brisas, nem temos nada, aquilo ali é aguentar o pacote

[CRPC-1643]

Para a investigação da influência do paralelismo discursivo na AP, com base em Lopes (1998), em Mendonça (2010) e em Vianna (2011), apresentamos as seguintes variantes a serem consideradas:

- i. forma isolada ou primeira de uma série (14.a-b);
- ii. forma precedida de *nós* explícito (14.c);
- iii. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial) (14.d);
- iv. forma precedida de *a gente* explícito (14.e);
- v. forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial) (14.f).

- (14.a) **a gente**::... poderia começá(r) a tê(r) uma educação... agora você/ eu comparo assim o Estado de São Paulo com o Estado do Paraná... a educação do Estado do Paraná é formidável... as pessoas não jogam lixo na rua
[BDI-035-515]
- (14.b) **nós** somos condicionados sub e inconscientemente, não é, de maneira que lá temos o instinto da conservação da espécie a, a, a limar todos esses pruridos de ordem moral que a gente possa ter (...) é verdade.
[CRPC-218-40]
- (14.c) egoísmo porque não havendo possibilidade de os consultar, automaticamente deixa de ser egoísmo porque não há... seria egoísmo se **nós** realmente tivéssemos possibilidades de os consultar e não o **fizéssemos**
[CRPC-218-20]
- (14.d) aí nós fomo(s) lá na casa da colega dela que era super LONGe... **fomo(s)** lá **buscamos(s)** o aparelho
[BDI-035-32]
- (14.e) pra chegá(r) lá na praia demora que é a praia de Sa::ntos... e:: é muito cansativo a viagem... mas vale a pena porque lá tem... a:: quando *a gente* chegô(u) lá e **a gente** ficô(u) numa colônia... que era bem grande era um prédio de dez andares
[BDI-037-230]
- (14.f) vai para casa, vai é lavar roupa e é limpar a casa e é fazer comer, ao depois é os filhos a ra, a, a chatear por um lado e é outro a chatear por outro, ao depois a gente aborrece-se, e ao depois ainda **espanqueia** e **vai-se** para a cama chateado, a assim prontos
[CRPC-839-20]

Após a apresentação dos contextos que podem influenciar a AP e a CV relacionadas à 1PP do discurso, propomos um quadro com os fatores linguísticos e as respectivas variantes a serem investigadas para cada um dos fenômenos variáveis.

Concordância verbal e alternância pronominal de primeira pessoa do plural		
Variáveis	Variantes	
Explicitude do sujeito	sujeito explícito na própria oração; sujeito não-explícito ou desinencial (presente em contexto anterior);	
grau de determinação do referente sujeito	genérico e indefinido; genérico e definido; específico e definido	
tempo e modo verbal	presente do indicativo e subjuntivo; pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo; outros tempos verbais	
Saliência fônica verbal	esdrúxula; máxima; média; mínima	
Paralelismo linguístico de nível discursivo	concordância verbal	forma verbal com desinência de primeira pessoa do plural em oração anterior; forma verbal com desinência de primeira pessoa do singular em oração anterior; forma verbal isolada ou primeira de uma série
	alternância pronominal	forma isolada ou primeira de uma série; forma precedida de <i>nós</i> explícito; forma precedida de verbo em primeira pessoa do plural (sujeito desinencial); forma precedida de <i>a gente</i> explícito; forma precedida de verbo em terceira pessoa do singular (sujeito desinencial).

Quadro 13: Fatores linguísticos considerados na concordância verbal e na alternância pronominal de primeira pessoa do plural

Conforme se pode constatar no quadro acima, para a AP *nós* e *a gente* e para a CV com o pronome *nós* e com o pronome *a gente*, serão considerados cinco grupos de fatores linguísticos, *explicitude do sujeito*, *grau de determinação do referente sujeito*, *tempo e modo verbal*, *saliência fônica* e *paralelismo linguístico discursivo*. Como se pode notar, todos os fatores são comuns aos três fenômenos variáveis investigados, apenas com distinção feita ao grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo*, que, apesar de considerado nos três fenômenos, apresenta contextos linguísticos variáveis diferentes a serem investigados na AP.

Vale destacar que o fenômeno de variação de CV de 1PP, embora guarde semelhança em relação ao fenômeno de variação de CV de 3PP, no que se refere à aplicação variável de marcas no verbo e no que se diz respeito à atuação de alguns fatores linguísticos, como, por exemplo, *saliência fônica verbal* e *paralelismo*

linguístico discursivo, apresenta peculiaridades que impedem a consideração conjunta de alguns outros fatores linguísticos.

A *posição do sujeito em relação ao verbo*, variável comprovadamente atuante na CV de 3PP, tem sua consideração parcialmente inviabilizada na CV de 1PP, visto que os pronomes *a gente* e *nós* possuem anteposição quase categórica (ao menos nas amostras consideradas), nos casos em que se encontram explícitos. Inicialmente, procedeu-se à consideração desse contexto, entretanto, ao final da codificação, foi observado que os únicos casos de distanciamento do sujeito em relação ao verbo foram verificados para a CV com o pronome *nós* no PE, que se mostrou fenômeno invariável, com aplicação categórica de formas verbais com desinência de 1PP, conforme veremos adiante. Abaixo mostramos o único caso de distanciamento do sujeito em relação ao verbo verificado na amostra do PB.

- (15) eu disse até que essa copa tinha que sê(r) minha tanto é que quando MEU pai... faleceu... **nós** então os seis irmãos... nos **reunimos** pra vê(r) o que cada um ia tê(r)... cada um ia faze/ ia tê(r) dos móveis dos bens ali e tal... e tinham móveis de bom valor
[BDI-032-70]

A mesma inviabilidade se dá em relação ao grupo de fatores *traço semântico do sujeito*, pois, diferentemente dos sujeitos de 3PP, que podem apresentar traços [+*humano*] ou [-*humano*] e [+*animado*] e [-*animado*], os pronomes sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*, invariavelmente, apresentam traço [+*humano*], já que sempre referenciam entidades humanas (1PP do discurso).

É inexequível também o controle do grupo de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional*, pois diferentemente dos sujeitos de 3PP, os quais podem apresentar elementos pluralizados ou não em sua estrutura, os sujeitos de 1PP do discurso

investigados compõem-se dos pronomes *nós* e *a gente*, cabendo lembrar que o ‘s’ presente na terminação da forma pronominal *nós* não se confunde com marca de plural, por conseguinte não encontra correspondente singular.

3.6.3. Ocorrências consideradas para o fenômeno variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural

Para a investigação da CV variável de 3PP, consideramos ocorrências dos *corpora* que apresentam, como sujeito da oração, construções que remetem à 3PP, sejam elas formadas por SNs ((16.a) e (16.b)), pronomes ((16.c) e (16.d)) ou outros elementos quaisquer (numerais, artigos, etc.) ((16.e) e (16.f)), estando eles explícitos (de (16.a) a (16.f)) ou subentendidos (presentes em oração anterior) ((16.g) e (16.h)).

(16.a) os homens, é claro, nos serviços mais pesados, que *as mulheres* não **podem fazer**. mas como geralmente *os serviços* aqui não **são** pesados

[CRPC-147-20]

(16.b) ah eu acho que não devia desarmar o povo... daí *os bandido* **vai** ficar mais expandido vai ter mais ainda que eles sabe que o povo de casa não tem arma nenhuma

[BDI-058-336]

(16.c) aí eu decidi vim de a pé porque *elas* não **queriam** me **trazer**... aí eu decidi vim de a pé

[BDI-006- 7]

(16.d) então ficou assim muito rico então *eles* **tinha** um filho que era psicólogo super famoso tinha muito dinheiro

[BDI-045-169]

(16.e) ele levanta-se, preparam-se, **vão** *os dois* dar de comer aos bichos, vêm para baixo, vão ao futebol ver os júniores,

[CRPC-022-10]

(16.f) não sei os motivos, *uns* **diz** que é disto, outros diz que é dos arrastões, *outros* **diz** que é das algas, enfim, olhe cá estamos, cá estamos à espera que isto melhore

[CRPC-764-10]

(16.g) efectivamente o, *as pessoas* lá tinham mais dinheiro, **acabavam** por, muitas vezes, dar boas gorjetas, e essas gorjetas acabavam por compensar bastante o trabalho

[CRPC-1248-30]

(16.h) vi MUI::to ... cresci:: ven:do: pessoas usando droga: na minha adolescê::ncia:: ... aquelas crianças que cresceu junto comigo:: ... usando dro::ga ... e: **viciou:** na dro::ga: ... e::: só **afundou:** ... muitos morreram ... pela polícia:: ... a polícia

[BDI-062-377]

Algumas ocorrências foram descartadas por não figurarem como casos passíveis de variação na CV ou mesmo por não possuírem um referente plausível de recuperação com base no contexto ou em oração anterior (17.a-b), os casos de indeterminação do sujeito, como se observam a seguir.

(17.a) a água estava vermelha, avermelhada, e **deram**, **diziam** que era um barco, um petroleiro que tinha descarregado petróleo

[CRPC-106-3]

(17.b) olhe, dou-me bastante bem. nunca bati, já me **bateram** duas vezes, mas, mas nada de grande, nada de grave

[CRPC-109-20]

Nas ocorrências acima apresentadas, a forma verbal de 3PP é empregada como recurso de indeterminação do sujeito da oração, quando não se tem conhecimento ou interesse em torná-lo conhecido do ouvinte. Mediante o fato de não haver sujeito explícito, nem expresso em oração anterior (desinencial), esses casos não são considerados na presente pesquisa.

Foram excluídas também ocorrências de verbos como *ter*, *vir* e seus derivados, que, como mostrado em (18.a) e (18.b), flexionados no presente do indicativo, não apresentam, na modalidade falada, distinção entre a forma singular e a forma plural, ou seja, verbos cujas pronúncias são homófonas nesses contextos.

(18.a) *as pessoa têm* que repartir o cabelo... todinho por mechas... colocar piranhinhas no cabelo...

[BDI-072, l. 280]

(18.b) *as duas contêm* maca::cos... peque::nos e gran::des NE

[BDI-011, l. 100]

Após a apresentação dos contextos linguísticos considerados para os fenômenos variáveis abarcados por este estudo, a seguir, apresentamos as variáveis sociais consideradas na pesquisa.

3.6.4. Fatores linguísticos relacionados à concordância verbal de terceira pessoa do plural

Baseados numa revisão da literatura sobre o assunto, selecionamos as variáveis que constituem nossas hipóteses de investigação sobre a CV de 3PP no PB e no PE. A escolha inicial dessas variáveis é motivada pelo fato de, na literatura pesquisada, terem sido elas as selecionadas pelo programa estatístico como as de maior significância na implementação da variação.

Das variáveis linguísticas já comprovadas pertinentes para o estudo da variação de CV de 3PP, há aquelas relacionadas diretamente a propriedades do verbo, como *transitividade* e *saliência fônica*, aquelas relacionadas diretamente ao SN-sujeito, como, *traço semântico do sujeito*, *tipo estrutural*, e *referencialidade*, aquelas que explicitam a relação SN-sujeito/verbo, como *paralelismo formal de nível oracional* e *posição do sujeito em relação ao verbo* e propriedades discursivas, como *paralelismo formal de nível discursivo*.

3.6.4.1. Propriedades do verbo

3.6.4.1.1. Fatores não controlados

Embora a atuação da *transitividade* tenha se mostrado relevante em alguns estudos da CV (MONGHILHOTT, 2001; MONGHILHOTT; COELHO, 2002; MONGHILHOTT, 2009), não incluímos essa variável em nossa pesquisa, por diversas razões, como argumentamos a seguir, sendo a principal a correlação direta entre ela e outros grupos de fatores, o que levaria a resultados já evidentes (SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007; RUBIO, 2008).

Para a variável *transitividade*, foi proposta por Monguilhott e Coelho (2002) a investigação das seguintes variantes: (i) *verbos inacusativos*, que selecionam argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo (*chegar, sair, morrer*); (ii) *verbos intransitivos*, que selecionam apenas argumento externo (*trabalhar, sorrir, telefonar*); (iii) *verbos transitivos*, que selecionam argumento externo e interno (*desejar, dar, querer*); e, (iv) *cópula*, que seleciona uma predicação reduzida, do inglês *small-clause* (*parecer, ser, andar etc*). Para esse grupo de fatores, os resultados mostraram que os verbos inacusativos foram os que menos favoreceram a aplicação da CV, com a cópula apresentando o maior índice de probabilidade de marcas explícitas de pluralização.

Para os casos de *verbo inacusativo*, como em ((16.a) e (16.b)) abaixo, a inversão do sujeito é bastante recorrente, o que influenciaria fortemente, como demonstraremos, a não-aplicação da CV (MIOTO et al., 2004 *apud* SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007). Segundo Kato (2000, p. 97), “os estudos empíricos atestam que o único tipo de verbo ainda produtivo na ordem VS no português brasileiro é o *inacusativo*, que parece aceitar essa ordem de forma irrestrita”. Assim, o baixo índice de CV para as ocorrências

com verbos inacusativos encontra sua explicação no fato de, nesses contextos, o sujeito vir posposto ao verbo, e não ao fato de se tratar ou não de um verbo inacusativo. Havendo o controle da posição e distância do sujeito em relação ao verbo, haveria também o controle dos casos em que há a posposição do sujeito em relação ao verbo, como mostramos nas ocorrências em (19), extraídas de nossos próprios *corpora*.

(19.a) aí ela disse que **entrou** mais *dois meninos...* de manhã...

[BDI-006-416]

(19.b) gosto muito. pois. também se me **faltar** *os pintos*, digo, falta-me tudo. e mato para cá, para quem quiser, e vendo... ovos e tal

[CRPC-075-23]

O alto índice de pluralização dos casos de verbo com cópula provavelmente se justificaria pela elevada ocorrência do verbo *ser*, como em (20), que, como se sabe, é a cópula mais comumente usada em língua falada e que possui o grau máximo de saliência fônica no presente do indicativo (*é/são*), que, por sua vez, é fator que, reconhecidamente, exerce forte influência positiva na aplicação da CV em variedades do PB. Assim, a grande aplicação de marcas explícitas de plural nos verbos do tipo *cópula* estaria ligada mais ao fator *máxima saliência fônica* do que à variável *transitividade*. A falta de controle do grupo de fatores *saliência fônica verbal* e a consideração apenas do grupo de fatores *transitividade* poderia ocasionar, para o fator *cópula*, um enviesamento dos resultados, causado pela grande incidência de ocorrências com o verbo *ser*, o qual possui características morfológicas diferentes de outros verbos do tipo *cópula*.⁷⁶

⁷⁶ Consideremos alguns verbos como: *está/estão*, *permanece/permanecem*, *continua/continuam*, *fica/ficam*. Do ponto de vista da saliência fônica, possuem características (e graus de saliência) totalmente diferentes do verbo *ser*, porém, com a consideração do fator *transitividade*, são considerados todos como verbos do tipo *cópula*.

- (20.a) bom *as professoras são* pessoas legais só que o ensino... é muito fraco
[BDI-024-337]
- (20.b) corta-lhe uma parte e só puxa pela outra. e *as outras é* ao contrário, tem que ser aqui no meio com jeito...
[CRPC-964-80]

Observamos que os resultados de Monguilhott e Coelho (2002) para a variável *transitividade* somente se mostraram significativos na interação com o grupo de fator *tipo morfológico*, porque, na verdade, este se sobrepõe ao fator *saliência fônica* entre forma singular e forma plural. Quando essa diferença é reduzida, a ocorrência de desinência de 3PS é favorecida, enquanto uma diferença fônica maior favorece o uso de 3PP (NARO, 2003, p. 16).

A variável *traço semântico do sujeito* também está correlacionada ao grupo de fator *transitividade do verbo*, pois a seleção de sujeitos [+/- humanos] é influenciada pelo verbo. A expectativa é sempre a de que verbos intransitivos, por exemplo, selecionem argumentos [+ humanos], enquanto verbos inacusativos selecionem argumentos [+/- humanos]. A maior ou menor marcação de plural nos verbos seria influenciada, dessa forma, pela seleção de tipos de sujeitos diferentes (NARO; SCHERRE, 1999; SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007). Como procuramos argumentar acima, parece mesmo ser dispensável o controle das variáveis *transitividade* e *tipo morfológico do verbo*, dadas suas subcategorizações por outros fatores de outras variáveis.

3.6.4.1.2 Saliência fônica

Na categoria de número das formas verbais, a oposição mínima verificada entre a forma singular e a forma plural em terceira pessoa, diferentemente da 1PP, envolve primeiramente nasalização sem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*vive/vivem, consegue/conseguem*) (21.a). A alta saliência fônica ocorrerá, por exemplo, com verbos irregulares, como *ser (é/são)* ((21.b) e (21.c)).

(21.a) *as senhoras podem* [pode] tar a querer saber e pode pensar que é mentira
[CRPC-248-15]

(21.b) *esses passos da segurança é* [são] muito importante
[BDI-139-340]

(21.c) *ele é o rapaz elas são* [é] as raparigas, mas na questão do trabalho e tudo, são iguais
[CRPC-1378-5]

Levando em conta a grande importância que esse fator exerce sobre fenômenos variáveis de ordem morfossintática e, também, a influência por ele demonstrada em outros trabalhos (v. LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE ; NARO, 1997, SCHERRE; NARO, 2006, dentre inúmeros outros), consideramos para essa variável resultados obtidos por Rubio (2008), que hierarquizou em três níveis diferentes a saliência entre a forma verbal singular e a plural, e por Scherre; Naro (2006), que hierarquizaram dois grandes níveis de saliência fônica verbal:⁷⁷

(i) *máxima diferenciação fonológica*, percebida pela total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical, sendo uma forma completa ou parcialmente distinta da outra, mais precisamente, observado na oposição entre *é/são, fez/fizeram, pôs/puseram* (22.a-d);

⁷⁷ Naro e Scherre (2006), considerando apenas a divisão em dois grandes grupos de oposição singular/plural, também obtiveram resultados semelhantes aos de outros trabalhos, demonstrando que a oposição mais saliente exibe maiores índices de pluralização verbal, e que casos de verbos com oposição menos saliente entre singular e plural exibem menores índices de pluralização.

(ii) *média diferenciação fonológica*, percebida por uma alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical; são exemplos as oposições entre *quis/quiseram; trouxe/trouxeram; falou/falaram, morreu/morreram* (22.e-f);

(iii) *mínima diferenciação fonológica*, percebida, na fala espontânea, apenas pela nasalização da vogal final não-acentuada e/ou adição de uma semi-vogal, sem envolvimento do radical, como, por exemplo, nas oposições entre *fala/falam; falava/falavam; come/comem; dá/dão; vai/vão; faz/fazem* (22.g-h).

(22.a) felizmente *os incêndios do monte é* [são] no verão quando a gente vê o sol
(CRPC-863-40)

(22.b) aqui nesta região são... *os jornais do porto são* [é] os que se vendem mais
(CRPC-502-10)

(22.c) nessa fazenda... *meus avôs fez* [fizeram] um cercado... fez um pomar de:: jabuticaba.
(BDI-102-174)

(22.d) foi o melhor que *eles fizeram* [fez] para eles e para todos os os leitores
(CRPC-502-25)

(22.e) aí *meus amigos falou* [falaram] que já tinham visto mesmo na rua mas ninguém me falou
(BDI-022-130)

(22.f) *todos eles tiraram* [tirou] peixe, o meu cunhado e o outro, tiraram, o meu cunhado tirou quatro sargos
(CRPC-106-9)

(22.g) *colegas de escritório ou dum trabalho qualquer via* [viam] na rua,
(CRPC-1202-50)

(22.h) *eles tavam* [tava] **entrando** assim já tinham abrido o portão
(BDI-001-69)

Lucchesi, Baxter e Silva (2009), para a consideração da atuação do fator *saliência fônica verbal*, em proposta muito semelhante à apresentada por Rubio (2008), consideraram também três graus ou níveis de saliência, conforme vemos a seguir:

nível baixo de saliência fônica (ex. sai/ saem; bate/batem; fala/falam),

nível médio de saliência fônica (ex.: faz/ fazem; tá/ tão; quer/ querem; vai/ vão; foi/ foram; bateu/bateram; quer/querem);

nível alto de saliência fônica (ex.: quis, quiseram; fez, fizeram; veio/vieram; é/são).

(LUCCHES; BAXTER; SILVA, 2009, p. 350-351).

Os resultados obtidos também foram semelhantes aos por nós observados (RUBIO, 2008), com aumento da frequência de concordância diretamente proporcional ao aumento do nível de saliência fônica verbal.

A tendência de que formas com maior saliência entre singular e plural exibam maiores índices de pluralização verbal correlaciona-se estreitamente com o fato de que as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis aos ouvintes e ao próprio interlocutor, sofrem maior estigma social.

3.6.4.2. Propriedades do SN-sujeito

3.6.4.2.1. Animacidade do referente do sujeito

Quanto às propriedades do *SN-sujeito*, o traço semântico *animacidade* do referente é outro fator que tem se mostrado estatisticamente relevante para aplicação de CV no PB falado. Segundo Scherre e Naro (1998b):

O traço [humano] desempenha um papel importante na concordância verbal. Na língua falada, sujeito [+humano] controla a concordância explícita plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano]... no português falado do Brasil, um verbo com sujeito [+humano] plural apresenta maior probabilidade de concordar com seu sujeito do que um verbo com um sujeito [-humano]. (SCHERRE; NARO, 1998b, p. 48)

A expectativa é de que o traço [+humano] do sujeito, como observado na ocorrência (22.a), favorece a presença de marcas de plural nos verbos, enquanto o traço [-humano], observado na ocorrência (23.b), a desfavorece.

(23.a) aquilo era um festival. eu dizia: «*estas gajas são* loucas furiosas
[CRPC-1202-8]

(23.b) daí num pode gritar muito alto só pá quem *as vaca conhece* assim
[BDI-004-311]

Com base na comprovada importância da variável *animacidade* do referente sujeito na CV da língua falada e escrita do PB moderno e em dados do português antigo (NARO; SCHERRE, 1998b) e devido a ter se apresentado também como relevante em análise de amostras do banco de dados Iboruna (RUBIO, 2008), optamos por considerar também neste trabalho essa variável. A expectativa em torno dela é de que os contextos com sujeitos de traço [+humano] sejam favorecedores do emprego de formas verbais de 3PP. Por outro lado, sujeitos com traço [-animado] se apresentam como desfavorecedores do emprego de formas verbais de 3PP. As variantes consideradas para essa variável são as seguintes:

- i. traço [+humano] (24.a);
- ii. traço [-humano, +animado] (24.b);
- iii. traço [-animado] (24.c).

(24.a) e os outros colegas dos nossos maridos **iam** lá fazer-nos os... companhia às refeições
(CRPC-308-20)

(24.b) só pá quem *as vaca conhece* assim... que vai bastante... daí... to/ vai assim todo dia...
(BDI-004-311)

(24.c) *as químicas tomaram* uma evolução extraordinária e dentro dessas químicas foi-se arranjar coisas comerciais

(CRPC-1072-10)

3.6.4.2.2. Tipo estrutural do sujeito

O controle do tipo estrutural de sujeito é feito com base nas diferentes características que o SN-sujeito apresenta, as quais guardam relação com outras variáveis linguísticas investigadas e podem, por sua vez, influenciar as marcas de concordância presentes nos verbos. Para o controle dessa variável, recorreremos aos trabalhos de Naro; Scherre (1999), Naro; Scherre (2000a), de Monguilhott; Coelho (2002) e de Monguilhott (2009), pois consideramos esses trabalhos complementares no tocante à consideração dessa variável. Assim, em nosso trabalho elegemos os seguintes fatores para esse grupo:

- i. SN pleno simples (25.a);
- ii. SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos (25.b);
- iii. SN pleno composto com núcleo adjacente no singular (25.c);
- iv. SN pleno composto com núcleo adjacente no plural (25.d);
- v. pronome pessoal (25.e);
- vi. pronome indefinido (25.f);
- vii. pronome demonstrativo (25.g);
- viii. quantificador (numeral) (25.h);
- ix. pronome relativo (25.i);

x. oculto ou desinencial (25.j).

- (25.a) é claro ao fim de uns certos meses *as conversas esgotaram-se*
[CRPC-308-30]
- (25.b) traição tá assim né... *homens traem...mulheres são* traídas
[BDI-036-321]
- (25.c) *minha avó e minha tia foram* buscar eu lá no colégio aí buscaram eu eu fiquei lá esperando aí eu desci lá fui lá andando
[BDI-029-20]
- (25.d) *a formação dos professores a capacitação as reuniões e os cursos são* feitos pelas mesmas pessoas todo mundo é capacitado igualmente... da mesma forma
[CRPC-725-20]
- (25.e) *eles dão* uma opinião e eu dou outra, gosto de sugerir e, e, e... claro, normalmente, nem sempre concordo
[CRPC-832-34]
- (25.f) *algumas ficaram* lá... outras saíram
[BDI-102-112]
- (25.g) *Essas são* as pessoas que realmente...importam pra mim...
[BDI-022-12]
- (25.h) e então o que é que acontece? *os dois ganham* e nós temos que dar o voto vencido
[CRPC-776-6]
- (25.i) tem várias plantas *que servem* de remédio
[BDI-122-455]
- (25.j) há *caçadores* também, por exemplo, de arma branca que não *caça* só coelhos nem lebres, *caça*, por exemplo, um ouriço que é um animal que tem o pêlo bicudo e tem... e focinho de porco
[CRPC-564-10]

A expectativa é de que o controle do tipo de sujeito, aliado ao controle de outras variáveis, dentre elas *posição do sujeito* e *paralelismo linguístico*, possa evidenciar sujeitos e características que contribuem para a marcação ou o apagamento do plural nos verbos.

Os sujeitos do tipo *pronome pessoal* (25.e) (bastante recorrentes na representação da terceira pessoa do plural), por exemplo, segundo Zilles (2000), apresentam forte tendência a ocorrer em posição anterior ao verbo, característica que, comprovadamente, contribui para maior emprego de formas verbais em 3PP. Por outro lado, sujeitos do tipo SN-pleno (simples, nu ou composto) (25.a-b-c-d) ou pronome indefinido (25.f) têm posição menos fixa, podendo vir pospostos ao verbo, o que contribui para o emprego dos verbos na 3PS (ZILLES, 2000 apud MONGHILHOTT, 2009, p. 101).

Para sujeitos do tipo composto (25c-d), é interessante destacar que os núcleos compostos podem vir ambos no plural, ambos no singular ou se apresentarem um no plural e outro no singular, conforme faz referência o trabalho de Naro; Scherre (2000a). Considerando que a presença de uma marca de plural dentro do sintagma nominal composto, sujeito do verbo, favorece a concordância, se essa marca de plural advir no núcleo mais próximo do verbo, a chance de ocorrer a pluralização do verbo aumenta.

Por tipo de sujeito *pronome relativo* entendemos os casos em que o verbo é antecedido por um pronome relativo que funciona na oração como sujeito e que se reporta a uma estrutura anterior a ele, na maioria das ocorrências, um *SN*.

Sujeitos desinenciais (25.j) são os sujeitos que não foram expressos na oração analisada, mas que possuem um referente localizado em orações anteriores.

3.6.4.3. Relações envolvendo o SN-sujeito e o verbo

3.6.4.3.1. Paralelismo formal

Relativamente às relações morfossintáticas envolvendo o SN-sujeito e o verbo, a variável *paralelismo formal* constitui importante critério também para a investigação da

CV de 3PP (SCHERRE, 1998). Essa variável prevê que o tipo de marca existente no sujeito pode influenciar o tipo de marca existente no verbo, ou seja, as marcas de plural no sujeito podem levar à presença de marcas de plural no verbo (26.a), da mesma forma que a ausência de marcas de plural no sujeito leva a ausência de marcas no verbo (26.b). Traduz essa assertiva do paralelismo linguístico o princípio de que marca leva a marca e zero leva a zero.

(26.a) e *estas fazendas fininhas* **ficam** bonitas, assim

[CRPC-1016, 1. 10]

(26.b) eu acho que se *as pessoa* **parasse** um pouco de reparar as coisa

[BDI-016, 1. 378]

Scherre; Naro (1993) e Scherre (1998) verificaram que o paralelismo linguístico pode ser considerado sob duas dimensões diferentes. A primeira, chamada *paralelismo oracional*, busca evidenciar se há correlação entre o tipo de marca existente no sujeito, controlador da concordância, e o tipo de marca existente no verbo. Essa variável permite controlar também os casos de sujeitos complexos que apresentam a possibilidade da marca de plural nos elementos de um *SPrep* interno a um *SN*. Os resultados apresentados pelos autores confirmam que a presença de *-s* no último elemento do *SN*-sujeito é um fator significativo para a marcação de plural nos verbos, ainda que esse elemento não seja o núcleo do sujeito. Para os sujeitos com último elemento do tipo numeral, a concordância mantém-se numa faixa intermediária, enquanto os sujeitos com a última marca neutralizada demonstram ter comportamento semelhante aos casos em que a marca de plural no último elemento é explícita.⁷⁸

⁷⁸ Scherre (1988, 1991, 1997), Scherre; Naro (1991) e Naro; Scherre (1996) verificaram também a validade do princípio do paralelismo linguístico para a concordância no sintagma nominal e nos predicativos e participios passivos.

Merece consideração especial a verificação do princípio do paralelismo de nível oracional nas amostras de fala do PE, já que, em uma varredura prévia das ocorrências, constatamos a recorrência de marcas de plural em todos os elementos do *SN*-sujeito, diferentemente do que ocorre nas amostras do PB do interior paulista.

A segunda dimensão do paralelismo linguístico, já considerada para a 1PP e chamada de *paralelismo discursivo*, busca evidenciar se, em uma construção seriada, a presença de pluralização em (s) verbo(s) anterior(es) pode levar a um maior índice de pluralização do verbo dentro da oração analisada. Os resultados apresentados por Scherre; Naro (1993) e Scherre (1998) confirmam que a presença de marcas em um verbo influencia a marcação de plural no verbo subsequente, e a não marcação de plural em um verbo influencia negativamente a pluralização do verbo seguinte.

Considerando essas duas dimensões do paralelismo linguístico, implementam essa variável os seguintes fatores:

a. de nível oracional (marcas no sujeito):

- i. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep (27.a);
- ii. presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep (27.b);
- iii. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep (27.c);
- iv. presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep (27.d);
- v. presença de numeral no último elemento (27.e);
- vi. presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo (27.f).

- (27.a) outra fruta agora nesta altura... *laranjas, tangerinas* **começam a aparecer**... e isso é tudo.
[CRPC-129-6]
- (27.b) quando o São Paulo perdi::a mas o que *os aluno* **zoa::va** eles pegava ele no pátio fazia aquela roda
[BDI-016-440]
- (27.c) *é os meninos... das escolas públicas* **tavam** com essa... com esse problema
[BDI-113-276]
- (27.d) e tá claro como *os abades de alcobaçã* **dedicavam**-se - da abadia de cister - muito à agricultura
[CRPC-1315-60]
- (27.e) *Os três* **cantam** jun::tos...
[BDI-102-88]
- (27.f) ele é o rapaz... *as irmãs* **são** as raparigas dele...
[CRPC-1394-20]

b. de nível discursivo (marcas do verbo):

- i. verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita (28.a);
- ii. verbo precedido de verbo com marca zero de plural (28.b);
- iii. verbo isolado ou primeiro de uma série (28.c).

- (28.a) *os próprios produtores que* **vinham vender** à praça, agora **são** os intermediários que **vendem**, é muito mais caro, não é.
[CRPC-129-8]
- (28.b) que *os casais*... *é*... *assim*... a:: partir do momento que **assume**... ou que **casou** na igreja... ou que **casou**... no civil..
[BDI-102-361]
- (28.c) quando... *as senhoras* **passaram** a ser admitidas adentro dos cursos das universidades,
[CRPC-763-160]

3.6.4.3.2. Posição do sujeito em relação ao verbo

Também a variável *posição do sujeito (S) em relação ao verbo (V)* é considerada importante contexto que se correlaciona à variação da CV (SCHERRE, 2005).

Decat (1981, 1983) já apontara, na língua escrita e falada por estudantes e professores universitários, a forte tendência ao apagamento de marcas de CV junto de sujeitos pospostos de 3PP, o que, segundo a autora, se deve, principalmente, ao fato de a CV, em português, ser controlada pela noção de tópico e não de sujeito. Vejamos:

O que importa para a CV é a condição de tópico do SN, sendo a regra, nesse caso, de aplicação obrigatória. Não havendo tópico – entendido como uma construção sintática – a tendência verificada no português é a de não se efetuar a concordância) embora nesse caso ela possa ser considerada de aplicação optativa com o SN que segue o verbo, o que explica a ocorrência alternada das formas verbais de singular e plural na língua falada e também na escrita). As sentenças serão interpretadas, então, como impessoais. (DECAT, 1983, p. 45)

Berlinck (1989) e Pontes (1989) demonstraram que, quando o SN ocupa posição à direita do verbo (V SN), a tendência é que não ocorra nenhuma marca de pluralização no verbo, uma vez que o SN fora de sua posição prototípica de sujeito é mais provável de ser identificado como objeto do que como sujeito da sentença, atuação que guarda relação estreita tanto com a variável *transitividade* (não considerada neste trabalho, por razões já explicitadas) quanto com a variável *animacidade do referente do sujeito*.

Relacionadas a essa variável, consideramos as variantes propostas por Naro (1981). A hipótese é a de que a frequência de CV será maior quanto mais saliente ou óbvia for a relação entre sujeito/verbo e/ou quanto mais perto estiver o sujeito do verbo a que se refere. Propusemos, então, os seguintes fatores, levando em conta a posição e distância do sujeito em relação ao verbo:

- i. posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 5 sílabas do verbo (29.a-b);
- ii. posição pré-verbal com núcleo distante de 6 a 10 sílabas do verbo (29.c);
- iii. posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo (29.d);
- iv. posição pós-verbal (29.e).

- (29.a) depois que termina as eleição num tem jeito de de... *eles* **faz** o que eles quer...
[BDI-135-160]
- (29.b) porque *as crianças* não **vieram** ao mundo só, apenas para nós termos prazer
[CRPC-455-7]
- (29.c) *os professores* agora também não **podem** vir de carro para as aulas.» «então porquê?
[CRPC-221-25]
- (29.d) *os artista...* quando acompanhado dos segurança nem **olha** pros fã...
[BDI-015-287]
- (29.e) meu pai ficou aqui em Rio Preto trabalhando então **foi** *eu minha irmã e o meu irmão*
[BDI-056-52]
- (29.f) outro dia **desceram** aqui dum automóvel aí *uns quatro ou cinco rapazes* e eu estava aqui dentro
[CRPC-091-8]

Apresentamos, a seguir, o quadro resumo dos fatores linguísticos considerados na pesquisa para o fenômeno variável de CV de 3PP, com base na discussão empreendida nas páginas precedentes.

Concordância verbal de terceira pessoa do plural		
Variáveis		Variantes
Verbo	Saliência fônica verbal	máxima; média; mínima.
SN-sujeito	Animacidade do referente sujeito	[+ humano]; [- humano e + animado]; [- animado].
	Tipo estrutural de sujeito	SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto com núcleo adjacente no singular; SN pleno composto com núcleo adjacente no plural; pronome pessoal; pronome indefinido; pronome demonstrativo; quantificador; pronome relativo; nulo ou desinencial.
SN-sujeito e verbo	Paralelismo linguístico de nível oracional	presença da forma de plural no último elemento não inserido em um SPrep; ausência da forma de plural no último elemento não inserido em um SPrep; presença da forma de plural no último elemento inserido em um SPrep; ausência da forma no último elemento inserido em um SPrep; presença de numeral no último elemento; presença de neutralização no último elemento
	Paralelismo formal de nível discursivo	forma verbal com desinência de terceira pessoa do plural na oração anterior; forma verbal com desinência de terceira pessoa do singular na oração anterior; forma verbal isolada ou primeira de uma série
	Posição e distância do sujeito em relação ao verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 5 sílabas do verbo; posição pré-verbal com núcleo distante de 6 a 10 sílabas do verbo; posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo; posição pós-verbal

Quadro 14: Variáveis consideradas para a concordância verbal de terceira pessoa do plural

3.6.5. Variáveis sociais consideradas para os fenômenos variáveis

Considerando a importância atribuída a variáveis sociais nos estudos variacionistas e, ainda, a discussão exibida no capítulo de fundamentação teórica desta tese, buscamos elaborar uma estratificação de informantes que pudesse ser comum tanto à amostra do PB quanto à amostra do PE, conforme antecipamos no início deste capítulo.

Reiteramos, neste momento, o fato de que o corpus do PE não apresenta, como o do PB do interior paulista, total equivalência no número de amostras entre os estratos sociais. É possível notar, como veremos a seguir, que alguns perfis sociais apresentam maior número de informantes do que outros, entretanto, como já afirmado, devido ao baixo número de ocorrências para os fenômenos variáveis investigados nesta tese, não

houve a possibilidade da pré-seleção de entrevistas e da equiparação do número de amostras por perfil social.

Algumas adaptações, tratadas a seguir, foram propostas, para que fosse possível o estabelecimento do estudo comparativo.

3.6.5.1. Faixa etária

Foram selecionadas amostras representativas de quatro faixas etárias estipuladas pelo banco de dados Iboruna e pelo *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo:

i. 16 a 25 anos: faixa etária com intervalo de 10 anos, que cobre o período da adolescência até o início da fase adulta (16 informantes do banco de dados Iboruna e 25 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);

ii. 26 a 35 anos: faixa etária com intervalo de 10 anos, em que o indivíduo está totalmente integrado ao mercado de trabalho e, portanto, altamente suscetível às pressões sociais (16 informantes do banco de dados Iboruna e 34 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);

iii. 36 a 55 anos: faixa etária com intervalo de 20 anos, em que, mesmo integrado ao mercado de trabalho, o indivíduo é menos susceptível às pressões sociais (16 do banco de dados Iboruna e 61 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);

iv. mais de 55 anos: faixa etária diversificada, no caso da sub-amostra selecionada, de 29 anos de intervalo, visto o informante de maior idade, em ambos os *corpora*, possuir 84 anos completos; nesta faixa etária, o indivíduo, mesmo que não se encontre fora do mercado de trabalho, já se prepara para dele sair, estando, portanto, mais livre das pressões sociais que possam influenciar seu comportamento linguístico (16 do banco de dados Iboruna e 13 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo).⁷⁹

3.6.5.2. Gênero

Do total de 64 informantes selecionados no banco de dados Iboruna, 50% (32) são do gênero masculino, e os 50% (32) restantes são informantes do gênero feminino.

A proposta de equivalência em relação ao fator social gênero foi empregada para a amostra do PE, todavia, não se realizou de forma plena (50% de cada gênero) devido às deficiências do próprio *corpus*, o qual não apresenta mesmo número de informantes de ambos os gêneros. Como já justificado, a reduzida extensão das gravações não permitiu que fossem eliminadas entrevistas para igualar o número de informantes. Dessa forma, foram considerados 68 homens e 65 mulheres, perfazendo um total de 133 informantes.

3.6.5.3. Escolaridade

Os informantes foram classificados em quatro níveis diferenciados de escolaridade, seguindo-se o critério da quantidade de anos de escolarização,

⁷⁹ Não deixemos de notar a diferença de 48 informantes entre a faixa etária anterior (36 a 55 anos) e esta (mais de 55 anos).

estabelecido pelo Banco de Dados Iboruna e pelo *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo. No quadro abaixo, apresentamos a proposta de equivalência seguida neste trabalho.

FAIXA	PORTUGUÊS BRASILEIRO – IBORUNA	PORTUGUÊS EUROPEU – CRPC
I	1º ciclo do Ensino Fundamental: informantes que possuem de 1 a 4 anos de escolarização (16 informantes)	Informantes que sabem ler e escrever, de nível primário de escolaridade, com ou sem exame ou com o primeiro ciclo liceu (ciclo preparatório) ou equivalente (45 informantes)
II	2º ciclo do Ensino Fundamental: informantes com escolarização entre 5 e 8 anos (16 informantes)	Informantes com segundo ciclo liceu ou equivalente (22 informantes)
III	Ensino Médio: informantes que possuem entre 9 e 11 anos de escolarização (16 informantes)	Informantes com terceiro ciclo liceu, curso médio ou equivalente (27 informantes)
IV	Ensino Superior: faixa escolar de informantes com 12 anos ou mais de escolarização (16 informantes)	Frequência universitária ou curso superior completo (38 informantes)

Quadro 15: Equivalência entre as faixas de escolarização dos informantes das amostras do português brasileiro e do português europeu

3.7. Quantificação e análise dos dados

Para a análise quantitativa, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o programa computacional *GOLDVARB*, criado com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis. Esse programa extrai as frequências e os pesos relativos dos fatores linguísticos e sociais no condicionamento da variável dependente, bem como permite estabelecer o cruzamento de variáveis.⁸⁰

As ocorrências foram selecionadas nos *corpora* e codificadas, de acordo com códigos mnemônicos atribuídos a cada uma das variantes que constituem os contextos

⁸⁰ Disponível em: <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/goldVarb/goldVarb.html>>. Acesso em: 22 de out. 2008.

variáveis de cada fenômeno. Nessa fase, o emprego da noção de *grupo de fatores* como proposta pela Sociolinguística Variacionista é de fundamental importância, porque permite manipular uma grande quantidade de dados, ao mesmo tempo em que garante que todos os dados sejam analisados à luz dos mesmos critérios (contextos variáveis).

As “rodadas dos dados” foram feitas de forma individual, para cada uma das variedades e dos fenômenos considerados na pesquisa, pois, mesmo que se apresentem como semelhantes ou relacionados, possuem características próprias, instanciadas por diferentes contextos linguísticos e extralinguísticos, particulares das comunidades de onde as amostras foram coletadas. Dessa forma, realizamos oito rodadas principais⁸¹ do programa computacional *GOLDVARB*, considerando os quatro fenômenos e as duas variedades investigados, conforme segue:

- i) AP *nós* e *a gente* no PB;
- ii) AP *nós* e *a gente* no PE;
- iii) CV com o pronome *nós* no PB;
- iv) CV com o pronome *nós* no PE;⁸²
- v) CV com o pronome *a gente* no PB;
- vi) CV com o pronome *a gente* no PE;
- vii) CV de 3PP no PB;
- viii) CV de 3PP no PE.

⁸¹ Oito rodadas principais, porque várias outras rodadas secundárias foram feitas para confirmação dos resultados registrados nesta tese. Interessa, portanto, registrar apenas os resultados finais alcançados nessas oito rodadas e não o processo em si, até chegarmos a elas.

⁸² Conforme revelaremos no capítulo de análise dos dados, não foi possível a submissão das amostras de CV com o pronome *nós* no PE à análise estatística, por não se revelar fenômeno variável.

A fase precedente à quantificação dos dados é também importante, porque pressupõe, de antemão, uma leitura qualitativa dos dados, que permite, após os resultados frequenciais, compreender e explicar as estatísticas numéricas oferecidas pelo programa.

Neste momento julgamos pertinente recorrer às seguintes palavras de Naro (2003, p. 24):

Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo “peso relativo”. Na verdade, quando, sob certas convenções matemáticas, calculamos um valor numérico de, digamos, 0,4, é perfeitamente possível que sob outras convenções o valor calculado seja 0,6, mas a ordenação relativa de valores dos diversos fatores que compõem um grupo mudará. Por isso temos que ter muita cautela ao dizermos que um peso menor do que 0,5 desfavorece a aplicação da regra ou ao compararmos valores numéricos de pesos calculados para diversos conjuntos de dados.

Diante do exposto, partimos, no próximo capítulo, para a análise dos resultados alcançados.

CAPÍTULO IV

PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Sumário

4. Fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal do português brasileiro e europeu

- 4.1. Variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular
- 4.2. Fenômenos variáveis inerentes à segunda pessoa do singular
- 4.3. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do singular
- 4.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural

4.4.1. Alternância pronominal *nós* x *a gente* no português brasileiro e no português europeu

4.4.1.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu

- 4.4.1.1.1. Paralelismo linguístico discursivo
- 4.4.1.1.2. Saliência fônica verbal
- 4.4.1.1.3. Grau de determinação do sujeito
- 4.4.1.1.4. Tempo e modo verbal
- 4.4.1.1.5. Escolaridade
- 4.4.1.1.6. Faixa etária
- 4.4.1.2.7. Gênero

4.4.2. Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu

4.4.2.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* no português brasileiro

- 4.4.2.1.1. Saliência fônica verbal
- 4.4.2.1.2. Paralelismo linguístico discursivo
- 4.4.2.1.3. Explicitude do sujeito
- 4.4.2.1.4. Escolaridade
- 4.4.2.1.5. Faixa etária
- 4.4.2.1.6. Variáveis não selecionadas como relevantes para o fenômeno

4.4.2.2. Concordância verbal com o pronome *nós* no português europeu

4.4.2.3. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente* no português brasileiro e no português europeu

- 4.4.2.3.1. Explicitude do sujeito
- 4.4.2.3.2. Paralelismo discursivo
- 4.4.2.3.3. Saliência fônica
- 4.4.2.3.4. Tempo e modo verbal
- 4.4.2.3.5. Grau de determinação do sujeito
- 4.4.2.3.6. Gênero

- 4.4.2.3.7. Faixa etária
- 4.4.2.3.8. Escolaridade

4.4.2.4. Outros contextos de variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural

- 4.5. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do plural
- 4.6. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural

4.6.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu

- 4.6.1.1. Posição do sujeito em relação ao verbo
- 4.6.1.2. Traço semântico do sujeito
- 4.6.1.3. Paralelismo linguístico discursivo
- 4.6.1.4. Saliência fônica verbal
- 4.6.1.5. Paralelismo linguístico oracional
- 4.6.1.6. Tipo estrutural de sujeito
- 4.6.1.7. Escolaridade
- 4.6.1.8. Faixa etária
- 4.6.1.9. Gênero

Neste capítulo, último desta tese, apresentamos os resultados da análise qualitativa e quantitativa, empreendidas nas amostras do português europeu e brasileiro, com vistas à caracterização dos padrões de concordância verbal e de alternância pronominal evidenciados em variedades da língua falada em Portugal e no Brasil. Em primeiro lugar, retomamos os fenômenos, por meio de um quadro pronominal, elaborado a partir dos estudos de diferentes variedades da língua portuguesa, com o propósito principal de apresentar um panorama da concordância verbal, do emprego dos pronomes e dos fenômenos variáveis a eles relacionados. Na apresentação de cada fenômeno, discutimos e analisamos as diferenças e semelhanças encontradas entre as comunidades de fala pesquisadas e delas com as demais comunidades falantes da língua portuguesa. Ainda que a concordância verbal e alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e de segunda pessoa do plural não tenham sido consideradas de forma quantitativa, com base na análise dos corpora do português brasileiro do interior paulista e do português europeu do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, procedemos a uma breve discussão sobre os fenômenos evidenciados nessas pessoas. Para a primeira e terceira pessoas do plural, como já afirmado, apresentamos, antes da análise quantitativa e qualitativa de cada um dos grupos de fatores sociais e linguísticos considerados, os resultados obtidos em outros estudos de variedades do português brasileiro e europeu, com o intuito de expor a dimensão da variação na concordância verbal e na alternância pronominal no Brasil e em Portugal. A exibição das variáveis consideradas relevantes nos processos de variação será feita simultaneamente para as duas amostras e, após a apresentação do último grupo de fatores relevante em cada fenômeno, reunimos, em quadro resumo, as variáveis linguísticas e sociais eleitas como instanciadoras da variação.

4. Fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal do português brasileiro e europeu

Com vistas à elaboração de um panorama dos fenômenos de CV (concordância verbal) e de emprego e AP (alternância pronominal) evidenciados no PE (português europeu) e no PB (português brasileiro), neste capítulo, conjugaremos análises qualitativa e quantitativa, para os casos variáveis inerentes à 1PP (primeira pessoa do plural) do discurso e à 3PP (terceira pessoa do plural), e procederemos à análise apenas qualitativa, para a 1PS (primeira pessoa do singular), 2PS (segunda pessoa do singular) e 2PP (segunda pessoa do plural) do discurso e para a 3PS (terceira pessoa do singular).

Com base nas pesquisas empreendidas para inúmeras variedades do PB e, ainda, na observação de nossos *corpora*, apresentamos a seguir um quadro resumo de realizações pronominais e respectivos padrões de concordância verificados no PB, no PE e no português do interior paulista, em contraste com os padrões normativos.

Variedades pessoa	PADRÃO		ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ⁸³		PORTUGUÊS EUROPEU – CRPC		PORTUGUÊS BRASILEIRO – IBORUNA	
	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.
1PS ⁸⁴	<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS x (3PS)	<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS
	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo x (joga) futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>
2PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Tu</i>	2PS x 3PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Você</i>	3PS
			<i>Você</i>	3PS	<i>Você</i>	3PS		
	<i>Tu</i>	<i>jogas futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>jogas x joga futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>jogas futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>
			<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>		
3PS	<i>Ele/a correlatos</i>	3PS, 3PP ⁸⁵	<i>Ele/a correlatos</i>	3PS x (3PP)	<i>Ele/a correlatos</i>	3PS x 3PP	<i>Ele/a correlatos</i>	3PS x (3PP)
	<i>Ele/a; Maria; O povo; O povo; pessoal</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga futebol</i>
	<i>Ele/a; Maria; O povo; O povo; pessoal</i>	<i>joga x jogam futebol</i> ⁸⁶	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga x (jogam) futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga x jogam futebol</i>	<i>Ele/a; Maria; menino; O povo; pessoal</i>	<i>joga x (jogam) futebol</i>
1PP	<i>Nós correlatos</i>	1PP	<i>Nós correlatos</i>	1PP x 3PS	<i>Nós correlatos</i>	1PP	<i>Nós correlatos</i>	1PP x 3PS
			<i>A gente</i>	3PS x 1PP x (3PP)	<i>A gente</i>	3PS x 1PP	<i>A gente</i>	3PS x 1PP
	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>
			<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos x (jogam) futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos futebol</i>
2PP	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS
			<i>Vocês</i>	3PP x 3PS	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS		
	<i>Vós</i>	<i>jogais futebol</i>	<i>Vocês</i>	<i>jogam x joga futebol</i>	<i>Vós</i>	<i>jogais</i>	<i>Vocês</i>	<i>jogam x joga futebol</i>
					<i>Vocês</i>	<i>jogam x (joga) futebol</i>		
3PP	<i>Eles/as correlatos</i>	3PP	<i>Eles/as correlatos</i>	3PP x 3PS	<i>Eles/as correlatos</i>	3PP x (3PS)	<i>Eles/as correlatos</i>	3PP x 3PS
	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam x joga futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam x (joga) futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam x joga futebol</i>

Quadro 16: Realizações pronominais e formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa

Como se observa no quadro acima, no tocante à expressão pronominal, o PE dispõe de nove diferentes formas, das quais três apresentam alternantes – 2PS (*tu x*

⁸³ A composição do quadro tem como base os trabalhos apresentados a partir do item 2.3. *Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu* desta tese (página 106) e os trabalhos de Rubio (2006, 2008a, 2008b, 2010), de Gonçalves e Rubio (2010, 2011) e de Rubio e Gonçalves (2010).

⁸⁴ As formas entre parênteses constituem fenômenos pouco recorrentes, mas já atestados.

⁸⁵ A gramática normativa somente admite variação nos casos específicos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito encontra-se formalmente no singular e o verbo que o segue pode ser pluralizado (3PP), por influência de elementos plurais adjacentes ou do SN nuclear de sentido coletivo.

⁸⁶ A gramática normativa somente admite variação nos casos específicos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito encontra-se formalmente no singular e o verbo que o segue pode ser pluralizado (3PP), por influência de elementos plurais adjacentes ou do SN nuclear de sentido coletivo.

você), 1PP (*nós x a gente*) e 2PP (*vós x vocês*), ao passo que o PB, de modo geral, dispõe de oito formas, duas das quais com formas variantes – 2PS (*tu x você*) e 1PP (*nós x a gente*), situação que se reduz, ainda mais, se consideradas algumas variedades do PB, como a falada no interior paulista, que apresenta sete formas pronominais, com apenas uma delas sujeita ao fenômeno de AP – 1PP (*nós x a gente*). Nesse aspecto, cabe observar que o sistema pronominal do PE engloba todas as alternantes pronominais do PB, o que poderia constituir indício para, em bases sincrônicas, considerá-lo fonte de formação de variedades do PB. Entretanto, esse mesmo quadro parece se reverter quando se considera os diferentes padrões de CV, o que coloca o PB na dianteira da quantidade de fenômenos variáveis observáveis. Vejamos.

No PB, à exceção da 2PS expressa pelo pronome *você*, que apresenta um único padrão de CV com 3PS (regra categórica, portanto), a regra de CV é variável para as formas pronominais, em maior ou menor grau, prevalecendo, nos diferentes padrões de concordância, para cada uma delas, a 3PS. Na variedade do interior paulista do PB, escapa a essa constatação a CV com 1PS, além da concordância categórica de 2PS observada para o PB geral. O PE experimenta um número menor de variações nas diferentes regras de CV, as quais envolvem a 3PS, para os casos de partitivo (3PS x 3PP); a 1PP, quando a forma pronominal é *a gente* (3PS x 1PP); a 2PP, quando a forma é *vocês* (3PP x 3PS) e a 3PP (3PS x 3PP). Diferentemente do constatado para o quadro da variação nas formas pronominais, para o quadro da CV, pode-se afirmar, inversamente, que os padrões de concordância do PE estão todos contidos no PB, constatação mais forte que levaria a afirmar que, no Brasil, houve um alargamento do escopo de variação, principiada, nos dizeres de Naro; Scherre (2007), por uma “confluência de motivos”, a partir dos padrões de CV do PE, discussão que preferimos postergar para o final da apresentação dos resultados quantitativos.

A investigação dos fenômenos variáveis envolvendo tanto o quadro pronominal quanto os padrões de CV no PB e no PE demandaria, certamente, trabalho de maior fôlego, motivo pelo qual privilegiamos, nesta pesquisa, investigação quantitativa da AP de 1PP (*nós x a gente*) e a variação na CV relacionada à expressão da 1PP e da 3PP, o que, julgamos, já despende grande empreendimento.

4.1. Variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular

Conforme vimos em Naro; Scherre (2007), é possível haver variação na aplicação da regra de CV de 1PS do discurso, com a neutralização entre a primeira e terceira pessoa do singular. Os autores comprovam o registro do fenômeno em várias obras da dialetologia do PE. No registro que segue, há menção da ocorrência da neutralização em comunidades da capital de Portugal, Lisboa.

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros.

III – Verbos (...)

b) – Formas de primeira pessoa do singular do pret. perf. Simples em que se não deu metafonia:

Eu foi (...)

Eu pôs (...)

Eu pôde (...)

Eu fez (...)

Eu teve

(MIRA, 1954, p. 114 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 93)

No Brasil, estudos recentes também comprovaram a variação na CV de 1PS do discurso, com o emprego de verbos em 1PS e 3PS junto de sujeitos em 1PS. Lucchesi,

Baxter e Silva (2009) observaram uma frequência considerável de emprego de formas verbais de 3PS junto de sujeitos em 1PS (*eu fala, eu falou*) (18% das ocorrências), em comunidades rurais isoladas da Helvécia, no estado da Bahia, segundo os autores, por influência de outras línguas, em fenômenos que guardam semelhança com processos de crioulização.

Não obstante a comunidade do interior paulista tenha origem rural, que remonta o final do século XIX e o início do século XX, na presente pesquisa, não se observam casos de variação em relação à CV de 1PS. Nas amostras consideradas para essa comunidade e nas amostras consideradas para o PE, o padrão de CV com 1PS é regra categórica, como exemplificam as ocorrências a seguir, de (30.a) a (30.c), para o PE, e de (30.d) a (30.f), para o PB.

(30.a) portanto passa lá aos vinte para as nove e *eu apanho* o comboio a um quarto para as nove

[CRPC-1166-9]

(30.b) consigo, consigo. eu já **tenho** muita prática, já **sei...** **conheço** mais ou menos os nomes de, de... das comidas, **conheço**, não é verdade, **explico**-lhe, **traduzo**, não é verdade, por exemplo a manteiga, butter, pão, bread, se querem manteiga derretida é butter sauce,

[CRPC-041-2]

(30.c) é, é; é assim engraçado. eu **passo** lá as minhas - por acaso este ano eu nem **passei** lá as férias - porque a minha irmã teve cá um bebé, como foi no tempo das férias eu **estive**, **passei** cá todas as férias; entrava, entrava para casa nos domingos à noite, saía sábados ao meio-dia;

[CRPC-134-30]

(30.d) eles colocaram o material lá e meu organismo rejeitou... agora graças a Deus eu/ *eu estou* bem.

[BDI-126-23]

- (30.e) sempre **esperei** por este momento de fazê(r) dezoito anos e tirá(r) carta aí num via a hora de fazê(r) dezoito anos agora eu **completei** dezoito anos **tirei** carta tudo agora ONde eu **quero** í(r)... eu **pego** o carro e **vô(u)** num **preciso** ficá(r) dependen(d)o de ninguém... do horário de ninguém eu **faço** meu horá::rio... quando eu **posso** eu **vô(u)**
[BDI-044-225]
- (30.f) a parte que eu mais **gosto...** **fico** mais à vontade é a... é a edícula do fundo... inclusive eu... **passsei** a::... a dormí(r) lá por causa do barulho... que ele/ principalmente de fim de semana... a turma faz muito barulho que nem baile essas brincade(i)ra fica chutando lata fazendo muito barulho... então eu **optei** mais:: **fico** mais a vontade num... éh dormí(r) na edícula que fica na parte do fundo
[BDI-133-200]

Por meio da retomada das pesquisas de Naro; Scherre (2007) e de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), reavivamos a discussão a respeito da origem do PB (que irá se estender até o final desta tese). O fenômeno de variação na CV de 1PS, presente na variedade falada na comunidade afro-brasileira da Helvécia, na Bahia, já estava presente também no português dialetal europeu (NARO; SCHERRE, 2007), o que, de certa forma, contesta a hipótese de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) de que o português brasileiro apresenta esse fenômeno devido a um processo de crioulização do português no Brasil.

Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009), essa variação, restrita a determinadas comunidades, ocorre devido ao contato entre línguas, na formação das comunidades rurais brasileiras, o que chegou a afetar até mesmo o emprego dos morfemas flexionais do verbo em todas as pessoas do discurso, num processo que se assemelha muito aos casos típicos de crioulização. Contudo, a neutralização entre 1PS e 3PS, como anteriormente apresentada, foi, como vimos, fartamente documentada no português europeu, o que indicaria que o fenômeno tem suas raízes em Portugal, diferentemente do que afirmam Lucchesi, Baxter e Silva (2009).

Naro e Scherre (2007, p. 93) defendem ainda que o fenômeno ocorre até mesmo no português-padrão, devendo, portanto, ser reconhecido como fenômeno plenamente encaixado na configuração geral do português, como vemos a seguir:

As neutralizações envolvem:

A) todos os verbos:

1) no pretérito imperfeito do indicativo (*eu lembrava/ele lembrava; eu estava/ele estava; eu fazia/ele fazia; eu ia/ele ia*);

2) no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*eu lembrara/ele lembrara; eu estivera/ele estivera; eu fizera/ele fizera; eu fora/ele fora*);

3) no futuro do pretérito do indicativo (*eu lembraria/ele lembraria; eu estaria/ele estaria; eu faria/ele faria; eu iria/ele iria*);

4) no modo subjuntivo (*que eu lembre/que ele lembre; se eu lembrasse/se ele lembrasse; quando eu lembrar/quando ele lembrar; que eu esteja/que ele esteja; se eu estivesse/se ele estivesse; que eu faça/que ele faça; se eu fizesse/se ele fizesse; quando eu fizer/quando ele fizer; que eu vá/que ele vá; se eu fosse/se ele fosse; quando eu for/quando ele for*).

B) alguns verbos no pretérito perfeito (*eu trouxe/ele trouxe; eu coube/ele coube; eu soube/ele soube; eu disse/ele disse; eu quis/ele quis*).

(NARO; SCHERRE, 2007, p. 93-94)

Baxter, Lucchesi e Silva (2009) afirmam que, recentemente, vem ocorrendo, nas comunidades isoladas que apresentam o fenômeno de neutralização entre 1PS e 3PS, um processo de *descrioulização*, com gradativo aumento da distinção entre formas verbais de 1PS e 3PS. Não contestamos as evidências dos autores em relação à diminuição do fenômeno de neutralização nas comunidades afro-brasileiras isoladas (em especial, de Helvécia, na Bahia), todavia refutamos que o fenômeno tenha origem num processo de crioulização. As evidências apresentadas por Naro e Scherre (2007) sugerem fortemente que o mesmo fenômeno ocorre no português europeu e brasileiro,

influenciado pelas mesmas motivações naturais da língua portuguesa, que, inclusive, como apresentado acima, foram implementadas, em alguns contextos, até mesmo no português-padrão.

O processo de “descrioulização”, a que aludem Baxter, Lucchesi e Silva (2009), é fruto da diminuição do isolamento da comunidade e também do aumento da oferta de escolarização (processo que ocorreu em todo o Brasil, a partir da segunda metade do século XX), que proporcionam, conseqüentemente, maior contato com a norma culta e com o português-padrão. Se for apropriado nomear esse processo de descrioulização, poder-se-ia afirmar que haveria descrioulização também no português europeu, nas comunidades citadas acima, nas quais se evidenciou o processo de neutralização.

Além disso, outras comunidades falantes do PB, como a comunidade do interior paulista, não apresentam, como comprovamos por meio da observação da amostra de fala do banco de dados Iboruna, o fenômeno de CV variável de 1PS, um fato que aponta também que não haveria uma origem única para o português brasileiro, visto diferentes variedades apresentarem diferentes fenômenos. A não observação do fenômeno também na amostra europeia considerada nesta tese denotaria que, como no Brasil, em Portugal, apenas algumas variedades apresentam (ou apresentavam) variação na CV de 1PS e, conseqüentemente, as regiões brasileiras que receberam falantes das variedades onde o fenômeno ocorria também o apresentaram.

As evidências sugerem a hipótese de que a neutralização entre as formas de 1PS e 3PS junto de sujeito de 1PS do discurso era fenômeno variável que apresentava certa recorrência em algumas variedades do PE e, por isso, poderia ter sido trazido também para algumas comunidades do Brasil. A diferença estaria apenas no maior isolamento de

algumas comunidades brasileiras, que teria feito com que o fenômeno perdurasse até o momento.

Conforme já apontamos anteriormente, Naro; Scherre (2007, p. 93) demonstram que o fenômeno da neutralização entre 1PS e 3PS ocorre até mesmo no português-padrão (v. ocorrências (31.a) e (31.b)), sendo reconhecido como um fenômeno encaixado na configuração geral do português.

(31.a) bom::... tem uma delas que eu... nem quando:: eu conheci a minha esposa e a gente começô(u) a namorá(r) né?... então... inclusive **eu morava** só eu e minha mãe... e::... minha mãe era::... era muito severa muita coisa... e ela::... **eu ia namorá(r)** e ela todo dia ia atrás de mi/ atrás de mim sabe? me acompanhá(r)... ixe ela dava a maior mão-de-obra...

[BDI-133-5]

(31.b) ah, eu go(...) **eu gostava** muito de violino ou de ser flautista. **eu gostava** muito de ser... instrumentos de sopro.

[CRPC-710-5]

Nas ocorrências anteriores, observa-se que as formas verbais empregadas junto do pronome de 1PS do discurso (em destaque) não possuem qualquer distinção das correspondentes empregadas junto dos sujeitos em 3PS (*eu/ele morava, eu/ele gostava*). A afirmação de Naro e Scherre (2007), sobre os casos de neutralização evidenciados no português-padrão, leva-nos, inclusive, a sugerir, em estudo sociolinguístico comparativo futuro para as amostras do PE e do PB, a investigação do emprego do pronome de primeira pessoa, *eu*, junto dos contextos de neutralização e dos contextos em que não ocorre neutralização entre as formas verbais de 1PS e de 3PS. A hipótese (aventada apenas em observação aos *corpora*) é de que haja maior explicitude do pronome nos casos de neutralização, como forma de evitar a ambiguidade de referente. Vejamos a ocorrência que segue:

(32.a) teve uma história de:: quando **eu tinha** acho que tinha uns três anos... **eu fui**::... almoçá(r) na casa da vizinha... minha mãe tinha acabado de tê(r) meu irmão meu irmão tinha meses ela tava até... com os ponto ainda da cirurgia...

[BDI-044-20]

*(32.b) teve uma história de:: quando **tinha** acho que tinha uns três anos... **fui**::... almoçá(r) na casa da vizinha... minha mãe *tinha* acabado de tê(r) meu irmão meu irmão tinha meses ela tava até... com os ponto ainda da cirurgia...

Como vemos em (32.b), o apagamento do pronome de 1PS junto do primeiro verbo (em destaque) ocasiona, a princípio, ambiguidade em relação ao referente, pois a mesma forma verbal é empregada também para sujeitos de 3PS (como se vê posteriormente na própria ocorrência, em *itálico*). Em contrapartida, o apagamento no segundo verbo em destaque não ocasiona a ambiguidade, haja vista a forma verbal ser exclusiva de 1PS.

Na sequência, tratamos dos fenômenos variáveis relacionados à 2PS do discurso.

4.2. Fenômenos variáveis inerentes à segunda pessoa do singular

Em relação aos fenômenos comprovadamente variáveis relacionados à 2PS do discurso, observamos, no capítulo de fundamentação teórica do presente trabalho, a existência de duas formas pronominais concorrentes tanto no PE quanto no PB, *você* e *tu*, e que, em relação à última, em algumas variedades do PB, a CV apresenta-se variável com formas verbais em 2PS ou 3PS.

No estado de São Paulo, Modesto (2006), em pesquisa realizada com amostras de fala da cidade litorânea de Santos, comprovou a variação entre as formas pronominais *tu* e *você*, com predominância desta (67%) sobre aquela (32%). O autor

atesta que a forma *você* é empregada naquela comunidade em contextos de maior monitoramento e menor envolvimento entre os interlocutores. A forma *tu*, por outro lado, é empregada em contextos de menor monitoramento e maior envolvimento entre falante e ouvinte, resultado interessante, se considerarmos que a forma *tu* junto de formas verbais de 2PS é considerada padrão e a forma *você*, não-padrão. Modesto (2006) confirmou também o uso categórico de formas verbais de 3PS junto do pronome *tu*, apontando que o emprego da forma pronominal atualmente distancia-se do que preconiza a gramática normativa.

Justificamos aqui a não consideração desses fenômenos variáveis de forma quantitativa nas variedades foco desta investigação, em primeiro lugar, por não haver relatos de estudos no interior do estado de São Paulo que tenham evidenciado o uso da forma pronominal *tu* como sujeito de 2PS do discurso, o que ratificamos, com base na observação qualitativa do *corpus* do interior de São Paulo (nas amostras, as ocorrências apresentaram somente a forma pronominal de 2PS do discurso, *você* (e suas variantes *ocê* e *cê*), com verbos em 3PS, como nas ocorrências (33.a), (33.b) e (33.c)).⁸⁷

(33.a) “ôh... eu vô(u) te dá(r) prazo de:: um mês mais ou menos... po *cê* **arrumá::(r)** a cota do dinhe(i)ro certinho se *você* num **dé(r)** o dinhe(i)ro nós vai... como se fala? tipo:: tratá(r) ne:: ne outro caso... a gente vai:: vê(r) se a gente toma o(u)tra providência pra vê(r) que que nós vai fazê(r) *c’ocê* aí” – eu falei – “NÃO tudo bem” –... daí eu peguei ainda noutra dia... saí:: fui ainda dá(r) um trampo c’um colega meu carpí(r) um lote

[BDI-031-45]⁸⁸

⁸⁷ Em recente estudo sociolinguístico da língua falada no centro-oeste mineiro, Gonçalves (2008) comprovou que a alternância de uso entre as formas pronominais variantes *você*, *ocê* e *cê* (também observada nas amostras do interior paulista, conforme expomos nas ocorrências (33.a-b-c)) é influenciada por fatores linguísticos e sociais. O autor observou ainda uma possível especialização das formas para as diferentes funções dos pronomes de 2PS, sendo que a função de sujeito é a única que favorece o uso das três formas (GONÇALVES, 2008, p. 225).

⁸⁸ A ocorrência ilustra a redução que ocorre no quadro de CV de algumas variedades do PB, pois apresenta as formas pronominais alternantes de 2PS, *você*, *ocê* e *cê* e as formas pronominais alternantes de 1PP, *nós* e *a gente*, acompanhadas (em sua totalidade) de formas verbais em 3PS.

(33.b) ele também me ajudô::(u) MUIto eu lembro dele das filhas dele da mulher dele... D. B. tam(b)ém me ajudô(u) no estudo... o A. O. da Itamarati tam(b)ém sempre me deu apoio... falava – “po *cê* **gostá(r) de estudá(r)?**”

[BDI-097-110]

(33.c) “nossa mas que amigo é esse... que todo dia *você* **sai** com e::le... deve sê(r) rolinho alguma coisa *você* **tá** me enrolan(d)o” –... e ele – “não é verdade é meu amigo” –... aí até que teve um dia... que ela pegô(u) e falô(u) assim... ele foi pra lanchonete ela virô(u) pra minha avó... falô(u) assim – “ô mãe.. *cê* já comprô(u) alguma COIsa?”

[BDI-046-175]

Além disso, as entrevistas que fazem parte do acervo do banco de dados Iboruna e do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (PE) são diálogos centrados em apenas um falante, ou seja, são do tipo informante/documentador, o que restringe o uso da 2PS e da 2PP. As raras intervenções entre os interlocutores e os usos de segunda pessoa do discurso, em sua maioria, partem do entrevistador ou tratam-se de discurso direto reportado (como em (34.a-c)), o que ocasiona insuficiência de subsídios para o implemento de uma pesquisa sociolinguística, como a que se propõe para a 1PP e 3PP. Para a variedade europeia, uma concisa análise qualitativa revela a ocorrência da alternância entre os pronomes *tu* e *você* para representação da 2PS, como se pode verificar nas ocorrências de (34.c) a (34.f), todavia, não se verificou, nos dados, variação em relação à CV junto do pronome *tu*, aos moldes da evidenciada no PB.

(34.a) quando *você* **vai** num culto du::m numa igreja evangélica *você* **chega** eles te acolhe muito bem – “oi tudo bem como como *você* vai seja muito bem vindo”

[BDI-33. 1. 417]

(34.b) depois eu quero te mostrá(r) na minha sala lá... um apaRElho... que:: eu gostaria que *você* **souBEsse** tam(b)ém... o motivo que o levô(u) a eu construí(r) aquele aparelho que está na na minha sala lá... aqui no do lado aqui

[BDI-101-255]

- (34.c) eu não sei os pecados!» é preciso também explicar-lhe: «os pecados é o que *tu tens* feito, assim, assim, assim...»
[CRPC-0031, 1. 7]
- (34.d) a b disse assim, para, para o np: «ai, *tu* já **viste** é a mana mais velha da gaiata?» ora amigo np espreitou
[CRPC-0122, 1. 30]
- (34.e) normalmente as irmãs têm uma ternura especial pelos mais pequeninos... *você* com certeza **gosta** mais
[CRPC-0134, 1. 22]
- (34.f) pois, a outra é... que vulgarmente chamamos autocarro, não é? portanto... agora... e as camionetas são confortáveis? como é que... *você* **vai** ali enlatado, quantas pessoas entram? aquilo é... a ver quem cabe mais ou como é? há um limite?
[CRPC-1165, 1. 3]

Ainda que, no banco de dados Iboruna, não haja ocorrências do emprego do pronome explícito de 2PS, *tu*, a análise qualitativa das amostras de fala permitiu a observação do emprego variável de verbos em 3PS e 2PS (nas ocorrências de (35.a) a (35.f)), como representação do imperativo gramatical de 2PS do discurso, com elevada predominância das formas verbais de 2PS (como apresentadas de (35.a) a (35.d)):⁸⁹

- (35.a) [aí ela] ligô(u) desesperada... peDIA –“pelo amor de Deus... **vê** se o seu irmão vem me trazê(r) um dinhe(i)ro num lugar”– eu falei assim –“como... num é d/... é hora de almoço acho que ele nem chegô(u) em casa ainda”– –“não... mas pelo amor de Deus (inint.) só conheço você que tem conhecido aqui
[BDI-AI-003, 30]⁹⁰

⁸⁹ Para a variação na CV no imperativo de 2PS do discurso, não foi realizada a análise quantitativa, com medição da frequência de emprego das formas em concorrência. A observação de um número considerável de entrevistas, todavia, permitiu a verificação da forte tendência ao emprego de formas verbais de 2PS do imperativo afirmativo para a referência à 2PS do discurso, ainda que o único pronome utilizado em todas as amostras tenha sido *você* e suas variantes, que, em contextos de indicativo e de subjuntivo, apresentam, invariavelmente, formas verbais de 3PS. Apresentamos, neste ponto, como sugestão de estudo sociolinguístico futuro, a consideração quantitativa desse fenômeno com base nas amostras do banco de dados Iboruna.

⁹⁰ Ocorrência da amostra de interação do banco de dados Iboruna.

- (35.b) “e tô eu e o J. aqui falta cinco reais pa eu í(r) embora pa completá(r) o dinhe(i)ro da passagem (inint.) que que eu faço que que eu faço... se eu num achá(r) dinhe(i)ro”– falei... –“**liga** po seu irmão (inint.) pelo amor de Deus **pede**”– falei assim –“meu Deus eu co/”–... eu conheço bem o D. [Inf.2: hum] o D. ia soltá(r) os cachorro
[BDI-AI-003, 40]
- (35.c) os incomodado que se mu-da”– aí eu/ eu ri com a E. que eu falei assim –“óia se aquele velho num tava velho eu ia falá(r) –“B. **vende** esse terreno e **sai** fora daqui”– mas o velho tá velho diz que já... logo logo ((risos de Inf.1, Inf.2 e Inf.3)) LOGO LOGO ((fala rindo)) LOGO LOGO ele MUDA
[BDI-AI-006, 80]
- (35.d) diz que o padre virô(u) pra ele e falô(u) assim – “ mas **escuta**... você tira... o::... você leva o bom e de(i)xa o ruim ((fala rindo)) [Doc.: ((risos))] você tinha que fazê(r) o contrário”–... né?
[BDI-082-195]
- (35.e) ela corta o bairro... aí cê pega **vire** pra::... **vire** nessa avenida do linhão e já **vire** a próxima à esquerda que seria a rua que você... ia descê(r) tam(b)ém se tivesse ido pelo do *Carrefour* que é minha rua dois
[BDI-052-230]
- (35.f) olha L. eu num posso... é te dá(r) em dinhe(i)ro porque eu não tenho... mas você tem umas cobranças na sua mão... **vá** lá **receba** você vai vendê(r) bem esse mês... e po::de pegá(r) esse dinheiro pra você e nós debitamo(s) depois... e **continue** na estra::da”
[BDI-107-300]

Faraco (1986) (apud SCHERRE, 2007, p. 196) defende que as formas imperativas são consideradas “formas indicativas com valor de atos de fala impositivos”, o que é reforçado pelo fato de que as formas de 2PS do imperativo e de 3PS do presente do indicativo são, do ponto de vista morfológico, “idênticas”.

Com base em diversos estudos do português brasileiro falado, Scherre (2007) afirma que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, há o predomínio do imperativo associado ao indicativo, como nas ocorrências apresentadas acima, (*liga, pede, vende, sai, escuta*). Conforme salienta a autora e como se pode observar na amostra

considerada para o português do interior paulista, a alternância entre as formas verbais de 2PS e 3PS do imperativo não possui relação direta com o emprego dos pronomes *tu* e *você*. No PB da região de São José do Rio Preto, o emprego do pronome de 2PS do discurso *você* (e suas variantes *ocê* e *cê*) é categórico, acompanhado, também de forma categórica, de verbos em 3PS, entretanto, a análise qualitativa do corpus do PB do interior paulista revela que, aparentemente, o emprego do modo imperativo se evidencia, predominantemente, com formas verbais de 2PS (o que somente se confirmará por meio de pesquisa sociolinguística quantitativa).

4.3. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do singular

A variação na CV junto a sujeitos de 3PS é fenômeno reportado (e aceito) até mesmo pelas gramáticas normativas, conforme apontamos em capítulo anterior, e não se restringe à língua falada, conforme confirmam Scherre; Naro (1998) e Scherre (2005), que registram, inclusive, o fenômeno como recorrente na língua escrita formal do PB atual, em contextos de sujeitos complexos ou pospostos ao verbo.

Embora não se constitua foco principal da presente pesquisa, cabe ressaltar que esse fenômeno variável evidencia-se nas amostras consideradas para o PE e para o PB, conforme apresentamos, a seguir, nas ocorrências exemplificativas recolhidas do CRPC e do banco de dados Iboruna.

- (36.a) certo é como é quase como na saúde né? **existe** *meia dúzia de privilegiados* né? que **GANha** MUIto... [Doc.: hum::] e:: e também existe *a maioria* que **ganha** muito po(u)co
[BDI-138-305]
- (36.b) :... *uma parte dos impostos* **deviam**... ficá(r) pra assim... tê(r) um/ a gente ter o atendimento

[BDI-138- 277]

- (36.c) hoje **deparam-se** *uma série de problemas* e eu hoje acho que nós começamos a vivê-los muito mais cedo do que antigamente
[CRPC-218-13]
- (36.d) *a maioria das famílias* num **aceita** e:: eu tenho/ acabo tendo PEna dessas pessoas porque eles são muito simples... eles são muito simples
[BDI-152-540]
- (36.e) tudo isso, é uma coisa que me indigna e *da maior parte delas* **aceitarem** de boa mente, **aceitam** como uma escravatura
[CRPC-1378-12]
- (36.f) mas... *o POvo* coitado *o povo* num **tem** culpa né?... *o povo* **gosta** do futebol **gosta** de música... **gosta** de:... éh::... de carnaVAL
[BDI-129-250]
- (36.g) uma miúda... uma... foi dada a *um casal* que também não **tinham** filhos e **adoravam** ter filhos: **vieram** buscar aquela menina
[CRPC-1250- 23]

Nas ocorrências, verifica-se o uso de formas verbais em 3PS e 3PP, junto de expressões complexas de núcleo singular que possuem um SPrep de núcleo plural ((36.a) a (36.e)) e também junto de *SN* no singular que possui valor coletivo, como *povo* e *casal* ((36.f) e (36.g)). Cabe destacar que o núcleo do sujeito, em todas as ocorrências, encontra-se, invariavelmente, na 3PS.

Esses exemplos, embora não constituam subsídios para investigação sociolinguística, pelo baixo número de casos evidenciados, apontam para a ocorrência de mais um fenômeno variável tanto na variedade brasileira quanto na variedade europeia, nesse caso, ligado à CV de 3PS, que, como os já apresentados, carece de maior investigação nas amostras do interior paulista.⁹¹

⁹¹ Esta é mais uma sugestão de estudo futuro a ser realizado com base no banco de dados Iboruna, visto o fenômeno já ter sido caracterizado em outras variedades do PB. Como exemplo, temos o estudo de Mattos (2003), que comprovou a atuação de fatores linguísticos como *tipo de sujeito* e *saliência fônica* na variação de CV junto de sujeitos coletivos simples para variedades do PB de Fortaleza e do Rio de Janeiro.

4.4. Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural

Conforme consideração prévia, apresentada no capítulo de fundamentação teórica desta tese, em relação à 1PP do discurso, observam-se fenômenos variáveis de AP e de CV. Nas seções que seguem, elaboramos a apresentação particularizada de cada fenômeno em cada uma das comunidades, estabelecendo as relações que se mostrem pertinentes aos fenômenos e às variedades pesquisadas.

4.4.1. Alternância pronominal *nós* x *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Para a AP, nos *corpora* do PE e do PB, foi analisado um total de 2.649 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas (plenas) e não-explícitas (desinenciais ou nulas), sendo 476 ocorrências do PE e 2.173 do PB. Dos 476 casos observados no PE, 200 ocorrências são do pronome *a gente* (149 ocorrências da forma explícita e 51 da forma não-explícita) e 276 do pronome *nós* (185 ocorrências da forma explícita e 91 da forma não-explícita). Para o PB, do total de 2.173 ocorrências, 1.603 casos são da forma pronominal *a gente* (1.413 ocorrências do pronome explícito e 190 do pronome não-explícito) e 570 da forma pronominal *nós* (477 casos de *nós* explícito e 93 casos de *nós* não-explícito). A seguir a tabela com os percentuais de distribuição das ocorrências.

Tabela 1: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

VARIEDADE	NÓS		A GENTE		TOTAL
PB – IBORUNA	26,2% (570)		73,8% (1.603)		100% (2.173)
SUJEITO PRONOMINAL	explícito 83,7% (477)	não-explícito 16,3% (93)	Explícito 88,1% (1.413)	não-explícito 11,9% (190)	
PE – CRPC	58% (276)		42% (200)		
SUJEITO PRONOMINAL	explícito 67% (185)	não-explícito 33% (91)	Explícito 74,5% (149)	não-explícito 25,5% (51)	100% (476)

Os resultados apontam que a forma inovadora *a gente* predomina sobre a forma pronominal conservadora *nós* nos dados do PB, com percentual de uso de 73,8%. Ao considerarmos, porém, as frequências obtidas para amostras do PE, podemos verificar o predomínio da forma padrão *nós* sobre a forma não-padrão *a gente* (58% e 42%, respectivamente).

Efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo com resultados evidenciados em outras regiões do Estado de São Paulo, em outros estados brasileiros e em amostras de algumas localidades portuguesas, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais da AP em diferentes variedades da língua portuguesa.^{92,93}

⁹² Lamentavelmente, tivemos contato somente com o estudo sociolinguístico de Vianna (2011) para a AP *nós* e *a gente* em variedades do PE.

⁹³ Não é nosso intuito, neste momento, abarcar todos os estudos já propostos sobre AP de 1PP na língua portuguesa. Nossa proposta, diferentemente disso, é demonstrar que o fenômeno, ainda que se encontre catalogado, apresenta diferentes características, a depender, principalmente, de fatores de ordem diatópica e diastrática.

Tabela 2: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em diferentes variedades do português brasileiro e do português europeu

VARIEDADE	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	NÓS	A GENTE
JOÃO PESSOA – PB PROJETO VALPB (FERNANDES, 1999)	escolaridade: de nula a superior; faixa etária: de 15 a 25, 26 a 49 e + de 50; gêneros: masculino e feminino	21%	79%
PELOTAS – RS PROJETO VARX (BORGES, 2004)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: 16 a 25, 26 a 37, 38 a 49, 50 a 64 e + 65; gêneros masculino e feminino.	22%	78%
INTERIOR PAULISTA IBORUNA (2012)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	26,2%	73,8%
FLORIANÓPOLIS – SC PROJETO VARSUL (SEARA, 2000)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: de 15 a 24, 25 a 50 e + de 50; gêneros: feminino e masculino	28%	72%
RIO DE JANEIRO – RJ (OMENA; BRAGA, 1996)	escolaridade: ens. fundamental e médio; faixa etária: de 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49, 50 a 71; gêneros: masculino e feminino	30%	70%
PORTO ALEGRE – RS (ZILLES, 2000)	escolaridade: de baixa até superior; faixa etária: de 25 a 49 e mais de 50; gêneros: feminino e masculino	31%	69%
BLUMENAU – SC TAMANINE (2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	40%	60%
LAGES – SC TAMANINE (2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	42%	58%
CINZENTO – BA C. AFRO-BRASILEIRA (ANTONINO; BANDEIRA, 2011)	escolaridade: baixa ou nula; faixa etária: de 20 a 40, 41 a 60, 61 a 80 e + de 80; gêneros: feminino e masculino	44%	56%
GOIÁS – GO (MATTOS, 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	46%	54%
BRASILÂNDIA PERIFERIA DE SP (COELHO, 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino	47%	53%
CHAPECÓ – SC TAMANINE (2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	52%	48%
RIO DE JANEIRO, PORTO ALEGRE E SALVADOR PROJETO NURC LOPES (1998)	escolaridade: superior; faixa etária: de 25 a 35, 36 a 55 e + de 56; gêneros: masculino e feminino	57,8%	42,2%
PORTUGAL CRPC – 2012	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	58%	42%
FUNCHAL – PE (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	74%	26%
CACÉM – PE (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	78%	22%
OEIRAS – PE (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	91%	9%

A observação permite evidenciar que as variedades apresentam diferentes características de uso das formas pronominais *nós* e *a gente*, com uma discrepância, se comparadas as variedades dos extremos da tabela, de 70 pontos percentuais para a AP de 1PP.

Em variedades de diferentes regiões e estados brasileiros, como a de João Pessoa (PB), a de Pelotas (RS), a do interior paulista, a de Florianópolis (SC), a do Rio de Janeiro (RJ) (OMENA; BRAGA, 1996), a de Porto Alegre (RS) (ZILLES, 2000), nota-se, pelos percentuais elevados de emprego da forma *a gente* (79%, 78%, 69% e 73,8%, 72%, 70% e 69%, respectivamente), o predomínio da forma inovadora sobre a forma conservadora, o que, contudo, não se estende a todas as variedades do território brasileiro. É possível verificar equilíbrio, ainda que com leve predomínio do uso do pronome *a gente*, em determinadas comunidades, como a de Brasilândia, na periferia de São Paulo, e do estado de Goiás, que apresentaram, respectivamente, 53% e 54% de emprego da forma não padrão.

O leve predomínio do pronome *nós* foi atestado recentemente em Chapecó, Santa Catarina, com 52% de emprego dessa forma, em oposição aos 48% de emprego da forma *a gente*. Lopes (1998), em estudo do português culto falado brasileiro, constatou 57,8% de uso da forma conservadora *nós* nas cidades do Rio de Janeiro, de Salvador e de Porto Alegre, uma frequência praticamente idêntica à observada nas amostras do PE do CRPC (58%), consideradas nesta pesquisa.

Poder-se-ia afirmar que o português culto brasileiro (considerado na pesquisa de Lopes (op.cit.)) se aproxima do português europeu, haja vista apresentar praticamente o mesmo percentual para o fenômeno da AP de 1PP. Contudo, a observação de outras pesquisas sugere cautela em relação a essa conclusão. Ao considerarmos o estudo da comunidade afro-brasileira isolada de Cinzento, na Bahia, de Antonino e Bandeira

(2011) (44% de emprego de *nós*), contatamos uma frequência mais próxima das verificadas para o PE do CRPC (58%) do que para algumas pesquisas do português brasileiro, como da Paraíba, de Pelotas e do interior paulista. Entre a pesquisa da comunidade de Cinzento, na Bahia e a pesquisa do PE do CRPC, há uma diferença de 14 pontos percentuais. A diferença entre o resultado de Cinzento e os resultados da Paraíba, de Pelotas e do interior paulista é de 23, 22 e 17,8 pontos percentuais, respectivamente.

Essa constatação, aliada a observação de outros estudos do português brasileiro, confirma que a escolaridade não é um fator que exerce forte influência no fenômeno variável da AP, já que, apesar de a maioria dos trabalhos considerar informantes de todas as faixas escolares (desde escolaridade nula até superior), houve diferença bastante elevada da frequência apresentada para a AP nas comunidades. Observa-se, por exemplo, semelhança entre as frequências das amostras de falantes com nula ou baixa escolarização de Cinzento, na Bahia (44% de emprego do *nós*), das amostras de informantes com escolaridade primária, ginásial e secundária de Lages, Santa Catarina (42% de uso do *nós*), e das amostras de informantes com escolaridade média e superior de Goiás (46% de emprego do *nós*). Por outro lado, há discrepância entre o estudo da AP de Florianópolis-SC (28% de emprego do *nós*), elaborado por Seara (2000) e de Chapecó-SC (52% de uso do *nós*), empreendido por Tamanine (2002), ambos abrangendo informantes catarinenses de escolaridade primária, ginásial e secundária, com faixas etárias semelhantes e dos dois gêneros.

A análise de resultados de outros trabalhos também demonstra que a variação diatópica não pode ser considerada preponderante na AP, pois se observam comunidades com grande distância geográfica, como a de João Pessoa, na Paraíba, a de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e a do interior paulista, que apresentam frequências

assemelhadas para o fenômeno variável (79%, 78% e 73,8% de emprego do pronome *a gente*, respectivamente).

Nos estudos já empreendidos para amostras do PE, constatamos uma diferença de 33 pontos percentuais entre o emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, diferença menor que a observada entre os estudos brasileiros (36,8). Vianna (2011), na análise da AP de três comunidades do PE, obteve valores diferentes para cada uma das comunidades (74%, 78% e 91% de uso do *nós*, respectivamente, para Funchal, Cacém e Oeiras). Os resultados que mais se aproximaram dos evidenciados nesta pesquisa (CRPC) (58%) foram os da comunidade de Funchal, todavia, houve diferença de 16 pontos percentuais. A diferença de frequência de AP de nosso trabalho em relação ao trabalho de Vianna (2011) pode residir também nas diferentes opções metodológicas seguidas, pois, como já apresentado, optamos por considerar, na AP, os casos de sujeitos explícitos e de sujeitos não-implícitos que apresentassem em contextos anteriores as formas concorrentes *nós* e *a gente* (opção considerada também para a CV de 1PP). Como já apontado, além dos pronomes *nós* e *a gente*, encontramos outras formas de referência à 1PP do discurso, dentre elas o emprego do verbo em 1PP (-*mos*), sem referente explícito em oração anterior, como vemos em (37).

- (37) isto é tudo uma fantochada, a apoiar a... o, a entidade patronal. **temos** o caso, por exemplo, da, a... dos contratos colectivos de trabalho, não é. ora o contrato colectivo de trabalho, quanto a mim, só pode ser discutido entre o sindicato que é o repre(...) são os representantes, os elementos, os elementos do sindicato são os representantes dos trabalhadores e o grémio que são os representantes da entidade patronal

[CRPC-077-1]

O excerto acima, extraído de uma entrevista do CRPC, é o início da fala do informante. Não há menções anteriores a nenhum dos pronomes em processo de variação (*nós* e *a gente*), o que nos leva a defender que esses casos não podem ser vistos como contextos de *nós* nulo, como aponta o trecho abaixo, de Vianna (2011), uma vez que, no PE, tanto a forma *nós* como *a gente* são candidatas potenciais a ocorrer com verbos flexionados em 1PP.

A partir da primeira referência feita a ele mesmo e sua família (“quando não têm nada ao fim-de-semana normalmente \emptyset saímos...”), há uma sequência de dados de 1ª pessoa do plural: “... \emptyset vamos porque \emptyset temos...temos um...aqui na aldeia do meco que é próximo de Sesimbra um local... \emptyset temos lá uma casa \emptyset ficamos por ali...ou então \emptyset vamos pra outras zonas do país...”. No caso desse trecho, o informante repete sempre a mesma forma na indicação do mesmo referente: **o pronome nós nulo. Ou seja, são dados de nós, precedidos de forma nós.**

(VIANNA, 2011, p. 117, destaques nossos)

A opção metodológica pode alterar o resultado geral, ocasionando uma elevação no percentual geral de uso do *nós*. Vejamos, a seguir, as conclusões da própria autora sobre os resultados de sua pesquisa.

Como fica evidente... **mais da metade dos dados de referência à 1ª pessoa do plural ocorrem por meio da indicação desinencial do verbo em P4 (-mos): 65% nas três amostras em conjunto.** O restante das ocorrências de 1ª pessoa do plural divide-se, basicamente, entre a utilização preenchida das duas formas: 17% de *nós* e 16% de *a gente*. **A realização nula de *a gente* é praticamente irrisória,** registrando-se em apenas 2% das ocorrências.

(VIANNA, 2011, p. 109, grifos nossos)

Coelho (2006), na análise de dados do PB, não considerou as ocorrências com formas desinenciais de 1PP sem referente explícito em contexto anterior, justificando que:

Em contextos como esse, não há pronomes ou verbos com marca de primeira pessoa do plural nem antes, nem depois do decorrer da progressão referencial. Como dissemos essa construção não foi para a análise da variável *Pronomes* uma vez que não havia maneira de se saber em qual variante pronominal a ocorrência se enquadrava. Conforme também já tratamos, essa construção não foi para a análise da variável *Concordância*, uma vez que sua versão com a variante zero é teoricamente impossível.

(COELHO, 2006, p. 140)

Após esta breve discussão sobre a metodologia empregada em nossa pesquisa, retomamos os resultados dos estudos do PE, defendendo que as possíveis divergências entre as frequências apresentadas são fruto da opção metodológica de cada pesquisador. Como se pode observar, os estudos de Vianna (2011) apresentaram maiores frequências de uso do pronome *nós* do que o estudo da presente tese devido às ocorrências de verbos com desinências de 1PP sem referente explícito terem sido consideradas como casos de “zero nós”. A análise sob essa perspectiva propiciou importante informação sobre a representação da 1PP do discurso no PE, como vemos a seguir.

Pode-se dizer que, entre falantes portugueses, a opção primeira na indicação da 1ª pessoa do plural acontece por meio da desinência verbal *-mos*.

(VIANNA, 2011, p. 109)

No entanto, pela afirmação acima e pelo que já fora discutido, a desinência *-mos* em contextos isolados, sem referente pronominal, seria forma concorrente tanto do pronome *a gente* + forma verbal em 3PS/1PP como do pronome *nós* + forma verbal em 1PP (no PE) ou pronome *nós* + forma verbal em 3PS/1PP (no PB).

A considerar que a proposta da pesquisa tem como um de seus focos a análise do AP entre *nós* e *a gente* e não a representação do sujeito em 1PP do discurso, confirmamos nossa opção metodológica.⁹⁴

Além de as variedades do português aqui em análise apresentarem percentuais gerais discrepantes em relação à AP de 1PP, diferentes variáveis linguísticas e sociais em diferentes ordens de relevância demonstraram influenciar o processo de variação nas amostras (exceção apenas para a variável *paralelismo linguístico*), conforme apresentamos no quadro abaixo.

Variáveis		Fenômeno	<i>Nós x A gente</i> português do interior paulista - IBORUNA	<i>Nós x A gente</i> português europeu – CRPC
Linguísticas		paralelismo linguístico discursivo	1º	1º
		Saliência fônica verbal	2º	não selecionado
		Grau de determinação do sujeito	5º	não selecionado
		Tempo e modo verbal	6º	não selecionado
		preenchimento do sujeito	não selecionado	não selecionado
Sociais		Escolaridade	4º	2º
		Faixa etária	3º	não selecionado
		Gênero	não selecionado	3º

Quadro 17: Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para os fenômenos de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu e no português brasileiro do interior paulista

É possível observar, no quadro, que, dentre as variáveis linguísticas, apenas *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado para os dois corpora. *Saliência fônica verbal*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal* foram selecionados apenas para as amostras do PB do interior paulista (em 2º, em 5º e em 6º lugares,

⁹⁴ Apresentamos, como sugestão para trabalho futuro, o estudo comparativo do emprego das formas desinenciais de 1PP, sem referente pronominal, como representação da 1PP do discurso no PE do CRPC e no PB do interior paulista.

respectivamente). O grupo de fatores *preenchimento do sujeito*, que controla os contextos de sujeito explícito e de sujeito não-explícito, foi o único não selecionado pelo programa *GOLDVARB*, para ambos os *corpora*, o que revela que a variável possui pouco peso no processo de AP nas amostras consideradas.⁹⁵

Relativamente às variáveis sociais, sobressai-se *escolaridade*, que foi selecionada como relevante nas amostras do PB e do PE, respectivamente, em 4º e 2º lugar. *Gênero*, considerado estatisticamente relevante apenas para o PE, foi selecionado em terceiro lugar. A variável *faixa etária do informante* foi selecionada somente para a amostra do interior paulista, também em terceiro lugar.

A partir dos resultados apresentados no quadro 17, um primeiro julgamento acerca desse estudo da AP de 1PP é o de que, para o PB, é forte a atuação tanto de variáveis linguísticas quanto sociais, ao passo que, para o PE, atuam mais fortemente variáveis sociais do que linguísticas. Passemos a tratar de cada uma dessas variáveis selecionadas.

4.4.1.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu

A ordem de apresentação dos fatores linguísticos e sociais será a mesma da exibida no quadro 17 acima, que coincide com a ordem de relevância do grupo de fatores para as amostras, ou seja, a discussão se inicia com os fatores linguísticos

⁹⁵ Em Vianna (2011), o grupo de fatores *preenchimento do sujeito* revelou-se de grande relevância na AP, tendo sido selecionado para as três amostras do PE, resultado que também se justifica pela opção metodológica do trabalho, que considera os casos de sujeito desinencial de 1PP sem referente anterior como associados ao pronome *nós*. Obviamente, os contextos de sujeito não preenchido se mostrarão fortemente favorecedores do emprego do pronome *nós* e os contextos de sujeito pleno (preenchido) favorecerão o uso de *a gente*. Para emprego de *a gente*, os resultados da autora apontam peso relativo de 0,90, para sujeitos plenos, e de 0,24, para sujeitos nulos (VIANNA, 2011, p. 105).

selecionados como mais relevantes nas amostras do PE e do PB, e prossegue até que seja apresentado o grupo de fatores que foi selecionado em último lugar, em apenas uma das amostras. Como na tabela, em primeiro lugar, as variáveis linguísticas e posteriormente as extralinguísticas.

4.4.1.1.1. Paralelismo linguístico discursivo

Conforme já atestado em diversos trabalhos, em relação à atuação do grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo* na AP de 1PP, a tendência é de que, em uma sequência de cláusulas, haja a manutenção da mesma forma linguística que aparece na primeira cláusula (OMENA (1996); LOPES (1993, 1998, 2003); MENDONÇA (2010) e VIANNA (2011)).

O grupo *paralelismo discursivo* foi selecionado como grupo mais relevante nas amostras do PB e do PE, o que comprova a forte atuação dessa variável sobre o fenômeno da AP de 1PP. Seguem, na tabela a seguir, os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 3: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo discursivo*⁹⁶

VARIEDADE PARALELISMO		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	forma isolada ou primeira de uma série	72,8% 783 (1076)	0,475	40,5% 98 (242)	0,517
	forma precedida de <i>nós</i> explícito	24,4% 51 (209)	0,099	3,6% 3 (80)	0,058
	forma precedida de verbo em primeira pessoa do plural (sujeito desinencial)	43,9% 47 (107)	0,258	27,3% 18 (66)	0,370
	forma precedida de <i>a gente</i> explícito	92,1% 664 (721)	0,744	96% 72 (75)	0,954
	forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial)	96,7% 58 (60)	0,897	90% 9 (10)	0,911
NÓS	forma isolada ou primeira de uma série	27,2% 293 (1076)	0,525	59,5% 144 (242)	0,483
	forma precedida de <i>nós</i> explícito	75,6% 158 (209)	0,901	96,4% 80 (83)	0,942
	forma precedida de verbo em primeira pessoa do plural (sujeito desinencial)	56,1% 60 (107)	0,742	72,7% 48 (66)	0,630
	forma precedida de <i>a gente</i> explícito	7,9% 57 (721)	0,256	4% 3 (75)	0,046
	forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial)	3,3% 2 (60)	0,103	10% 1 (10)	0,089

Pelos resultados acima, contextos em que a forma precedente é o pronome *a gente* explícito ((38.a) e (38.b)) ou a forma verbal de 3PS (*a gente* não-explícito) ((38.c) e (38.d)) favorecem o emprego de *a gente*. No PB, apresentaram-se pesos relativos de 0,744 e frequências de 92,1% de uso de *a gente*, em contextos de *a gente explícito* e de 0,897 e de 96,7% para contextos com forma verbal de 3PS; No PE, pesos relativos de 0,954 e frequências de 96% para emprego de *a gente* em contextos de *a gente explícito* e 0,911 e 90% para contextos com forma verbal em 3PS.

⁹⁶ A distribuição de frequências e pesos relativos é complementar entre os pronomes *nós* e *a gente*. A leitura dos resultados relativos a um dos pronomes, apenas, bastaria para a interpretação da atuação do grupo de fatores, porém optamos, nas tabelas, pela exibição dos valores relativos a ambos os pronomes, com o intuito de facilitar, ao leitor, a equiparação.

(38.a) depois que *a gente* esculpiu... **a gente** Tira o dentinho da onde **a gente** pingô(u) tirô(u) o dentinho... **a gente** vai pegá(r)... um anel... que é um anel comprido tipo um cano de de aço...

(BDI-045-290)

(38.b) apesar de tudo sempre é um trabalho mais ou menos livre em que *a gente* sempre se diverte uns com os outros, com os clientes às vezes, de maneira que, se por um lado é, é chato, **a gente** tem que tar sempre mais ou menos bem-dispostos para atender os clientes, por outro lado, às vezes... também é bom, porque... sempre **a gente** se diverte a falar uns com os outros, com os clientes e isso.

(CRPC-1248-10)

(38.c) num é muito longe a gente tem que... atravessá(r) a rodovia mas ali na frente tem uma passarela... e anda u::ns três quarte(i)rões já chegô(u) na praia então assim a gente acorda já *vai* pra praia **volta**... e **almoça** e **vai** de novo

(BDI-046-380)

(38.d) aliás que não, não... o frio nessa altura quando estava a nevar, a gente até gostava de andar na rua, e (...) a neve a cair que *achava* curioso, não é, porque os frios, os frios... é depois quando vem aqueles gelos, e aqueles, os ventos, aqueles ventos que **a gente** chama lá o vento suão

(CRPC-1333-80)

Por outro lado, contextos precedidos do pronome *nós* explícito ((39.a) e (39.b)) ou não-explícito (sujeito desinencial de 1PP) (39.c) e (39.d)) favorecem o emprego de *nós*, pois apresentaram pesos relativos de 0,901 e 0,742 e frequências de 75,6% e 56,1%, respectivamente, no PB; e pesos relativos de 0,942 e 0,630 e frequências de 96,4% e 72,7%, respectivamente, no PE; para emprego de *nós*.

(39.a) depois de Cassilândia *nós* pegamos ali uma rodovia nova a:: **nós** fazíamos um uma outra estrada que **nós** íamos por I/ Aporé... hoje **nós** passamos por Cassilândia de Cassilândia **nós** saímos em::... em Rio Verde que é uma rodovia nova e aí **nós** saímos em Rio Verde de Rio Verde **nós**... passamos por... Caiapônia... de Caiapônia **nós** iremos até éh:: Piranhas

(BDI-093-30)

- (39.b) agora se *nós* pomos no mercado uma determinada fruta, uma maçã, uma pera a cinco escudos, o público não lhe toca, se **nós** pomos a oito o público compra
(CRPC-793-12)
- (39.c) nós andamos mais oitenta quilômetros... *chegamos* em Água Boa... depois de Água Boa **nós andamos** mais cento e sessenta e cinco quilômetros... isso ainda asfalto né? rodovia de asfalto... *chegamos* em Ribe(i)rão Cascalhe(i)ra que é a última cidade... que é o rio que **nós (a)travessamos** aqui em Xavantina só que aqui ele é de pequena proporção num é tão grande... lá ele é um rio que dá trezentos metros de largura é um rio grande... já na fazenda lá
(BDI-093-33)
- (39.d) era conveniente que a caixa tomasse providências em... », «ai, nós somos tão competentes como os médicos escolares para *podermos* ver se a criança tem ou não tem; não **precisamos** que sejam os médicos escolares a alertar-nos.» isto é muito triste. custa um bocado, não é!
(CRPC-836-12)

O emprego alternante das formas *nós* e *a gente* em uma sequência de cláusulas ((40.a) a (40.d)) é menos frequente, prevalecendo o princípio do paralelismo linguístico discursivo tanto nas amostras do PE quanto nas do PB.

- (40.a) uma escadinha toda de FERro enferrujada lá tudo assim e **a gente** entra nessa pedra -- ainda bem que eu tava magro na época passava nessa pe::dra e saía naquele mar azul assim... aí **nós** voltamos **ficamos** mais uns dois dias em Natal aí **voltamos**(s) embora... aí **nós** ficamos(s) um tempão na praia também eu comento com minha namorada que se um dia **a gente** casá(r) ela até te/ ela tem vontade de voltá(r) lá
(BDI-051-200)
- (40.b) na beira da praia TORTa fazia TORTa... porque é muito caro também... e to:/: direto que **nós** ficô(u) Oito dia lá... e ia na/ na praia todo dia... ficá(r) compran(d)o:/: as coisa num dava certo né?... aí **a gente** levava... torta eu lembro muito bem da torta de frango que o irmão dele faz nossa que delícia.
(BDI-059-245)
- (40.c) sabes que **a gente** só tem jeito é para arranjar noivas aos outros! mas **nós** a encaixarmos nos ditos...
(CRPC-122-20)

(40.d) depois, **a gente** vai comendo aquelas - até tenho vendido a dez escudos o quilo - que **nós** comemos pouco só somos os dois, tenho um filho, está no curso de engenharia.

(CRPC-962-20)

A tendência verificada, que confirma totalmente as hipóteses para esse grupo de fatores, é de que a forma anterior influencia o emprego da forma subsequente e, em uma sequência de usos de um dos pronomes, há a manutenção da forma que inicia a série, o que, em algumas circunstâncias ((41.a-c)), torna-se bastante evidente no PB e no PE.

(41.a) depois que **a gente** esculpiu... **a gente** Tira o dentinho da onde **a gente** pingô(u) tirô(u) o dentinho... **a gente** vai pegá(r)... um anel... que é um anel comprido tipo um cano de de aço... colocá(r) ele em cima d'uma borrachinha... que vai ficá(r) no ce/ pra que ele fique no centro do do anel... que é o cano de aço... **a gente** vai jogá(r) um revestimento lá dentro líquido aí depois **a gente** vai pegá(r)... esse revestimento... **colocá(r)** num forno... aí uns setecentos graus... e vai... essa cera que **a gente** fez vai derretê(r)... e quando derretê(r) ela vai... ela vai:: virá(r) nada sabe? ela vai evaporá(r)... e:: lá dentro vai ficá(r) o espacinho que ficô(u) ela entendeu?... vai ficá(r) o negativo dela... aí **a gente** joga ela num centri/ centrífuga que é um... um lugar que **a gente**... faz que o metal entre dentro do de/ desse negócio... vai derretê(r) fundí(r) o metal

(BDI-045-290)

(41.b) éh de Paranaíba a Cassilândia depois **nós pegamos** ali uma rodovia nova a **nós fazíamos** um uma outra estrada que **nós íamos** por Aporé... hoje **nós passamos** por Cassilândia **nós saímos** em Rio Verde que é uma rodovia nova e aí **nós saímos** de Rio Verde **nós passamos** por... Caiapônia... de Caiapônia **nós iremos** até Piranhas... depois de Piranhas Aragarça então **nós passamos** por Aragarça **atravessamos** ali o rio **entramos** na Barra do Garça e... **seguimo(s)** viagem aí:: **passamo(s)** de Barra do Garça **nós andamos** mais... cento e cinqüenta quilômetros aí **encontramos** a cidade de Nova Xavantina éh... dentro de Nova Xavantina **nós (a)travessamos** o Rio das Mortes que passa ali em Xavantina depois **nós andamos** mais oitenta quilômetros **chegamos** em Água Boa... depois de Água Boa **nós andamos** mais cento e sessenta e cinco quilômetros rodovia de asfalto... **chegamos** em Ribe(i)rão Cascalhe(i)ra que é a última cidade que é o rio que **nós (a)travessamos** aqui em Xavantina

(BDI-093-60)

(41.c) a estrada é (...) uma, uma coisa é... quer dizer, **a gente** quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, **a gente temos** que a aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada... desde que o, que o temporal teja velhaco, ora **a gente vamos** aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas **a gente** com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, **tá** sempre de caras ora **a gente** não **temos** um apára-brisas, nem temos nada, aquilo ali é aguentar o pacote

(CRPC-194-10)

(41.d) e então **nós saímos** das aulas para aí ao meio-dia, depois **telefonamos, combinamos** a, a hora, e **vamos** a caminho da praia. **fomos** para aí duas vezes. **chegámos** um dia à torre, para aí num sábado. foi quando **fomos** com ele, **chegámos** à praia da torre, **instalámos** lá por trás dum, dum barco que tava assim empinado na areia; **acondicionámos** ali as, as nossas bagagens

(CRPC-122-20)

Mais importante do que constatar a atuação do princípio do paralelismo linguístico discursivo na AP de 1PP no PB e no PE, é confirmar a grande semelhança verificada entre os contextos que atuam no favorecimento de uma ou de outra forma pronominal no PE e no PB, o que não se deve deixar de destacar, mesmo que as comunidades tenham apresentado diferenças consideráveis em relação à frequência geral de emprego dos pronomes em concorrência.

Passamos a tratar, a seguir, do grupo de fatores *saliência fônica verbal*, selecionado como segundo mais relevante para a amostra do PB.

4.4.1.1.2. Saliência fônica verbal

Antes de iniciarmos a discussão sobre a atuação do grupo de fatores *saliência fônica verbal*, cabe-nos retomar as justificativas para a consideração desse grupo em fenômeno diferente do da CV variável.

Lemle (1977) demonstrou que falantes do PB tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, as quais são verificadas nas formas verbais de 1PP, com desinências do pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito, como em, respectivamente, *cantávamos*, *cantássemos* e *cantáramos*.⁹⁷ Nesses casos, segundo Rodrigues (1987), é comum que o falante menos escolarizado empregue, junto da forma pronominal *nós*, verbos em 3PS, que, diferentemente, dos em 1PP, não apresentam forma proparoxítona em nenhuma de suas desinências modo-temporais.

Com base nessas afirmações e em Coelho (2006), defendemos que o fator *saliência fônica verbal*, além de influenciar os fenômenos de variação na CV, influencia também a seleção do pronome de 1PP, principalmente entre os falantes com maior escolarização e do gênero feminino, que optariam pelo uso da forma *a gente*, pouco estigmatizada socialmente, em contextos em que se evidenciassem maiores níveis de saliência entre a forma de 1PP e 3PS, como os são os contextos de verbo proparoxítono em 1PP, aqui denominados de casos de *saliência esdrúxula*. Em relação aos outros níveis de saliência, previa-se que maiores níveis de saliência (excetuando-se o grupo *saliência esdrúxula*, que, segundo a hipótese, apresenta comportamento ímpar) levariam ao maior emprego de formas de 1PP e, conseqüentemente, ao emprego do pronome *nós*.

Vejamos os resultados para a atuação desse fator, na tabela a seguir.

⁹⁷ As formas de pretérito mais-que-perfeito não foram encontradas nas amostras.

Tabela 4: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*⁹⁸

SAL. FÔNICA \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	esdrúxula (proparoxítonas)	75,8% 307 (405)	0,509	46,5% 33/71	-
	Mínima	88,8% 754 (849)	0,689	43,4% 126/290	-
	Média	59,1% 471 (794)	0,332	36,9% 31/84	-
	Máxima	58,2% 71 (122)	0,304	33,3% 10/30	-
NÓS	esdrúxula (proparoxítonas)	24,2% 98 (405)	0,481	53,5% 38/71	-
	Mínima	11,2% 95 (849)	0,311	56,6% 164/190	-
	Média	40,9% 326 (797)	0,668	63,1% 53/84	-
	Máxima	41,8% 51 (122)	0,696	66,7% 20/30	-

A observação da tabela permite verificar a preferência no uso do pronome *a gente* em lugar de *nós* no PB, para os casos de *saliência fônica esdrúxula* (42.a), com 75,8% e 24,2%, respectivamente, e *mínima* (42.b), com 88,8% e 11,2%, respectivamente. Os pesos relativos para esses grupos ratificam a afirmação, visto se apresentarem, nos dois casos, superiores aos demais (0,509, para *saliência esdrúxula*, e 0,689, para *saliência mínima*). Entre os dois contextos (*saliência esdrúxula* e *mínima*), o que atua mais fortemente no emprego do pronome *a gente*, de acordo com a frequência e o peso relativo apresentados, é o fator *saliência mínima*.

(42.a) ele conversava comigo *a gente tinha* [tínhamos] diá::logo... *a gente era* [éramos] completamente feliz só que não deu certo... uma porque:: eu era casada

[BDI-068, l. 40]

⁹⁸ Para o PE, apresentamos apenas a frequência de cada um dos contextos variáveis, haja vista este fator não ter sido selecionado pelo programa estatístico.

(42.b) minhas filhas nasceram perfei::tas... *a gente sabe* [sabemos] até de casos de de::...
criANças o quê::?... catorze treze anos é criança né?

[BDI-064, 1. 185]

Em contrapartida, os resultados exibidos para os fatores *saliência fônica média* ((43.a)) e *máxima* ((43.b)) demonstram que esses fatores contribuem para o uso da forma pronominal *nós*, pois, nesses contextos, houve aumento na frequência de uso dessa forma, em detrimento da forma *a gente* (40,9% e 41,8% de uso de *nós*, respectivamente). Os PRs verificados para esses contextos foram de 0,668 e 0,696, respectivamente, confirmando seu favorecimento no uso do pronome *nós*, conforme os pressupostos anteriores.

(43.a) eu tava aqui na faculdade ele passô(u) me pegô(u) nove e meia da noite... *nós fomos*
[foi] pro apartamento e num tinha nada... só tinha a cama a gelade::(i)ra as coisas tavam
tudo compradas né?

[BDI-082-55]

(43.b) o que a gente tem notícia... de quem vem lá de fora... e:: infelizmente alguns países...
nós:: não **somos** [é] bem recebidos porque::... *nós somos* [é] o terce(i)ro mundo

[BDI-073-165]

Em relação à amostra do PE, embora o grupo de fatores não tenha sido selecionado como relevante no fenômeno variável da AP, uma observação apenas das frequências demonstra maiores percentuais de emprego da forma *a gente* para os contextos de *saliência esdrúxula* e *mínima* e maiores percentuais de uso do pronome *nós* para os contextos de *saliência fônica verbal média* e *máxima*, aos moldes do que ocorre no PB.

O conjunto de resultados apresentados para esse fator reafirma a validade de sua consideração em fenômenos correlacionados aos contextos de CV variável, visto ter-se evidenciado que diferentes contextos de saliência fônica verbal exercem também diferentes influências na seleção dos pronomes alternantes de 1PP em posição de sujeito.

De posse dos dados relativos à CV de 1PP para as formas pronominais em concorrência, retomaremos essa discussão.

Apresentamos, a seguir, os resultados relativos ao próximo grupo de fatores selecionado, *grau de determinação do sujeito*.

4.4.1.1.3. Grau de determinação do sujeito

Com base nos trabalhos de Omena (1986), Machado (1995), Lopes (1999) e Vianna (2006), a hipótese, baseada apenas em pesquisas do PB, para o grupo de fatores *grau de determinação do referente sujeito* é de que o uso do pronome *nós* seja associado a sujeitos com referentes mais específicos e definidos e o uso do pronome *a gente*, a sujeitos com referentes mais genéricos. Vianna (2011) considerou, em pesquisa com amostras do PE, a atuação do *grau de determinação do sujeito (extensão semântica do referente)*, todavia o grupo de fatores não foi selecionado como relevante. A seguir, apresentamos a tabela com resultados para a influência desse grupo de fatores na AP no PE e no PB.

Tabela 5: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *grau de determinação do sujeito*

G. DE DET. SUJ.		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	genérico e indefinido	86,5% 167/193	0,569	22,8% 21/92	-
	genérico e definido	74,7% 929/1244	0,497	40,1% 69/172	-
	específico e definido	68,9% 507/736	0,385	51,9% 110/212	-
NÓS	genérico e indefinido	13,5% 26/193	0,431	77,2% 71/92	-
	genérico e definido	25,3% 315/1244	0,503	59,9% 103/172	-
	específico e definido	31,1% 229/736	0,615	48,1% 102/212	-

É possível verificar, na observação dos resultados do PB, a tendência ao uso do pronome *a gente* para se reportar a sujeitos do tipo *genérico e indefinido* ((44.a) e (44.b)) (86,5% e PR de 0,569, contra 13,5% e PR de 0,431 do pronome *nós* ((44.c))). Por outro lado, os resultados para os sujeitos do tipo *específico e definido* ((44.f)) apresentaram maior tendência de se expressarem por recurso à forma pronominal *nós* do que os demais (31,1% e PR de 0,615 para emprego de *nós*). Os sujeitos com grau de determinação do tipo *genérico e definido* ((44.d) e (44.e)) apresentaram tendência intermediária em relação aos outros fatores, com peso relativo de 0,497 e frequência de 74,7% para uso de *a gente*, frequência, inclusive, muito próxima da média geral para o pronome *a gente*, que é de 73,8%.

(44.a) é um horário abençoado por Deus... eu acho que **a gente** tem que comê(r) certinho... não podemos derrubá(r) comida na mesa derrubá(r) no chão fazê(r) aquela porqui::ce aquela noje::(i)ra... que aí a gente vai tê(r) que limpá(r) depois... eu acho assim...

[BDI-068, l. 45]

(44.b) não, mas **a gente** pode ter a sua formação política, até séria e consciente agora quando em, em actividade artística quer criar e quer erguer problemas humanos, com certa profundidade, tem que re(...) que erguer aqueles que conhece

[CRPC-1394-10]

(44.c) é que **nós** somos condicionados sub e inconscientemente, não é, de maneira que lá temos o instinto da conservação da espécie a, a, a limar todos esses pruridos de ordem moral que a gente possa ter (...) é verdade.

[CRPC-218-10]

(44.d) é uns meninos que a mãe num sei acho que num deu educação pra eles... parece uns cavalo... nem parece criança... **a gente** vai limpá(r) a mesa encontra várias suje(i)ra na mesa... poxa o nosso serviço... ele é um serviço duro porque é serviço da limpeza

[BDI-068-65]

(44.e) porque há, há, há participações que **nós** temos que, que é de arrepiar: o próprio indivíduo diz que, ostensivamente, que não respeitou o sinal de stop que existia, ia se... ia numa curva fora de mão, hã? mas isto constantemente, com frequência se vê...

[CRPC-612-40]

(44.f) o meu marido que hoje é meu esposo o A.... **nós** se conhecemo(s) no ano de:: mil novecentos e setenta que nós trabalhávamos juntos num supermercado... naquela época a gente era apenas amigo

[BDI-092-10]⁹⁹

Nas ocorrências (44.a), (44.b) e (44.c), classificadas como de referente genérico e indefinido, é possível observar que o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos de forma geral e, nem sempre, o próprio indivíduo está incluso nessa categoria. Por outro lado, nas ocorrências (44.d) e (44.e), o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos, na qual fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso. Em (44.d), por exemplo, a informante se refere a ela própria e às outras pessoas responsáveis pela

⁹⁹ É interessante notar, na ocorrência (44.c), que, apesar da opção pelo uso do pronome sujeito *nós* e do verbo em IPP, entremeia esse sujeito e esse verbo o pronome obliquo reflexivo de terceira pessoa, *se*, motivando a sugestão de mais um estudo futuro da variedade do interior paulista e alargando ainda mais o escopo de variação relacionado às pessoas do discurso.

limpeza do colégio onde trabalha. Na ocorrência (44.e), o informante faz referência às situações vivenciadas por ele e outros funcionários do serviço de trânsito português. Por último, na ocorrência (44.f), o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores, no contexto da última ocorrência, o marido e a esposa.

Confirma-se a hipótese pré-apresentada da tendência no PB de que o pronome *a gente* esteja mais associado a sujeitos genéricos e indefinidos, por ser usado, normalmente, para delimitar categorias, e de que o pronome *nós* se associe a sujeitos mais específicos e definidos, sendo usado normalmente para determinar um número completo e limitado de pessoas.

No PE, embora o grupo de fatores *grau de determinação do sujeito* não tenha sido selecionado para a amostra do CRPC, os resultados frequenciais apresentados são, no mínimo, curiosos, pois revelam comportamento totalmente contrário em relação às hipóteses e aos resultados do PB do interior paulista. A maior frequência de uso da forma pronominal *a gente* foi verificada dentre sujeitos de referente específico e definido (51,9%) e a menor frequência de emprego de *a gente* foi observada para a categoria dos sujeitos com referente genérico e indefinido (apenas 22,8%).

Esses resultados revelam que o fenômeno variável da AP não somente apresenta características diferentes em relação à frequência geral de emprego de uma ou de outra variantes no processo de variação, mas também em relação à função semântica dessas variantes na comunidade. Essa diferença semântica no uso das formas pronominais de primeira pessoa do discurso no PB do interior paulista e no PE pode ser um reflexo estatístico da frequência de uso de *a gente* mais espalhada no PB do que no PE, o que

revela que a forma encontra-se mais gramaticalizada naquela variedade do que nesta, uma vez que encontra contextos de usos mais generalizados, uma tendência típica de formas em processos avançado de gramaticalização (OMENA; BRAGA, 1996).

4.4.1.1.4. Tempo e modo verbal

A hipótese para o fator linguístico *tempo e modo verbal*, proposta por Fernandes & Gorski (1986), é de que o pronome *nós* tenha seu uso vinculado a formas no pretérito, enquanto *a gente* tenha uso vinculado a formas no presente, em razão de que o morfema *-mos* de 1PP pode estar sendo reanalisado, no PB, como marca gramatical de pretérito.

Omena (1986) e Lopes (1998) afirmam, ainda, que o Pretérito Imperfeito, o Presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o Pretérito Perfeito, o uso de *nós*.

A seguir, apresentamos os resultados para o grupo de fatores *tempo e modo verbal* na AP de 1PP no PB e no PE.

Tabela 6: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tempo e modo verbal*

TEMPO E MODO \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	presente do ind. e subj.	83,7% 810/968	0,551	40,8% 135/331	-
	pret. imp. do ind. e subj.	75,3% 287/381	0,536	45,7% 32/79	-
	pret. perfeito do ind.	56,4% 399/708	0,364	40,4% 23/57	-
	fut. e outros tempos verbais	92,2% 107/116	0,773	55,6% 10/18	-
NÓS	presente do ind. e subj.	16,3% 158/968	0,449	59,2% 196/331	-
	pret. imp. do ind. e subj.	24,7% 94/381	0,464	54,3% 38/70	-
	pret. perfeito do ind.	43,6% 309/708	0,636	59,6% 34/57	-
	fut. e outros tempos verbais	7,8% 9/116	0,227	44,4% 8/18	-

Concernente a esse grupo de fatores, a análise estatística demonstra que há maior tendência de uso da forma *a gente* com verbos no presente ((45.a)) (83,7% e PR de 0,551) e maior tendência de uso da forma *nós* com verbos no pretérito perfeito ((45.b)) (43,6% e PR de 0,636). Em relação ao pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo ((45.c), (45.d) e (45.e)), os resultados demonstram leve favorecimento do emprego de *a gente*, com peso relativo de 0,536 e frequência de 75,3%, para o pronome *a gente*, e peso relativo de 0,464 e frequência de 24,7%, para o pronome *nós*.

(45.a) cê sabe que tem uma hora que **a gente** fica na seca... e de repente a gente tava dançan(d)o eu e meus amigos lá e de repente vejo um moço moreno alto lindo né?
[BDI-074, l. 70]

(45.b) eu e meu marido quando **nós** nos casamo(s) ele era uma pessoa que num era quase de de participá(r)... da igreja... e eu com o meu testemunho
[BDI-092, l. 240]

(45.c) elas chegavam de ônibus e **a gente...** num tinha:: éh:: num tinha diNE(i)ro... num tinha RO(u)pa porque era você que tinha que ficá(r) se viran(d)o
[BDI-074-505]

(45.d) quando eu comecei trabalhá(r) eu trabalhava... com trabalho de roça... porque lá **nós** mexíamos com MUda preparávamos mudas de café... teve um ano que onde eu trabalhei preparô(u) UM miLHÃO de MUDas de café
[BDI-114-60]

(45.e) se **a gente** fosse treiná(r) a gente que... arrumasse o(u)tro lugar... treinasse na rua teve uma/ uma vez que a gente teve que treiná(r) na rua
[BDI-074-400]

Os resultados apontam também a tendência ao emprego da forma pronominal *a gente* (peso relativo de 0,773 e frequência de uso superior a 92%) nos contextos de futuro do pretérito ((46.c)), de futuro do subjuntivo ((46.a)) e de infinitivo pessoal ((46.b)). Infelizmente, devido ao baixo número de ocorrências, foi necessário amalgamar todos esses casos.

- (46.a) e acho que tem que acabá(r) porque:: enquanto... enquanto as menina num percebê(r) que se **a gente** de(i)XÁ(r) de fazê(r) Isso... o preconceito ainda vai existí(r)
[BDI-026-30]
- (46.b) pra atrapalhá(r)... jogan(d)o giz::... num de(i)xan(d)o **a gente** escrevê::(r)... num é por aí as professoras tão lá pa ensiná(r)... só que ninguém de(i)xá
[BDI-026-10]
- (46.c) éh:: **a gente**::... poderia começá(r) a tê(r) uma educação... agora você/ eu comparo assim o Estado de São Paulo com o Estado do Paraná... a educação do Estado do Paraná é formidável... as pessoas não jogam lixo na rua
[BDI-035-200]

Não foram encontradas ocorrências da forma *a gente* com verbos no futuro do presente. A variante já implementada plenamente no PB do interior paulista para expressão do futuro compõe-se de perífrase com o verbo *ir* acrescida de verbo no infinitivo, conforme apresentamos em ((47.a) e (47.b)) (FONSECA (2010)).¹⁰⁰ Os únicos três casos da ocorrência de verbos no futuro do presente foram encontrados junto de sujeitos com o pronome *nós*, nas amostras de um informante apenas, conforme se observa em (47.c) e (47.d).

A baixa frequência de ocorrência de verbos no futuro do presente pode ser consequência da natureza das entrevistas dos *corpora*, que se compõem, em sua totalidade, de relatos de situações já vividas pelos informantes e por terceiros. Dessa forma, há a expectativa de emprego maior do passado e do presente do que do futuro, como também aponta Fonseca (2010).

¹⁰⁰ Em nossa análise do tempo e modo verbal, consideramos a estrutura formal do verbo (nestes casos, o auxiliar, que adequasse ao número e a pessoa do sujeito), por isso, contextos de perífrase com o verbo *ir*, como o apresentado na ocorrência, foram considerados como casos de verbo no presente do indicativo.

- (47.a) aí depois **a gente vai pegá(r)**... esse revestimento... colocá(r) num forno... aí uns setecentos graus... e vai... essa cera que a gente fez vai derretê(r)... e quando derretê(r) ela vai... ela vai:: virá(r) nada sabe? ela vai evaporá(r)... e:: lá dentro vai ficá(r) o espacinho que ficô(u) ela entendeu?... vai ficá(r) o negativo dela
[BDI-042-12]
- (47.b) bom então vamo(s) lá... –“aí **nós vamo(s) fazê(r)** uma rifa... de uma televisão eu dô(u) a televisão”–... eu falei –“no::ssa mas isso é muito complica::do”–... –“não:: vamo(s) fazê(r) um rifa... vamo(s) fazê(r) um ri::fa... a gente estipula aí um valor
(BDI-115-300]
- (47.c) então amanhã **nós estaremos in(d)o** pra lá **ficaremos** lá mais uns/ acho que uns dez dias lá pescan(d)o e... é o que a gente gosta de fazê(r) né? sempre
[BDI-093-20]
- (47.d) e aí nós saímos em Rio Verde de Rio Verde nós... passamos por... Caiapônia... de Caiapônia **nós iremos** até éh:: Piranhas... depois de Piranhas Aragarça
[BDI-093-50]

Nas amostras do PE, o grupo de fatores não foi selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB*, porém é possível observar que as ocorrências com verbos no presente e no pretérito perfeito do indicativo, diferentemente do que se observou na amostra do PB do interior paulista, exibiram percentuais muito semelhantes para a AP (40,8% e 40,4% de emprego de *a gente*, respectivamente, para presente e pretérito perfeito). A única categoria que exibiu frequência discrepante das demais foi a denominada de *futuro e outros tempos*, com 55,6% de emprego do pronome *a gente*.

Não obstante tenhamos procedido à análise do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, que será também proposta para os demais fenômenos, presumimos haver uma sobreposição do fator *saliência fônica verbal*, já apontado como de extrema relevância para o fenômeno, em relação ao fator *tempo e modo verbal*, aos moldes do que já apontaos ocorrer, para o estudo da 3PP variável, com as variáveis *saliência fônica* e *tipo de verbo*. Seguem, os resultados e o cruzamento dos fatores, na AP de 1PP.

Tabela 7: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para as variáveis *saliência fônica verbal* e *tempo e modo verbal*

SAL. FÔNICA		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	esdrúxula (proparoxítonas)	75,8% 307 (405)	0,509	46,5% 33/71	-
	Mínima	88,8% 754 (849)	0,689	43,4% 126/290	-
	Média	59,1% 471 (794)	0,332	36,9% 31/84	-
	Máxima	58,2% 71 (122)	0,304	33,3% 10/30	-
TEMPO E MODO		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	presente do ind. e subj.	83,7% 810/968	0,551	40,8% 135/331	-
	pret. imp. do ind. e subj.	75,3% 287/381	0,536	45,7% 32/79	-
	pret. perfeito do ind.	56,4% 399/708	0,364	40,4% 23/57	-
	fut. e outros tempos verbais	92,2% 107/116	0,773	55,6% 10/18	-

Tabela 8: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis *tempo e modo* e *saliência fônica verbal*

TEMPO E MODO		SALIÊNCIA FÔNICA				
		esdrúxula	Mínima	média	máxima	total
A GENTE	presente do ind. e subj.	-	88% 656/743	71% 139/195	50% 15/30	810/968
	pret. imp. do ind. e subj.	75% 286/381	-	-	-	286/381
	pret. perfeito do ind.	-	-	55% 339/609	61% 60/99	399/708
	fut. e outros tempos verbais	92% 22/24	95% 84/88	25% 1/4	-	107/116
	total	307/405	754/849	471/797	71/122	1603/2173
NÓS	presente do ind. e subj.	-	12% 87/743	29% 56/195	50% 15/30	158/968
	pret. imp. do ind. e subj.	25% 95/381	-	-	-	95/381
	pret. perfeito do ind.	-	-	45% 270/609	39% 37/99	309/708
	fut. e outros tempos verbais	8% 2/24	5% 4/88	75% 3/4	-	9/116
	total	98/405	95/849	326/797	51/122	570/2173

Conforme apresentado na tabela 7, que retoma os resultados dos diferentes contextos dos grupos *saliência fônica* e *tempo e modo verbal* no emprego do pronome *a gente*, as formas com saliência mínima entre 1PP e 3PS favorecem o uso do pronome *a gente*, o que ocorre também com os verbos no presente do indicativo e subjuntivo. Pela observação do cruzamento dos fatores (na tabela 8), é possível constatar que a grande maioria dos verbos no presente apresenta também nível mínimo de saliência (quase 77% dos verbos no presente (743, do total de 968 casos)), já que a oposição entre 3PS e 1PP nesse tempo se faz, em grande parte das ocorrências, somente pelo acréscimo da desinência *-mos* à forma de 3PS, como se verifica, por exemplo, em *canta / cantamos* e *chega / chegamos*.

Os verbos no pretérito perfeito do indicativo foram caracterizados como desfavorecedores do uso da forma pronominal *a gente*, e, ao considerarmos a saliência fônica verbal dessas ocorrências, concluímos que apresentam, em sua totalidade, média ou máxima oposição entre as formas de 1PP e 3PS (todos os verbos no pretérito perfeito possuem saliência média ou máxima; 609 e 99, respectivamente.), como em *cantou / cantamos* e *fez / fizeram*, categorias de saliência que já demonstraram, como apontado na tabela 6, tendência a influenciar positivamente o uso do pronome *nós*.

Para as ocorrências com verbos no pretérito imperfeito, que se mostraram ligeiramente favorecedoras do emprego da forma pronominal *a gente* (peso relativo de 0,536), é possível notar a concentração de sua totalidade dentre os casos de saliência esdrúxula (todas as 381 ocorrências de pretérito imperfeito), os quais, por sua vez, também se mostraram ligeiramente favorecedores do uso de *a gente* (peso relativo de 0,509).

Para os casos amalgamados sobre o rótulo de *futuro e outros tempos* que, como vemos, abarcam os verbos no infinitivo pessoal, no futuro do pretérito e no futuro do

subjuntivo, dentre outros, a explicação para a propensão a apresentarem-se mais frequentemente junto da forma *a gente* está na saliência fônica dessas formas, pois, como se pode observar, apresentam, quase todos, *saliência fônica mínima* (88, das 116 ocorrências da categoria futuro e outros tempos), que, conforme comprovação anterior, favorece o emprego da forma pronominal *a gente*. Das 28 ocorrências restantes, 24 apresentam saliência fônica esdrúxula, que, como vimos, também tendem apresentar maior frequência de emprego do pronome *a gente*.

O que buscamos apontar, além do já exposto, é que, ao se categorizar os verbos em tempos e modos, como proposto, consideram-se, em uma mesma categoria, verbos com diferentes características morfológicas e, por consequência, com saliências fônicas diversas.

Ressalva feita a esse grupo de fatores linguístico, último selecionado pelo programa GOLDVARB, prosseguimos com a apresentação dos grupos de fatores sociais selecionados como relevantes no fenômeno da AP de 1PP.

4.4.1.1.5. Escolaridade

No que diz respeito à variável social *escolaridade*, a hipótese já apresentada para fenômenos variáveis é a de que informantes com mais anos de escolarização apresentem maior tendência ao uso de formas consideradas padrão na comunidade e informantes com escolarização baixa ou nula apresentem maior emprego de formas não-padrão (LABOV, 1966, 1972). No caso da AP, é considerada padrão, a forma *nós*, ainda preconizada pela tradição gramatical. Oposta a essa forma, há a forma *a gente*, considerada não-padrão, por ainda continuar sendo ignorada como forma pronominal na

maioria das gramáticas da língua portuguesa. A seguir, os resultados da AP em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, relevante nas amostras do PB e do PE.

Tabela 9: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

ESCOLARIDADE \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	Faixa 1 (1 a 4 anos)	61,5% 280/455	0,426	77,3% 133/172	0,809
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	84,4% 455/539	0,621	31,4% 32/102	0,366
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	81,6% 440/539	0,559	13,8% 13/94	0,255
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	66,9% 428/640	0,400	20,4% 22/108	0,299
NÓS	Faixa 1 (1 a 4 anos)	38,5% 175/455	0,574	22,7% 39/172	0,191
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	15,6% 84/539	0,379	68,6% 70/102	0,634
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	18,4% 99/539	0,441	86,2% 81/94	0,745
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	33,1% 212/640	0,600	79,6% 86/108	0,701

Observando os resultados da AP no PB, é possível, preliminarmente, concluir que o comportamento de informantes com mínima escolarização (PR de 0,574, para uso de *nós*) aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização (PR de 0,600, para emprego de *nós*), resultados opostos às expectativas para a influência do fator *escolaridade* em fenômenos variáveis do PB. Para além de contestar quaisquer hipóteses, a observação dos resultados acima, sem a consideração dos demais fenômenos relacionados, levar-nos-ia a concluir que o fenômeno não sofre qualquer influência do fator social considerado, o que não se confirma, neste ponto, pela consideração das faixas intermediárias, as quais apresentaram tendência ao uso da forma não padrão *a gente* (PRs de 0,650 e de 0,584, respectivamente, para falantes com

segundo ciclo do Ensino Fundamental (5 a 8 anos) e para falantes com Ensino Médio (9 a 11 anos)).

Consoante justificativas apresentadas desde o início desta pesquisa, temos como verdadeiro que os fenômenos de 1PP se inter-relacionam e podem depender uns dos outros. Dessa forma, a explicação para determinado comportamento variável relacionado a um fenômeno pode centrar-se na observação dos demais fenômenos; em outras palavras, a explicação para o comportamento assemelhado das faixas de menor e maior escolarização da amostra do PB em relação à AP poderá ser obtida por meio da consideração dos fenômenos de CV com os pronomes *nós* e *a gente*, o que propomos nas próximas seções.

No PE, os resultados apontam influência direta da escolarização no aumento de emprego da forma padrão, *nós*. A faixa de menor escolarização foi a única que se mostrou mais propensa ao uso da forma não-padrão, *a gente* (frequência de 77,3% e peso relativo de 0,809, para uso de *a gente*), apresentando, inclusive, frequência maior de emprego do pronome do que a frequência média verificada no PB do interior paulista (73,8% de uso do pronome *a gente*). As faixas de 5 a 8 anos, de 9 a 11 anos e de 12 anos ou mais escolarização demonstraram, todas, preferência de uso do pronome *nós*, respectivamente, com pesos relativos de 0,634; 0,745 e 0,701 e com frequências de 68,6%; 86,2% e 79,6%.

Cabe destacar que as faixas de média escolarização (5 a 8 anos e 9 a 11 anos) apresentaram-se mais propensas ao emprego da forma conservadora do que a faixa de maior escolarização (mais de 12 anos de frequência à escola), o que se justifica pela retomada do quadro de informantes das amostras do PE que, conforme já demonstrado, apresenta irregularidades em relação à distribuição de informantes entre os estratos sociais. Enquanto as faixas intermediárias de escolarização apresentam predominância

de informantes do gênero feminino (na faixa de 5 a 8 anos de escolarização, 12 informantes do gênero feminino e 10 informantes do gênero masculino, na faixa de 9 a 11 anos de escolarização (que apresentou maiores frequências e pesos relativos para emprego do pronome *nós*), 16 informantes do gênero feminino e 11 informantes do gênero masculino), na faixa de maior escolarização e de menor escolarização, que apresenta os informantes com mais de 12 anos de escolarização e com até 4 anos de escolarização, respectivamente, há o predomínio de informantes do gênero masculino (na faixas dos mais escolarizados, 16 mulheres e 22 homens, na faixa dos menos escolarizados, 21 mulheres e 25 homens).

Na sequência, após a apresentação da influência do fator social gênero na AP de 1PP no PE, exibimos o cruzamento entre os fatores *escolarização* e *gênero*, o que confirmará o que fora afirmado em relação à influência da irregularidade da estratificação social nos resultados exibidos.

Independentemente disso, os resultados do PE apontam uma polarização em relação à AP, na qual falantes com pouco contato com o ambiente escolar optam pelo uso da forma *a gente* e falantes que possuem maior contato com o ambiente escolar fazem opção pelo uso do pronome *nós*.

Se no PB, a atuação da escola não reflete grande alteração em relação à manutenção da variante padrão, o pronome *nós*, em Portugal, a frequência à escola altera substancialmente o emprego das formas pronominais de 1PP, elevando o uso da forma prescrita pela gramática normativa, *nós*, e diminuindo o uso da forma não padrão, *a gente*. A consideração de outros fatores de ordem social, como o fator *gênero*, a ser analisado após o fator *faixa etária*, confirmará o que já se anuncia pela observação desse fator: a forma pronominal *a gente* é desprestigiada no PE.

4.4.1.1.6. Faixa etária

Conforme discussão proposta no capítulo de fundamentação teórica, para o fator social *faixa etária*, as hipóteses subjacentes à investigação, não somente da AP, mas de qualquer fenômeno variável, estão ligadas à propensão de que faixas etárias mais jovens evidenciem o uso de formas inovadoras, e falantes de faixas mais elevadas tendam ao uso de formas conservadoras nos processos de variação. A investigação desse fator também permite a observação da possibilidade de implementação de uma ou outra variável na comunidade, já que as faixas etárias mais jovens são consideradas o impulso das mudanças na comunidade, por sucederem gradativamente as faixas etárias mais elevadas.

A seguir, apresenta-se a tabela com os resultados para esse grupo de fatores, selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB* apenas para a amostra do PB do interior paulista.

Tabela 10: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

FAIXA ETÁRIA \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	16 a 25 anos	86% 456/530	0,608	35,5% 33/93	-
	26 a 35 anos	77,6% 409/527	0,560	36,7% 47/128	-
	36 a 55 anos	59,3% 375/632	0,360	45,2% 85/188	-
	mais de 55 anos	75% 363/484	0,502	52,2% 35/67	-
NÓS	16 a 25 anos	14% 74/530	0,392	64,5% 60/93	-
	26 a 35 anos	22,4% 118/527	0,440	63,3% 81/128	-
	36 a 55 anos	40,7% 257/632	0,640	54,8% 103/188	-
	mais de 55 anos	25% 121/484	0,498	47,8% 32/67	-

Os percentuais e pesos relativos acima expostos demonstram que a forma *a gente* está gradativamente substituindo a forma *nós*, visto as faixas etárias mais jovens apresentarem maiores frequências e tendências de uso daquela forma (86% e 0,608, para faixa de 16 a 25 anos; 77,6% e 0,560, para faixa de 26 a 35 anos). Excetuam-se da preponderância de uso do pronome *a gente* sobre o pronome *nós* apenas os informantes da faixa etária de 36 a 55 anos, que demonstraram menor percentual do que as outras faixas (59,3%) e um peso relativo de 0,360 para o uso da forma *a gente*.

Os resultados do PB confirmam a hipótese geral de que as formas inovadoras estejam reelacionadas aos falantes de faixas etárias mais jovens e as formas conservadoras estejam mais presentes na fala de informantes de maior idade, porém, embora os jovens tenham apresentado forte tendência ao uso do pronome *a gente*, não se verifica, na faixa etária mais elevada (mais de 55 anos), forte propensão ao uso da forma conservadora *nós*. Contrariamente a isso, constatamos um percentual de uso de *a gente* (75%) maior do que o verificado para a faixa etária anterior (36 a 55 anos) e próximo do percentual exibido pela faixa de 26 a 35 anos (77,6%). Em relação ao peso relativo, evidencia-se, para essa faixa etária, certa neutralidade para uso da forma conservadora e da forma inovadora (peso relativo de 0,502, para emprego de *a gente*).

Mesmo que a observação deste fenômeno já forneça subsídios suficientes para aventarmos a hipótese de substituição, no PB, em momento futuro, da forma pronominal *nós* pela forma pronominal *a gente*, retomaremos a discussão após a verificação dessa variável social nos demais fenômenos relacionados à IPP do discurso. De antemão, pelos resultados apresentados, é possível se afirmar que o fenômeno de implementação do pronome *a gente* já se encontra, na comunidade, em estágio avançado.

Embora o grupo de fatores *faixa etária* não tenha sido relacionado entre os relevantes na AP *nós* e *a gente* no PE, a análise das frequências revela uma diminuição gradativa no emprego da forma pronominal inovadora *a gente* que parte da faixa de maior idade para a faixa dos mais jovens (52,2%, para informantes com mais de 55 anos; 45,2%, para informantes de 36 a 55 anos; 36,7%, para informantes de 26 a 35 anos; 35,5%, para informantes de 16 a 25 anos).

Essa diminuição no emprego da forma inovadora diretamente proporcional à diminuição na idade dos informantes sugere que está havendo, no PE, um retrocesso no processo variável, em direção à manutenção da forma conservadora, *nós*, quase que inversamente ao que ocorre no PB do interior paulista.

Como vimos em capítulo anterior desta tese, houve aumento expressivo do índice de escolarização da população portuguesa nas últimas décadas, o que, aliado ao fato de a escolaridade exercer influência direta na manutenção da forma conservadora *nós* no PE (como vimos anteriormente), pode explicar o aumento do emprego da forma conservadora na população mais jovem, reflexo, portanto, dos efeitos da escolarização.¹⁰¹ A análise das variáveis *escolaridade* e *gênero*, presente nas próximas páginas, poderá fornecer maiores subsídios para a confirmação dessa hipótese.

Conforme vimos, além da variável *faixa etária*, para o PB, foi selecionado também o grupo *escolaridade*, dessa forma, propomos, a seguir, o cruzamento desses grupos de fatores sociais.

¹⁰¹ No Brasil também houve aumento significativo do índice de escolarização da população, entretanto, como apontado, o aumento da escolarização não exerce influência direta na elevação de emprego da forma normativa (*nós*), como demonstrado ocorrer em Portugal.

Tabela 11: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *escolarização*

P. BRASILEIRO FAIXA ETÁRIA		ESCOLARIZAÇÃO			
		1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	12 ou + anos
A GENTE	16 a 25 anos	71,4% / 0,384 40/56	82,1% / 0,534 115/140	99,5% / 0,979 189/190	77,8% / 0,476 112/144
	26 a 35 anos	58,7 / 0,262 54/92	93,8 / 0,792 122/130	73,7 / 0,411 84/114	78 / 0,470 149/191
	36 a 55 anos	47,1 / 0,182 80/170	83,8 / 0,564 88/105	62 / 0,289 88/142	55,3 / 0,236 119/215
	mais de 55 anos	77,4 / 0,460 106/137	79,3 / 0,488 130/164	84,9 / 0,585 79/93	53,3 / 0,222 48/90
NÓS	16 a 25 anos	28,6% / 0,616 16/56	17,9% / 0,466 25/140	0,5% / 0,021 1/190	32,2% / 0,524 32/144
	26 a 35 anos	41,3% / 0,738 38/92	6,2% / 0,208 8/130	26,3% / 0,589 30/114	22% / 0,530 42/191
	36 a 55 anos	52,9% / 0,818 90/170	16,2% / 0,436 17/105	38% / 0,711 54/142	44,7% / 0,764 96/215
	mais de 55 anos	22,6% / 0,540 31/137	20,7% / 0,512 34/164	15,1% / 0,415 14/93	46,7% / 0,778 42/90

O cruzamento entre a faixa etária e a escolaridade do informante revelou comportamento bastante heterogêneo em todos os estratos, com algumas células exibindo emprego semi-categórico da forma *a gente*, como a faixa de 16 a 25 anos de idade e de 9 a 11 anos de escolarização (99,5% de emprego de *a gente* e peso relativo de 0,979). Por outro lado, a célula com informantes de idade entre 36 e 55 anos e 1 a 4 anos de escolaridade, apresentou predomínio, embora discreto, da forma conservadora *nós*, com 52,9% de uso do pronome e peso relativo de 0,818.

Ainda que os resultados não permitam uma delimitação exata dos extratos que favorecem uma ou outra variante, é possível notar, em observação vertical da tabela, que as faixas de menor escolaridade e de maior escolaridade, independentemente das faixas etárias, possuem maior tendência ao emprego do pronome *nós* e, em contrapartida, a maioria das células de escolaridade intermediária (5 a 8 anos e 9 a 11 anos de escolarização) demonstra o predomínio de uso do pronome *a gente*.

4.4.1.1.7. Gênero

Conforme amplamente discutido no capítulo de fundamentação teórica desta tese, o fator *gênero* normalmente apresenta resultados que podem revelar informações importantes a respeito de fenômenos linguísticos evidenciados numa comunidade de fala. Como já verificado em diversos trabalhos, as mulheres são mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas e, dessa forma, podem optar ou não pelo uso da forma inovadora (no fenômeno em questão, o pronome *a gente*) a depender do *status* social que essa variante assume na comunidade. Em outras palavras, representantes do gênero feminino apresentar-se-ão como precursoras do uso do pronome *a gente*, se não há estigma em relação a essa forma; por outro lado, frequências menores de uso por parte das mulheres em comparação com os homens permitem a constatação de estigma social em relação à variante inovadora. Vejamos os resultados para o grupo de fator social *gênero*, selecionado com relevante apenas na amostra do PE, na tabela que segue.

Tabela 12: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

GÊNERO \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
A GENTE	masculino	72,6% 697/960	-	53,9% 131/243	0,610
	feminino	74,7% 906/1213	-	29,6% 69/233	0,385
NÓS	masculino	27,4% 263/960	-	46,1% 112/243	0,390
	feminino	25,3% 307/1213	-	70,4% 164/233	0,615

A análise dos resultados da atuação do fator *gênero* na AP de 1PP no PE confirma que falantes do gênero masculino possuem maior tendência ao uso da forma inovadora e não padrão *a gente* (53,9% e PR de 0,610) e, por consequência,

representantes do gênero feminino tendem ao uso da forma padrão e conservadora *nós* (70,4% e PR de 0,615). Ressaltamos, ainda, a significativa diferença verificada entre o comportamento masculino e o feminino, em relação ao uso dos pronomes de 1PP do discurso, com a discrepância entre os gêneros quase atingindo a casa dos 25 pontos percentuais.

No PB não se pôde observar estigma social em relação ao uso da forma *a gente*, o que se verifica pela observação do comportamento bastante semelhante de informantes de menor e de maior escolarização, os quais demonstraram tendências positivas ao uso da forma conservadora, *nós*, e, ainda, por meio da observação do comportamento linguístico associado a *gênero*, que, embora não tenha sido selecionado, exibiu percentuais muito próximos (72,6% de emprego de *a gente* para homens e 74,7% para mulheres).

Como já afirmado, a escolarização e o gênero tendem a funcionar como “termômetro” para indicar o grau de aceitação de uma variante linguística num processo de variação. No caso da AP de 1PP no PE, os baixos percentuais e pesos relativos apresentados por informantes do gênero feminino e de escolarização elevada para uso da forma inovadora, *a gente*, podem apontar o desprestígio dessa variante no fenômeno variável, confirmando a atuação sobre esse fenômeno mais de variáveis sociais do que estruturais

Com o intuito de verificar a atuação conjunta de *gênero* e *escolarização* sobre a alternância pronominal no PE, apresentamos, a seguir, o cruzamento desses grupos de fatores.

Tabela 13: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *escolarização*

P. EUROPEU		ESCOLARIZAÇÃO			
		1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	12 ou mais anos
A GENTE	masculino	85% / 0,897 85/100	45,6% / 0,563 26/57	21,4% / 0,295 9/42	25% / 0,338 11/44
	feminino	66,7% / 0,754 48/72	13,3% / 0,191 6/45	7,7% / 0,113 4/52	17,2% / 0,242 11/64
NÓS	masculino	15% / 0,103 15/100	54,4% / 0,437 31/57	80,6% / 0,705 33/42	75% / 0,662 33/44
	feminino	33,3% / 0,244 24/72	92,7% / 0,809 39/45	92,3% / 0,887 48/52	82,8% / 0,768 53/64

A observação da tabela de cruzamento dos grupos *escolaridade* e *gênero* permite a constatação de que as mulheres, à medida que apresentam maiores níveis de escolarização, possuem maior propensão a evitar a forma inovadora *a gente* do que os homens, embora haja também entre estes gradativo aumento na tendência do uso de *nós*. A partir dos cinco anos de escolarização, é possível notar uma forte tendência do gênero feminino a evitar a forma inovadora *a gente*, situação que se verifica para informantes do gênero masculino somente a partir dos nove anos de escolarização.

Ainda que as faixas de média e alta escolaridade do gênero feminino tenham todas se apresentado como propensas ao emprego da forma conservadora, nota-se que a maior propensão ainda se mantém entre os informantes de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos, minimizando o efeito da irregularidade da estratificação das amostras, nos resultados da influência da escolarização na AP de 1PP.

Os resultados para os grupos *gênero* e *escolaridade* confirmam as hipóteses aventadas anteriormente de que a forma inovadora *a gente* é estigmatizada no português europeu, pois tanto os falantes com maior escolarização quanto os falantes do gênero feminino tendem a evitar essa forma e, por meio do cruzamento, foi possível confirmar também que a junção dessas características (gênero feminino e escolarização elevada)

gera as maiores frequências e pesos relativos de uso da forma conservadora e prescrita pela gramática normativa, *nós*, que, por consequência, é a forma prestigiada na comunidade.

4.4.2. Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu

Após a observação e análise do fenômeno da AP de 1PP nas amostras do PE e do PB, passamos a tratar de dois outros fenômenos relacionados à 1PP, a CV variável junto do pronome *nós* e a CV variável junto do pronome *a gente*. A seguir, apresentamos os resultados gerais para esses processos de variação.

Tabela 14: Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

PRONOME VARIADADE	NÓS		A GENTE	
	1PP	3PS	1PP	3PS
PB	85,5% (488/570)	14,5% (82/570)	6% (98/1603)	94% (1505/1603)
PE	100% (276/276)	-	24,5% (49/200)	75,5% (151/200) ¹⁰²

Ao observarmos os resultados gerais para a CV de 1PP nas variedades pesquisadas, é possível verificar características diferentes em relação ao uso de formas verbais de 1PP e 3PS. No PB, evidencia-se uma frequência considerável de uso de formas verbais de 3PS junto do pronome *nós* (14,5%) ((48.a)), enquanto no PE o uso de formas verbais de 3PS não ocorre nesse contexto, sendo categórica a regra de uso de 1PP (ao menos nas amostras consideradas), como ocorre em (48.b).

¹⁰² Há de se destacar que não houve equilíbrio entre o número de ocorrências analisado no PB e no PE, o que se deve ao fato, já mencionado, de as entrevistas do CRPC possuírem menor extensão do que as entrevistas do banco de dados Iboruna.

(48.a) foi uma traição assim uma coisa muito bem escondido porque *nós* nunca **desconfiô(u)** de nada... de nada de nada de nada... porque viVIA dentro da sua casa... a gente conviVIA ali

[BDI-090-500]

(48.b) então o que é que quer dizer formicar?» pois ela assim: «ai!» pois *nós* **rebolávamos** a rir e ela: «ai, se calhar é uma grande asneira! ai que coisa!

[CRPC-479-20]

Ao considerarmos, porém, a CV com o pronome *a gente*, os resultados demonstram haver maior variação na variedade lusitana do que na brasileira. O uso de formas verbais em 3PS junto da forma pronominal *a gente* foi de 94% no PB ((49.a)) e de 75,5% no PE, ou seja, o emprego de 1PP com *a gente* ((49.b)) é quase 20% maior nas amostras de Portugal.

(49.a) mais um po(u)co pra frente... já tem uma entradazinha... né? que *a gente* **fala** que é a Lagoa Seca né?... [Doc.: certo] então entrando ali... a/ tem bastante condomínios né?

[BDI-132-195]

(49.b) o navio fica ancorado e *a gente* **íamos** com os botezinhos é que íamos procurar

[CRPC-169-20]

Abaixo, nas tabelas que seguem, efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo para a CV de 1PP com os pronomes *nós* e *a gente* com os resultados evidenciados em outros estados e regiões brasileiros, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais de aplicação de CV de 1PP.

Tabela 15: Concordância verbal com o pronome *nós* em variedades do português brasileiro e do português europeu

VARIEDADE	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	1PP	3PS
BRASILÂNDIA PERIFERIA DE SP (COELHO, 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino.	30%	70%
FEIRA DE SANTANA - BA (CARMO; ARAUJO, 2010)	escolaridade: nula e fundamental (português popular); faixa etária: diversas, mas não informadas no trabalho; gêneros: masculino e feminino.	32,6%	67,4%
RIO DE JANEIRO - RJ (NARO et. al., 1999)	escolaridade: até 3 anos e de 4 a 8 anos; faixa etária: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos; gêneros: masculino e feminino.	53%	47%
PERIFERIA DE SÃO PAULO (RODRIGUES, 1987)	escolaridade: nula e de até 4 anos; faixa etária: de 20 a 35, 36 a 50 e + de 51 anos; gêneros: feminino e masculino.	54%	46%
SÃO MIGUEL DOS PRETOS - RS (ALMEIDA, 2006)	escolaridade: não explicitada; faixa etária: de 15 a 24, 40 a 64 e 65 a 90 anos; gêneros: masculino e feminino	73%	27%
GOIÁS - GO (MATTOS, 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	81%	19%
INTERIOR PAULISTA - IBORUNA (2011)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	85,5%	14,5%
PANAMBI E PORTO ALEGRE - RS (ZILLES et. al., 2000)	escolaridade: de baixa até superior; faixa etária: de 25 a 49 e mais de 50; gêneros: feminino e masculino	87%	13%
NOVA IGUAÇU E COPACABANA - RJ (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	100%	-
CACÉM, OEIRAS E FUNCHAL - PT (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	100%	-
PORTUGAL CRPC - 2011	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino.	100%	-

Em relação à forma de 1PP concordante com o pronome *nós*, com base nos dados da tabela acima, é possível afirmar que o fenômeno se atesta como variável na maioria das comunidades pesquisadas, com amplitudes maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP (57 pontos percentuais de diferença entre a variedade de Brasilândia, na periferia paulista, que apresenta 30% de emprego de formas verbais de 1PP, e as variedades de Panambi e de Porto Alegre, que apresentam 87% de uso de verbos em 1PP com o sujeito *nós*).

Se consideradas as variedades do PB de Copacabana e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e do PE de Oeiras, Cacém, Funchal e do CRPC, contudo, conforme já demonstramos, constata-se emprego invariável de formas verbais de 1PP junto do pronome *nós*.

A frequência de emprego da desinência de 1PP com o pronome *nós* apresentada nas amostras de fala do interior paulista (85,5%), a princípio, surpreende, por ser mais elevada que a apresentada em inúmeras amostras, dentre elas a de algumas capitais de estados brasileiros. Entretanto, a observação das características sociais de cada *corpus*, principalmente o nível de escolaridade dos informantes, fornece explicações para a frequência mais elevada da amostra do interior de São Paulo: as amostras que apresentam menores frequências de verbos em 1PP com o pronome *nós* possuem, quase em sua totalidade (exceção feita para a amostra de Goiás, que possui frequência inferior de CV (81%), mas bastante próxima da frequência de CV do interior paulista (85,5%)), informantes com níveis de escolaridade menores do que os da amostra do banco de dados Iboruna e também das amostras de CV de Panambi e Porto Alegre e de Nova Iguaçu e Copacabana, as quais apresentam todas informantes com escolaridade superior.

A consideração apenas das frequências gerais de emprego das formas de 1PP e de 3PS junto do pronome *nós* e das características sociais dos informantes, obviamente, não permite que se determine com clareza todos os fatores responsáveis pela amplitude de variação na CV entre as diversas amostras do PB, porém é possível confirmar, de antemão, que, diferentemente do fenômeno variável de AP *nós* e *a gente*, o fenômeno variável de CV de 1PP é influenciado diretamente pelo fator social escolaridade.

Vejam, a seguir, a tabela comparativa para a CV com o pronome *a gente*.

Tabela 16: Concordância verbal com a forma pronominal *a gente* em variedades do português brasileiro e do português europeu

VARIEDADE	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	1PP	3PS
PORTUGAL CRPC – 2011	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino.	24,5%	75,5%
RIO DE JANEIRO – RJ (NARO et. al., 1999)	escolaridade: até 3 anos e de 4 a 8 anos; faixa etária: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos; gêneros: masculino e feminino.	13%	87%
INTERIOR PAULISTA - IBORUNA (2011)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	6%	94%
BRASILÂNDIA PERIFERIA DE SP (COELHO, 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino.	4%	96%
FEIRA DE SANTANA – BA (CARMO; ARAUJO, 2010)	escolaridade: nula e fundamental (português popular); faixa etária: diversas, mas não informadas no trabalho; gêneros: masculino e feminino.	2,2%	97,8%
GOIÁS – GO (MATTOS, 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	1%	99%
NOVA IGUAÇU E COPACABANA – RJ (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	1%	99% ¹⁰³
CACÉM, OEIRAS E FUNCHAL – PT (VIANNA, 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	1%	99%

A CV com pronome *a gente* não pode ser caracterizada como fenômeno amplamente variável nem no PB nem no PE, haja vista alguns estudos terem apresentado percentuais de emprego de formas verbais de 3PS acima de 95% (as variedades de Brasilândia, na periferia de São Paulo, de Feira de Santana, na Bahia, de municípios do estado de Goiás, de Nova Iguaçu e Copacabana, no Rio de Janeiro, de Cacém, Oeiras e Funchal, em Portugal, respectivamente, com frequências de 96%, 97,8%, 99%, 99% e 99% de emprego de 3PS junto da forma pronominal *a gente*), sugerindo uma aplicação semicategórica dessas formas junto do pronome. A amostra do interior paulista apresentou uma variação pouco superior a 5%, o que faz com que o

¹⁰³ Rememoramos o fato de que as decisões metodológicas tomadas pela autora na consideração dos sujeitos não-implícitos são diferentes das tomadas nesta tese, visto a autora ter considerado as formas desinenciais de 1PP como casos de “nós implícito”, independente do referente da oração anterior. Dessa forma, somente as ocorrências com sujeito explícito *a gente* seguido de verbo em 1PP configuram o percentual de 1% exibido no quadro.

fenômeno de CV junto de *a gente* na comunidade também se classifique como semicategórico, com grande predominância de formas verbais de 3PS junto do pronome *a gente*, como nas ocorrências a seguir.

(50.a) éh:: mais ou menos uma boate mas num é... especificamente uma boate... *a gente* **ficô(u)** lá **dançô::(u)** tal **conheceu** um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal

[BDI, 024-5]

(50.b) a viagem do *Hopi Hari* foi muito legal... é::... *a gente* **acordô(u)** quatro horas da manhã... e:: pra í(r) lá perto do aeroporto embarcá(r) no ônibus que tinha bastante ge::nte... aí quando era umas cinco horas da manhã *a gente* **saiu** de lá.

[BDI, 037-20]

(50.c) bom... *a gente* **saía** assim... bastan::te eu tinha desde os meus catorze anos *a gente* **era** acostumado a saí::(r) eu minha irmã:: os amigos e tal

[BDI, 046-70]

Das variedades investigadas do PB, a única em que o fenômeno pode ser caracterizado como plenamente variável é a do Rio de Janeiro, que apresentou um percentual de emprego da 1PP junto de *a gente* de 13%, valor inferior somente ao verificado nas amostras do CRPC de Portugal, as quais apresentaram 24,5% de emprego de 1PP junto do pronome *a gente*. Nas ocorrências do PE que seguem, é possível notar verbos em 1PP, mesmo com o sujeito explícito na mesma oração, o que é pouco comum no PB do interior paulista (como apresentaremos com mais detalhes a seguir).

(51.a) com molhos lá ao modo deles, eles gostam, principalmente *a gente* **damos** aqui um cabrito que eles adoram, limpam até o pãozinho com... o pão limpam com, no prato aquele molhozinho do pão.

[CRPC, 041-15]

(51.b) não, os bolos fui eu a mais uma irmã minha, que também ela sabe muito de bolos e ao depois elas foram para lá de noite me ajudar e *a gente* **fizemos**.

[CRPC, 863-10]

(51.c) a gente quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, *a gente* **temos** que a aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada

[CRPC, 164-100]

(51.d) e a gente, por acaso fui lá ao, lá abaixo ao arranjo buscar outro cabo inda mais grosso, onde *a gente* **demós** a volta para dar outra vez o cabo aos outros homens para (...) cá para fora

[CRPC, 1293-100]

(51.e) os homens cortaram as redes que tavam trilhadas na hélice, quando *a gente* **tentámos** ao depois e viemos pôr os homens na barra. cá mais, não achei mais perigo nenhum.

[CRPC, 1293-100]

(51.f) desde que o, que o temporal teja velhaco, ora *a gente* **vamos** aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas a gente com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora *a gente* não **temos** um apára-brisas

[CRPC, 194-100]

Sendo assim, a variedade do PE do CRPC, a qual não apresentou fenômeno variável relacionado à CV com o pronome *nós*; em relação à CV com *a gente*, apresenta a maior frequência de emprego de formas verbais de 1PP, atestando o fenômeno, ao menos nas amostras consideradas, como efetivamente variável. Além disso, a frequência de emprego da forma inovadora (e não-padrão) observada na CV com *a gente* no PE do CRPC (24,5% de 1PP) é maior do que a frequência de emprego da forma inovadora (e não-padrão) observada na CV com *nós* no PB do interior paulista (14,5% de 3PS).

Considerando as diferentes características dos fenômenos variáveis das comunidades consideradas, apresentamos, no quadro que se segue, a ordem de seleção dos fatores sociais e linguísticos instanciadores do processo de variação.

Fatores		Fenômeno	CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísticos	Explicitude do sujeito		5°	4°	1°
	Paralelismo discursivo		4°	1°	não selecionado
	Saliência fônica verbal		2°	2°	não selecionado
	Tempo e modo verbal		não selecionado	não selecionado	2°
	Grau de determinação do sujeito		não selecionado	3°	não selecionado
Sociais	Gênero		não selecionado	não selecionado	3°
	Faixa etária		3°	5°	4°
	Escolaridade		1°	não selecionado	5°

Quadro18: Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

A seleção das variáveis exibida acima, associada à CV invariável com o pronome *nós* no PE, justifica a consideração dos casos de possíveis variações em relação à CV de 1PP de forma individual, visto cada um dos fenômenos variáveis ter apresentado diferentes ordens de seleção dos fatores e diferentes fatores relevantes no processo de variação.

Para a CV com o pronome *nós* no PB do interior paulista, por exemplo, destaca-se a relevância de dois, dos três fatores sociais considerados, inclusive com a seleção da escolaridade como mais relevante no fenômeno. A observação da seleção proposta para a CV com o pronome *a gente* para essa mesma variedade, entretanto, mostra-se pouco influenciada por grupos de fatores sociais, já que apenas a *faixa etária* foi selecionada e, diga-se, como última na ordem de relevância. Para esse fenômeno, vemos a forte influência de grupos de fatores linguísticos, com a seleção de quatro, dos cinco considerados.

O fenômeno da CV com *a gente* no PE se mostrou suscetível a todos os grupos de fatores sociais e a apenas alguns grupos de fatores linguísticos, todavia, esses foram

selecionados em primeiro e segundo lugares, pelo critério de relevância estabelecido pelo programa estatístico *GOLDVARB*.

Respeitante às variáveis consideradas, destaque deve ser dado a *explicitude do sujeito* e *faixa etária*, selecionados para os fenômenos variáveis nas duas variedades. Em atenção à atuação do grupo *saliência fônica*, a importância verificada por sua seleção, como segundo mais importante para a CV com *nós* e com *a gente* no PB, não se atestou no PE, porquanto não foi selecionado. Em oposição a esse fato, houve a seleção do grupo *tempo e modo verbal* apenas no fenômeno variável do PE.

Passamos a tratar, a seguir, de cada um dos fenômenos variáveis investigados e dos grupos de fatores que instanciam esses processos.

4.4.2.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* no português brasileiro

Para a CV de 1PP variável com o pronome *nós* no PB, serão apresentados primeiramente os fatores linguísticos e posteriormente os fatores sociais, seguindo-se a ordem de seleção fornecida pelo programa estatístico *GOLDVARB*. Para o PE, por não ter havido variação na CV junto do pronome *nós*, apresentaremos posteriormente somente a distribuição da amostra entre os fatores considerados.

Conforme já destacado, para a CV com o pronome *nós* no PB, houve 85,5% de uso de formas verbais com desinência de 1PP e 14,5% de uso de formas de 3PS.

A seguir, apresentamos os resultados relativos ao grupo de fatores *saliência fônica verbal*, selecionado como variável linguística mais relevante no fenômeno variável.

4.4.2.1.1. Saliência fônica

A hipótese, evidenciada no capítulo de fundamentação teórica, para o fator *saliência fônica verbal*, é de que maiores níveis de saliência entre as formas verbais em competição (neste fenômeno, as desinências verbais de 1PP e 3PS) levariam a maiores usos de formas verbais de 1PP (NARO *et. al.*, 1999), exceção feita apenas para os contextos em que a forma de 1PP é proparoxítona, o que, segundo Lemle (1977) e Rodrigues (1987), dentre outros, leva o falante a optar pelo uso da forma em 3PS, mesmo junto do pronome *nós*. Em seguida, apresentamos os resultados para a atuação do grupo de fatores *saliência fônica verbal* na CV de 1PP no PB do interior paulista.

Tabela 17: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

PRONOME NÓS SAL. FÔNICA	DESINÊNCIA VERBAL DE 1PP		
	%	Nº DE OC./TOTAL	PESO RELATIVO
esdrúxula (proparoxítonas)	68,6	67/98	0,096
Mínima	78,9	75/95	0,271
Média	91,5	298/326	0,680
Máxima	94,1	48/51	0,689

Os resultados evidenciados confirmam, em sua totalidade, as hipóteses, visto haver aumento gradual dos percentuais e dos PRs, à medida que se verifica aumento no nível de saliência entre as formas em competição (considerando os níveis de saliência mínima (52.a), média (52.b) e máxima (52.c), que apresentaram, respectivamente, 78,9%, 91,5% e 94,1% de emprego de formas verbais de 1PP, além de PRs de 0,271, 0,680 e 0,689). Nossa opção por considerar separadamente os casos nos quais a oposição entre as formas verbais de 1PP e 3PS se faz pela presença de verbo proparoxítono em 1PP (52.d), se revelou necessária, já que, conforme previsão, essas formas, mesmo que de grande saliência fônica, demonstraram forte propensão à desinência de 3PS (68,6% e PR de 0,096, para uso de 1PP).

- (52.a) nessa sala que *nós* **tamo(s)** [tá] tem... uma cortina bem grande... não muito grande né? ((risos))... tem o *rack*... coisinha básica no *rack* televisão vídeo [Doc.: hum] aparelho de som... telefone que tá ali.
[BDI-066-290]
- (52.b) ele e ela morava em Cuiabá... vieram pra cá e *nós* **fomo(s)** [foi]... pra São Paulo e de São Paulo nós pegamo(s) um avião da concorrência... na época num era concorrência era da VARIG.
[BDI-051-205]
- (52.c) aí *nós* **tivemo(s)** [teve] a oportunidade de::... conhecê(r) Fernando de Noronha... chegamo(s) em Noronha pegamo(s) um aviãozinho pequeno -- óh eu dentro dos aviões de novo
[BDI-051-215]
- (52.d) aí... ela já tava meia assim... aí *nós* falamo(s) que **ia** [íamos] ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê... aquelas coisa toda que todo mundo fala
[BDI-072-80]

Em resumo, o fator *saliência esdrúxula* demonstrou ser inibidor da aplicação de desinência de 1PP, juntamente com o fator *saliência mínima*. As categorias *saliência média* e *máxima* influenciam positivamente a aplicação de marcas de CV de 1PP.

Na sequência, apresentamos os resultados referentes à atuação do grupo de fator *paralelismo discursivo*.

4.4.2.1.2. Paralelismo linguístico discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo*, a hipótese, embasada em Scherre; Naro (1993) e Scherre (1998), é a de que marcas de 1PP nos verbos de orações anteriores levem à aplicação de marcas de 1PP nos verbos da oração em análise (princípio de que marcas levam a marcas) e, ainda, de que o emprego de marcas de 3PS no verbo da oração anterior leva ao maior uso de verbos com marca de

3PS na oração em análise. Vejamos, na tabela que se segue, os resultados evidenciados na amostra do PB para esse grupo.

Tabela 18: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *paralelismo linguístico discursivo*

P. DISCURSIVO \ PRONOME NÓS	DESINÊNCIA VERBAL DE 1PP		
	%	Nº DE OC./TOTAL	PESO RELATIVO
v. isolado ou primeiro de uma série	84,4	397/469	0,437
v. anterior em 1ª pessoa do plural	95,3	83/87	0,816
v. anterior em 3ª pessoa do singular	57	8/14	0,200

Em concordância com a hipótese, os resultados acima evidenciados demonstram que as marcas presentes em verbos anteriores influenciam o uso das mesmas marcas nos verbos posteriores. Nas ocorrências em que se verifica contexto com verbo anterior em 1PP ((53)), houve 95,3% de uso de formas de 1PP e um PR de 0,816, o que demonstra que esse é um fator que condiciona a aplicação da forma verbal considerada padrão.

- (53) ontem à noite agora concluí o meu quarto... meu e da minha esposa... *nós* tam(b)ém **fizemos** um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)ém **usamo(s)** o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com cor branca

[BDI-077-50]

Os resultados para o fator *verbo anterior em 3PS* (como em (54)) demonstram que o uso de 3PS em verbo anterior leva a menor uso da forma de 1PP em oração seguinte, o que se verifica pelos 57% de frequência de uso dessa forma verbal e pelo PR de 0,200.

- (54) nós saiu corren(d)o... e g/ ca/ *nós* **foi passá(r)** o ano novo na praInha... ao invés de **ficá(r)** dentro d'água ficô(u) fora d'água **SÓ** beben(d)o porque quem/ e depois dessa que cês tinham coragem de entrá(r) na prai/ na/ na água?

[BDI -062, 1. 5]

4.4.2.1.3. Explicitude do sujeito

O controle da explicitude do sujeito foi proposto, com base na premissa de que sujeitos ocultos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto serem essas marcas não redundantes, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (cf. BORTONI-RICARDO, 1985, dentre vários outros). Abaixo os resultados desse controle para amostras do PB do interior paulista.

Tabela 19: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

EXPLIC. DO SUJ.	PRONOME NÓS	DESINÊNCIA VERBAL DE IPP		
		%	Nº DE OC./TOTAL	PESO RELATIVO
Explícito		84,2	401/475	0,453
oculto ou desinencial		91,8	87/95	0,710

Não se observam diferenças tão significativas de percentual entre as categorias *sujeito explícito* ((55.a) e (55.b)) e *sujeito oculto ou desinencial* ((55.c), (55.d), (55.e) e (55.f)) (84,2% e 91,8%, respectivamente), contudo a diferença de PR entre as categorias (range de 257) demonstra a influência da categoria *sujeito oculto ou desinencial* no emprego de verbo com desinência de 1PP (0,710) e da categoria *sujeito explícito* no emprego de verbo com desinência de 3PS (0,453 para uso de 1PP).

(55.a) ... aí depois que *nós começamos a estudá(r)* a Bíblia a gente ia/ às vezes até comenta pára e pensa que foi uma provisão de Deus né?...

[BDI -064-65]

(55.b) é lá é grande *nós trabalha* numa base de umas de umas cento e cinquenta pessoa na produção... é:: no parque da:: onde tem as indústria beiran(d)o a rodovia

[BDI -056-75]

(55.c) *nós* dobramos a tam/ a ca(i)xa **colocamo(s)** em cima a gente veio com a parte de trás do:: do carro fechada sem podê(r) vê(r) o retrovisor de cima... chegô(u) aqui em casa eu não queria que minha mãe soubesse

[BDI-086-10]

(55.d) aí *nós* foi passá(r) uma temporada na Bahia... na casa da irmã dela... conhecê(r) a Bahia que ela é da Bahia... e **voltamos** pra Rio Preto e::... uma temporada legal até que... **resolvemos** largá(r) que num deu mais certo

[BDI-032-120]

(55.e) é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: *nós* namoramo(s) um ano... e depois *nós* casô(u)... *nós* fugimo(s) casamo(s)... **teve** uma vida muito difícil... hoje graças a Deus tá estabilizado mas::... foi difícil no começo

[BDI-056-10]

(55.f) *nós* saiu corren(d)o... e *nós* foi passá(r)... o ano novo na praInha... ao invés de **ficá(r)** dentro d'água **ficô(u)** fora d'água **SÓ** beben(d)o e depois dessa que cês tinham coragem de entrá(r) na prai/ na/ na água?

[BDI-062-280]

Conforme se pode observar em (55.d), a maior tendência de uso de formas de 1PP se dá, nesses casos, devido à ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante, diferentemente do que ocorre nos contextos em que o sujeito se realiza formalmente, na própria oração do verbo, por meio de um pronome pessoal. Na ocorrência, embora o informante opte pelo emprego da forma verbal de 3PS junto da construção com o pronome explícito, ele emprega o verbo em 1PP na mesma sequência, em orações em que o pronome não está explícito.

Ademais, a variante concorrente da forma verbal de 1PP no processo de variação, a forma de 3PS, é empregada também junto a outras pessoas do discurso, como já ressaltado anteriormente. O emprego de 1PP nos casos de sujeito *oculto ou desinencial* ((56.a)), dessa forma, evita a ambiguidade de referência, como vemos em (56.b), adaptada de (56.a).

(56.a) ontem à noite agora concluí o meu quarto... meu e da minha esposa... **nós** tam(b)ém fizemos um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)ém **usamo(s)** o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com cor branca... tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula **fizemos** uns desenhos diferenciados lá... e agora **vamo(s)** partí(r) pa cozinha na minha cozinha

[BDI-077, l. 150]

*/? (56.b) ontem à noite agora concluí o meu quarto... meu e da minha esposa... **nós** tam(b)ém **fez** um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)ém **usou** o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com cor branca... tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula **fez** desenhos diferenciados lá... e agora **vai** partí(r) pa cozinha na minha cozinha

É possível notar que a alteração do verbo de 1PP para 3PS causa ambiguidade de referente, principalmente nos verbos mais distantes, como os dois últimos em destaque (*fez* e *vai*), nos quais a ausência da desinência de 1PP faz com que se possa interpretar que o falante faz menção à 3PS (ou até à 2PS do discurso (você)) e não à 1PP do discurso. Para a ocorrência de verbo com sujeito explícito, o emprego da 3PS não causa alteração do referente.

Dentre os fatores sociais, *escolaridade* foi o primeiro selecionado pelo programa estatístico para a CV envolvendo a 1PP do discurso. Abaixo os resultados para esse fator.

4.4.2.1.4. Escolaridade

A expectativa em fenômenos variáveis envolvendo a variável social *escolaridade* é de que haja aumento no emprego da variante padrão, prescrita pelo ambiente escolar, diretamente proporcional ao aumento dos anos de escolarização. No caso da CV junto do pronome de 1PP *nós*, a variante considerada padrão é a aplicação

de formas verbais com desinência de 1PP ((57.a)), que deve, por consequência, apresentar predominância de uso entre os mais escolarizados. A forma considerada não-padrão, formas verbais com desinência de 3PS ((57.b)), por outro lado, segundo a hipótese, deve ser observada com maior frequência entre falantes com menores níveis de escolaridade.

(57.a) e chegava à tarde assim a gente ia pro... pro pomar -- já fugi do tema né? -- **nós íamos** pro pomar... e ela me contava... as coisas... de quando... de como ERA a infância dela
[BDI, 082-55]

(57.b) a gente ia na cidade na igreja né? **nós morava** no sítio mas **nós ia** na cidade né? e:: a gente se conheceu na igreja
[BDI, 122-500]

Analisemos, a seguir, os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 20: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *escolaridade*

ESCOLARIDADE \ PRONOME NÓS	DESINÊNCIA VERBAL DE 1PP		
	%	Nº DE OC./TOTAL	PESO RELATIVO
Faixa 1 (1 a 4 anos)	72	126/175	0,161
Faixa 2 (5 a 8 anos)	81	68/84	0,245
Faixa 3 (9 a 11 anos)	90,9	90/99	0,685
Faixa 4 (12 ou mais anos)	95,8	204/212	0,852

As frequências e PRs apresentados em relação ao fator *escolaridade* confirmam totalmente a expectativa de que o aumento gradativo do nível escolar contribui para o aumento da aplicação de desinência de 1PP junto da forma pronominal *nós*.

As faixas de escolaridade 1 e 2 exibem percentuais mais baixos para o uso de desinência de 1PP (72% e 81%) e as faixas 3 e 4 apresentam percentuais mais altos para o uso de formas verbais de 1PP, ambas acima dos 90% (90,9% e 95,8%). Os PRs

também demonstram gradativa elevação na tendência de uso da forma prescrita pela gramática normativa, com valores respectivos de 0,161, 0,245, 0,685 e 0,852.

Ao retomarmos os resultados do grupo de fator *escolaridade* relativos à AP de 1PP (abaixo, na tabela 21), é possível observar que os comportamentos semelhantes das faixas escolares das extremidades da tabela (faixa 1, menos escolarizados, e faixa 4, mais escolarizados), em relação à preferência no uso da forma pronominal *nós*, distanciam-se em relação à CV aplicada junto dessa forma, já que os menos escolarizados optam com maior frequência pelo uso da desinência de 3PS, e os mais escolarizados optam pelo uso da 1PP.

Tabela 21: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade* no uso de *nós*

VARIEDADE ESCOLARIDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
NÓS	Faixa 1 (1 a 4 anos)	38,5% 175/455	0,574	22,7% 39/172	0,191
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	15,6% 84/539	0,379	68,6% 70/102	0,634
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	18,4% 99/539	0,641	86,2% 81/94	0,745
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	33,1% 212/640	0,600	79,6% 86/108	0,701

Para a faixa menos escolarizada, há maior apagamento das marcas redundantes de plural nos verbos. Já os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala da norma padrão, que prescreve o uso da desinência de 1PP.

Com base nos resultados para esse grupo de fator e na discussão anteriormente apresentada em relação à polêmica do tratamento do fenômeno de CV de 1PP no livro didático do MEC, é possível afirmar que a variante de 3PS junto do sujeito de 1PP *nós* é passível de estigmatização na comunidade do interior paulista (e em outras comundiades brasileiras), visto que falantes de maiores níveis de escolarização evitam o

emprego dessa variante. Como já mencionado, a confirmação dessa conjectura se fará por meio da análise dos outros fatores sociais considerados na pesquisa.

Interessante notar que um estudo que se propusesse somente a tratar do fenômeno da AP, sem a consideração da CV de 1PP, tenderia a apresentar como resultado final de pesquisa o comportamento inexplicavelmente semelhante de falantes com escolarização mínima e máxima, fato para o qual chamamos atenção quando da apresentação do resultado para a AP.

Na sequência, mostramos os resultados relativos à atuação do grupo de fatores *faixa etária*.

4.4.2.1.5. Faixa etária

Os resultados vinculados à faixa etária dos informantes não apontam indícios de avanço na implementação de uma ou de outra variável, já que não houve gradativo aumento nem diminuição nos índices de aplicação de marcas de 1PP, relacionados às diferentes faixas etárias consideradas nesta investigação. Na tabela abaixo, seguem os resultados.

Tabela 22: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *faixa etária*

FAIXA ETÁRIA	PRONOME NÓS	DESINÊNCIA VERBAL DE 1PP	
	%	Nº DE OC./TOTAL	PESO RELATIVO
16 a 25 anos	83,8	62/74	0,434
26 a 35 anos	78	92/118	0,340
36 a 55 anos	91,1	234/257	0,633
mais de 55 anos	81,8	99/121	0,414

Pelos resultados é possível verificar que apenas os informantes que possuem entre 36 e 55 anos apresentaram PR acima de 0,5 (0,633) para o emprego de formas

verbais de 1PP, o que os classifica como favorecedores do uso da desinência de 1PP para a CV com *nós*. Por outro lado, a faixa etária imediatamente anterior a essa (informantes de 26 a 35 anos) se apresentou como a mais favorável ao emprego de verbos em 3PS junto ao pronome *nós*, com PR de 0,340 e frequência de emprego de 1PP de 78%.¹⁰⁴

As faixas etárias dos extremos da tabela, representadas por informantes mais jovens e mais idosos, apresentaram comportamento bastante semelhante em relação à CV de 1PP, ambas com ligeira tendência ao emprego de 3PS (PRs de 0,434 e 0,414 e frequência de 83,8% e de 81,8%, respectivamente), não diferindo muito da média geral de variação (85,5% para emprego de 1PP).

A esses informantes, das maiores e menores faixas etárias da amostra, é importante que se dê atenção, pois, normalmente, a chamada mudança em progresso se mostra mais visível nessas faixas, quando há elevada diferença de comportamento entre essas faixas, o que, segundo os resultados, não ocorre para o fenômeno, já que possuem percentuais e PRs que se assemelham.

4.4.2.1.6. Variáveis não selecionadas como relevantes para o fenômeno

Apresentamos os resultados para grupos de fatores não selecionados pelo programa estatístico *GOLDVARB* para a CV com o pronome *nós*, seguindo-se breve discussão a respeito de cada um deles.

¹⁰⁴ Observe-se que os resultados para o uso de 3PS devem ser inferidos da leitura complementar dos resultados aqui apresentados, já que a oposição é entre o emprego de 1PP e 3PS junto ao pronome *nós*.

Tabela 23: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variáveis não selecionadas pelo programa *GOLDVARB*

VARIÁVEIS	CONCORDÂNCIA COM O PRONOME <i>NÓS</i>	
	%	Nº DE OC./TOTAL
grau de determinação do sujeito		
genérico e indefinido	84,6	22/26
genérico e definido	86,5	199/229
específico e definido	84,8	267/315
tempo e modo verbal		
presente do ind. e subj.	85,4	133/156
pret. imp. do ind. e subj.	68	67/98
pret. perfeito do ind.	91,9	281/307
fut. e outros tempos verbais	80	7/9
gênero		
masculino	85,6	225/263
feminino	85,3	262/307

A observação das frequências exibidas pelos contextos variáveis do *grau de determinação do sujeito* e do *gênero* contribui para a confirmação da não relevância desses fatores na CV de 1PP com o pronome *nós*, pois, como se pode notar, os percentuais de cada fator não apresentam diferença significativa entre si (84,6%, 86,5% e 84,8%, para o fator grau de determinação do sujeito, e 85,6% e 85,3%, para o fator social gênero) e, ainda, em relação à frequência média do fenômeno, que é de 85,5%.

O mesmo não se pode dizer do grupo *tempo e modo verbal*, que, embora não tenha sido selecionado, exibe considerável diferença entre os seus contextos variáveis e desses em relação à frequência média do fenômeno, principalmente entre a frequência de CV de 1PP dos verbos no pretérito perfeito (91,9%) e no pretérito imperfeito (68%).

Retomamos a discussão a respeito da relação direta existente entre o grupo de fatores *saliência fônica* (selecionado como relevante no fenômeno) e o grupo de fatores *tempo e modo verbal*, não selecionado. Os resultados do cruzamento dessas duas variáveis são os expostos a seguir.

Tabela 24: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis *tempo e modo* e *saliência fônica verbal*

P. BRASILEIRO TEMPO E MODO		SALIÊNCIA FÔNICA				
		esdrúxula	mínima	média	máxima	total
CV C/ NÓS	presente do ind. e subj.	-	80% 70/87	89% 48/54	100% 15/15	133/156
	pret. imp. do ind. e subj.	68% 67/98	-	-	-	67/98
	pret. perfeito do ind.	-	-	92% 247/270	92% 34/37	281/307
	fut. e outros tempos verbais	0% 0/2	100% 4/4	100% 3/3	-	7/9
	Total	67/98	75/95	298/324	48/51	488/570

Como já confirmado, em relação à atuação da saliência fônica verbal na CV de 1PP com o pronome *nós*, os níveis *saliência esdrúxula* e *saliência mínima* favorecem o emprego de verbos em 3PS e os níveis *saliência média* e *máxima*, o de formas verbais em 1PP.

Por meio dessa observação, principalmente das células em destaque, é possível notar que os verbos no pretérito imperfeito, que exibiram menor frequência de emprego de 1PP (68%), apresentam todos nível de saliência *esdrúxula*, por possuírem forma em 1PP proparoxítona. Os verbos no presente, os quais apresentaram frequência de 85,4% (quase semelhante à frequência média do fenômeno variável), possui pouco mais da metade das ocorrências com nível de saliência mínima e o restante das ocorrências entre os níveis médio e máximo.

Por outro lado, as ocorrências que possuíam verbos no pretérito perfeito (e que exibiram alta frequência de emprego de 1PP (91,9%)) estão concentradas nos contextos de saliência média (a maior parte delas) e máxima, que, sabidamente, influenciam o emprego da 1PP junto do pronome *nós*.

Dessa forma, a variável linguística fortemente atuante na variação é *saliência fônica*, e não *tempo e modo verbal*, o que pode ser também confirmado pela observação

das ocorrências do presente do indicativo, as quais exibem diferentes frequências de uso de 1PP a depender da saliência verbal (mínima, 80%, média, 89% e máxima, 100%).

4.4.2.2. Concordância verbal com o pronome *nós* no português europeu

Se para diversas variedades do PB já fora atestado como fenômeno variável a CV de 1PP junto do pronome *nós*, para a variedade do PE investigada, o emprego de formas verbais de 1PP junto do pronome *nós* é categórico ((58.a) e (58.b)) , ou seja, dentre as 276 ocorrências consideradas do *corpus* do CRPC, não se verifica uso de formas de 3PS ou de formas diferentes das de 1PP.

(58.a) e então *nós saímos* das aulas para aí ao meio-dia, depois **telefonamos, combinamos** a, a hora, e **vamos** a caminho da praia. **fomos** para aí duas vezes. **chegámos** um dia à torre, para aí num sábado

[CRPC -122-6]

(58.b) *nós tínhamos* imensas castanhas na casa dos meus avós. fazia-se uma espécie de um, duma, duma sopa grossa de castanhas que se chamava paparote

[CRPC-129-10]

Dessa forma, quanto à CV de 1PP com o pronome *nós*, pode-se afirmar que, na variedade do PE pesquisada, não há variação. A seguir, apresentamos a distribuição das amostras por entre os fatores considerados na pesquisa.

Tabela 25: Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores sociais considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*

CATEGORIA \ PRONOME NÓS	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA	
	%	Nº DE OC./TOTAL
escolaridade		
faixa 1 (1 a 4 anos)	18,7	52/276
faixa 2 (5 a 8 anos)	20,7	57/276
faixa 3 (9 a 11 anos)	29,3	81/276
faixa 4 (12 ou mais anos)	31,1	86/276
faixa etária		
16 a 25 anos	21,7	60/276
26 a 35 anos	29,3	81/276
36 a 55 anos	37,3	103/276
mais de 55 anos	11,6	32/276
gênero		
masculino	40,6	112/276
feminino	59,4	164/276

Tabela 26: Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores linguísticos considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*

CATEGORIA \ PRONOME NÓS	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA	
	%	Nº DE OC./TOTAL
saliência fônica		
esdrúxula (proparoxítonas)	14,1	39/276
mínima	59,1	163/276
média	18,8	52/276
máxima	7,6	21/276
paralelismo discursivo		
v. isolado ou primeiro de uma série	66,7	184/276
v. anterior em 1PP	33,3	92/276
v. anterior em 3PS	-	-
explicitude do sujeito		
explícito	65,4	181/276
oculto ou desinencial	33	91/276
posposto	1,4	4/276
grau de determinação do sujeito		
genérico e indefinido	25,7	71/276
genérico e definido	37,3	103/276
específico e definido	37	102/276
tempo e modo verbal		
presente do indicativo e subjuntivo	70,7	195/276
pretérito imperfeito do ind. e subj.	13,8	38/276
pretérito perfeito do indicativo	12,3	34/276
futuro e outros tempos verbais	3,3	9/276

Justifica-se aqui, mais uma vez, a consideração dos fenômenos de CV de 1PP de forma independente, pois, mesmo que não se tenha verificado variação na CV com *nós* no PE, o mesmo não ocorre para a CV com *a gente*, cujos resultados mostram que se trata de fenômeno comprovadamente variável, inclusive com maiores frequências de variação do que no PB.

4.4.2.3. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Para a CV com a forma pronominal *a gente* no PB e no PE, as variantes em concorrência são verbos em 1PP e verbos em 3PS. Diferentemente da CV com *nós*, para esse fenômeno, a prescrição normativa, com base na consideração de que o pronome tem sua origem da gramaticalização de um *SN*, é a emprego da desinência de 3PS (BECHARA, 2002, p. 555).

Na amostra considerada para o PB, houve 93,9% de uso de formas verbais com desinência de 3PS e apenas 6,1% de uso de formas de 1PP. O PE com percentuais que superam os casos de variação para a CV com o pronome *nós* no PB, apresentou, para o pronome *a gente*, 75,5% de emprego de formas verbais de 3PS e 24,5% de uso de formas verbais de 1PP.

Na sequência, apresentamos a retomada do quadro que apresenta os grupos de fatores relevantes na CV variável de 1PP do discurso com as formas pronominais *nós* e *a gente*.

Fatores		Fenômeno	CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísticos	Explicitude do sujeito		5°	4°	1°
	Paralelismo discursivo		4°	1°	não selecionado
	Saliência fônica verbal		2°	2°	não selecionado
	Tempo e modo verbal		não selecionado	não selecionado	2°
	Grau de determinação do sujeito		não selecionado	3°	não selecionado
Sociais	Gênero		não selecionado	não selecionado	3°
	Faixa etária		3°	5°	4°
	Escolaridade		1°	não selecionado	5°

Quadro19: Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

A seguir, passamos a tratar das variáveis estatisticamente relevantes para o fenômeno da CV variável com *a gente* no PB do interior paulista e no PE, seguindo-se a ordem de seleção do quadro acima.

4.4.2.3.1. Explicitude do sujeito

Segundo Rodrigues (1987), nos contextos em que a relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, ou seja, nos contextos de sujeito oculto, há o favorecimento de formas verbais marcadas. Essas afirmações são pertinentes à CV de 1PP com *nós*, no entanto, cabe verificar se pode ser eficazmente aplicado à CV com o pronome *a gente*.

Se no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promove, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não-

padrão verbal utilizada em conjunto com vasta gama de pronomes pessoais. Vejamos os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 27: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

EXPLIC. DO SUJ.		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV C/A GENTE	explícito	99% 1398/1413	0,752	86,5% 129/149	0,658
	oculto ou desinencial	56% 107/190	0,017	43% 22/51	0,131

Os resultados do PB e do PE apontam, para a CV com *a gente*, que contextos de sujeito explícito favorecem o uso de formas em 3PS, como ocorre em (59.a) e (59.b), e, por outro lado, contextos de sujeito oculto ou desinencial, como se verifica em (59.c) e (59.d), favorecem o uso verbos em 1PP.

(59.a) então eu acho que é melhor às vezes... você fumá(r) um cigarro do que matá(r) um próprio pai... e uma mãe... como *a gente* **vê** ultimamente na televisão

[BDI-036-410]

(59.b) mas *a gente* **faz** legitimamente aqui, como fazemos a, fígado à portuguesa, que é fritinho, não é verdade, uma mourazinha de alho e tal, e eles gostam muito.

[CRPC-041-22]

(59.c) e depois *a gente* andô(u) no barco *vicking*... é:::... **fomo**(s) no cinema que as cadê(i)ra me::xe... que era muito legal era um filme de dinossauro

[BDI-037-30]

(59.d) *a gente* tava apenas no mar, **andávamos** a arrastar, **largámos** a rede, quando chegou a um momento, onde eu reparei e vi aquele barco e homens com uma bóia a sinalar, a fazer gestos para um lado e para o outro.

[CRPC-1293-5]

Conforme se pode observar, ainda que os resultados do PB e do PE se distanciam consideravelmente em relação aos percentuais apresentados, com os sujeitos explícitos da amostra lusitana apresentando percentual de 86,5% de emprego de formas de 3PS efalantes do interior paulista demonstrando a aplicação quase categórica de verbos em 3PS nestes contextos, as tendências exibidas com base nos pesos relativos são muito semelhantes, com a categoria *sujeito explícito* mostrando-se favorecedora do emprego da 3PS (0,658 e 0,752, respectivamente para o PE e o PB). Da mesma forma, para os sujeitos ocultos ou desinenciais, as tendências do PB e do PE também são semelhantes, neste caso, favorecedoras do emprego de 1PP junto da forma pronominal *a gente* (no PE, observa-se a frequência de 43% de emprego de 3PS e peso relativo de 0,017; no PB, 56% de frequência de emprego de 3PS e peso relativo de 0,131).

Nos sujeitos desinenciais, a ausência do pronome *a gente*, representante da 1PP do discurso, pode causar ambiguidade, o que leva à maior frequência de uso da forma verbal de 1PP. Abaixo apresentamos a tabela e o gráfico comparativos de CV com os pronomes *nós* e *a gente*, relativos ao fator *explicitude do sujeito*, no PB do interior paulista.¹⁰⁵

Tabela 28: Concordância verbal com os pronomes *a gente* e *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

SUJEITO PRONOME	EXPLÍCITO		OCULTO OU DESINENCIAL	
	3PS (% / PR)	1PP (% / PR)	3PS (% / PR)	1PP (% / PR)
NÓS	15,8%	84,2% / 0,453	8,2%	91,8% / 0,710
A GENTE	99% / 0,752	1%	56% / 0,017	44%

¹⁰⁵ O comparativo apenas do PB justifica-se pela ausência de variação na CV com o pronome *nós* no PE.

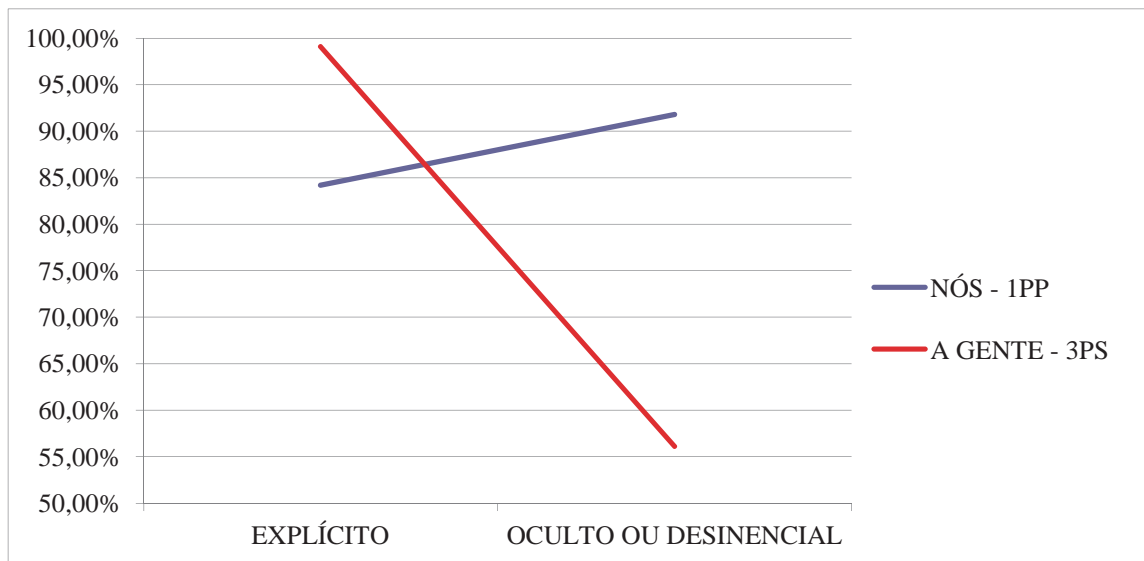


Gráfico 5: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

É possível verificar, em ambos os fenômenos variáveis, o aumento do uso de formas verbais de 1PP para os contextos em que se evidenciam sujeitos ocultos ou desinenciais, o que se justifica pela necessidade, nesses contextos, da expressão de referência à 1PP do discurso no único elemento presente na oração, a desinência verbal. Nas ocorrências exemplificativas em (60.a) e (60.b), a seguir, é possível notar, a tendência apontada no gráfico acima, de uso de 1PP para sujeitos desinenciais com referente anterior representado por *nós* ou por *a gente*.

(60.a) aí é:: foi eu... minha mãe é:: minha tia D. a V... minha/ minha o(u)tra ti::a... que tá me entrevistan(d)o agora... é::... aí *a gente* **entrô(u)** lá é:: **fomo(s)** lá **guardamo(s)** as coisa no::... onde tem lugar po cê guardá(r) lá os:: as bolsa tudo

[BDI-037-15]

(60.b) não aqui nesse posto é sozinho olhan(d)o o movimento a noite inte(i)ra aí *nós* **chega** pa podê(r) ter um dia escala né?... *nós* **fica** mais sozinho aqui né?... e lá em cima fica um na guarita... e durante o dia fica DOIS... à noite éh:: **ficamo(s)** sozinho também... depois eu pe/ aí se acaba o expediente

[BDI-121-225]

Com base nos resultados ora apresentados, retomamos as conclusões pré-apresentadas a respeito do fator *explicitude do sujeito*, reiterando as tendências evidenciadas: sujeitos explícitos revelam-se favorecedores do emprego de 3PS, e sujeitos desinenciais apresentam-se como favorecedores do uso de desinência de 1PP; ressalve-se que o fenômeno, na variedade do PE, apresenta maiores proporções do que na variedade do PB do interior paulista.

4.4.2.3.2. Paralelismo discursivo

A atuação do fator *paralelismo discursivo* na CV variável com o pronome *a gente* segue os mesmos pressupostos evidenciados anteriormente, os quais sugerem que marcas de 1PP em verbos anteriores levam a marcas de 1PP no verbo que segue, e marcas de 3PS levam a marcas de 3PS.

Antes de tratarmos da influência desse grupo de fatores na CV com *a gente*, cabem algumas considerações: conforme já mencionado, a forma verbal mais comumente verificada junto do pronome *a gente* tem desinência de 3PS, entretanto o pronome é considerado concorrente de *nós*, que por sua vez atua como pronome de 1PP do discurso, o que sugere a verificação do fenômeno nos contextos de *sujeito desinencial ou oculto*, com antecedentes em 1PP ou em 3PS.

O grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB* somente para a amostra do PB. Vejamos os resultados.

Tabela 29: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo discursivo*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV C/ A GENTE	verbo isolado ou primeiro de uma série	99% 1398/1413	0,651	86,5% 128/148	-
	verbo anterior em 1ª pessoa do plural	0,5% 1/21	0,001	15,8% 3/19	-
	verbo anterior em 3ª pessoa do singular	62,7% 106/169	0,324	60,6% 20/33	-

É de suma importância a relativização dos resultados acima expostos, para que não se apresentem conclusões distorcidas que advoguem em favor da não atuação da variável na CV com *a gente*. Como vemos acima, o contexto *verbo isolado ou primeiro de uma série* apresenta quase categoricamente a aplicação de verbo em 3PS junto da forma pronominal *a gente* (99,1% e PR de 0,651), como em (61.a), por se tratar de contexto em que a forma *a gente* aparece explícita na oração.¹⁰⁶ Ainda que raras (em um total de 1413 ocorrências), aparece na amostra do PB do interior paulista um total de 15 ocorrências de emprego de verbos em 1PP junto da forma pronominal *a gente* explícita, apresentadas de (61.b) a (61.e).

(61.a) passaram-se mais do::is a::nos ai *a gente* **foi morá(r)** junto... aí a gente morô(u) jun::to... vivemos lá um tempo... e:: eu acabei engravidan(d)o da minha filha...

[BDI -038-75]

(61.b) a minha casa é toda mura::da mas a FRENte o fundo NÃO porque é um lote inte::(i)ro... e meu irmão/ *a gente* **dividimo(s)** o lo::te meu irmão tá construindo no fun::do uma casa também com uma cozi::nha um quar::to

[BDI -038-170]

(61.c) então ó esse a::no... nesse ano *a gente* **fomo(s)** pra lá né? éh:: a gente passô(u) o ano novo... na prainha aqui de::... Ubarana... ai eu tenho até uma história legal né? ((rindo)) pa contá(r)::... a gente na/ n/ na::/ passamo(s) a noite ficamo(s)...

[BDI -062-255]

¹⁰⁶ Trataremos da oposição entre sujeito explícito e sujeito desinencial na seção tipo de sujeito.

(61.d) eu achei muito bonito que eles falô(u) que eles estão retribuindo... o que a gente fez pra eles co/ porque *a gente compramo(s)* o C.D. deles... ajudamos eles subi(r) na vida [Doc.: ham::] HOje... eles tã dando casas pas pessoas carentes

[BDI -066-55]

(61.e) e:: agora futuramente faz um ano e po(u)co *a gente fizemo(s)* uma varanda lá na fren/ lá do lado onde fazemo(s) churrasco... que quase todo domingo a gente reúne o pessoal

[BDI -067-185]

No contexto com verbo anterior em 1PP (62.a), é possível notar a quase nula frequência de desinência em 3PS (0,5% e PR de 0,001) (apenas a ocorrência (62.c)), o que confirma, em primeiro lugar, que as marcas anteriores influenciam nas marcas que seguem e, em segundo lugar, que, para os contextos com sujeito do tipo *oculto ou desinencial* com referência à 1PP do discurso, há maior tendência ao uso de formas verbais de 1PP, a fim de evitar a ambiguidade causada pelo uso da desinência de 3PS. Ratificam essas explicações a frequência e o PR exibidos para o contexto verbo anterior em 3PS, como em (62.b) (62,7% e PR de 0,324), que, embora se mostrassem muito superiores aos verificados para o contexto verbo anterior em 1PP, comprovando a atuação do paralelismo formal na CV com o pronome *a gente*, reforçam a tendência, dentre os casos de sujeitos não explícitos na oração, ao uso de 1PP como forma de desambiguação do referente sujeito.

(62.a) eles estão retribuindo... o que a gente fez pra eles porque *a gente compramo(s)* o C.D. deles... **ajudamos** eles subi(r) na vida HOje... eles tã dando casas pas pessoas carentes

[BDI-066, l. 455]

(62.b) é um quintal grande sim ((vozes)) *a gente* tem uma área na fren::te uma área no fun::do **temos** a frente da ca::sa com calça::da... é uma aveni::da onde tem bastante movimen::to passa bastante ca::rro

[BDI-038, l. 12]

(62.c) hoje já mudô(u) bastante... *a gente* reformô(u) a casa *colocamo(s)* laje **colocô(u)** piso... então::... reformô(u) praticamente toda/ modificô(u) toda a estrutura da casa do jeito/ do jeito que era né?... a muitos anos atrás

[BDI-133-12]

Embora o grupo de fatores não tenha sido selecionado na amostra do PE, os percentuais evidenciados apresentam as mesmas tendências da amostra brasileira, com frequências maiores nos contextos de verbos isolados ou primeiros de uma série (86,5%), frequências intermediárias para os contextos em que o verbo anterior está em 3PS (60,6%, sendo que a frequência do PB é de 62,7%) e frequências menores para contextos em que o verbo anterior encontra-se em 1PP (15,8%).

Confirma-se, assim, que há atuação do grupo *paralelismo formal discursivo* junto da CV com o pronome *a gente*, visto ter havido diferença substancial entre frequências e PRs verificados na categoria *verbo anterior em 1PP* e na categoria *verbo anterior em 3PS*. Ademais, há também a atuação de outro fator, determinado pela natureza excepcional de origem da forma pronominal *a gente*, que, apesar de advir de um SN, o qual, naturalmente, se liga a formas verbais de 3PS, representa, em concorrência com o pronome *nós*, a 1PP do discurso.

4.4.2.3.3. Saliência fônica

Os pressupostos para a atuação do fator *saliência fônica* na CV com *a gente* eram os mesmos evidenciados para a CV com *nós*, pois, conforme afirmam Naro *et. al.* (1999), na medida em que a saliência entre as formas verbais concorrentes aumenta, aumenta também o uso de formas de 1PP, seja com o pronome *nós*, seja com o pronome *a gente*. Em relação ao emprego das formas verbais proparoxítonas em 1PP, também se

confirmam as mesmas premissas estabelecidas por Lemle e Naro (1977) e Rodrigues (1987), que afirmam que os falantes tendem a optar, nesses casos, pelo uso das formas de 3PS. O grupo foi selecionado somente para o PB do interior paulista. Vejamos os resultados para a atuação da *saliência fônica* na CV com *a gente*, na tabela que a seguir.

Tabela 30: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

SAL. FÔNICA		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV COM A GENTE	esdrúxula (proparoxítonas)	99,7% 304/305	0,924	78,8% 26/33	-
	Mínima	97,6% 737/757	0,522	78,6% 99/126	-
	Média	86,8% 409/471	0,200	64,5% 20/31	-
	Máxima	77,5% 55/71	0,135	60% 6/10	-

Os resultados expostos confirmam as hipóteses em sua totalidade, pois nota-se diminuição gradativa do uso de 3PS (e, conseqüentemente, aumento gradativo no uso de 1PP) à medida que a *saliência verbal* aumenta, indicando que maiores níveis de *saliência* favorecem o uso de 1PP. A exceção, já prevista, pode ser observada apenas no nível de *saliência esdrúxula* ((63.a) e (63.b)), que apresentou aplicação de *desinência* de 3PS quase categórica junto da forma *a gente* (99,7%) (exceção apenas para a ocorrência (63.b), que apresenta verbo em 1PP), confirmando comportamento diferenciado para essa categoria.

(63.a) ele conversava comigo *a gente tinha* [tínhamos] diá::logo... *a gente* era completamente feliz só que não deu certo... uma porque:: eu era casada ((risos)) ((a informante suspira))... e o(u)tra porque::... se eu ti/ se eu fosse corajosa se eu tivesse coragem na época

[BDI-068,1. 40]

(63.b) e eu fui em Rio Preto eu e meu namorado e *a gente* não **tínhamos** [tinha] a intenção num Tinha mesmo a intenção de comprá(r)... de repente a gente entrô(u) na loja viu a televisão com preço bom... vamo(s) comprá(r)... fechamo(s) o negócio

[BDI-132-40]

Os PRs verificados (0,200 e 0,135) revelam que as categorias de saliência *média* e *máxima* ((64.b) e (64.c), respectivamente) desfavorecem o uso de forma de 3PS, enquanto as categorias de saliência *mínima* (64.a) e *esdrúxula* favorecem-no.

(64.a) eu acho que num serviço... *a gente* **tem** [temos] que sê(r) organizada todo mundo como/nã/ não só como no servi::ço como na esco::la... como os alunos os professor o diretor... cada um tem uma função num é?

[BDI-068, l. 180]

(64.b) eles iam voltá(r) pra soltá(r) a gente que eles tavam esperan(d)o só mais uns amigos deles... e:: aí deu uns vinte minutos assim *a gente* **viu** [vimos] que num... que num:: tinha mais barulho nenhum.

[BDI-077, l. 70]

(64.c) minha cortina... é da cor... da:: da textura que *a gente* **fez** [fizemos]... e nesse corredor que dá acesso assim que sai da sala pra cozinha... aí nós fizemo(s) uma textura éh:: mesclan(d)o as duas cores com as cores do sofá

[BDI-077, l.400]

Apesar de esse grupo de fatores não ter sido selecionado como relevante para as amostras do PE do CRPC, a vista aos percentuais de emprego de 3PS nos contextos variáveis denota comportamento bastante semelhante ao verificado no PB do interior paulista, já que as categorias *saliência esdrúxula* e *saliência mínima* apresentaram as maiores frequências de emprego de 3PS (78,8% e 78,6%, respectivamente), e as categorias *saliência média* e *saliência máxima*, as menores frequências de uso de verbos em 3PS (64,5% e 60%, respectivamente).

Em seguida, tratamos do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, selecionado apenas para os dados da amostra do PE.

4.4.2.3.4. Tempo e modo verbal

Sobre a influência do grupo de fatores *tempo e modo verbal* na CV com o pronome *a gente*, a hipótese, baseada em Naro *et al.* (1999), é de que formas no Pretérito Perfeito relacionadas ao sujeito *a gente* apresentem com maior frequência desinência de 1PP do que formas no Presente. Abaixo, segue a tabela com as frequências e PRs para esse grupo de fatores.

Tabela 31: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tempo e modo verbal*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV COM A GENTE	presente do indicativo e subjuntivo	98,3% 798/811	-	80,7% 110/135	0,644
	pretérito imperfeito do indicativo e subjuntivo	99,7% 285/286	-	83,2% 27/32	0,744
	pretérito perfeito do indicativo	79,4% 317/399	-	26,1% 6/23	0,089
	futuro e outros tempos verbais	95% 102/107	-	80% 8/10	0,549

Conforme se pode notar nos resultados do PE, e consoante a expectativa, as categorias *presente do indicativo e subjuntivo* ((65.a) e (65.b)), *pretérito imperfeito do indicativo e subjuntivo* ((65.c) e (65.d)) e *futuro e outros tempos verbais* ((65.e)) apresentam percentuais próximos dos 80% (80,7%, 83,2% e 80%, respectivamente) e PRs mais altos (0,644, 0,744 e 0,549), o que mostra que essas categorias contribuem para o emprego de formas verbais de 3PS. Em contrapartida, a categoria *pretérito perfeito do indicativo* ((65.f)) apresenta, para as amostras investigadas, comportamento

diferente das demais, com percentual de apenas 26,1% e PR de 0,089 para aplicação de desinências verbais de 3PS, o que demonstra a preferência acentuada pelo uso de 1PP nesse contexto.

(65.a) mas é que no meu tempo - agora já não, está tudo muito; (...) os catecismos, *a gente dá* os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler - mas no meu tempo as crianças ainda eram muito pequenas, não sabiam.

[CRPC-031-12]

(65.b) ah, não saímos, você quer é, é que *a gente veja* o cinema, mas... não é nada, é que... isto tá a encher-se, eu tou a ver o rio a encher-se, a... tá aqui já água a correr na rua

[CRPC-965-20]

(65.c) para eles e para todos os, os leitores de, do jornal, porque o comboio, é claro, uma vez *a gente esperava* por ele ao meio-dia chegava às duas, chegava às três, chegava à uma, era conforme, se não avariase pelo caminho

[CRPC-502- 2]

(65.d) quer dizer, se *a gente tivesse* todos os meses as chuvas aqui... temos apenas muita água e pouca água

[CRPC-673-2]

(65.e) ah! é pequenita! a horta é pequena, é enfim, é só para *a gente se entreter*

[CRPC-920-40]

(65.f) nós não tínhamos nada que ir para lá que é fora do concelho, mas pediram, *a gente fomos*.

[CRPC-863-30]

Ainda que tenhamos confirmado a influência direta das categorias do grupo de fatores *saliência fônica* no comportamento das categorias do grupo *tempo e modo verbal* nos fenômenos variáveis de 1PP no PB, os resultados apontam diferente caracterização do fenômeno de CV variável com o pronome *a gente* no PE. A seleção do grupo de fatores *tempo e modo verbal* (e a não seleção do grupo de fatores *saliência fônica verbal*), com a categoria *pretérito perfeito* revelando-se como única fortemente desfavorecedora do emprego de verbos em 3PS com o sujeito pronominal *a gente*,

confirma o favorecimento do emprego da desinência de 1PP *-mos* em verbos no pretérito perfeito como forma de distinção dos verbos do presente do indicativo, os quais, em 1PP, também apresentam a desinência de 1PP *-mos*. Abaixo apresentamos o cruzamento entre os grupos *saliência fônica verbal* e *tempo e modo verbal* no PE.

Tabela 32: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para cruzamento entre as variáveis *tempo e modo* e *saliência fônica*

P. EUROPEU TEMPO E MODO		SALIÊNCIA FÔNICA				
		esdrúxula	mínima	Média	máxima	total
CV C/ A GENTE	presente do ind. e subj.	-	82% 91/110	73% 16/22	100% 4/4	110/136
	pret. imp. do ind. e subj.	81% 27/32	-	-	-	27/32
	pret. perfeito do ind.	-	-	30% 4/13	20% 2/10	6/23
	fut. e outros tempos verbais	-	91% 8/10	-	-	8/10

O cruzamento entre os grupos de fatores fornece dados conclusivos da atuação do fator *tempo e modo verbal* e da não atuação da variável *saliência fônica*. Como se pode observar, independentemente do nível de *saliência fônica verbal*, há uma polarização entre os verbos no pretérito perfeito do indicativo, que se apresentam, em sua maioria, na 1PP, e os verbos nas demais categorias de tempo e modo, os quais se apresentam, majoritariamente, na 3PS. É possível notar ainda comportamento bastante diferente de verbos no pretérito e no presente abarcados pelas mesmas categorias de *saliência* (no nível máximo, por exemplo, há 20% de emprego de 3PS para verbos no pretérito e 100% de 3PS para verbos no presente), resultado que confirma a não atuação da variável *saliência fônica* e, por consequência, demonstra que o contexto com verbos no pretérito perfeito exerce grande influência no emprego de verbos na 1PP.

Ressaltamos uma especificidade da variedade do PE que poderia justificar a preponderância do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, principalmente da categoria

que apresentou comportamento dessemelhante das demais (*pretérito perfeito*). Nesta variedade, é recorrente a diferenciação prosódica entre o passado e o presente, como observamos nas ocorrências a seguir, o que poderia contribuir para a preferência de uso da forma em 3PS para o presente ((66.b)) e da forma em 1PP para o passado ((66.a)).¹⁰⁷

(66.a) quer dizer que o barco passou-se para fora; quando ao depois *a gente* viemos e **arrebocámos** [arrebocou]... os homens cortaram as redes que tavam trilhadas na hélice, quando *a gente* **tentámos** [tentou] ao depois e viemos pôr os homens na barra. cá mais, não achei mais perigo nenhum.

[CRPC-1293-5]

(66.b) há o alqueive que é ao depois *a gente* **começa** [começamos] a ver o alqueive, começa a aparecer com erva, com coiso, torna-se a passar outra vez com uma faca, com um cultivador até chegar à altura de, de se começar as sementeiras, depois começam-se a... chega-se à altura, por exemplo

[CRPC-167-15]

4.4.2.3.5. Grau de determinação do sujeito

Mesmo que não houvesse hipótese em outros trabalhos para a atuação do grupo de fator *grau de determinação do sujeito* na CV com o pronome *a gente*, em estudo preliminar foi constatado que sujeitos mais específicos e definidos correlacionam-se com a aplicação de desinência de 1PP, pois observamos aumento na frequência de desinências verbais de 1PP para sujeitos de *referente específico e definido* (RUBIO; GONÇALVES, 2010). Abaixo, seguem os resultados para a atuação desse grupo de fator em amostras do PB do interior paulista e as frequências de cada categoria para o PE, que não apresentou essa variável como relevante no fenômeno de CV com *a gente*.

¹⁰⁷ Nas ocorrências seguintes, destacamos que os acentos agudos são originais das transcrições das amostras e foram utilizados para marcar a diferença que se evidencia, no PE falado, entre as formas homógrafas de 1PP no presente do indicativo e no pretérito perfeito.

Tabela 33: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *grau de determinação do sujeito*

VARIEDADE G. DE DET. DO SUJ.		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV COM A GENTE	genérico e indefinido	99% 501/507	0,830	72,5% 50/69	
	genérico e definido	97% 162/168	0,545	100% 21/21	
	específico e definido	90% 841/929	0,320	72,7% 80/110	

Confirmando os resultados evidenciados em estudo preliminar e as hipóteses presentes em trabalhos anteriores, sujeitos com grau de determinação específico e definido propiciam aumento do uso de desinências de 1PP ((67.a)) e, por consequência, diminuição da CV em 3PS junto da forma *a gente* (90% e PR de 0,320). Por outro lado, sujeitos com referentes genéricos e indefinidos (67.b) revelaram-se favorecedores do uso de formas verbais de 3PS (99% e PR de 0,830). Sujeitos genérico e definido ((67.c)), em posição intermediária às duas outras categorias, apresentaram frequência de 97% e PR de 0,545. A gradação evidenciada na consideração dos três contextos sugere que quanto maior o grau de indeterminação do sujeito, maior será o uso da forma verbal no singular.

(67.a) aí de noite quando *a gente* **chegamo(s)**... do serviço ela pegô(u) e ligô(u) pra colega dela (ela) num tinha chegado ainda... aí depois ligô(u) de no::vo...

[BDI-032-40]

(67.b) você casá(r) c'a pessoa... e é errado por que o filho *a gente* **carrega** pro resto da vida e o único prejudicado vai sê(r) a pesso/... a mulher que engravidô(u)... porque o cara vai dá(r) a pensão e se dé(r)

[BDI-046430]

(67.c) chega no aeroporto a gente confe::re... as éh:: *a gente* **solicita**... a identidade de::le... éh confere... a identidade com as reservas confere éh éh por exemplo –“seu Joaquim o senhor tá in(d)o pra onde?”

[BDI-051-335]

Passemos a tratar dos fatores sociais selecionados para as amostras do PE e do PB. A variável *gênero*, selecionada somente nas amostras do PE, é o primeiro grupo a ser apresentado.

4.4.2.3.6. Gênero

A consideração dos grupos de fatores *gênero* e *escolaridade* revelam se no fenômeno variável a variante não padrão é estigmatizada, visto a tendência, já amplamente discutida neste trabalho, de que os falantes mais escolarizados, em conjunto com falantes do gênero feminino, rejeitem as formas desprestigiadas, sejam elas conservadoras ou inovadoras. Abaixo as frequências e PRs para essa variável no PE e as frequências no PB.

Tabela 34: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

GÊNERO		VARIEDADE	P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
			% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV C/ A GENTE	Masculino		93,1% 648/696	-	71% 93/131	0,362
	Feminino		94,6% 856/906	-	84,1% 58/69	0,866

Se para a amostra brasileira, em relação à CV com a forma *a gente*, os percentuais se mostraram equilibrados (93,1%, para homens e 94,6%, para mulheres), para o PE, houve diferença considerável de comportamento para a CV junto do pronome *a gente*, com representantes do gênero masculino apresentando 71% de emprego de verbos em 3PS junto do sujeito *a gente*, contra 84,1% apresentado pelas mulheres. Da mesma forma, os PRs revelam tendência masculina maior para o uso de

1PP com o pronome *a gente* (PR de 0,362 para uso de 3PS) e tendência feminina favorável ao uso de 3PS (PR de 0,866 para uso de verbo em 3PS).

Cabe ressaltar, com base na retomada dos resultados para a AP no PE, que as mulheres já haviam apresentado maior recusa em relação ao uso de *a gente*, com apenas 29,6% de uso do pronome, contra 53,9% por parte dos homens.

Os resultados para a CV junto de *a gente* reforçam a discriminação do emprego do pronome no PE e comprovam a rejeição do uso de formas de 1PP junto dela por parte das mulheres. Cabe a observação de outros fatores sociais, principalmente da escolaridade, para conclusão a respeito do *status* social do fenômeno aqui considerado.

4.4.2.3.7. Faixa etária

Em fenômenos variáveis, a seleção do fator social *faixa etária* normalmente está associada ao fato de uma ou mais faixas etárias apresentarem comportamento diferente das demais. Se essa discrepância se verifica entre os mais jovens e os mais velhos, evidencia-se uma mudança de comportamento na comunidade, em relação ao processo de variação investigado. A seguir, os resultados da influência do fator social *faixa etária* na CV com *a gente* no PE e no PB do interior paulista.

Tabela 35: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

VARIEDADE FAIXA ETÁRIA		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV COM A GENTE	16 a 25 anos	95,6% 435/455	0,608	57,6% 19/33	0,351
	26 a 35 anos	90% 367/408	0,303	76,6% 36/47	0,547
	36 a 55 anos	94,4% 354/375	0,485	76,5% 65/85	0,576
	mais de 55 anos	95,9 348/363	0,599	88,6% 31/35	0,699

No PB, as frequências e PRs acima apresentados revelam comportamento muito semelhante dos informantes das faixas etárias extremas, informantes mais jovens e informantes mais velhos (95,6% e 95,9% de emprego de desinências de 3PS e PRs de 0,608 e 0,599, respectivamente), o que sugere não haver, na comunidade, alteração de comportamento dos informantes em relação ao fenômeno variável de CV com o pronome *a gente*. Além disso, esses resultados revelam que informantes dessas duas são os que favorecem o emprego de verbos em 3PS.

Destaque apenas para a faixa etária de 26 a 35 anos, provavelmente, responsável pela seleção do grupo de fatores, que apresentou frequência pouco menor do que as demais (90%) e um PR de 0,303, o que revela que essa faixa atua como favorecedora do uso de desinências de 1PP junto do pronome *a gente*.

No PE, entretanto, a faixa etária de menor idade (16 a 25 anos) foi a que se mostrou menos propensa ao uso de formas de 3PS com o pronome *a gente*, visto ter exibido percentual de uso da forma de 57,6% e PR de 0,351. Segue-se a ela, a faixa seguinte (26 a 35 anos), que apresenta 76,6% e 0,547. As faixas com informantes de idade mais elevada (36 a 55 anos e mais de 55 anos) demonstram maior tendência ao uso de verbos em 3PS, com 76,5% e 88%, e PRs de 0,576 e 0,699, respectivamente.

Para a amostra do PB do interior paulista, a não seleção de outros fatores sociais como *gênero* e *escolaridade*, associada ao comportamento observado para o fator *escolaridade* permite-nos concluir que a CV variável de 1PP com *a gente* é fenômeno pouco influenciado pelo contexto social, com predominância de fatores estruturais na instanciação do fenômeno.

A consideração apenas do fator *faixa etária* no PE poderia sugerir mudança em progresso, com a implementação gradativa da variante *verbos em 1PP junto da forma a gente*, no entanto outros fatores sociais, como *gênero* e *escolaridade* não corroboram

essa afirmativa. Abaixo, apresentamos o cruzamento entre o gênero e a faixa etária no PE.

Tabela 36: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *faixa etária*

		P. EUROPEU	FAIXA ETÁRIA			
			16 a 25 anos	26 a 35 anos	36 a 55 anos	mais de 55 anos
CV C/A GENTE	Masculino	46% 12/26	70% 28/39	76% 28/37	86% 25/29	93/131
	Feminino	100% 7/7	100% 8/8	77% 37/48	100% 6/6	58/69

As frequências exibidas no cruzamento apontam, por parte dos informantes do gênero feminino, forte propensão ao emprego da variante formas verbais em 3PS em quase todas as faixas de escolaridade, inclusive entre os mais jovens. Esses resultados denotam que, apesar de ter havido diminuição no uso de 3PS entre os mais jovens de forma geral, a redução está restrita somente aos informantes do gênero masculino, não atingindo as mulheres, que tendem a barrar a variante não-padrão.

Segue-se com a observação e análise do fator social *escolaridade*, selecionado apenas nas amostras do PE.

4.4.2.3.8. Escolaridade

A análise da atuação dos diferentes níveis de escolaridade dos informantes do PE revela que a CV com a forma *a gente* sofre intervenção direta dessa variável social, pois a frequência de emprego de formas de 3PS se eleva em escala diretamente proporcional à elevação dos anos de escolarização dos informantes, como mostram os resultados da tabela 37.

Tabela 37: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

VARIEDADE ESCOLARIDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV COM A GENTE	Faixa 1 (1 a 4 anos)	93,6% 262/280	-	69% 93/133	0,387
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	91,6% 417/455	-	81% 26/32	0,541
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	95,9% 422/440	-	84,6% 11/13	0,656
	Faixa 4 (12 ou + anos)	94,6% 405/428	-	95,4% 21/22	0,697

No PE, a faixa 1, com informantes que possuem até quatro anos de escolarização, apresenta 69% de uso de formas de 3PS e PR de 0,387, os quais demonstram desfavorecimento dessa faixa ao uso da forma de 3PS. Opostas a ela, as faixas 2, 3 e 4, com informantes que possuem mais de quatro anos de escolarização, exibem frequências de 81%, 84,6% e 95,4% de uso de 3PS e PRs de 0,541, 0,656 e 0,697, o que aponta a tendência ao favorecimento do uso da forma de 3PS com sujeito *a gente*.

Esses resultados e os apresentados para o fator social *gênero*, levam à constatação de que a variante *emprego de formas verbais de IPP junto do pronome a gente* é estigmatizada na comunidade investigada, pois os falantes com maiores níveis de escolaridade e os falantes do gênero feminino tendem a evitar essas formas, fazendo uso, em contextos variáveis, da outra variante, *formas verbais de 3PS*, a qual, por sua vez, é variante prestigiada.

A seguir, o cruzamento entre os fatores sociais *escolaridade* e *gênero* no PE, que comprova essa afirmação.

Tabela 38: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *escolaridade*

P. EUROPEU GÊNERO		ESCOLARIDADE				total
		1 a 4 anos	4 a 8 anos	8 a 11 anos	12 ou + anos	
CV C/A GENTE	Masculino	63% 55/85	88% 22/25	56% 5/9	91,5% 11/12	93/131
	Feminino	79% 38/48	83% 5/6	100% 4/4	100% 11/11	58/69

Como se pode observar, falantes do gênero feminino e com alta escolarização são os que apresentam, nas amostras, emprego categórico da 3PS junto do sujeito pronominal *a gente*.

Cabe notar ainda que os falantes do gênero feminino, em sua maioria, são mais sensíveis à atuação da escola do que os falantes do gênero masculino, visto ter havido aumento gradativo da forma padrão, verbos em 3PS, diretamente proporcional ao aumento do nível de escolaridade das mulheres. Embora o mesmo não tenha ocorrido entre os homens, o percentual de emprego de 3PS se elevou de 63%, entre os menos escolarizados, para 91,5%, entre os mais escolarizados. Todavia, em oposição às “pressões” sociais dos mais escolarizados e de representantes do gênero feminino em favor da variante de prestígio, a retomada dos resultados da variável *faixa etária* revela aumento de uso da forma estigmatizada (*verbos em IPP com a gente*) entre os mais jovens.

No PB, como vimos, em relação ao gênero, os percentuais de emprego de 3PS apresentaram apenas 1,5 ponto percentual de diferença (93,1% para homens e 94,6% para mulheres). A mesma uniformidade na apuração da frequência de uso de 3PS foi verificada para os diferentes níveis de escolaridade, pois foi observada discrepância de apenas um ponto percentual entre a faixa de menor escolaridade e a de maior escolaridade (93,6% e 94,6%, respectivamente).

Em consideração a todos os aspectos revelados sobre o fenômeno da CV de 1PP com o pronome *a gente* no PB do interior paulista, cabe-nos chamar a atenção para o baixo índice de variação exibido, que somente ultrapassou a casa dos cinco pontos percentuais em razão da presença de sujeitos do tipo *oculto ou desinencial*. Dessa forma, cremos que devem ser guardadas as devidas restrições à classificação do fenômeno como plenamente variável, cabendo mais o rótulo de fenômeno semicategórico (termo empregado por Labov (2003)), que admite maior variação em determinados contextos, como são os de sujeito *oculto ou desinencial*, contextos esses em que o uso da 1PP é favorecido pela necessidade de referência à 1PP nos verbos, visto não haver sujeito explícito de 1PP na oração.

4.4.2.4. Outros contextos de variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural

Conforme já afirmado em capítulo anterior, verificamos também a variação de CV junto de sujeitos compostos, formados pela concatenação do pronome *eu* e outras estruturas (de base nominal, pronominal etc), que, em conjunto, formam um referente em 1PP do discurso ((68.a) e (68.b)). Essas estruturas compostas, por uma questão de recorte metodológico, não foram consideradas em conjunto com os dados de CV de 1PP com os pronomes *nós* e *a gente*, cabendo, portanto, sobre elas, empreender apenas uma análise qualitativa.

(68.a) era um homem maravilhoso... pena que tem três filho... tem a esposa dele... SÓ... que tudo que *eu e ele tivemo(s)* juntos... ninguém ficô(u) saben(d)o NUNca

[BDI-068-50]

(68.b) *eu*, num concurso que **fomos** lá em pataias, precisamente, em pataias, *com um grupo de rapazes cá de espinho*, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas.

[CRPC-106-30]

A sugestão para tratamento dos casos de variação exemplificados acima seria a consideração das ocorrências separadamente, o que, entretanto, não se permite efetuar plenamente devido à baixa frequência de emprego desse tipo de estrutura nos *corpora* investigados. Foram 38 ocorrências no PB e apenas duas na amostra do PE.

Outra questão já considerada é que se trata de fenômeno de CV com variável dependente eneária (no PB do interior paulista), com formas verbais em 1PS (69.a), 1PP (69.b), 3PS (69.c) e 3PP (69.d).

(69.a) porque essa área muito eu fiz ela pra cultivá(r) meus animais... **moro** *eu e meu filho... mais quatro cachorro e CINco gato* éh:: é uma casa realmente muito animada

[BDI-085-300]

(69.b) todo dia de:: charrete... pro... pro... pra escola... éh::... e *eu e meu irmão pequenos... ficávamos* com uma::... éh... com uma empregada

[BDI-082-240]

(69.c) o dia que ela faleceu eu estava de plantão... *eu e uma médica... tava* de plantão dentro da U.T.I...

[BDI-105-20]

(69.d) uma festa numa boate e::u num me recordo o nome mas é... ali no centro de Rio Preto... **foram** *eu e meus amigos* tal tal... fomo(s) nessa boate... uma boate assim muito lo::(u)Ca

[BDI-074-75]

Do total de 38 ocorrências, uma apresenta desinência de 1PS; 13, de 1PP; 20, de 3PS e quatro, de 3PP.

Das 13 ocorrências que apresentam verbos em 1PP, nove possuem contexto de anteposição de sujeito (SV), como verificado em (70.a), e apenas quatro, posposição do

sujeito (VS), como em (70.b). Sobre os 20 casos que exibem verbos em 3PS, 14 deles evidenciam sujeito posposto ao verbo (VS), como em (70.d), e o restante (6 casos) apresenta sujeito anteposto (SV), como em (70.c).

Além dos casos do PB que apresentam verbos em 3PS e sujeito posposto, cabe destacar, interessante, uma das duas ocorrências selecionadas do PE, que também apresenta esse contexto, conforme se observa em (70.e).

(70.a) são três quartos né? um quarto... suíte... que é onde *eu e minha esposa ficamos* né?
um::/ é mais ou menos grande relativamente grande

[BDI-083-195]

(70.b) durante o carnaval... **estávamos** no fusca... da minha cunhada *eu meu noivo... minha cunhada e o noivo dela* e como nós estávamos indo po carnaval tava todo mundo de::... de de:: bermuda né?

[BDI-118-5]

(70.c) *eu:: meu tio:: meu pri::mo e um colega nosso tava* sentado ali na frente de casa ali né?... eu morava no fundo e meu tio morava na frente né?

[BDI-015-389]

(70.d) tem uma delas que eu... nem quando:: eu conheci a minha esposa e a gente começô(u) a namorá(r) né?... então... inclusive **morava** só *eu e minha mãe...* e::... minha mãe era::... era muito severa muita coisa

[BDI-133-5]

(70.e) o hospital novo, ainda há pouco tempo que a gente o tem, não é? e o serviço era aqui, este serviço era, serviço de urgências e trabalhava aqui, **trabalhava** só *eu e o médico* praticamente

[CRPC-964-12]

O contexto verificado nas quatro ocorrências que apresentam desinências de 3PP foi de sujeito posposto (VS) (em todos os casos), consoante se pode observar na ocorrência seguinte, retirada do PB do interior paulista.

- (71) dá acesso à sala onde eu trabalho... **trabalham eu e mais seis pessoas...** cada um tem sua mesa:: um micro... e um telefone... éh temos a máquina de xerox com impressora

[BDI-085-180]

Embora cerceados pela falta de uma análise estatística mais completa dos casos de CV com sujeito sentencial composto por pronome pessoal de 1PS em conjunto com outras estruturas, propomos algumas considerações.

A observação dessas ocorrências permite perceber que a anteposição dos sujeitos (mesmo que compostos) em relação ao verbo (posição SV) favorece o emprego de 1PP, já que, dentre os casos, 69% (nove de 13 ocorrências) apresentam esse contexto.

Em contrapartida, a posposição do sujeito ao verbo (VS) demonstra favorecimento do uso de formas verbais de 3PS, visto que 14, das 20 ocorrências (70%), inserem-se nesse contexto. Mais do que favorecer o uso de 3PS, sugere-se que a posposição do sujeito desfavorece o uso de formas verbais de 1PP, já que também as ocorrências em 3PP exibem sujeitos pospostos. Reforça essa hipótese a ocorrência verificada no PE (70.e), com sujeito composto posposto ao verbo em 3PS, pois, embora única, evidencia comportamento que não se verificou em relação ao pronome *nós* naquela variedade.

Vale ressaltar que, devido à variável dependente possuir quatro variantes, não foi possível a observação, para esses casos, de outros fatores linguísticos comprovadamente relevantes para os fenômenos de CV, como, por exemplo, a *saliência fônica verbal* e o *paralelismo oracional*, já que não há oposição entre apenas duas formas, como ocorre na CV de 1PP, em que se opõem formas verbais de 1PP e 3PS, e na CV de 3PP, em que se opõem formas verbais de 3PS e 3PP.

A seguir apresentamos a rodada unidimensional da CV para os fatores sociais, com amalgamação e oposição dos casos de 1PS, 3PS e 3PP aos casos de 1PP.¹⁰⁸

Tabela 39: Concordância verbal de primeira pessoa do plural com sujeito composto (*eu + outras estruturas*) no português brasileiro do interior paulista: resultados para fatores sociais

CATEGORIA	DESINÊNCIA VERBAL DE 1ª PESSOA DO PLURAL	
	%	número de ocorrências
Gênero		
Masculino	17%	3/18
Feminino	50%	10/20
Faixa etária		
16 a 25 anos	27%	3/11
26 a 35 anos	57%	4/7
36 a 55 anos	67%	6/9
mais de 55 anos	100%	6/6
Escolaridade		
Faixa 1	20%	1/5
Faixa 2	9%	1/11
Faixa 3	38%	5/8
Faixa 4	67%	6/9
Total	34%	13/38

Considerando-se o reduzido número de ocorrências e também o fato de apresentarmos acima uma rodada simples, sem PRs, teceremos apenas um breve comentário a respeito da estratificação dos casos junto aos grupos de fatores sociais.

Em relação ao *gênero*, há maior frequência de aplicação de desinências de 1PP pelas mulheres, com 50% de uso de formas verbais de 1PP, do que pelos homens, que apresentam apenas 17% de uso da 1PP.

Considerando o fator *faixa etária*, houve gradativo aumento do uso de verbos em 1PP, à medida que se consideram faixas etárias mais elevadas, o que se confirma, inclusive, para a última faixa, que apresenta, na amostra considerada, uso categórico de forma de 1PP junto do sujeito composto.

¹⁰⁸ A proposta de amalgamação das formas de 1PS, 3PS e 3PP e oposição em relação à forma de 1PP se deve ao fato de que esta última é a prescrita pela gramática normativa.

Como previsto em estudos de CV, a faixa com mais anos de estudo apresentou também maior tendência ao emprego da forma de CV normativa, ou seja, de 1PP. Em oposição, as faixas de baixa escolarização apresentaram menores percentuais de uso das formas verbais de 1PP.

Às afirmações acima, certamente, cabe a devida diligência, por se basearem somente nas ocorrências analisadas e nos *corpora* considerados, os quais constituem somente pequenos recortes da comunidade de fala.

4.5. Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do plural

No que diz respeito à 2PP do discurso, três fenômenos variáveis podem ocorrer na língua portuguesa falada. O primeiro deles, a CV variável de 3PS e 3PP junto do pronome *vocês*, ocorre em variedades do PB, inclusive na variedade do interior paulista, conforme podemos observar nas ocorrências abaixo, extraídas das amostras de interação do banco de dados Iboruna (identificadas com as letras “AI” nas ocorrências abaixo).¹⁰⁹

(72.a) *cês assiste* também esse programa?... nós assiste TOdo dia... bom eu quando tô em casa

[BDI-AI-002-30]

(72.b) ela acreditô(u) mas ela era assim... discutia c’os professor falava –“mas *cês* num **tá** ensin(an)(d)o direi::to”– ... ela ainda falava –“eu quero aprende mais”–

[BDI-AI-004-65]

(72.c) a gente vê que *cês dão* muito valor no estudo... *cês é::...* *cês a::cha* importan::te estudá::(r)

[BDI-AI-004-45]

¹⁰⁹ As amostras de interação foram coletadas de diálogos sem a presença do documentador, de forma secreta, sendo revelada a gravação e solicitada a autorização de uso em momento posterior. Ainda que, nessas amostras, ocorra o uso da 2PS e 2PP, as ocorrências não se apresentam em número suficiente para um estudo quantitativo. Interessante notar também fenômeno de ordem fonético-fonológica no uso do pronome, com a alternância entre as formas *vocês* e *cê(i)s*.

- (72.d) então mas vocês nunca/... *vocês* nunca **foram** no fórum pra resolvê(r) isso?
[BDI-AI-009-78]
- (72.e) é assim *cê sa/ cê sa/ lembra onde tem um xerox?... logo na entrada do I.C.M.C.?... ali pela rodoviá::ria tal?... *cê*s num **entraram** por ali?*
- [BDI-AI-008-220]

Não obstante a referência, nesses casos, seja à 2PP, o comportamento em relação à CV é semelhante ao verificado junto dos pronomes de 3PP, *eles* e *elas*.

O segundo e terceiro fenômenos referentes à 2PP do discurso, a se confirmarem por meio de estudos sociolinguísticos no PE, estão relacionados mais especificamente ao uso variável das formas verbais de 2PP e 3PP junto do pronome *vós* e à alternância entre os pronomes *vocês* e *vós* em posição de sujeito, conforme apresentamos a seguir, com base em ocorrências do CRPC.¹¹⁰

- (73.a) é que eu vou ter folga, *vós* **ides** cozinhar. **venham** para comer, **venham** para comer, **venham** para comer!
[CRPC-075-12]
- (73.b) eu às vezes penso - não sei se *vocês* **estão** de acordo que para a geração - eu sou um pouco mais velha do que *vocês* - mas acho que por exemplo para a geração da minha idade e possivelmente da *vossa* também, é a geração em que é mais difícil viver!
[CRPC-218-23]
- (73.c) olha pá, não é para *vos* estar a desiludir mas essa coisa de vendedores e de inqueritos dura um mês, *vocês* **ganham** seis contos num mês...
[CRPC-377-44]

Conforme se evidencia, os pronomes *vós* (73.a) e *vocês* (73.b) encontram-se em processo de variação no PE, para representação da 2PP do discurso. Ainda que não se tenha número suficiente de ocorrências para maiores conclusões, pode-se observar a

¹¹⁰ Ainda que tenhamos encontrado ocorrências no *corpus* que confirmem os fenômenos para a variedade europeia, não obtivemos contato com estudos que tratassem desses fenômenos sob a ótica variacionista.

alternância, inclusive na aplicação de CV de 2PP e de 3PP junto da forma pronominal *vós* e o uso do pronome possessivo *vossa* em ocorrência em que o pronome sujeito *vocês* assume função de sujeito nas sentenças anteriores (ambos em (73.b)). A mesma variação pode ser verificada ((73.c)) no uso do pronome oblíquo padrão de 2PP *vos* e posterior emprego da forma pronominal inovadora *vocês*.

As observações sobre os fenômenos de 2PP aqui apresentadas são superficiais e embasadas apenas na análise qualitativa das ocorrências registradas nos *corpora* das variedades consideradas nesta pesquisa, contudo, apontam, ao menos, para a necessidade de uma investigação mais acurada desses contextos passíveis de variação e para a composição de novos *corpora* específicos para esse fim.

4.6. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural

São inúmeros os estudos sociolinguísticos que tratam da CV de 3PP nas variedades do PB e muitos são os fatores linguísticos e sociais que demonstram exercer influência sobre o fenômeno nessas variedades. No PE, entretanto, embora a variação já tenha sido atestada (em menor ou em maior escala), há poucas pesquisas que apontam os fatores que poderiam promover os usos variáveis e, ainda, se essa variação está restrita a determinados contextos ou não.

Apresentamos a seguir os resultados relativos à CV de 3PP no PB e no PE, juntamente com os fatores selecionados como relevantes nos processos de variação.

Pelos resultados expostos na tabela a seguir, é possível se verificar que, apesar de as duas variedades terem apresentado variação na CV de 3PP, a amostra do PB

apresenta frequências menores de uso da 3PP junto de sujeitos de 3PP (73%). Nas amostras do PE, a frequência de uso das formas verbais no plural foi de 93,9%.¹¹¹

Tabela 40: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

VARIEDADE	DESINÊNCIA DE 3PP	DESINÊNCIA DE 3PS	TOTAL
PB – IBORUNA	73% (1.971)	27% (728)	100% (2.699)
PE – CRPC	93,9% (1.039)	6,1% (68)	100% (1.107)

Efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo com resultados evidenciados em outras regiões do Estado de São Paulo, com resultados obtidos em outros estados brasileiros e com resultados obtidos para variedades do PE, a fim de verificar possíveis semelhanças e dessemelhanças para PB, de modo mais geral, e para o PE. Seguem as tabelas de resultados gerais.

¹¹¹ Em Rubio (2008), é possível se verificar frequência pouco menor de CV de 3PP (70%) em amostras do interior paulista (também selecionadas do banco de dados Iboruna) e, ainda, pequena diferença na ordenação de fatores relevantes para o fenômeno variável, o que se justifica pela desconsideração, no presente estudo, de informantes da faixa etária de 7 a 15 anos, dada a inexistência de faixa correspondente para os informantes da amostra do PE. O número total de ocorrências aqui analisadas (2.699), consequentemente, também difere do número analisado em Rubio (2008) (um total de 3.308 ocorrências).

Tabela 41: Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português brasileiro¹¹²

PORTUGUÊS BRASILEIRO			
VARIEDADE	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	3PP	3PS
INTERIOR DA BAHIA P. POPULAR – (SILVA, 2005)	escolaridade: nula ou fundamental; faixa etária: variável de 25 a 107 anos; gêneros: masculino e feminino.	17%	83%
SÃO CARLOS – SP (MONTE, 2007)	escolaridade: analfabetos e escolarizados (EJA); faixa etária: variável entre 22 e 38 anos; gêneros: masculino e feminino	25%	75%
PERIFERIA DE SÃO PAULO (RODRIGUES, 1987)	escolaridade: nula e até quatro anos de escolarização; faixa etária: 20 a 35, 36 a 50 e mais de 51 anos; gêneros: masculino e feminino.	29%	71%
PARÁ – PA ANALFABETOS - (NINA, 1980)	escolaridade: nula (somente analfabetos); faixa etária: variável entre 25 e 75 anos; gêneros: feminino e masculino	29%	71%
VALE DO RIO DOCE – MG (GONÇALVES, 2007)	escolaridade: fundamental, médio e superior; faixa etária: 15 a 18, 35 a 45 e mais de 63 anos; gêneros: masculino e feminino.	34%	66%
ARARAQUARA – SP (GAMEIRO, 2005)	escolaridade: variável de nula até mais de 12 anos; faixa etária: 7 a 15, 16 a 25, 26 a 55 e mais de 55 anos; gêneros: masculino e feminino	45%	55%
VITÓRIA DA CONQUISTA – BA (OLIVEIRA, 2005)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 15 a 25, de 26 a 49 e + de 50; gêneros: masculino e feminino	51%	49%
RIO BRANCO – AC (RODRIGUES, 1997)	escolaridade: analfabetos, 1 a 4 anos e 5 a 8 anos; faixa etária: de 20 a 35 anos; gêneros: masculino e feminino	58%	42%
BELO HORIZONTE – MG (FARIA, 2008)	escolaridade: fundamental, médio e superior; faixa etária: de 17 a 29 anos; gêneros: masculino e feminino	65%	35%
SALVADOR – BA (SOUZA, 2011)	escolaridade: fundamental, médio e superior; faixa etária: 15 a 24, 25 a 35, 45 a 55 e + de 65 anos; gêneros: masculino e feminino.	69%	31%
RIO DE JANEIRO (SCHERRE; NARO, 2010)	escolaridade: 1 a 4 anos, 5 a 9 anos e 9 a 11 anos; faixa etária: 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos; gêneros: masculino e feminino	73% (1980) 83% (2000)	27% (1980) 17% (2000)
INTERIOR PAULISTA – SP – 2012	escolaridade: 1 a 4,, 5 a 8, 9 a 11 e mais de 12 anos; faixa etária: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos; gênero: masculino e feminino.	73%	27%
FLORIANÓPOLIS – SC (MONGUILHOTT; COELHO, 2002)	escolaridade: 4 anos e 11 anos; faixa etária: 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos; gêneros: masculino e feminino	79%	21%
SÃO MIGUEL DOS PRETOS – RS (ALMEIDA, 2006)	escolaridade: não especificada; faixa etária: 16 a 24, 40 a 64 e 65 a 90 anos; gêneros: masculino e feminino	81%	29%
PELOTAS – RS (WELCHEN, 2009)	escolaridade: fundamental, médio superior, pós- graduado; faixa etária: 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos; gêneros: masculino e feminino	82%	18%

¹¹² Não é nosso intuito, neste momento, fazer referência a todos os estudos já propostos sobre a variação de CV de 3PP na língua portuguesa, o que, cremos, devido à grande atenção já dedicada ao tema, principalmente nos últimos anos, e devido ao grande número de estudos já elaborados, se não impossível, seria tarefa para inúmeros anos de pesquisa. Nossa proposta, diferentemente disso, é demonstrar que o fenômeno, ainda que se encontre exaustivamente catalogado, apresenta diferentes características, a depender, principalmente, de fatores de ordem diatópica e diastrática.

Tabela 42: Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português europeu

PORTUGUÊS EUROPEU			
VARIEDADE	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	3PP	3PS
FUNCHAL – PT (BAZENGA, 2010)	escolaridade: nula, fundamental, média e superior; faixa etária: 18 a 35, 36 a 56 a 75 anos; gêneros: masculino e feminino.	84%	16%
LISBOA – PT (MONGHILHOTT, 2010)	escolaridade: fundamental e superior; faixa etária: 15 a 36 e 45 a 76 anos; gêneros: masculino e feminino	91%	9%
PORTUGAL P. POPULAR – (VAREJÃO, 2006)	escolaridade: nula e até quatro anos de escolarização; faixa etária: 18 a 35, 36 a 55 e mais de 56 anos; gêneros: masculino e feminino.	92,2%	8,8%
PORTUGAL CRPC – 2012	escolaridade: 1 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e + de 12 anos; faixa etária: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos; gêneros: feminino e masculino	93,9%	6,1%

Como se pode observar, o fenômeno variável de CV de 3PP atinge diferentes frequências em variedades do PB e do PE, o que se comprova, inclusive, pela observação do extremo superior da tabela do PB e inferior da tabela do PE, que revela discrepância de quase 77 pontos percentuais entre a amostra do interior da Bahia (17% de emprego de verbos em 3PP) e a amostra do CRPC de Portugal (com 93,9% de CV de 3PP). Essa diferença não se mostra relevante somente na observação de amostras de diferentes países, pois, se considerada a variedade do interior da Bahia e a variedade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com percentual de 82% de uso de formas verbais de 3PP, há uma separação de 65 pontos percentuais. Da mesma forma, a diferença de frequências entre estudos de regiões próximas, como são os da região Noroeste (73% de CV de 3PP) e os da região Central do estado de São Paulo (45% de CV de 3PP), pode chegar a 28 pontos percentuais, e entre cidades vizinhas do interior de São Paulo, como são Araraquara (45% de uso de 3PP) e São Carlos (25% de 3PP), a 48 pontos percentuais.

Os resultados alcançados para cada variedade, no PB, dependem dos fatores sociais considerados na composição das amostras de fala das comunidades investigadas,

principalmente o fator *escolaridade*. As variedades que apresentaram menores frequências de pluralização verbal são também as que possuem informantes com os menores níveis de escolaridade (amostra do interior da Bahia, escolaridade nula ou fundamental; de São Carlos, analfabetos e escolarizados do EJA; da periferia de São Paulo, escolaridade nula ou até 4 anos; do Pará, somente analfabetos). Por outro lado, as amostras que apresentaram maiores frequências de emprego da variante padrão, verbos em 3PP, possuem informantes com escolarização superior. A variedade de Pelotas, a qual apresentou maior frequência de pluralização, possui informantes com nível superior e com pós-graduação.

A tabela comparativa acima permite verificar também maiores proximidades e, até mesmo, semelhanças de percentuais, reveladas entre comunidades que não apresentam proximidade geográfica, como se pode verificar entre o estudo da CV da região do Funchal, em Portugal (84% de 3PP) e os estudos da CV de São Miguel dos Pretos (81%) e de Pelotas, no Rio Grande do Sul (82%), que exibem diferença, entre elas, pouco significativa em termos percentuais. Se compararmos também as frequências do estudo de 1980, reapresentado em Scherre; Naro (2010), que considerou variedade do Rio de Janeiro, e o estudo da variedade do interior paulista, é possível notar os mesmos percentuais de CV de 3PP, 73%. O mesmo se pode observar também nas pesquisas da periferia de São Paulo e na amostra do Pará, que exibiram, ambas, 29% de emprego de verbos em 3PP para sujeitos de 3PP.

Nas variedades lusitanas, embora as frequências apresentadas em todos os estudos excedam 84% de CV de 3PP, é possível notar a discrepância considerável de quase 10 pontos percentuais, verificada entre o estudo da região do Funchal (84%) e o do CRPC (93,9%). Se para o PB, a escolaridade do informante revela-se como fator de extrema relevância no aumento da frequência de emprego da variante padrão, no

fenômeno da CV de 3PP no PE, o fator, preliminarmente, não demonstrou influenciar diretamente a variação, visto amostras com mesmos níveis de escolaridade terem apresentado frequências dispare e, ainda, a variedade do português popular investigada por Varejão (2006) apresentar maiores frequências de emprego da variante padrão do que outras variedades portuguesas com informantes de maior escolarização (inclusive de nível superior), como são as analisadas por Monguilhott (2010) e por Bazenga (2010).

Além das diferenças percentuais em relação ao fenômeno variável de CV de 3PP, é possível notar também que diferentes variáveis sociais e contextos linguísticos instauram esses processos nas variedades pesquisadas, como apresentamos no quadro abaixo.

Variáveis		Fenômeno	CV DE 3PP NO PB	CV DE 3PP NO PE
Linguísticas		Posição do sujeito	6°	1°
		Traço semântico do referente do sujeito	5°	2°
		Paralelismo formal discursivo	2°	não selecionado
		Saliência fônica verbal	3°	não selecionado
		Paralelismo formal oracional	4°	não selecionado
		Tipo morfológico do sujeito	não selecionado	3°
Sociais		Escolaridade	1°	não selecionado
		Faixa etária	7°	não selecionado
		Gênero	8°	não selecionado

Quadro 20: Ordem de seleção das variáveis para os fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

O fenômeno variável no PB sofre a influência direta de vários grupo de fatores de ordem social e linguística, o que se confirma pela seleção de oito grupos, dos nove

considerados, com destaque para o fator *escolaridade*, primeiro em ordem de relevância.

Para o PE, diferentemente do que ocorre no PB, há a seleção de apenas três grupos, dos também nove considerados. Ademais, não se verifica a seleção de nenhum dos grupos de fatores sociais investigados, o que pode apontar que o fenômeno possui comportamento uniforme nos diferentes estratos sociais considerados.

Os três grupos de fatores linguísticos selecionados na amostra lusitana, todos relacionados ao sujeito (*posição do sujeito*, *traço semântico do sujeito* e *tipo morfológico de sujeito*), não obtiveram o mesmo grau de relevância da amostra do PB do interior paulista, já que, desses três, dois foram selecionados em quinto e sexto lugares e o último não foi selecionado. As diferenças em relação às variáveis selecionadas, à ordem de relevância delas e ao percentual de variação evidenciado contribuirão para a explicação das semelhanças e diferenças observadas nos processos. A seguir, passamos a tratar das variedades investigadas.

Os fatores relevantes no processo variável de CV de 3PP serão apresentados de acordo com a ordem de apresentação do quadro acima exibido, a iniciar-se pelos fatores linguísticos.

4.6.1. Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro

O grupo *posição do sujeito em relação ao verbo*, selecionado como relevante pelo programa estatístico *GOLDVARB* nas duas amostras, será o primeiro fator a ser analisado para a CV de 3PP.

4.6.1.1. Posição do sujeito em relação ao verbo

Na investigação desse grupo de fatores, como já referido, a hipótese a confirmar é a de que sujeitos distantes de seus verbos, ou sujeitos em posição pós-verbal, distantes ou não dos verbos, tendem a enfraquecer a CV (LEMLE & NARO 1977, dentre outros).

Considerando que o português atual é uma língua do tipo SVO (*sujeito + verbo + objeto*) e que admite variação nessa ordenação, analisamos para esse grupo de fatores posições de sujeito anteriores e posteriores ao verbo, controlando, ainda, nos casos de anteposição do sujeito, a distância deste em relação ao verbo.

A seguir os resultados referentes ao controle desse grupo de fatores para o PB e para o PE.

Tabela 43: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *posição do sujeito em relação ao verbo*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	pré-verbal – 0 a 5 sílabas	76,9 1.384/1.800	0,555	96 617/643	0,570
	pré-verbal – 6 a 10 sílabas	67,9 298/439	0,418	96,9 158/163	0,536
	pré-verbal – mais de 10 sílabas	74,2 239/322	0,477	95,5 168/176	0,398
	pós-verbal	38 34/88	0,132	76,8 96/125	0,257

No PB, a probabilidade de aplicação da concordância mostrou-se mais elevada nos casos em que o sujeito se antepõe ao verbo, em contextos de menor distanciamento de um em relação ao outro, como observado na tabela acima: sujeito pré-verbal com núcleo distante de zero a cinco sílabas (76,9% e PR 0,555), como na ocorrência (74.a). Os casos de sujeito pós-verbal apresentaram o menor PR, (0,132) e apenas 38% de uso

da forma verbal de 3PP, ou seja, como previsto, é menor a probabilidade de CV nesses contextos, como se pode observar em (74.b).

(74.a) eu não consegui entender direito... que o amigo meu tava me contando lá...e:...mas os computadores **são** bons...tem...três impressoras também que dá pra imprimir..

[BDI-053-207]

(74.b) aconteceu na minha VIda.. assim ... na adolescê::ncia:: . deixa eu pensar ... na adolescência **aconteceu** tantas coisas ... eu comecei sair ... saia MUI::to ... fiquei reBElde era uma pessoa muito rebelde

[BDI-062-29]

A frequência de 67,9% e o PR de 0,418, apresentados para a categoria de sujeitos pré-verbais com distância de 6 a 10 sílabas do verbo, na variedade brasileira, são menores do que os verificados para sujeitos próximos do verbo e maiores do que para sujeitos pós-verbais, demonstrando que o alargamento da distância do verbo em relação a seu sujeito, como apresentado em (75), promove, conforme as premissas pré-apresentadas, enfraquecimento da CV (PONTES, 1986).

(75) e os político que é única solução prá gente é os que mais rouba dinheiro... da população

[BDI-024-431]

Não poderíamos deixar de notar, contudo, que, para a categoria *núcleo do sujeito em posição pré-verbal, distante mais de 10 sílabas do verbo* ((76)), a premissa acima é contrariada, pois, o contexto apresenta uma frequência intermediária em relação às duas categorias com sujeito pré-verbal, com 74,2% de emprego de 3PP e um PR acima do esperado (0,477), considerando que em outros trabalhos (NARO; SCHERRE, 1999) comumente a categoria apresenta comportamento semelhante à categoria pós-verbal (38% e PR 0,132).

(76) não... aí chegamos no hospital e me internei... aí *todas as mulheres*... assim que estavam do meu lado **sentia** dores... a bolsa já tinha rompido e a minha NAda...

[BDI-036-48]

A possível explicação para o comportamento desse fator linguístico pode estar justamente na perda da relação estabelecida entre sujeito e verbo, que faz com que não haja um elemento formal próximo (sujeito de 3PP) indicando a pluralização, o que leva à maior necessidade de marcação de plural nos verbos, como forma de manutenção da 3PP, aos moldes do que ocorre nos casos de sujeito desinencial, sobre os quais já discutimos na seção de CV de 1PP e nos quais a falta do elemento formal sujeito na oração faz com que o verbo receba a desinência de plural.

Os resultados evidenciados para a amostra do PE também revelam a atuação em acordo com a hipótese e em acordo com o comportamento evidenciado em trabalhos que consideraram o fenômeno de CV de 3PP variável na variedade brasileira do interior paulista, apresentada anteriormente, com tendência à manutenção das formas verbais de plural em contextos de sujeito anteposto e próximo ao verbo e de diminuição do uso de verbos em 3PP para contextos de sujeito pós-verbal. Os PRs e as frequências apontam que sujeitos próximos e antepostos aos verbos, como exibido em (77.a), tendem a condicionar o emprego de 3PP (PR de 0,570 e frequência de 96% de verbos em 3PP). Da mesma forma, os sujeitos antepostos que apresentam distância média em relação ao verbo (5 a 10 sílabas), como o da ocorrência (77.b), também demonstram tendência ao emprego da forma verbal de plural, com PR de 0,536 e frequência de verbos em 3PP de 96,6%. Para sujeitos em posição anterior e de maior distância em relação ao verbo (mais de 10 sílabas) (77.c), o PR de 0,398 demonstra que esse contexto desfavorece o uso de verbos no plural, embora a frequência de emprego de 3PP tenha se apresentado pouco

menor do que as dos grupos anteriormente apresentados (95,5%). O contexto *sujeito pós-verbal*, como o das ocorrências (77.d) e (77.e), apresenta maior propensão, em relação aos demais contextos, ao uso de formas no singular, com PR de 0,257 e frequência de 76,8%.

(77.a) multa vez. até... vi até *lobos* **matarem** os cães muita, muita aquilo tem os dentes muito grandes, não é, quando, aquilo é uns que traçam mesmo. traçam, fazem logo uns buracos formidáveis..

[BDI-854-8]

(77.b) agora em vindo cá *as pessoas* a pagar promessas **perguntam** por as fitas, digo que as comi, não? digo que o senhor prior que as queimou.

[CRPC-1055-44]

(77.c) o hábito que tem um cordão e *as senhoras, senhoras*, ou **mulheres**, com pouco mais de quarenta anos que lá **vão** e puxam o cordão ao santo e pedem-lhe um marido.

[CRPC-8575-20]

(77.d) e... às vezes **aparece** assim também *clientes chatos*...

[CRPC-426-4]

(77.e) só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê e, **foi** *os tais casais* que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.

[CRPC-426-4]

Pela análise das amostras da variedade do PE e dos resultados evidenciados para o PB, é possível notar que, embora haja uma diferença percentual considerável entre os contextos variáveis observados, as tendências verificadas nas duas variedades são muito semelhantes, apontando que, em ambas, a CV de 3PP é influenciada fortemente pelo grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo*.

O próximo fator linguístico a ser considerado, *traço semântico do sujeito*, foi selecionado como relevante tanto na amostra do PB quanto na amostra do PE.

4.6.1.2. Traço semântico do sujeito

A hipótese a verificar para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito* é de que sujeitos com traço [+humano] tendem a um maior índice de emprego de formas de 3PP do que sujeitos que não têm características humanas. Da mesma forma, esperamos, embasados em trabalhos anteriores, que sujeitos animados apresentem maior frequência de CV que sujeitos inanimados. A princípio, consideraríamos também a categoria *sujeito misto*, para as ocorrências que contivessem sujeitos compostos pelos traços [+humano] e [-humano], como na ocorrência (78), entretanto, não houve ocorrência desses sujeitos na amostra selecionada.¹¹³

(78) aí a irmã dele e os cachorro **cheGOU**::... daí:: ela pegou vazar eles vaZaram de lá
[BDI-012-116]

Vejamos os resultados do PB e do PE para esse grupo de fatores na tabela a seguir.

Tabela 44: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *traço semântico do sujeito*

T. SEM. DO SUJEITO		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	[+ humano]	75,7 555/2.285	0,533	97 733/756	0,588
	[+ animado]	50 7/14	0,316	92,3 24/26	0,326
	[- animado]	58,5 234/400	0,326	86,8 282/325	0,316

No PB, mesmo que os contextos de sujeitos com traço [+humano], como em (79.a) e (79.b), se destaquem dos demais, apresentando maior propensão ao uso de verbos em 3PP, com percentual de 75,7% de emprego da forma de plural e com PR de

¹¹³ A ocorrência exemplificativa é da amostra de um informante não incluído neste estudo (faixa etária de 7 a 15 anos).

0,533, os contextos em que o sujeito possui traço [+ *animado*], como se verifica em (79.c) e (79.d), apresentaram maior propensão ao uso de formas em 3PS do que os sujeitos com traço [- *animado*] (ocorrência (79.e) e (79.f)), com frequência de 50% de uso de 3PP e PR de 0,316. Porém, o baixo número de ocorrências desse contexto (14 ocorrências no total) requer certa cautela na interpretação desses resultados estatísticos.

(79.a) crian::cas... da:: faixa etária de dez anos pra cima já **começam roubar**... já começa a mata::r... já começa a se droga::r já começa::/ sabe?

[BDI-035-515]

(79.b) sempre eu dou conselho pro meus AMI::go *eles fala* que eu sou um cara care::ta (inint.)... então ((risos do informante)) porque porque eu dedico muito no serviço

[BDI-089-130]

(79.c) no outro dia nós começamos fazer pa/ voltamos a fazer passe::io conhecemos a bahia dos golfinhos::nhos lá onde *os golfinhos ficam pulan::do*

[BDI-051-220]

(79.d) e arremessar dentro da água pôr a isca do peixe no caso a (inint.) gosta de massa *outros peixes* já **gosta** de minhoca e iscar que é uma coisa meio/ meio

[BDI-067-305]

(79.e) lá tava muito frio depois começou ficar frio lá aí *todos os brinquedos* **pararam** aí a gente começou ficar com medo

[BDI-037-25]

(79.f) fomos nessa boate...uma boate assim muito louca sabe *os sons* é muito bons assim n/n/n/não é assim da:: os sons não são dessa:: que nem toca aqui em Mirassol são (inint.) muito legais muito melhores tal

[BDI-073-20]

Em visão geral das amostras do PB, com oposição de sujeitos com traço [+ *humano*] e [- *humano*], todavia, houve favorecimento da marcação de plural por parte dos primeiros (PR de 0,533) e favorecimento do emprego da forma singular por parte

dos últimos (PRs de 0,316 e 0,326, respectivamente, para sujeitos com traço [+animado] e [-animado]).

Se para o PB do interior paulista, a hipótese não foi totalmente confirmada, para as amostras do PE, houve a confirmação de todas as premissas, haja vista a categoria que engloba sujeitos com traço [+humano], como o das ocorrências (80.a) e (80.b), ter se apresentado como de maior tendência ao emprego de 3PP, com frequência de 97% de aplicação de verbos em 3PP e PR de 0,588, seguida da categoria que engloba sujeitos com traço [+animado], como o evidenciado em (80.c) e (80.d), que, embora apresentasse fraca tendência à pluralização dos sujeitos, devido ao PR abaixo de 0,5 (0,326), exibe comportamento intermediário (frequência de 92,3%) entre sujeitos de traço [+humano] e sujeitos de traço [-animado]. Esses últimos ((80.e) e (80.f)), por sua vez, demonstram favorecimento do uso de verbos em 3PS, com frequência de emprego de 3PP de 86,8% e PR de 0,316.

- (80.a) coitado, como é que *os rapazes* **hãõ de adquirir** a mentalidade, a mentalidade rural, agrária que se quer para os especialistas dos dias de hoje? enso que os rapazes lá em Lisboa devem continuar a estudar coisas de computadores, de físicas, desse género
[CRPC-770-22]
- (80.b) há *caçadores* também, por exemplo, de arma branca que não **caça** só coelhos nem lebres, **caça**, por exemplo, um ouriço que é um animal que tem o pêlo bicudo e tem... e focinho de porco
[CRPC-564-10]
- (80.c) agora tamos é, tou eu e o major a agarrar nos *outros cavalos todos* que **estãõ** ai e a pô-los a saltar, aqueles novos que não saltavam
[CRPC-483-2]
- (80.d) sãõ todos *animais* do campo que se **pode** utilizar, não para comer... para, para se matar para não, não des(...), não desdenharem por exemplo os ninhos dos outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa.
[CRPC-564-30]

(80.e) não; temos, temos... *as frutas são* um problema, porque nós não nascemos na fruta, não sabemos nada de fruta, tentamos saber qualquer coisa de fru[ta], não sei se há alguém que sabe, a fruta é muito difícil,

[CRPC-793-12]

(80.f) mas isso, felizmente *os incêndios do monte é* no verão, quando a gente vê o sol, não é, e quando há, quando há, às vezes uma pessoa se for a tempo apaga aquilo depressa

[CRPC-769-12]

Mais uma vez, considerando-se a atuação do fator *traço semântico do sujeito*, temos tendências gerais bastantes semelhantes nas amostras do PB e do PE, com sujeitos de traço [+ *humano*] favorecendo o emprego de verbos em 3PP e sujeitos de traço [- *humano*] favorecendo o uso de verbos em 3PS.

Passamos a tratar, na sequência, da variável *paralelismo linguístico discursivo*, selecionada como relevante somente na amostra brasileira.

4.6.1.3. Paralelismo linguístico discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, a expectativa, semelhante à verificada para a 1PP, é de que os contextos em que os verbos anteriores fossem marcados com 3PP favorecessem o uso de 3PP nos verbos posteriores, e, ao contrário, contextos com verbos anteriores em 3PS favorecessem o uso de 3PS nos verbos seguintes.

Na tabela 45, seguem os resultados relativos à atuação desse grupo de fatores na CV de 3PP no PB do interior paulista e no PE.

Tabela 45: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo discursivo*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	v. isolado ou primeiro de uma série	75,8 1.483/1.956	0,508	92,6 736/795	-
	v. anterior em 3PP	84,3 396/470	0,602	97,4 295/303	-
	v. anterior em 3PS	27,6 34/123	0,109	88,9 8/9	-

Os resultados apresentados para o PB do interior paulista assemelham-se aos verificados em outras variedades do PB e aos verificados para a 1PP na variedade do interior paulista e, dessa forma, a hipótese se confirma, já que os verbos antecidos de verbos com marca de 3PP, como em (81.a), apresentaram alta frequência de marcação de plural (84,3%) e um PR consideravelmente superior às demais categorias (0,602), demonstrando que o fator correlaciona-se fortemente com marcação de plural nos verbos. Os verbos antecidos de verbos com marcas de 3PS, como se observa em (81.b), apresentaram baixa frequência de marcação de plural (27,6%) e PR muito inferior à categoria anterior (apenas 0,109), o que permite afirmar que tal contexto é altamente desfavorecedor da pluralização nos verbos. Para os contextos em que o verbo era o primeiro de uma série ou se apresentava isolado de outros verbos, como em (81.c), a frequência de aplicação foi de 75,8% e o PR foi de 0,508, o que não permite afirmar categoricamente se há ou não influência na marcação de plural dos verbos. Nesse caso, outros fatores, tanto sociais quanto linguísticos irão influenciar a “escolha” dos falantes.

(81.a) naquele ano foi uma situação bastante chata que foi para o noivo que até *os noivos* foram hospitalizados... na Santa Casa de Rio Preto... não **puderam** nem seguir para a lua-de-mel... **ficaram** ali hospitalizados mas felizmente num houve nada num houve óbito

(81.b) tem uma outra historinha... que ela fala que tinha... nessa fazenda... *meus avôs* fez um cercado... **fez** um pomar de:: jabuticaba... então... quando as jabuticabas nasciam... que estavam na época de colher... eles...ela tocava né... um... beRRANte...

[BDI-102-174]

(81.c) porque muitas vezes na separação... *os filhos* se **dividem**... éh:: um fica com uma avó outro fica com outro éh... (o restante) vai com uma tia ou com u:./ com uma outra irmã...

[BDI-102-351]

Os resultados para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo* confirmam o princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, visto que verbos com marca de plural de 3PP levam ao uso de verbos em 3PP nas orações subsequentes, e verbos sem marcas de 3PP (em 3PS) levam ao emprego de verbos em 3PS nas orações seguintes.

Embora esse grupo de fator não tenha sido selecionado para as amostras do PE, é possível notar, com base nas frequências, as mesmas tendências verificadas no PB, pois, os maiores percentuais de emprego de 3PP foram verificados na categoria *verbo anterior em 3PP*, e os menores percentuais foram verificados na categoria *verbo anterior em 3PS*. A categoria *verbo isolado ou primeiro de uma série*, também como no PB, apresentou frequência intermediária entre as outras duas.

Passemos, na subseção seguinte, a tratar do grupo de fatores *saliência fônica verbal*.

4.6.1.4. Saliência fônica verbal

Para o grupo de fatores *saliência fônica verbal*, semelhante ao que se verificou na investigação da CV de 1PP, tem-se a expectativa de que formas mais salientes de

plural, em relação às suas formas singulares, tendem a ser mais marcadas do que as formas plurais menos salientes, ou seja, oposições mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural.

Na tabela 46, apresentamos os resultados para esse grupo.

Tabela 46: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

VARIEDADE SAL. FÔNICA		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	Mínima	67,7 1.004/1.483	0,395	93,9 775/825	-
	Média	78,1 719/921	0,585	95,3 164/172	-
	Máxima	84,1 248/295	0,744	90,9 100/110	-

Como podemos observar, no PB, o aumento do nível de saliência fônica acompanha o aumento do percentual de uso de verbos com desinência de 3PP. Para os verbos em que a saliência fônica entre a forma plural e a singular é mínima, ou seja, casos em que não há grande distinção entre a desinência de 3PP e a de 3PS ((82)), a frequência de emprego de 3PP é de 67,7% e o PR é de 0,395. Há, portanto, desfavorecimento do uso de plural nesses contextos.

(82) e:: os funcionários de lá também são bons tem as *as faxinei::ras que...* que **cuida** [cuidam] da limpeza que tem três elas limpa todas as classes a esco::la

[BDI-036-294]

Para os níveis de saliência *médio* e *máximo* ((83.a) e (83.b), respectivamente), a frequência de aplicação é de 78,1% e 84,1% e os PRs são de 0,585 e de 0,744, o que confirma que o aumento gradual da saliência fônica leva também ao aumento gradual

do uso de formas verbais com desinência de 3PP e, além disso, demonstra que esses fatores atuam positivamente na marcação de plural nos verbos.

(83.a) lá tava muito frio depois começou ficar frio lá aí todos *os brinquedos* **pararam** [parou]
aí a gente começou ficar com medo

[BDI-036-54]

(83.b) tudo bem?... olha... e a pessoa que eu gosto... é uma pessoa dos cabelos... dos cabelos...
castanhos... castanho médio... *os olhos são* [é] castanho amendoim::... ela tem uma apa/
uma aparência ba::ixo

[BDI-035-274]

No PE, o grupo de fatores *saliência fônica verbal* não foi selecionado, entretanto apresentamos, a seguir, uma análise das frequências e das ocorrências observadas nas amostras, o que contribuirá para maior entendimento das especificidades dos contextos de CV variável no PE.

Chama a atenção o fato de a categoria *saliência máxima* ter apresentado percentual menor que as demais para o emprego de verbos em 3PP (90%). A hipótese, baseada em estudos do PB, era de que esse nível de saliência apresentasse o maior percentual de CV da amostra, o que, no entanto, não ocorreu. Em análise qualitativa das ocorrências com saliência máxima que não apresentaram verbos em 3PP (10 ocorrências) foi possível constatar que, em seu total, tratava-se de contextos com o verbos *ser*, como os apresentados abaixo em (84.a), (84.b) e (84.c).

(84.a) mas isso, felizmente *os incêndios do monte é* no verão, quando a gente vê o sol, não é, e quando há, quando há, às vezes uma pessoa se for a tempo apaga aquilo depressa.

[CRPC-863-2]

(84.b) : é. e depois há, há isto que, que parece-me, parece-me que tem importância, é que, dantes a farmácia era a farmácia oficina, on[de], onde ha(...), havia... como sabem... agora *os medicamentos* é quase tudo especializado

[CRPC-1082-20]

(84.c) *as picarias* é um género de touros só para curiosos, não, não é toureio, nem nada; largase um touro

[CRPC-784-14]

É possível notar, após o verbo no singular, a presença do predicativo também no singular, um contexto em que a própria gramática normativa admite variação na CV, conforme afirma Bechara (2001, p. 558): “em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo”.

Ainda em consideração ao grupo de fatores *saliência fônica*, é possível notar que 50, dos 68 casos de não pluralização verbal, apresentam nível mínimo de saliência, caracterizado pela desnasalização da forma verbal de plural ((85.a), (85.b) e (85.c). Soma-se a isso, o fato de 50% desses casos apresentarem sujeito em posição pós-verbal (25 ocorrências), conforme se pode verificar em (85.d) e (85.e).

(85.a) digamos, *colegas de escritório ou dum trabalho qualquer* **via**-as na rua.

[CRPC-1202-2]

(85.b) umas casas *que vende* selos de maneira que... comprando aos poucos, depois vou comprando, compro alguns, é claro que isso, isso é por, há aquelas marés de, de coleção

[CRPC-1308-4]

(85.c) lá lhes pedi, eles lá disseram que gostaram de algumas, *doutras* que não lhes **tinha** interessado grandemente, que as não tinham sentido, e o np também se pronunciou e eu perguntava porquê então, e ele disse: «também gostei, sou mau aluno, mas também gostei muito de poesia

[CRPC-093-4]

(85.d) agradava a todos, percebes?, **via**-se lá *madames* com, com brutas cabeleiras e, e oxigenadas, e não sei quê, até (...) hippies, e aqueles tipos armados em revolucionários,
[CRPC-1292-10]

(85.e) o império também nas ilhas também se faz, é uma espécie dum, dum onde **toca** as *bandas de música*, dum coreto
[CRPC-111-16]

Ao reunirmos as 10 ocorrências com o verbo *ser* e as 50 ocorrências de saliência mínima, restam apenas oito casos de ausência de plural nos contextos de 3PP, fora dos contextos restritos acima evidenciados. Por meio do cruzamento dos fatores *saliência fônica* e *posição do sujeito*, foi possível verificar que, desses oito casos, quatro apresentaram posposição do sujeito ((86.a) a (86.d)) e um, grande distanciamento do sujeito em relação ao verbo ((86.e)), contextos que desfavorecem o emprego do plural.

(86.a) Só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. e, **foi** *os tais casais* que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.
[CRPC-725-8]

(86.b) que eu estava deitada. coisa terrível! **abriu** *imensas fendas...* quer dizer, estes arranjos assim, mais ou menos aldrabados, são vestígios tudo desse tremor de terra.
[CRPC-79-9]

(86.c) de maneira que aqueles dez gajos são quase escolhidos assim um bocado ad hoc, percebes ? faz-se uma autocrítica, as pessoas dizem-te uma série de coisas, portanto, acerca delas, não sei quê não sei quê, que mais. e **vai**-se eliminando *peessoas*, vão, vão outras ficando assentes.
[CRPC-1333-9]

(86.d) isto ficou com os co(...), coberto de lodo e depois, quando **acabou** *as inundações*, o presidente da câmara mandou limpar isto tudo e quando andou aqui pessoal a limpar
[CRPC-964-3]

(86.e) sai tudo, quer dizer, e... há *clientes* que até dá gosto, pegam nisto, pegam naquilo, pegam no outro, põem tudo em cima do balcão, **faz** a conta e pronto; nem... descontos, nem... faça mais baratinho, nem... não há esses problemas,
[CRPC-75-3]

Somente as três ocorrências restantes não se encaixam nos contextos restritos de variação de CV do PE ((87.a-c)), todavia duas delas encontram-se na sequência e são pertencentes ao mesmo falante ((87.b) e (87.c)) .

(87.a) desse Sporting havia vários sócios (...) devido a *umas questões quaisquer* que não **foi** do meu tempo, resolvemos criar um outro clube

[CRPC-75, 1. 3]

(87.b) tem a sua solução agradável, porque nascem *as culturas de primavera* e não **vai** prejudicar as culturas de sequeiro.

[CRPC-79, 1. 3]

(87.c) já vai prejudicar as culturas de sequeiro, que os trigos já estão feitos e, e *as culturas de primavera* já não as **vai** beneficiar, porque já é bastante tarde.

[CRPC-79, 1. 3]

Apresentamos, na sequência, o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional*, relevante somente para as amostras do PB do interior paulista.

4.6.1.5. Paralelismo linguístico oracional

O grupo de fatores *paralelismo formal de nível oracional* foi proposto porque marcas formais existentes no sujeito tendem a se repetir também no verbo, aos moldes do que ocorre no paralelismo formal de nível discursivo, em uma sequência de verbos de mesmo sujeito. A expectativa é de que marcas formais de plural no sujeito sejam acompanhadas de marcas de plural nos verbos (desinências de 3PP) e, em oposição, a ausência de marcas de pluralização no sujeito leve à ausência de marcas no verbo subsequente (verbos em 3PS).

Para esse grupo de fatores, o total de ocorrências analisado foi de 2.176, já que não são consideradas as ocorrências de sujeito do tipo *desinencial*, como em (88), por não apresentarem um elemento formal em posição de sujeito.

- (88) se eles falassem alguma coisa... podia ter acontecido o pior né? mas num **reagiram** nada... pegaram pediu as coisa onde tinha os pertence eles falaram num deixaram nada

[BDI-067-65]

Seguem os resultados do paralelismo oracional na CV de 3PP no PB e no PE.

Tabela 47: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo linguístico oracional*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	PARAL. ORACIONAL				
	presença de plural no último elemento do SN sujeito	80,2 1.426/1.829	0,547	96,4 873/906	-
	ausência de plural no último elemento do SN sujeito	33,5 69/206	0,167	90 9/10	-
	presença de plural no último elemento de um SPrep	73,9 17/23	0,655	93,3 14/15	-
	ausência de plural no último elemento de um SPrep	57,8 37/64	0,402	90,7 39/43	-
	Numeral	71,4 21/30	0,574	90,9 10/11	-
Neutralização	79,2 19/24	0,502	100% 9/9	-	

Para o PB, o percentual da categoria *presença de marcas de plural no último elemento do SN-sujeito* (89.a) é de 80,2%, com PR de 0,547, para emprego de verbos em 3PP. Embora o valor do PR não exceda em muitos pontos o valor de 0,50, pela comparação desse valor (0,547) com os demais PRs do grupo de fatores, esse contexto pode ser considerado favorecedor da presença de marcas de plural nos verbos. A categoria *ausência da forma de plural no último elemento do SN-sujeito* (89.b) apresenta percentual de uso de verbos em 3PP de apenas 33,5% e PR de 0,167, valores

extremamente baixos, se comparados ao percentual e PR da categoria anterior, o que confirma que o fator favorece fortemente o uso de 3PS.

(89.a) *se essas pessoas **colocassem** um pouco mais de amor... carinho dentro do coração sabe?... não vamos nos cuidar... vamos dar as mãos e:: vamos seguir em frente a união faz a força*

[BDI-035-532]

(89.b) *as duas moto **ficou** quase em oitocentos reais a minha e a dele mas a dele do que a minha.*

[BDI-080-43]

Considerando a atuação dos fatores *presença* e *ausência da forma plural no último elemento inserido em um SPrep*, no PB, os resultados são semelhantes aos apresentados anteriormente, com percentuais e PRs superiores nas ocorrências em que há a presença da forma plural no último elemento do SN inserido em um SPrep, como em (90.a), e inferiores nas ocorrências em que há a ausência da forma plural, como em (90.b), no entanto, com frequências e PRs de menor discrepância entre presença (73,9% e PR 0,655) e ausência (57,8% e PR 0,402) da forma de plural no último elemento do SN inserido em um SPrep, quando comparada à discrepância verificada entre o par anterior. Esse resultado pode ser justificado pela influência do SPrep dentro da estrutura do sujeito, o que faz com que o distanciamento maior do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo desfavoreça a aplicação de CV de 3PP. Ao fazer uso dessa forma, o falante nem sempre realiza a concordância com o núcleo do sujeito, mas com núcleo do SN imediatamente próximo, seja ele singular ou plural. Pela comparação dos PRs evidenciados para essas duas categorias, fica claro que a presença de um elemento plural no último elemento inserido em um SPrep favorece o emprego de verbos em 3PP, e a ausência desse elemento desfavorece o uso de formas de 3PS.

(90.a) o sinal de zap que seria as manilhas preta que seria de paus né? *todas as manilhas de paus **seriam*** o zap... que seria dar o/ tem vários sinal mas (inint.) pis/ o piscar né? que seria o sinal do zap e tem a sete copa.

[BDI-067-286]

(90.b) *as mulheres da secretaria **vai*** lá prá:: matrícula coisa de RG éh:: essas coisas tem a diretora que fica na sala dela que também é boa

[BDI-037-300]

As ocorrências que apresentam *numeral* em posição de sujeito, como verificada em (91), apresentaram um percentual intermediário dentre os apresentados pelos fatores acima (71,4% e PR 0,574), o que pode ser explicado pelas características dessa categoria, já que, apesar de alguns numerais apresentarem terminação em ‘s’, esta não é considerada uma marca que diferencia uma forma singular de uma forma plural.

(91) tomei a direção não que seja melhor dos outros dois meus irmãos que *os dois **tão*** na mão de funcionário não daria certo

[BDI-067-75]

Mesmo que optássemos pela diferenciação dos numerais terminados em ‘s’ (92.a) e dos não terminados em ‘s’ (92.b), o número reduzido de ocorrências com numerais não terminados em ‘s’, inviabilizaria a distinção. Dessa forma, procedemos à amalgamação dos casos sob o rótulo de *numerais*, decisão metodológica, porém, que não impede que se observe, pelo PR verificado (0,574), que os numerais em posição de sujeito favorecem a emprego de 3PP.

(92.a) a vaga era pra uma pessoa mas das três pessoas *duas **foram*** consideradas aptas

[AC-114-47]

(92.b) pra num ter perigo de roubar né?... acho que tinha:... treze computador que funciona::va... vinte computador acho que *sete* num **funcionava** né?...

[BDI-115-300]

Conquanto os casos de neutralização, como observado em (93), apresentem frequência de CV acima da média (79,2%) e PR de 0,502, não devemos considerá-los na análise como casos em que há tendência à realização da concordância devido à presença de “s” no último elemento do SN-sujeito, pois são contextos em que não se é possível detectar se há ou não a presença da forma plural no último elemento do sujeito. Na ocorrência a seguir, não é possível certificar a presença ou ausência da marca de plural no último elemento do SN-sujeito (*filho(s)*), pois, segue-se a ele um advérbio iniciado pela consoante ‘s’ (*sempre*).

(93) a gente *os filho(s)* sempre **acaba** sofrendo né por ver aquilo... meu pai não posava em ca::sa coisa que... e naquela época eu era muito criança

[BDI-038-14]

No PE, o grupo de fatores *paralelismo oracional* não foi selecionado, entretanto, de maneira menos contundente, podemos notar as mesmas tendências evidenciadas no PB do interior paulista, com maiores frequências de emprego de 3PP nos contextos *presença de plural no último elemento do SN-sujeito* e *presença de plural no último elemento de um SPrep* (96,4% e 93,3% de emprego de 3PP, respectivamente) e, em oposição, menores frequências nos contextos *ausência de plural no último elemento do SN-sujeito* e *ausência de plural no último elemento de um SPrep inserido no SN-sujeito* (90% e 90,7% de emprego de 3PP, respectivamente).

Tratamos, em seguida, do grupo de fator *tipo estrutural de sujeito*, selecionado na amostra do PE.

4.6.1.6. Tipo estrutural de sujeito

O controle do grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* é proposto para verificação da hipótese de que características presentes em alguns tipos de sujeito podem influenciar a CV. A análise dos fatores desse grupo permite confirmar se sujeitos pronominais, por exemplo, são propensos ou não a atuarem na manifestação da CV.

A seguir, apresentamos os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 48: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tipo estrutural de sujeito*

VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	TIPO ESTR. DE SUJ.				
	pronome pessoal	83,5 764/915	-	99,4 179/180	0,807
	oculto ou desinencial	73,8 456/618	-	96,9 281/290	0,566
	Composto (núcleo adjacente singular)	40,6 26/64	-	85 6/7	0,312
	composto (núcleo adjacente no plural)	71,4 15/21	-	100 9/9	0,830
	pronome relativo	66,5 216/325	-	95,7 225/235	0,447
	Quantificador	56,7 17/30	-	92,3 12/13	0,381
	SN-pleno simples	64 418/653	-	89,1 286/321	0,348
	pronome indefinido ou demonstrativo	82 41/50	-	84,2 32/38	0,203
SN-pleno nu	76,9 10/13	-	70,6 12/17	0,186	

Nas amostras do PE, as características evidenciadas na estruturação dos sujeitos influenciam a CV de 3PP, pois podemos observar, na tabela, diferenças significativas de percentuais e de PRs entre as variantes desse grupo. Destacamos a discrepância considerável de quase 30 pontos percentuais de frequência e um range de 0,621 entre a categoria que apresentou menor frequência (*SN-pleno nu*), como em (92.b), e a

categoria com maior frequência de CV (*pronome pessoal*), como em (94.a). Essa última, inclusive, apresentou quase categoricidade no emprego de verbos em 3PP, com frequência de 99,4% (uma ocorrência apenas de uso de 3PS (94.d)) e PR de 0,807, o que demonstra que ela é fortemente favorecedora da pluralização verbal. Semelhantemente, a categoria *sujeito oculto ou desinencial*, conforme se observa em (94.c), mostrou-se como favorecedora do uso de verbos em 3PP, haja vista ter apresentado frequência de 96,9% e PR de 0,566.

(94.a) com molhos lá ao modo deles, *eles gostam*, principalmente a gente damos aqui um cabrito que eles adoram, limpam até o pãozinho com... o pão limpam com, no prato aquele molhozinho do pão.

[CRPC-041, l. 2]

(94.b) pois, minha senhora, *vinha capitães*, vinha tudo aflito.

[CRPC-149, l. 10]

(94.c) mas é que no meu tempo - agora já não, está tudo muito; (...) os catecismos, a gente dá os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler - mas no meu tempo as **crianças** ainda eram muito pequenas, não **sabiam**.

[CRPC-031, l. 20]

(94.d) mesma coisa. só há, a, as raparigas então ao domingo é que elas... *elas...* lá na cozinha **faz** o jantar

[CRPC-1055-90]

O PR de 0,830, verificado na categoria *sujeito composto com núcleo adjacente ao verbo no plural* (95.a), aponta que essa categoria é favorecedora do emprego de plural nos verbos. Em contrapartida, a categoria *sujeito composto com núcleo adjacente no singular* (95.b) revelou-se como desfavorecedora do emprego de 3PP, com frequência de 85% e PR de 0,312. A categoria *quantificador* (95.c) (92,3%), por sua vez, exibiu PR de 0,381, valor que sugere que o contexto desfavorece o uso de 3PP.

(95.a) tudo muito bem; quando *o tabaco e os fósforos acabaram*, já se viu mais apertado com eles... chegou então à beira duma povoação chamada (...) e foi então lá fazer levantar o taberneiro às três da manhã e, e comprou tabaco e fósforos

[CRPC-785-22]

(95.b) é só praticamente... *ginástica e ténis de mesa* é só os únicos desportos que eles praticam. nós lá em cima não, praticamos todos

[CRPC-785-12]

(95.c) agora veja se por exemplo esses sessenta mil operários, que só *trinta mil fossem* casados, portanto eram mais trinta mil pessoas, depois desses trinta mil que só quinze mil tivessem dois, dois filhos que é o, normalmente é o que se tem, portanto eram mais trinta mil pessoas

[CRPC-135- 2]

Retomando, nesse momento, Naro (2003), é importante verificar não somente se o PR do contexto observado ultrapassa ou não o valor de 0,5, mas também se ele, face aos demais, pode ser considerado como favorecedor de uma variante ou de outra. Partindo do extremo inferior da tabela 48, é possível verificar que sujeitos do tipo *SN-pleno nu* são desfavorecedores do emprego de verbos em 3PP, pois apresentam a menor frequência e PR de todos os contextos observados (70,6% e 0,186). Da mesma forma, sujeitos representados por pronomes indefinidos ou demonstrativos, como em (96.a), apresentaram frequência de 84,2% e PR de 0,203, que superaram somente os valores da categoria anterior, ou seja, comparada às demais categorias, essa categoria também tende a desfavorecer a CV de 3PP, juntamente com a categoria *SN-pleno simples* (96.b), que, embora apresentasse frequência e PR pouco maior (89,1% e PR de 0,348), se equiparada às categorias *pronome pessoal* e *sujeito oculto o desinencial*, também é desfavorecedora do uso de verbos em 3PP junto a sujeitos de 3PP.

(96.a) e há aquele género de, de rapazes que não fazem absolutamente nada, vivem à custa dos pais - e *alguns* já **são** grandes - e eu conheço exemplos e conhece(...), e conheço-os a eles... eu não concordo. levam uma vida de café e não fazem mais nada,

[CRPC-832-9]

(96.b) só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. e, **foi** *os tais casais* que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.

[CRPC-711-2]

Em posição intermediária estão os contextos com pronomes relativos, como em (97), que, em nossa concepção, ainda que exibam frequência de 95,7% e PR pouco abaixo de 0,5 (0,447), podem ser analisados, como neutros ou sem favorecimento de uma ou outra variante dependente no processo de variação.

(97) e especialmente no nosso país escasseiam precisamente essas... escolas técnicas *que existem* noutros países e que aqui não se consegue nada e a formação, tirando o ensino médio, ou o ensino liceal, curso comercial, praticamente, tecnicamente, e tecnicamente não há qualquer escola

[CRPC-476-2]

Não é demais chamar a atenção para o baixo número de ocorrências de algumas categorias, como *sujeito composto com núcleo adjacente ao verbo no singular e com núcleo adjacente ao verbo no plural* (7 e 9 ocorrências, respectivamente), *quantificador* (13 ocorrências) e *SN-pleno nu* (17 ocorrências), o que sugere que os resultados apresentados para esses contextos sejam observados com ponderação. No intento de justificar as tendências exibidas para algumas categorias, retomaremos essas observações mais abaixo.

O contexto em que se verifica o pronome de 3PP (*eles/elas*) como sujeito denota tendência semi-categórica ao emprego de 3PP, justificada pelas características desse contexto, dentre elas, o fato de a representação de plural no sujeito, nesse contexto, estar

presente em um único elemento, como se observa na ocorrência (98.a). A não ocorrência de posposição desse tipo de sujeito em relação ao verbo também pode contribuir para a tendência apresentada, pois essa posição é comum a outros contextos, como os de sujeito do tipo *SN-pleno simples* e *SN-pleno nu*, verificados em (98.b-c), e se mostrou extremamente propensa ao emprego de formas verbais de 3PS, conforme já constatado. As categorias de sujeito que se apresentaram como de menor tendência ao uso dos verbos em 3PP, inclusive, são passíveis de apresentar posposição do sujeito, o que influenciou sobremaneira a diminuição da frequência. Essa característica foi verificada como muito recorrente para a categoria *SN-pleno nu* (98.c-d) (12, das dezessete ocorrências), que demonstrou, não por coincidência, também ser a mais propensa ao uso de 3PS.

(98.a) acerca dum medicamento novo que *eles lançaram* era um, um calmante que *eles lançaram*. e, e eu sou capaz de não errar se disser que dez por cento dos medicamentos que vendo são calmantes

[CRPC-1082-60]

(98.b) quando tinha vagar, portanto normalmente antes de me deitar... ou *falhava-me os dedos*, ou *falhava-me o sopro*, ou *falhava-me aquilo*.

[CRPC-710-8]

(98.c) as pessoas dizem-te uma série de coisas, portanto, acerca delas, não sei quê não sei quê, que mais. e *vai-se eliminando pessoas*, vão, vão outras ficando assentes.

[CRPC-1230-12]

(98.d) olha, deixa, espera lá, *deve vir aí meninas* a comprar qualquer coisa - e eu estava à hora do almoço a cozinhar

[CRPC-1292-2]

Em relação aos sujeitos do tipo *oculto ou desinencial*, em confirmação ao que já fora afirmado para a CV de 1PP, a propensão maior à pluralização verbal pode ser justificada pela falta de referente explícito de 3PP nos sujeitos, o que leva a maior

necessidade de marcação de plural nos verbos, nesses contextos, único elemento a receber marca número-pessoal na oração, como se pode observar na ocorrência (99.a). Os verbos em 3PS, conforme já mencionado, podem ocasionar ambiguidade, por serem usados em conjunto com ampla gama de pronomes pessoais, nas variedades não padrão, como se verifica com a mudança de verbo em 3PP da ocorrência (99.b) para verbo em 3PS, em (99.c).

(99.a) que já ninguém quer viver nos montes. ora pois se *eles* têm as aldeias, onde **podem** ver a televisão à noite **podem** conviver com, com as outras pessoas,

[CRPC-673, l. 5]

(99.b) a mulherzinha da limpeza andava lá no trabalho dela, e *os soldados* depois entravam e **saíam** com as botas sujas e não sei... e, se mais coisas sujas - calças e tudo! - **salpicavam** aquilo tudo, e então a... um dos s(...) um deles, ou o np, ou lá um dos camaradas, disse para os soldados, lá para um dos soldados:

[CRPC-1071, l. 2]

*/(99.c) a mulherzinha da limpeza andava lá no trabalho dela, e os soldados depois entravam e **saía** com as botas sujas e não sei... e, se mais coisas sujas - calças e tudo! - **salpicava** aquilo tudo, e então a... um dos s(...) um deles, ou o , ou lá um dos camaradas, disse para os soldados, lá para um dos soldados:

[CRPC-793, l. 12]

Em (99.c), a mudança dos verbos com sujeito do tipo *oculto ou desinencial* para 3PS ocasiona a ambiguidade de referente, principalmente no último contexto, da forma verbal *salpica*, que pode apresentar como referente *mulherzinha da limpeza* ou *soldados*. Nesses casos, é comum que os falantes optem pelo uso de 3PP.

O grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* não foi selecionado como relevante para as amostras do PB, entretanto é importante frisar que algumas categorias apresentaram frequências de pluralização com as mesmas tendências da amostra do PE. A categoria de sujeito do tipo *pronome pessoal*, no PB, exibiu frequências mais

elevadas do que a média da amostra (83,5%), como ocorreu também na variedade portuguesa. Do mesmo modo, os sujeitos compostos com núcleo adjacente ao verbo no singular e os sujeito do tipo *SN-pleno simples* e *SN-pleno nu* exibiram baixa frequência de emprego de 3PP (40% e 64%, respectivamente), o que ocorreu também no PE (89,1% e 70,6%, respectivamente, considerando uma média de mais de 94% de uso de 3PP na média). Algumas outras categorias, porém, não apresentaram tendências semelhantes, como a categoria *pronome indefinido* ou *demonstrativo*, que na amostra do PE se revelou desfavorecedora do emprego de 3PP e na amostra brasileira apresentou frequência de pluralização acima da média.

Como já apresentado, os fatores sociais considerados nesta pesquisa revelaram-se relevantes apenas para as amostras do PB. Em seguida, passamos a exibir os resultados para cada um desses fatores, iniciando-se pelo fator *nível de escolarização dos informantes*.

4.6.1.7. Escolaridade

Em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, considerado mais relevante no processo de CV variável de 3PP no PB, as premissas são as já apresentadas para os fenômenos variáveis relacionados à 1PP do discurso, ou seja, há expectativa de que falantes com menores níveis de escolarização, por possuírem menor contato com a variante padrão (verbos em 3PP) presente no ambiente escolar, tendam mais ao uso da variante não padrão (verbos em 3PS). Em contrapartida, falantes com mais anos de escolarização apresentariam maior frequência de uso da forma normativa.

A elevação substancial do uso da forma padrão associada ao aumento do nível de escolarização pode apontar desprestígio da forma não padrão e, por consequência prestígio da variante padrão. Vejamos os resultados referentes a esse grupo de fatores.

Tabela 49: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

ESCOLARIDADE \ VARIEDADE		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	Faixa 1 (1 a 4 anos)	52,1 241/463	0,224	91,9 329/358	-
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	65,6 489/745	0,407	93,9 184/196	-
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	77 465/604	0,519	93,7 222/237	-
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	87,5 776/887	0,713	96,2 304/316	-

Considerando os percentuais e os PRs apresentados, confirmamos totalmente a hipótese clássica da atuação da variável *escolaridade* sobre fenômenos variáveis, já que tanto a frequência quanto o PR crescem gradativamente em acordo com aumento do nível de escolaridade dos informantes. Ocorrências de informantes com maior escolarização (12 ou mais anos) demonstram maiores percentuais e PRs relativos para uso de verbos em 3PP (87,5% e PR 0,713), aos quais se seguem, ordenadamente, os índices de informantes da faixa 3 (9 a 11anos) (77% e PR de 0,519), os de informantes da faixa 2 (5 a 8 anos) (65,6% e PR de 0,407) e, por fim, os de informantes de mais baixo nível de escolaridade, da faixa 1 (1 a 4 anos de escolarização) (52,1% e PR de 0,224). Assim, também para a comunidade de fala do interior paulista, confirma-se a premissa de que quanto maior o nível de escolaridade maior a probabilidade de aplicação da regra de CV de 3PP. Entre informantes da faixa 1 e da faixa 4, há uma diferença de mais de 35 pontos percentuais, o que demonstra haver rejeição da forma

não padrão, *verbos em 3PS*, forte indício de que a forma é estigmatizada por determinados estratos sociais da comunidade. Em oposição, a propensão de uso da forma padrão, *verbos em 3PP*, por falantes mais escolarizados revela também que essa forma é a prestigiada. Para total validade dessas afirmações, torna-se necessária a consideração dos outros fatores sociais envolvidos no processo de variação e também selecionados estatisticamente.

Em relação aos percentuais de emprego de 3PP exibidos pelas diferentes faixas de escolaridade no PE, é possível verificar diferença de pouco mais de 4 pontos entre a faixa de menor escolaridade (*1 a 4 anos*) (91,9%) e a faixa de maior escolaridade (*12 ou mais anos*) (96,2%), o que sugere, mesmo que discretamente, a influência positiva da escola no emprego da variante padrão. As faixas intermediárias de escolaridade (*5 a 8 anos* e *9 a 11 anos*) tiveram também patamares intermediários de CV (93,9% e 93,7%), ficando entre as faixas de menor e maior escolaridade.

4.6.1.8. Faixa etária

O grupo de fatores faixa etária do informante é controlado, conforme já mencionado, para a verificação da implementação do fenômeno variável no estrato social (WEINREICH, LABOV E HEROG, 2006), pela observação de informantes de diferentes idades que, por consequência, pelo princípio do tempo aparente, refletirão a língua falada em diferentes épocas.

Assim, grandes contrastes verificados entre os informantes mais jovens e de maior idade indiciam mudança em direção a uma das variantes. Por outro lado, comportamento uniforme das faixas etárias em relação ao fenômeno é indício de um

fenômeno variável relativamente estabilizado na comunidade. Vejamos os resultados para esse grupo de fatores na tabela seguinte.

Tabela 50: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

VARIEDADE FAIXA ETÁRIA		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	16 a 25 anos	75,1 405/539	0,466	93,4 185/198	-
	26 a 35 anos	68,5 387/565	0,416	93,9 275/293	-
	36 a 55 anos	75,3 584/776	0,552	94 487/518	-
	mais de 55 anos	72,6 595/819	0,530	93,9 92/98	-

Conforme evidenciado, há relativa uniformidade entre as faixas etárias consideradas, com apenas 2,5 pontos percentuais separando a faixa de maior idade (72,6%) da faixa de menor idade (75,1%), o que sugere que o fenômeno variável provavelmente não sofrerá grandes alterações nas próximas gerações e, ainda, que se trata de uma variação relativamente estável. Baseados em uma visão dicotômica dos PRs, seria possível afirmar que as faixas de maior idade (36 a 55 anos e mais de 55 anos) se apresentam como mantenedoras da forma conservadora (verbos em 3PP), com PRs de 0,530 e 0,552, e as faixas de menor idade (16 a 25 anos e 26 a 35 anos) demonstram ser propulsoras da forma inovadora (verbos em 3PS), com PRs de 0,446 e 0,416. Entretanto, uma observação mais acautelada revela não haver também entre esses PRs diferença maior do que um décimo e meio. Não obstante as duas se situem acima de 0,5 e as outras duas, abaixo desse valor.

Destaque deve ser dado apenas para o comportamento da faixa de informantes de 26 a 35 anos, que, diferente das demais, apresenta percentual inferior a 70% (68,5%) e PR de 0,416.

Relativamente aos resultados exibidos no PE para o grupo de fatores *faixa etária*, os percentuais de grande semelhança (93,4%, 93,9%, 94% e 93,9%, respectivamente, partindo da faixa de menor idade para a de maior idade) confirmam a validade da não seleção desse fator no processo de variação e a homogeneidade de comportamento dos informantes da amostra em relação a ele.

O último grupo de fator de que trataremos é a variável *gênero do informante*, que foi selecionada também somente para a amostra do PB.

4.6.1.9. Gênero

Para o grupo de fatores *gênero*, há a expectativa de que as mulheres apresentem maior emprego de verbos em 3PP do que os homens, se a forma inovadora e não padrão se confirmar como estigmatizada na comunidade, o que previamente já se revela como verdadeiro pela consideração dos resultados relativos à influência da *escolaridade* no processo de variação. Abaixo, seguem os resultados da atuação do gênero sobre a CV de 3PP para o PB.

Tabela 51: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

GÊNERO		P. BRASILEIRO – IBORUNA		P. EUROPEU – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV DE 3PP	Masculino	70 908/1.284	0,469	92,9 560/603	-
	Feminino	75,1 1.063/1.415	0,528	95 479/504	-

Os resultados para a estratificação das amostras em relação ao gênero do informante evidenciam a confirmação da expectativa de que as mulheres tendem mais ao emprego de verbos em 3PP junto de sujeitos de 3PP do que os homens, todavia a

diferença exibida é modesta, próxima dos cinco pontos percentuais em favor de informantes do gênero feminino (75,1%, contra 70% dos informantes do gênero masculino), e com PRs bastante próximos (0,528 na amostra feminina, contra 0,469 na amostra masculina).

O maior favorecimento de informantes do gênero feminino ao emprego da variante padrão (verbos em 3PP), aliado aos resultados observados na seção que trata da variável *escolaridade* no fenômeno variável de CV de 3PP, que indicaram forte tendência à elevação do emprego da forma de 3PP ligada diretamente ao aumento dos anos de escolarização dos informantes, ratificam o rótulo de variante prestigiada na comunidade à variante padrão, verbos em 3PP e, por consequência, o rótulo de variante estigmatizada à variante não padrão, verbos em 3PS.

Com base na semelhança de comportamento verificada nas diferentes faixas etárias consideradas e com base na constatação de que a variante inovadora é estigmatizada pelos mais escolarizados e por representantes do gênero feminino, parece haver possibilidade restrita de mudança em direção à variante inovadora, verbos em 3PS no PB do interior paulista.

No PE, assim como verificado para o fator *escolaridade*, a diferença de percentual entre falantes do gênero masculino e do gênero feminino foi pequena, chegando a pouco mais de três pontos percentuais (92,9% de emprego de verbos em 3PP para homens e 95%, para mulheres), porém não se pode deixar de notar o maior emprego da forma de CV padrão por parte das mulheres, conforme hipótese geral e conforme se evidenciou nos outros fenômenos investigados em que a forma inovadora era estigmatizada.

Retomando alguns resultados, temos, para a variação de CV de 3PP no PE, apenas três fatores selecionados como relevantes, o que pode ser justificado

previamente pela alta frequência de pluralização verbal (93,9%), ou, em outros termos, pela baixa frequência de variação.

A consideração dos três fatores selecionados revelou que os contextos em que a variação se dá de forma mais explícita são restritos, cabendo aos outros contextos um processo semicategórico de emprego de 3PP, com percentuais que superam os 95%.

Em relação ao grupo de fatores *posição do sujeito*, a variação ocorre de forma mais efetiva somente nos contextos de posposição do sujeito, com percentuais que realmente indicam fenômeno variável.

Para o grupo *traço semântico do sujeito*, somente os contextos de sujeitos com traço [- *humano*] apresentaram-se como passíveis de variação, por apresentarem percentuais abaixo de 92%, pois o contexto com sujeitos de traço [+ *humano*], por seu elevado percentual, mostrou-se como semicategórico em relação ao emprego de verbos em 3PP.

Nos contextos considerados para o grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito*, o fenômeno de variação ficou restrito aos sujeitos do tipo *SN-pleno simples, pronome indefinido ou demonstrativo e composto com núcleo adjacente ao verbo no singular*, já que os sujeitos do tipo *pronome pessoal, oculto ou desinencial e pronome relativo* também apresentaram CV de 3PP semicategórica, e os sujeitos do tipo *quantificador e SN-pleno nu* exibiram número de ocorrências que restringe a análise.

Associada a essas constatações, temos ainda a não seleção de nenhuma das variáveis sociais consideradas, com percentuais muito semelhantes para todos os estratos sociais analisados, o que, neste contexto, determina a impossibilidade de ampliação da frequência de emprego da variante inovadora, *verbos em 3PS*, pois nenhum dos estratos sociais demonstra ser precursor da mudança. Além disso, a igualdade de percentuais, principalmente verificada em relação aos fatores *gênero e*

escolaridade, denota não haver estigma em relação à variante inovadora, que também é não padrão, por serem específicos os contextos em que se verifica o seu emprego.

Com base nas evidências acima apresentadas, reiteramos que a CV de 3PP no PE é um fenômeno semicategórico, que apresenta variação mais ampla somente em contextos específicos, como são os contextos de posposição do sujeito e de emprego da cópula com o verbo *ser* e os contextos de saliência mínima, nos quais as formas de plural e singular se diferenciam apenas pela nasalização da vogal final.

CONCLUSÕES

A discussão empreendida ao longo desta tese permitiu a confirmação da ocorrência de fenômenos variáveis, de maior ou menor amplitude, desde a primeira pessoa do singular até a terceira pessoa do plural. Por meio da pesquisa bibliográfica, da observação de nossos *corpora* e da análise estatística foi possível detectar variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular, na alternância pronominal de segunda pessoa do singular e na concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome *tu*, na concordância verbal de terceira pessoa do singular, na alternância pronominal de primeira pessoa do plural, na concordância verbal de primeira pessoa do plural com os pronomes *nós* e *a gente*, na alternância pronominal de segunda pessoa do plural, na concordância verbal de segunda pessoa do plural e na concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Atestamos que as variedades do português europeu, assim como as variedades do português brasileiro, também apresentam fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal, ainda que não possuam exatamente as mesmas características dos fenômenos das variedades presentes no Brasil.

Retomamos aqui os principais resultados apresentados para os fenômenos analisados quantitativamente e qualitativamente (a alternância pronominal de primeira pessoa do plural, a concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós* e com *a gente* e a concordância verbal de terceira pessoa do plural), para elaborarmos nossas considerações finais a respeito das variedades investigadas na pesquisa.

Em relação à **alternância pronominal de primeira pessoa do plural**, com base nos *corpora* do português brasileiro e do português europeu, foi possível verificar que o fenômeno ocorre nas duas variedades, mas, no português brasileiro do interior paulista,

há a predominância da forma *a gente* e, no português europeu, predomina o pronome padrão, *nós*. Na comparação com resultados obtidos para outras variedades do português brasileiro, constatamos, na maioria dos trabalhos, a predominância da forma *a gente* sobre a forma *nós*, o que demonstra que o processo de variação encontra-se em diferentes estágios no português brasileiro e no português europeu, mais avançado naquele e menos neste.

A diferença entre o português brasileiro do interior paulista e o português europeu não se restringe somente às discrepâncias de percentuais de emprego das formas em concorrência, pois diferentes grupos de fatores se mostraram atuantes nos processos variáveis, com seis atuando no português brasileiro do interior paulista, quatro linguísticos (*paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*) e dois extralinguísticos (*escolaridade* e *faixa etária*), e apenas três, no português europeu, um linguístico (*paralelismo discursivo*) e dois extralinguísticos (*escolaridade* e *gênero*).

O *paralelismo discursivo* foi o único fator linguístico apontado como relevante nas duas amostras investigadas, com uma atuação de tendências bastantes semelhantes em ambas as variedades. Os contextos antecidos do pronome *nós* ou de formas verbais em primeira pessoa do plural demonstraram ser favorecedores do emprego do pronome *nós* e os contextos antecidos do pronome *a gente* ou de formas verbais em terceira pessoa do singular revelaram-se favorecedores do pronome *a gente*.

No português brasileiro do interior paulista, o grupo de fatores *saliência fônica verbal* permitiu a confirmação de que alguns contextos como os de *saliência mínima* e *saliência esdrúxula* favorecem o emprego da forma não padrão, *a gente*, e, em contrapartida, os níveis *saliência média* e *saliência máxima* contribuem para o emprego da forma padrão, *nós*. Devemos salientar, entretanto, a relação, no português brasileiro,

entre os contextos variáveis desse grupo de fatores e os do grupo *tempo e modo verbal*. No português europeu, a não seleção da variável *saliência fônica* e a seleção da variável *tempo e modo verbal* revela configuração diferente do fenômeno na variedade europeia.

Em relação à atuação da variável *grau de determinação do sujeito*, confirmamos, para a amostra brasileira, a hipótese de preferência de uso da forma *a gente*, para referência a sujeitos genéricos, e da forma *nós*, para referência a sujeitos específicos e definidos. Por outro lado, para o português europeu, embora essa variável não tenha sido selecionada, as frequências revelaram maior emprego da forma *a gente* para referência a sujeitos definidos e específicos e maior uso do pronome *nós* para sujeitos de referente genérico e indefinido.

Condizente com as hipóteses apresentadas na fundamentação teórica, o controle do grupo de fatores *tempo e modo verbal* revelou que, no português brasileiro, a forma *nós* tem seu uso mais vinculado a formas verbais do pretérito perfeito do indicativo e a forma *a gente*, a formas do presente do indicativo. Como mencionado na análise dos resultados, o grupo de fatores *saliência fônica* apresenta contextos variáveis que se relacionam diretamente com os contextos do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, pois, conforme vimos, verbos no pretérito perfeito do indicativo possuem maiores níveis de *saliência (nível médio e máximo)*, que, por sua vez, levam ao maior emprego da forma conservadora *nós*. Em contrapartida, verbos no presente apresentam nível de *saliência mínima e máxima (máxima somente para o verbo ser)*, podendo ou não contribuir, para o emprego da forma inovadora, *a gente*. Não é demais lembrar nessas conclusões que os diferentes níveis de *saliência fônica verbal* promovem também diferentes influências na concordância de primeira e terceira pessoa do plural. No português europeu grupo de fatores não foi selecionado como relevante na alternância pronominal. As categorias *pretérito perfeito do indicativo* e *presente do indicativo* e

subjuntivo apresentaram praticamente as mesmas frequências de emprego dos pronomes alternantes.

Levando-se em consideração algumas variáveis formais, como *paralelismo discursivo*, as amostras apresentam comportamento com tendências semelhantes, porém, considerando-se variáveis linguísticas funcionais, como *traço semântico do sujeito* e *tempo e modo verbal*, há diferença considerável de comportamento em cada um dos contextos variáveis, o que sugere que o fenômeno variável se sujeita às mesmas “pressões” formais, ainda que os pronomes exerçam funções diferentes em cada uma das variedades.

A estratificação dos informantes por anos de escolarização, no português brasileiro, permitiu verificar comportamento semelhante, em relação à alternância pronominal de primeira pessoa do plural, de informantes de diferentes faixas de escolaridade (*1 a 4 anos e mais de 12 anos de escolarização*), com tendência maior ao emprego da forma conservadora *nós* do que das outras faixas de escolaridade (*5 a 8 anos e 9 a 11 anos de escolarização*), o que aponta estabilidade em relação ao fenômeno variável considerado. A observação desse resultado, em conjunto com os resultados obtidos para a concordância verbal de primeira pessoa do plural, permitiu constatar que a possível semelhança de comportamento de faixas escolares tão distintas não se confirmou para o fenômeno da concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós*, de que trataremos adiante.

Na amostra do português europeu, os resultados para o fator *escolaridade* revelaram maior tendência ao uso da forma inovadora, *a gente*, somente entre os falantes com menor nível de escolaridade (1 a 4 anos), já que as outras faixas escolares apresentaram propensão ao emprego da forma conservadora *nós*. Esses resultados

apontam que os anos de escolarização são importantes para a manutenção da forma padrão, conservadora, *nós*.

Em relação à atuação do fator social *faixa etária*, na amostra brasileira, observamos tendência de aumento do emprego da forma inovadora nas faixas etárias mais jovens, o que denota implementação de *a gente* sobre *nós*, por processo de sucessão geracional. No português europeu, o fator faixa etária não foi selecionado como relevante, entretanto os resultados apontam maiores frequências de emprego da forma pronominal padrão, *nós*, por parte das gerações de menor idade.

A consideração dos resultados para a atuação do fator *gênero* no fenômeno variável de alternância pronominal no português europeu permitiu verificar grande discrepância entre homens e mulheres, com grande inclinação masculina ao emprego de *a gente* e feminina, ao emprego de *nós*.

Os resultados da influência do fator *gênero*, em conjunto com os resultados da influência do fator *escolarização* na alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu, revelam que o pronome *a gente* é estigmatizado na comunidade da variedade portuguesa, já que informantes do gênero feminino e informantes de maior escolarização tendem a evitar o emprego da forma inovadora, *a gente*, optando pelo emprego da forma conservadora, *nós*.

No português brasileiro, o fator *gênero* não foi selecionado e as frequências apontam comportamento bastante semelhante entre homens e mulheres no emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, constatação que, aliada ao comportamento semelhante dos mais escolarizados e dos menos escolarizados para o mesmo fenômeno, denota que não há estigma da variante não padrão, *a gente*.

Além disso, a maior propensão de uso da forma inovadora por parte dos falantes mais jovens, atrelada à constatação de prestígio dessa forma, demonstra ocorrer na

comunidade do interior paulista um processo de mudança em progresso, com a elevação da frequência de uso da variante inovadora *a gente* e consequente diminuição de emprego da variante conservadora *nós*.

No português europeu, os resultados para os grupos de fatores sociais *escolaridade* e *gênero*, que apontam desfavorecimento da forma inovadora pelos mais escolarizados e pelas mulheres, além da não seleção do fator *faixa etária* pelo programa estatístico *GOLDVARB*, permitem interpretar que não há mudança em progresso em relação ao fenômeno da alternância pronominal de primeira pessoa do plural. Contrariamente a isso, no fenômeno variável de alternância pronominal no português europeu, há variação estável, com tendência ao predomínio da forma padrão *nós* sobre a forma não padrão *a gente*.

Referente à **concordância verbal de primeira pessoa do plural**, investigamos dois processos variáveis, emprego de verbos em primeira pessoa do plural e em terceira pessoa do singular com a forma *a gente* e emprego de verbos em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular com o pronome *nós*.

A **concordância verbal de primeira pessoa do plural com a forma pronominal *nós*** somente se revelou fenômeno variável no português brasileiro do interior paulista, visto, nas amostras do português europeu, ter se verificado emprego categórico de formas verbais de primeira pessoa do plural.

Os resultados gerais observados em outras variedades do português brasileiro revelam que a variação, mesmo que não ocorra no português europeu, é amplamente observada no Brasil. Nas amostras de fala do interior paulista, para o fenômeno variável de concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós*, houve grande predomínio do emprego de formas verbais de primeira pessoa do plural com o sujeito

nós (85,5%), com a seleção de três variáveis linguísticas (*saliência fônica*, *paralelismo discursivo* e *explicitude do sujeito*) e duas sociais (*escolaridade* e *faixa etária*).

Os resultados para a atuação do fator *saliência fônica verbal* permitem constatar que maiores níveis de *saliência*, como os níveis *médio* e *máximo*, favorecem o emprego de verbos em primeira pessoa do plural e que menores níveis favorecem o emprego de verbos em terceira pessoa do singular. Em relação ao nível *saliência esdrúxula*, constatamos também que os falantes tendem a evitar emprego de formas verbais proparoxítonas (de primeira pessoa do plural), recorrendo, nesses casos, com maior frequência, ao uso de formas em terceira pessoa do singular (não proparoxítonas).

Para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, as premissas foram confirmadas, pois houve maior tendência ao emprego de formas de primeira pessoa do plural nos contextos em que se verificava verbo em primeira pessoa do plural em oração anterior e maior tendência ao uso de formas de terceira pessoa do singular nos contextos em que se verificava verbo em terceira pessoa do singular em oração anterior.

O controle da *explicitude do sujeito* permitiu a constatação, conforme se previa, de que contextos de *sujeitos ocultos ou desinenciais*, os quais não possuem referente formal e explícito na própria oração, favorecem o emprego de formas verbais de primeira pessoa do plural, o que se justifica por ser, nesse caso, a desinência verbal, a única marca de referência à primeira pessoa do plural do discurso. Em oposição, o contexto de *sujeito explícito* favorece o emprego de terceira pessoa do singular, justificada pela presença de marcas de primeira pessoa do discurso também no sujeito. A diferença de frequências entre um e outro contexto, entretanto, revelou-se modesta (menos de sete pontos percentuais)

O grupo de fatores *escolaridade*, selecionado como mais relevante no processo variável, revelou que o aumento do emprego de formas verbais de primeira pessoa do

plural com *nós* está diretamente relacionado à elevação da escolarização do informante. Os falantes mais escolarizados são também os que apresentam maior emprego de verbos em primeira pessoa do plural.

A estratificação dos informantes em diferentes faixas etárias proporcionou a verificação de que o fenômeno variável já se encontra presente de forma relativamente uniforme em todas as faixas etárias, não cabendo nem aos mais jovens nem aos mais velhos comportamento diferente das demais faixas etárias.

Em relação à consideração do grupo de fator *gênero*, não selecionado para o fenômeno da concordância verbal variável com *nós*, constatamos grande equilíbrio de resultados entre os falantes do gênero masculino e feminino.

Considerando os resultados da atuação das variantes de *faixa etária*, que demonstraram comportamento semelhante para os mais jovens e para os mais velhos, e os resultados do comportamento de *gênero*, que apresentou mesmas frequências de emprego da variante padrão, podemos considerar que o fenômeno é mais fortemente influenciado pelo fator *escolaridade*, com manutenção da forma padrão, verbos em primeira pessoa do plural, entre os mais escolarizados.

No fenômeno de **concordância verbal com o pronome *a gente*** no português brasileiro do interior paulista, houve elevada predominância do emprego de formas verbais de terceira pessoa do singular (94%, contra apenas 6% de uso de verbos em primeira pessoa do plural). A variação instância-se pelos fatores linguísticos *paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *explicitude do sujeito* e pelo fator social *faixa etária*.

No português europeu, a concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente* exhibe frequências diferentes das verificadas no português brasileiro, com 24,5% de emprego de verbos em primeira pessoa do plural (consequentemente,

75,5% de emprego de terceira pessoa do singular), ou seja, frequências de variação consideravelmente maiores do que as evidenciadas nas variedades do português brasileiro, com a seleção de dois grupos de fatores linguísticos (*explicitude do sujeito e tempo e modo verbal*) e três sociais (*gênero, faixa etária e escolaridade*).

O grupo de fatores *explicitude do sujeito* apresentou relevante atuação na concordância verbal com *a gente*, no português europeu e no português brasileiro, demonstrando, para ambas as variedades, as mesmas tendências, com contextos de sujeito explícito favorecendo o emprego da variante *verbos em terceira pessoa do singular* e contextos de sujeito oculto ou desinencial, favorecendo o emprego de verbos em primeira pessoa do plural, justificado pela necessidade de reiteração da referência à primeira pessoa do plural do discurso, nesses casos, presente somente na desinência verbal. Dessa forma, independentemente da forma pronominal presente em oração anterior (*nós* ou *a gente*), há sempre a tendência ao uso de verbos em primeira pessoa do plural nos contextos de sujeito oculto ou desinencial.

A consideração do fator *paralelismo discursivo* confirmou a hipótese de que marcas em verbos anteriores influenciam o emprego de marcas nos verbos seguintes e “zeros” em verbos anteriores influenciam o uso de “zeros” em verbos seguintes, pois os contextos com verbos anteriores em terceira pessoa do singular apresentaram maior tendência ao emprego de verbos em terceira pessoa do singular do que contextos com verbos anteriores em primeira pessoa do plural. É importante destacar, entretanto, que os contextos de sujeito desinencial ou oculto, de forma geral, são mais desfavorecedores do uso de terceira pessoa do singular do que os sujeitos explícitos. Embora o grupo tenha se revelado relevante somente nas amostras do português brasileiro, as frequências exibidas pela amostra do português europeu são de tendências bastante semelhantes às da fala do interior paulista.

Para a atuação do grupo *saliência fônica verbal* na concordância verbal com *a gente*, verificamos, para o português brasileiro, que maiores graus de *saliência fônica* (níveis de *saliência médio* e *máximo*) desfavorecem o emprego da variante *verbos em terceira pessoa do singular*. Em contrapartida, o nível mínimo de *saliência* e o nível *saliência esdrúxula* favorecem o uso de formas verbais de terceira pessoa do singular, exibindo, este último, emprego quase categórico dessas formas verbais. Para o português europeu, o grupo de fator *saliência fônica* não foi apontado como estatisticamente relevante pelo programa estatístico *GOLDVARB*.

Se para o português brasileiro, o grupo *tempo e modo verbal* não se mostrou atuante na concordância verbal com o pronome *a gente*, no português europeu, confirmamos que os verbos em pretérito perfeito apresentam comportamento bastante diferente das demais categorias de *tempo e modo verbal*, exibindo forte favorecimento da primeira pessoa do plural.

O controle dos diferentes graus de determinação dos sujeitos demonstrou que a variedade do português brasileiro investigada está sujeita à atuação desse fator na concordância verbal com *a gente*, pois os sujeitos com referentes genéricos e indefinidos favorecem o emprego de formas de terceira pessoa do singular e sujeitos com referentes específicos e definidos, o uso de verbos em primeira pessoa do plural. Não houve a seleção desse grupo de fatores para o português europeu e, em observação às frequências apresentadas, verificamos os mesmos percentuais para as categorias *referente específico e definido* e *referente genérico e indefinido*.

A estratificação dos informantes por gênero revelou tendência maior de emprego de verbo em terceira pessoa do singular no português europeu junto de *a gente* por parte das mulheres do que por parte dos homens. Na variedade do português brasileiro do

interior paulista, no entanto, as frequências no fenômeno variável foram praticamente as mesmas.

Faixa etária foi a única variável social atuante no processo de concordância com *a gente* no português brasileiro e no português europeu. Porém, naquele evidenciou não haver avanço ou retrocesso das variantes em concorrência, visto que os informantes das faixas etárias de maior idade e de menor idade apresentam comportamento semelhante, favorecendo sutilmente o emprego de terceira pessoa do singular junto da forma pronominal *a gente*. Em contrapartida, no português europeu, os resultados demonstraram gradativo aumento no emprego de verbos em primeira pessoa do plural junto do pronome *a gente*, relacionados diretamente com a diminuição da idade dos informantes, sugerindo mudança em progresso, em favor do emprego de primeira pessoa do plural junto de *a gente*.

Pela observação da atuação do fator social *escolaridade*, foi possível notar, na variedade europeia do português, a relação direta entre o aumento da escolaridade e o aumento do emprego de formas verbais de terceira pessoa do singular junto do pronome *a gente*, o que revela que as faixas de maior escolaridade evitam os verbos em primeira pessoa do plural. Na variedade do interior de São Paulo, o grupo de fatores não foi selecionado como relevante e as frequências exibidas em todas as categorias são bastante semelhantes.

No português do interior paulista, a seleção apenas do fator *faixa etária* leva à conclusão de que a variante *verbos em primeira pessoa do plural* não exhibe sinais de que irá se implementar de forma mais efetiva, o que se confirma também pela consideração do contexto linguístico restrito em que essa variante é mais empregada, o de sujeito oculto ou desinencial.

Na variedade europeia do português, aliando os resultados exibidos para a atuação dos fatores sociais na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente*, é possível afirmar que a variante *verbos em primeira pessoa do plural* é estigmatizada, pois é evitada pelos mais escolarizados e pelas mulheres. O estigma atestado em torno emprego dessas formas verbais com o sujeito *a gente* poderia sugerir que essa variante não suplantar a variante *verbos em terceira pessoa do singular* de forma plena na comunidade, caso não se observasse aumento no emprego da variante, como se constata pela observação do grupo de fator *faixa etária*.

A investigação da **concordância verbal de terceira pessoa do plural** no português brasileiro do interior paulista e no português europeu revelou que, em ambas as variedades, há uso variável de verbos em terceira pessoa do plural e em terceira pessoa do singular, porém, na amostra brasileira, o índice de não aplicação de plural nos verbos é quase 21 pontos percentuais maior do que o índice das amostras do português europeu (27% de emprego de terceira pessoa do singular no português brasileiro do interior paulista e 6,1%, no português europeu). Todavia, se comparado aos índices apresentados por outras variedades do português brasileiro, como, por exemplo, a da periferia de São Paulo, que apresentou 71% de verbos no singular (terceira pessoa do singular), o índice de concordância verbal de terceira pessoa do plural do interior paulista é considerado alto, principalmente por ser de uma variedade interiorana da qual, socialmente, não se esperariam esses resultados. Costumeiramente, a caricaturização do falante do interior do estado, vulgo “caipira”, está associada, dentre vários traços linguísticos, à falta de concordância verbal.

Em relação à seleção de grupos de fatores relevantes nos processos variáveis, houve maior número para o português brasileiro do que para o português europeu: oito grupos foram indicados como relevantes no processo de variação na concordância

verbal de terceira pessoa do plural na amostra brasileira e apenas três foram indicados para a amostra lusitana. Dos oito selecionados do português brasileiro, cinco são linguísticos (*paralelismo discursivo, saliência fônica, paralelismo oracional, traço semântico do sujeito e posição do sujeito*) e três são extralinguísticos (*escolaridade, faixa etária e gênero*).

O processo de variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural no português europeu, diferentemente do que se verifica no português brasileiro, possui contextos variáveis mais restritos o que, inclusive, reflete-se no menor número de variáveis atuantes no processo, três no total, todas de ordem linguística (*posição do sujeito em relação ao verbo, traço semântico do sujeito e tipo estrutural de sujeito*).

Os resultados para o grupo de fatores *posição do sujeito* ratificou a hipótese amplamente reconhecida de que sujeitos anteriores e próximos aos verbos favorecem o emprego de verbos em 3PP e que sujeitos pós-verbais desfavorecem a pluralização dos verbos na concordância verbal variável de terceira pessoa do plural. Nas duas variedades, revelaram-se as mesmas tendências, com os contextos de *sujeito em posição pós-verbal* favorecendo o emprego de verbos em terceira pessoa do singular junto dos sujeitos de terceira pessoa do plural, e os contextos de *sujeito pré-verbal* e os contextos de *sujeito pré-verbal e próximo do verbo* favorecendo o emprego de verbos em terceira pessoa do plural.

O controle do traço semântico do referente do sujeito proporcionou, também, a confirmação das mesmas tendências para as duas variedades, em acordo com a hipótese da fundamentação teórica, pois sujeitos com traço [+ humano] demonstraram favorecimento do emprego de verbos no plural e sujeitos com traço [- humano], possuem eles traço [+ animado] ou [- animado], não favorecem o uso de verbos em terceira pessoa do plural.

Em acordo com as expectativas para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, no português brasileiro, contextos em que o verbo anterior apresentava marcas de plural tiveram maior tendência a apresentar também marcas de plural e, da mesma forma, contextos em que o verbo anterior encontrava-se no singular (terceira pessoa do singular) demonstraram inclinação a apresentar verbos sem marcas de plural (também em terceira pessoa do singular). Mesmo que essa variável não tenha sido selecionada para a amostra do português europeu, o contexto com verbo anterior em terceira pessoa do singular apresentou menor frequência de pluralização verbal.

Para a variável *saliência fônica*, comprovadamente relevante em fenômenos de concordância verbal no português brasileiro, houve confirmação das hipóteses apenas para a variedade brasileira do interior paulista, com verbos de maiores níveis de saliência apresentando maior favorecimento de pluralização e verbos com níveis menores de saliência se apresentando como desfavorecedores do uso de formas verbais em terceira pessoa do plural. Para o português europeu, as frequências demonstram tendências diferentes, com contextos de verbos com maior saliência apresentando frequências de pluralização menores do que os contextos de menor saliência.

Para o grupo de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional*, aos moldes do que foi verificado no nível discursivo, comprovamos, para o português brasileiro do interior paulista, que a presença de marcas de plural no sujeito, sejam no último elemento do núcleo, sejam no último elemento de um SPrep presente no sujeito, leva a presença de marcas de plural no verbo. A ausência de marcas no último elemento do núcleo do sujeito ou no último elemento de um SPrep do sujeito, por outro lado, influencia a ausência de marcas no verbo.

A consideração do grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* na concordância verbal de terceira pessoa do plural do português europeu permitiu que comprovássemos

que alguns tipos de sujeitos, como *pronome pessoal, oculto ou desinencial e pronome relativo*, são mais propensos a exibir verbos com marcas de plural do que outros tipos de sujeito, como os formados por *SN-pleno simples, pronome indefinido ou demonstrativo e SN-pleno nu e quantificador*. Para o português brasileiro do interior paulista, essa variável não foi considerada relevante, ainda que algumas categorias, como *pronome pessoal, oculto ou desinencial e pronome demonstrativo ou indefinido e SN-pleno nu*, tenham apresentado menores frequências do que as demais.

Aos observarmos a atuação do fator social *escolaridade*, primeiro dos fatores sociais a ser selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB*, para a variedade brasileira, verificamos aumento do emprego de formas verbais no plural, relacionado diretamente ao aumento dos anos de escolarização dos informantes, constatação que pode ser atribuída à influência do ambiente escolar na manutenção da forma padrão, verbos em terceira pessoa do plural, e, por consequência, na recusa da forma não padrão, verbos em terceira pessoa do singular. As faixas de menor escolaridade (*1 a 4 anos e 5 a 8 anos*) tendem a favorecer o emprego de terceira pessoa do singular, e as faixas de maior escolaridade (*9 a 11 anos e 12 ou mais anos*), a favorecer o emprego de terceira pessoa do plural. Para o português europeu, as frequências para as quatro faixas escolares se revelaram bastante semelhantes, constatação que comprova que a variável social escolaridade não exerce influência considerável sobre o fenômeno.

Nas amostras do português brasileiro, os resultados apresentados para a atuação do grupo de fatores *faixa etária* denotam não haver fortes tendências à implementação de uma ou de outra variável, pois evidenciamos relativa uniformidade de comportamento na concordância verbal de terceira pessoa do plural em todas as faixas etárias consideradas, embora as faixas etárias mais elevadas tenham apresentado peso relativo pouco superior a 0,50 e as faixas etária mais jovens, peso relativo levemente

inferior a 0,50. Da mesma forma, a observação das frequências da amostra europeia aponta total uniformidade entre as diferentes faixas de idade dos informantes.

A estratificação social dos informantes pelo *gênero* revela, para o fenômeno variável no português brasileiro, maior tendência feminina ao emprego da forma padrão, *verbos em terceira pessoa do plural*, e, por consequência, maior tendência masculina ao uso da forma não padrão, *verbos em terceira pessoa do singular*, todavia não houve diferença marcante de comportamento entre os gêneros, com apenas cinco pontos percentuais separando as duas categorias e uma diferença modesta entre os pesos relativos.

A reunião dos resultados referentes à atuação dos fatores sociais na concordância verbal de terceira pessoa do plural faz conhecer o valor das variantes linguísticas no processo de variação em questão, *verbos em terceira pessoa do plural* e *verbos em terceira pessoa do singular*. No português brasileiro do interior paulista, a preferência de uso da forma padrão e conservadora (terceira pessoa do plural) por parte dos falantes mais escolarizados e pelas mulheres denota prestígio dessa forma e estigma em relação à forma inovadora e não padrão (terceira pessoa do singular), que, tem maior tendência, inclusive, de ser usada por falantes menos escolarizados e por homens.

A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural encontra-se relativamente estabilizada na comunidade do interior paulista, o que pode ser comprovado pela semelhança de frequências de uso das variantes em todas as faixas etárias e o que indica não haver mudança no processo de variação. O relativo equilíbrio é mantido por forças inconscientes que atuam em conjunto refreando e impulsionando a inserção da variante inovadora. Os de maior escolarização e as mulheres, por exemplo, agem em favor da manutenção da forma conservadora, enquanto os de menor escolarização e os homens agem para a sobrelevação da forma inovadora.

No português europeu, os contextos mais restritos de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, aliados ao fato de que nenhum dos três grupos de fatores sociais considerados foi selecionado para o fenômeno, leva-nos a afirmar que há um processo semicategórico naquela comunidade, com um afrouxamento das normas relativas à pluralização verbal e com aceitação da variação em determinados contextos, como os são, por exemplo, os contextos de *sujeito pós-verbal*, os *contextos com verbo ser* e os *contextos de saliência mínima*, em que oposição entre singular e plural nos verbos se dá somente em relação à nasalização da vogal final (*come/comem*). Todavia, não podemos deixar de considerar que, embora as frequências do fenômeno variável sejam bastante dessemelhantes, diversos grupos de fatores linguísticos apresentaram tendências semelhantes às verificadas no português brasileiro, revelando que o fenômeno de concordância verbal variável pode na língua portuguesa se iniciar por influência das características internas do próprio sistema linguístico. A diferença entre a amostra brasileira e a lusitana é que a primeira sofreu contribuições de fatores externos para ampliação do processo que já se mostrava suscetível à variação, consoante afirmam Naro e Scherre (2007).

Considerando as discussões empreendidas nessa pesquisa, propomos, a seguir, um quadro resumo das conclusões a respeito da investigação dos fenômenos relacionados à concordância verbal no português europeu e no português brasileiro do interior paulista, hierarquizando os condicionantes investigados para cada um deles.

VARIEDADE	PORTUGUÊS BRASILEIRO INTERIOR PAULISTA BANCO DE DADOS IBORUNA	PORTUGUÊS EUROPEU CORPUS DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO
FENÔMENOS	COMPORTAMENTO / VARIÁVEIS ATUANTES	COMPORTAMENTO / VARIÁVEIS ATUANTES
ALTERNÂNCIA PRONOMINAL DE 1ª PESSOA DO PLURAL	variável paralelismo discursivo > saliência fônica > grau de determinação do sujeito > tempo e modo verbal > escolaridade > faixa etária.	variável paralelismo discursivo > escolaridade > gênero.
CONCORDÂNCIA VERBAL COM NÓS	variável saliência fônica > paralelismo discursivo > explicitude do sujeito > escolaridade > faixa etária.	categórica
CONCORDÂNCIA VERBAL COM A GENTE	semicategórica paralelismo discursivo > saliência fônica > grau de determinação do sujeito > explicitude do sujeito > faixa etária.	variável explicitude do sujeito > tempo e modo verbal > gênero > faixa etária > escolaridade.
CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª. PESSOA DO PLURAL	variável paralelismo discursivo > saliência fônica > paralelismo oracional > traço semântico do sujeito > posição do sujeito > escolaridade > faixa etária > gênero.	semicategórica posição do sujeito em relação ao verbo > traço semântico do sujeito > tipo estrutural de sujeito.

Quadro 21: Características dos fenômenos relacionados à concordância verbal no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

No português brasileiro do interior paulista atestamos três fenômenos como variáveis, a alternância pronominal de primeira pessoa do plural, a concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* e a concordância verbal de terceira pessoa do plural. A concordância verbal com *a gente*, conforme considerações prévias, foi considerada fenômeno semicategórico, visto apresentar variação apenas em contextos específicos.

A consideração da amostra do português europeu proporcionou que confirmássemos dois fenômenos variáveis naquela variedade, a alternância pronominal

de primeira pessoa do plural e a concordância verbal com o pronome *a gente*. Para a concordância verbal de terceira pessoa do plural, a variação é semicatórica, visto restringir-se a apenas alguns contextos. Na verificação dos casos de emprego do pronome *nós*, constatamos uso categórico de formas de primeira pessoa do plural.

Esses resultados comprovam que o português europeu também apresenta fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal, que, por motivações externas e internas, encontram-se em estágios diferentes dos mesmos fenômenos variáveis nas variedades do português brasileiro.

A bem da verdade, não há também homogeneidade em relação aos fenômenos variáveis presentes nas variedades brasileiras, pois, como se observou, em algumas comunidades pode haver variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular, o que, comprovadamente não ocorre no português brasileiro do interior paulista. O mesmo se verifica em relação ao fenômeno da alternância pronominal de segunda pessoa do plural, que somente é observada em determinadas regiões, sendo categórico o emprego do pronome *você* em outras regiões brasileiras.

Retomando as discussões encetadas no início deste estudo, a respeito da origem do povo e da língua brasileira e também a respeito das teses de origem do português brasileiro, argumentamos em favor da consideração de que não há uma única origem da língua hoje falada no território brasileiro, pois, como vimos, diferentes fatores influenciaram cada uma das inúmeras variedades contemporâneas de língua portuguesa. Defender uma origem em comum seria desconsiderar toda a intrínseca rede de relações entre povos e línguas que se mostrou única em cada uma das regiões do grande território brasileiro.

No interior de São Paulo (e em muitas outras regiões brasileiras) não houve a mesma intensidade de influência dos negros advindos da África e de suas línguas na

formação da variedade aqui existente. Não se pode afirmar, para esta variedade de língua, que tenha havido um crioulo nessa região, e sim uma língua com base fortemente centrada no português de Portugal, trazida por camadas sociais, em sua maioria, de origem rural e sem escolaridade, que, por sua vez, possuíam uma variedade já desprestigiada no país de origem, como procuramos mostrar na sócio-história da formação do português europeu.

Essa variedade, que, possivelmente, apresentava fenômenos semicategóricos de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural como os verificados nas amostras do português europeu atuais, influenciada pelo contexto social brasileiro, no princípio predominantemente rural e com grande miscigenação de povos e culturas, proporcionou a expansão dos fenômenos variáveis, que ganharam novos contextos de variação, que não são fruto de uma aprendizagem irregular, mas de uma generalização das normas de concordância verbal do português europeu, as quais somente previam variação em determinados contextos, como vimos argumentando ao longo de nossa discussão.

A generalização, provavelmente, possibilitou que o fenômeno de variação se estendesse, no português brasileiro, à primeira pessoa do plural, por analogia com a terceira pessoa do plural.

Em resumo, os indícios apontam que os fenômenos variáveis de concordância verbal de primeira pessoa do plural e terceira pessoa do plural, hoje presentes no português brasileiro do interior paulista, seriam uma expansão do fenômeno semicategórico de concordância verbal de terceira pessoa do plural do português europeu, que não teria ganhado força lá devido às características geográficas, sociais e econômicas portuguesas, que muito diferiam das presentes no Brasil.

Ainda que a origem das variedades hoje existentes no Brasil esteja em território português, a complexa rede de relações estabelecidas entre os povos presentes em território brasileiro, com as peculiaridades de cada região, deu origem às diversas variedades hoje existentes. São muitas as variedades presentes no país, as quais somente podem ser generalizadas sob o rótulo de “português brasileiro” para serem comparadas com variedades de outros países, mas que, por vezes, diferem mais umas das outras do que diferem do português europeu e do português africano.

Com base em toda a discussão empreendida ao longo desta tese e nos resultados da análise das variedades do português brasileiro e europeu contemporâneas, defendemos que os fenômenos hoje presentes no português brasileiro seriam frutos de uma generalização das variações particulares já existentes no português europeu, que teriam ganhado novas caracterizações devido a uma “confluência de múltiplas motivações, cada qual com sua força variável através do tempo” e do espaço, conforme afirmam Naro e Scherre (2007, p. 186).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. A.; BAZZONI, C.; GRISPUM, D.; MENDES, D.; ONAGA, D. S.; LOURENÇO, F. F. S.; MEIRELES, H. H.; RAMOS, H.; RODRIGUES, J. C. F.; MANSUTTI, M. A.; VALADÃO, M. M.; CLETO, M. L.; JAFFE, N.; GRANSANTI, R. *Por uma vida melhor*. Global: São Paulo, 2011.

ALMEIDA, A. P. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Porto Alegre, 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALKMIM, Tânia. A variedade linguística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.) *Para a história do Português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2001. v. 2, p. 317-336.

_____. Estereótipos linguísticos: negros em charges do séc. 19. In: _____. (org.). *Para a história do Português brasileiro: novos estudos*. São Paulo, Humanitas, 2002. v. 3, p. 383-402.

ALVES, J. F. Percursos de um brasileiro do Porto: O Conde de Ferreira, *Revista da Faculdade de Letras - História*, II série, vol. IX, Porto, 1992, pp. 199-213.

_____. Analfabetismo e emigração: o caso do distrito do Porto no século XIX. *Revista da Faculdade de Letras – História*, v. X, Porto, 1993, p. 271-287.

_____. *Os “brasileiros”*: emigração e retorno no Porto oitocentista. Porto, 1993. 450f. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) – UP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, [1920] 1976.

_____. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Porto Alegre, 2003. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. João Pessoa, 1999. 188f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba.

ANTONINO, V. BANDEIRA, M. *Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada*. *Papia*, São Paulo, n. 21, v. 1, p. 159-176, 2011.

ARROTEIA, J. C. Aspectos da Emigração Portuguesa. *Scripta Nova*. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, n. 94 (30), 1 de agosto de 2001.

_____. *Evolução demográfica portuguesa: reflexos e perspectivas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1985.

_____. *Atlas da emigração portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração – Centro de Estudos, 1984.

_____. *A emigração portuguesa, suas origens e distribuição*. Lisboa: I.C.L.P. (Biblioteca Breve, n.º 79), 1983.

ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, v. 20, 1988, p.59-81.

AZEVEDO, J. L. *Épocas de Portugal económico*. Esboços de história. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1978.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. (1996), A observação e análise de dados reais na investigação e ensino de línguas. In: *Actas do II Encontro da Associação Portuguesa dos Centros de Línguas do Ensino Superior*, Évora: Universidade de Évora, 1996, pp.11-23.

_____. Corpus de Référence du Portugais Contemporain. In: BILGER, M. (ed.) *Corpus, Méthodologie et Applications Linguistiques*, Paris, H. Champion et Presses Universitaires de Perpignan, (2000a), p. 25-30.

_____. O corpus de referência do português contemporâneo e os projectos de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa sobre variedades do português falado e escrito. In: GÄRTNER, E. et al. (eds.) *Estudos de Gramática Portuguesa (I)*, Biblioteca Luso-Brasileira, Centro do Livro e do Disco de Língua Portuguesa, Frankfurt am Main, (2000b), pp. 185-200.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. e J. BETTENCOURT GONÇALVES, *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)*, desenvolvimento e aplicações, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, volume I – *Corpora*, BACELAR DO NASCIMENTO, M. F., M. C. RODRIGUES e J. BETTENCOURT GONÇALVES (orgs.), APL, Lisboa, 1996, pp. 143-149.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. L. CHACOTO e P. N. Como escrever o oral? *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n.º 2, Dezembro, 1989, pp. 36-40.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. *et alii*. Corpus de Referência do Português Contemporâneo in *Feira de Projectos*, promovida pela Comissão Nacional do Ano Europeu das Línguas, Lisboa, Centro Cultural Casapiano, 2001.

BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: Lisboa, 1540. In: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: 22 de março de 2010.

BAXTER, A. N. A contribuição das comunidades Afro-Brasileiras Isoladas para o Debate sobre a Crioulização Prévia: um exemplo do Estado da Bahia. *Actas do colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"*, editado por Ernesto d'Andrade e Alain Kihm, Lisboa: Colibri, 1992, 7-35.

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e literários*, Salvador, n. 19, , p. 65-84, 1997.

_____. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afrobrasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, K. (ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madri: Iberoamericana, 1999, p.119-141.

BAZENGA, A. *Realização variável da concordância verbal no português falado no Funchal*. In: http://umapt.academia.edu/AlineBazenga/Talks/30134/Realizacao_variavel_da_concordancia_verbal_no_portugues_falado_no_Funchal. Acesso em: 22.jul..2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

_____. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BERGMAN, M. P. *Nasce um povo*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BERLINCK, R. A. A construção VS no português do Brasil: Uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 95-112.

BLANCHE-BENVENISTE, C. Langue parlée et langue écrite: décalages em morphologie et en syntaxe. In: BORTONI-RICARDO,S.M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.

BOLOGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. Línguas de imigrantes. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 57, n. 2, Junho 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Julho 2011.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de “a gente” no português brasileiro*. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BORTONI-RICARDO,S.M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsteden/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1979. Tese de Doutorado, inédito.

CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, v.37, 1993, p. 101-116.

CÂMARA Jr., J.M. *Dicionário de linguística e gramática*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. *Romitiches Jabrburg*, 1957, 8: 279-86.

CARENO, M.F. *Vale do Ribeira: a voz a vez das comunidades negras*. Coleção Universidade Aberta, v. 27, São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. São José do Rio Preto, 2009a. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

_____. *Sobre vogais médias em nomes e verbos na fala do interior paulista*. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). 2009b. UNESP, São José do Rio Preto.

CARMO, S. D. S. ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA. In: *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana*, UEFS, 2010, p. 575-580.

CASTILHO, A. Como, quando e onde nasce a língua portuguesa. In: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf. Acesso em: set. de 2009.

CASTRO, I. Para uma história do português clássico. In: DUARTE, I. LEIRIA, I. (orgs.) *Atas do Congresso Internacional sobre o português*, v. II, 1994, p. 135-150.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.

CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding theory*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CINTRA, L. F. L. Áreas lexicais no território português. In: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em 12 de fev. 2010.

_____. Nova proposta de classificação dos dialectos portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v.22, n1/2, pp. 81-116, 1971.

COELHO, A. F. Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Academia Internacional de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1967.

COELHO, R. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2001.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DECAT, M. B. N. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Ensaio de Linguística: Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, n. 9, p. 9-47, dez. de 1983.

_____. Verbal agreement differences in spoken and written Brazilian Portuguese and their consequence for the teaching of composition. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n. 5, p. 25-39, 1981.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Brasília, 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-129.

FARIA, N. V. M. *A concordância verbal no português de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, 175-183.

FERNANDES, E. A. *Nós x a gente*: variação estável ou mudança em progresso? In: SOARES, M. E.; ARAGÃO, M. S. S. (Ed.). *Anais da XVI Jornada de Estudos Linguísticos*. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999. p. 331-334.

FERNANDES, F. O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio*: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização. 2010. Relatório de Iniciação científica à FAPESP.

FERREIRA, J. S. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2011. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

FISHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word, Local*, v.14, p. 47-56, 1958.

FLORENTINO, M.; MACHADO, C. Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX) *Portuguese Studies Review*. n. 10. Ontário - Canadá: Trent University, 2002, p. 58-84.

FONSECA, A. M. H. *Um estudo diacrônico da perífrase verbal ir+infinitivo na interface com a Sociolinguística*. São José do Rio Preto, 2011. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

_____. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. São José do Rio Preto, 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

FORTILLI, S. C. *Orações completivas em posição argumental de sujeito: gramaticalização e dessentencialização de orações matrizes*. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto.

FURTADO, I. A variação no uso de a gente e nós. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf acesso em: 19/05/2010

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 387-408.

_____. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 24, p. 145-164, 1. sem. 2008

GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. Araraquara, 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GONÇALVES, S. C. L. G. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico parcial III apresentado à FAPESP. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio3>. Acesso em 22 junho 2011.

_____. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico parcial II apresentado à FAPESP. 2006. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio2>. Acesso em 22 junho 2011.

GONÇALVES, V. F. *A Ausência de Concordância Verbal no Vale do Rio Doce*. Belo Horizonte, 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG.

GONÇALVES, S. C. L.; RUBIO, C. F. Variação nos usos de primeira pessoa do discurso no plural. In: Dercir Pedro de Oliveira. (Org.). *Estudos Linguísticos: gramática e variação*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2011, p. 111-135.

_____. Confrontos e contrastes entre duas variedades lusófonas no emprego da concordância verbal. In: MARÇALO, J.; LIMA-HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A.A.. (Org.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Editora da Universidade de Évora, 2010, p. 158-179.

GONÇALVES, P. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 19, n. 2, p. 225-259, 2004.

GONÇALVES, P.; CHIMBUTANE, F. O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. *Papia*, v. 14, p. 7-30, 2004.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, 1991, 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFRJ.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Pennsylvania, 1981, Dissertation (Ph. D) - University of Pennsylvania, mimeografado.

_____. A questão da criouliização no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, pp. 15-62.

HAUSEN, T. A. P. *Concordância verbal do pronome tu no interior do estado de Santa Catarina*. Curitiba, 2000. 143f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, UFPR.

HOLM, J. A Semicriouliização do Português Vernáculo do Brasil: Evidência de Contato nas Expressões Idiomáticas. *Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica*, vol. 3, nº 2, Thesaurus Editora: Universidade de Brasília, 1994.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

INVERNO, L. C. *Angola's transition to vernacular Portuguese*. Coimbra, 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade de Coimbra.

KATO, M. A. A restrição de mono-argumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 2, p. 97-127, out.-dez. 2000.

LABERGE, S. *Etudé de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à*

Montréal. Montreal, 1977. 212f. Tese (Doutorado em Linguística). Université de Montreal - Faculte des Études Superieures.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. *Language variation and change*, n.2, 1990, p. 205-254.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christina B & TUCKER, G. Richard. *Sociolinguistics. The Essential Readings*. Oxford/New York: B.Blackwell, 2003, pp. 234-250

LEMLE, M.; NARO, A J. *Competências básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, 1993. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UFRJ.

_____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, vol.14, n.2, São Paulo, 1998.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, 1999. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRJ.

_____. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.

LOPES, Q.; NARO, A. J. Concordância variável de primeira pessoa do singular no PB – amostra variável. XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E FILOLÓGICOS DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/resumos/cvconcordancia_variavel_de_primeira_QUEZIA_ANTHONY.pdf> Acesso em: 23 out. 2011.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, 1996. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J.A.A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.) *O português afro-brasileiro*. EDUFBA: Salvador. 2009.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, v. 12, p. 17-28, 1994.

MACHADO, M. S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. Rio de Janeiro, 1995. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ.

MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Eds.) *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora: Évora, 2010.

_____. *Sujeito coletivo singular em português: concordância e referencialidade*. Brasília, 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras – Universidade Federal de Brasília.

MATTOS E SILVA, R. V. *Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia*. Actes du Colloque Textuelle Portugaise . Paris: Gulbenkian, 1986, p. 85-98.

_____. *O contacto português – línguas indígenas: uma história de glotocídios*. Conferência, inédita, 1987.

_____. Diversidade e Unidade: A Aventura Linguística do Português. *Revista ICALP*, vol. 11, Março de 1988, 60-72; *Revista ICALP*, vol. 12/13, Junho-Setembro de 1988, 13-28.

_____. A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico* . Lisboa: IN-CM, 1989, p. 488-507.

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. MATTOS E SILVA, R. V. *Para a história do português brasileiro*. v. II, Primeiros estudos, 2001, p. 275-301.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. v.II. Paris: Klincksieck, 1951.

MENON, O. P. S. ‘A gente’: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 622-628, 1996.

MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. São Paulo, 2006, 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MONGUILHOTT, I. O. S. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. *Anais do IX Encontro do CELSUL*, Palhoça, SC, 2010, p. 1-20.

_____. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Florianópolis, 2009. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina.

MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p. 189-216.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. Araraquara, 2007, 114f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

MONTE, V. M. Os fonemas sibilantes e a variedade de sua representação em documentos setecentistas. MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (orgs.) *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 2947-2958.

MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Vitória, 2010, 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. The social and Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, LSA, v. 57, n. 1, 1981.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.

NARO, A. J.; SCHERRE, M.M.P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G. M. O.; TARALLO, F. (Orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 20. Campinas, 1991, p. 9-16.

_____. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus (eds.) *o português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, 2000.

_____. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999, pp. 26-37.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S. &

ZIMMERMANN, K. (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a, pp. 167-188.

_____. Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MCWHORTHER, J. (org.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000b, pp. 235-255.

_____. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D., COLLISCHONN, G. *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, pp. 383-401.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* - Rio de Janeiro: MEC, 1961.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NICOLAU, E. M. D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Belo Horizonte, 1984, Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – UFMG, Faculdade de Letras.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Porto Alegre, 1980. 130f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – PUC/RS.

OLIVEIRA, M. S. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: um caso de variação estável*. Salvador, 2005. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.

_____. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. *et al.: Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, p.286-319

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. de C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

OMENA, N.P.; BRAGA, M.L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 75-84.

ORLANDI, P. S. *Usos e (des)usos da flexão verbal de 2ª pessoa do singular em texto orais de informantes de Tubarão (SC): Um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2004.

ORLANDI, E. P. Língua brasileira. In: http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_brasileira.html. Acesso em: 27 out. 2011.

PAGOTTO, E. G. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Cienc. Cult.* [online]. 2005, v. 57, n. 2, pp. 31-34.

PAIVA, M. C., DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 16-43.

PAREDES SILVA, V. L. A variação você/tu na fala carioca. In: Encontro de variação linguística do Cone Sul, 1, 1996, Porto Alegre, Anais... Porto Alegre: UFRGS. (no prelo)

PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. Lisboa, 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Lisboa.

PEREIRA, D. Crioulos de Base Portuguesa. In A. L. Ferronha, E. Lourenço, J. Mattoso, A. C. Medeiros, R. Marquilhas, M. Barros Ferreira, M. Bettencourt, R. M. Loureiro, D. Pereira, *Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional, Comissão Nacional para os Descobrimentos, União Latina, 1992, p.120-125.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

QUEIROZ, S. *Pé Preto no Barro Branco: a Língua dos Negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

RAMOS, A.P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. São José do Rio Preto, 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas, 1997. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP.

RODRIGUES, A. D. I. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. SP: Loyola, 1994.

_____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *D.E.L.T.A.* n. 9. v.1. São Paulo. 1993a, pp.83-103.

_____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência e Cultura*. n. 95, 1993b, pp. 20-26.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Cienc. Cult.* [online]. 2005, v. 57, n. 2, pp. 35-38. ISSN 0009-6725.

RODRIGUES, A. D. As línguas gerais sul-americanas. In: <<http://vsites.unb.br/il/labblind/lingerais.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2010.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

ROMAINE, S. *Language in Society: An Introduction to Socio-linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

_____. *Communicating Gender*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1999.

RUBIO, C. F.. Regularidades no fenômeno da concordância verbal em variedades do português brasileiro: estudo sociolinguístico comparativo. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 39, p. 602-616, 2010.

_____. A multifuncionalidade da construção *vamos supor* na fala da região Noroeste do Estado de São Paulo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 283-292, set.-dez. 2009.

_____. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. São José do Rio Preto, 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

_____. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável *gênero/sexo*. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Araraquara, v. 36, p. 380-388, 2007.

_____. *A concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural no dialeto do interior paulista: versão preliminar*. 2006, 60f. Relatório de Iniciação Científica – UNESP, São José do Rio Preto.

RUBIO, C. F.; GONÇALVES, S. C. L. Opções metodológicas no estudo de fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do discurso no plural. *Gragoatá*. Rio de Janeiro: UFF, n. 29, v. 1, 2010, p. 161-182.

SALOMÃO, M.H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

SANKOFF, G., THIBAUT, P. *L'alternance entre les auxiliaires avoir et être en français parlé à Montreal*. *Langue Française*, 34: 81-108, 1977.

SANTOS, R. M. A. *O uso variável do subjuntivo em estruturas complexas. O uso variável do subjuntivo em estruturas complexas*. São José do Rio Preto, 2005. 151 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, UNESP.

SCHER, A. P. *O verbo DAR e o léxico gerativo*. Estudos Linguísticos, São Paulo, SP, v. 29, p. 761-766, 2000.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Breve histórico do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua (PEUL). In: SILVA, G. M.O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Paralelismo linguístico. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, MG, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 1988. inédito.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon – A variação no português do Brasil*. Porto Alegre, UFRGS-Instituto de Letras, 18(1991):52-70.

_____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. *Colóquio Internacional Substandard und Sprachwandel im brasilianischen Portugiesisch/Substandard e mudança linguística no português brasileiro*. Berlim, Instituto Ibero-Americano, 1997.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, 1993.

_____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, G. (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Centro di Studi Filologici e Linguistici Sicilliani. Università di Palermo. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1998a.

_____. Marking in Discourse: Birds of a Feather. *Linguistic Variation and change*. 3(1991): 23-32. Cambridge University Press.

_____. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum linguístico*. Florianópolis, n. 1 (45-71), jul.-dez. 1998b.

_____. *Shifting control: the use of agreement in written language*. Annual Meeting of the Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asian & African Languages, 1999.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 135-165.

_____. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural? *Papia - Revista de crioulos de base Ibérica*, Brasília: Thesaurus, 2001.

_____. Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. MASSINI-CAGLIARI, G. et alii. (orgs.). *Estudo de linguística histórica do português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2005.

_____. *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 1, n. 18, 2006. p. 162-185.

_____. Ampliando os horizontes do debate sobre as origens da concordância variável no português brasileiro. NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, 2007, p. 133-158.

_____. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb agreement in Brazilian Portuguese. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, Volume 16, n. 2, 2010, p. 165-171.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O Papel do tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. especial, 2007, pp. 283-317.

SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.

SILVA, J. A. A. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior da Bahia*. Salvador, 2005, 340 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1950.

_____. *A língua portuguesa no Brasil*. Problemas. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1977.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. São José do Rio Preto, 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP.

SOUZA, C. B. A concordância verbal no português falado em Salvador: uma realidade linguística bipolarizada. *Papia*, n. 21, v. 2, 2011, p. 183-193.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-linguística*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Tempos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian & Mary A. Kato. (orgs.). *O Português Brasileiro: uma*

viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo, p. 35-68. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

_____. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain, Penguin Books, 1974.

VAREJÃO, F. O. A. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. Rio de Janeiro, 2006. 187 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VIANNA, J.B.S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Rio de Janeiro, 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ.

_____. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ.

VIEIRA, M. F. *A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português Europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2011.

VOGT, C. e FRY, P. (1996) *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZANETTI, Umberto. *La grammatica bergamasca* – Bergamo, Sestante, 2004.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, 2007, p.27-44.

_____. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.17, n.1, 2005, p.19-53.

_____. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. In: *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.4, n.1, 2004, p. 13-46.

_____. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS. V. 35, n. 1, p. 75-96, março de 2000.

ZILLES, A.M.S.; MAYA, L., SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, v.14, n.28/29, 2000, p. 195-219.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

_____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOLFRAM, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics. 1969.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 08 de março de 2012

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO